Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Priscila Checoli Figueiredo

Resgatando o lugar de pais:
intervenções psicoterápicas com familiares
como promoção de um ambiente facilitador

São Paulo

2014

PRISCILA CHECOLI FIGUEIREDO

Resgatando o lugar de pais:
intervenções psicoterápicas com familiares como
promoção de um ambiente facilitador

Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de Concentração:
Psicologia Clínica, 2012 a
2015

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivonise
Fernandes da Motta

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Figueiredo, Priscila Checoli

Resgatando o lugar de pais: intervenções psicoterápicas com familiares como promoção de um ambiente facilitador / Priscila Checoli Figueiredo; orientadora Ivonise Fernandes da Motta. -- São Paulo, 2014.

205 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: **Psicologia Clínica**) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Consulta terapêutica 2. Pais 3. Família 4. Saúde pública I. Título.

RC467

Nome: FIGUEIREDO, Priscila Checoli.

Título: Resgatando o lugar de pais: intervenções psicoterápicas com familiares como promoção de um ambiente facilitador.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Às famílias que depositaram sua confiança em mim, e em especial às crianças e adolescentes com quem tive o privilégio de compartilhar estas e outras tantas experiências na clínica.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste trabalho é concluir um caminho percorrido ao lado de pessoas que contribuíram de diversas maneiras para que ele fosse possível. A todos, meus sinceros agradecimentos e a certeza de que esta conquista é não só minha, mas nossa.

A Deus, por ter me permitido concluir este trabalho tendo ao meu redor toda minha família.

Aos meus pais, Roberta Checoli Figueiredo e José Carlos Freire Figueiredo Neto, por todo o amor que recebi e por terem me apoiado nas escolhas que fiz e me incentivado a progredir em todas as etapas da vida.

Ao meu irmão, José Carlos Checoli Figueiredo, com quem sempre dividi os maiores desafios.

Ao Artur Junqueira Lascala, meu companheiro que me dedicou carinho e paciência a cada página escrita, por seu incentivo em manter minha dedicação ao trabalho, e por acrescentar muito amor a esta jornada.

Aos meus tios, tias e primos que foram tão prestativos, nos passando segurança e carinho quando enfrentamos momentos difíceis.

À minha terapeuta, Dra. Denise Bellotto, por toda a sua dedicação em me ajudar a aproveitar cada momento desta jornada, cada pessoa ao meu redor e cada oportunidade de crescimento.

À minha orientadora, Prof^ª Dra. Ivonise Fernandes da Motta, que sempre me incentivou e impulsionou minha vida profissional com seu entusiasmo, força e confiança, me ensinando que é possível trabalhar bem e com alegria.

Aos Professores da Pós-graduação da USP, que com muita dedicação e excelência nos levam a adquirir e compartilhar saberes a cada dia na Universidade, e em especial à Prof^ª Dr^a Kayoko Yamamoto, e à Prof^ª Dr^a Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian, que se dispuseram à leitura deste trabalho e à composição da Banca Examinadora, proporcionando o privilégio e a alegria de dialogar com tão experientes e valorosas Professoras.

Aos meus amigos, companheiros da pós-graduação, que dividiram todas as aflições e realizações que acompanharam a trajetória deste trabalho. A todas as oportunidades de ampliar meu olhar, tendo ao meu lado quem me ajudasse a enxergar mais longe. Em especial, ao Mestrando Robson Nakagawa, amigo de valor inestimável, com quem partilhei centenas de horas de trabalho sério, mas sempre com muito bom humor.

À toda a equipe da UBS onde trabalho, e que está comigo fazendo todo o possível para que a população seja atendida com respeito e qualidade. Aos mais que colegas, amigos, que fazem com que o dia-a-dia na Unidade seja cada vez mais rico, por seu carinho e união. Em especial, em memória da Fonoaudióloga Roberta Vieira, que partiu cedo demais, mas não sem antes me ensinar que saúde pública se faz com amor e dedicação.

À Prefeitura Municipal que me apoiou, em especial à Diretora de Saúde Mental, Dra. Fátima Ventura, por apostar na importância deste trabalho e por me incentivar a leva-lo a diante desde o início.

Em especial aos meus pacientes, pela participação na construção da minha experiência profissional, mas, mais que isso, por me presentear com experiências de vida de enorme valor, e que me fizeram crescer e aprender a cada dia.

Aos amigos da vida inteira, com quem sempre pude contar, nos bons e nos maus momentos, e que tantas vezes me ajudaram a esclarecer minhas próprias ideias. Em especial à Juliana Garcia de Castro, minha irmã de consideração que se tornou um exemplo de determinação, coragem e uma grande vencedora, por renovar minhas energias e me fazer acreditar em mim sempre. Aos amigos psicólogos que estiveram comigo desde a formação, que em muito influenciaram a psicóloga que me tornei. Em especial à Paula Ferreira Ranalli, que mesmo a muitos quilômetros de distância, sempre esteve lado a lado em todos os momentos, compartilhando cada desafio e cada conquista. Ao amigo Thiago Valadares, e às nossas conversas de onde brotou a ideia deste trabalho, e que me deu a confiança inicial para enfrentar o desafio do Mestrado. Ao Salvador Rebello Junior, que me deu o primeiro empurrão para dentro da USP, por ter sido sempre um grande amigo e uma alavanca para meu crescimento.

RESUMO

FIGUEIREDO, P. C. Resgatando o lugar de pais: intervenções psicoterápicas com familiares como promoção de um ambiente facilitador. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014

A Unidade Básica de Saúde (UBS) é um equipamento do SUS no qual o psicólogo se insere prestando serviços relacionados à promoção, prevenção e tratamento de saúde. A UBS recebe pais que buscam ajuda do psicólogo para lidar com questões emocionais e comportamentais dos filhos, e este deve auxiliar na compreensão destas demandas e intervir em situações nas quais há necessidade de ajuda. D. W. Winnicott retrata a família (fundamentalmente a função materna e paterna) enquanto ambiente facilitador do processo de amadurecimento pessoal. Aponta também que intervenções psicoterápicas breves como consultas terapêuticas podem auxiliar a retomada do desenvolvimento emocional diante de dificuldades neste processo. Para tanto, se faz necessário que haja um entorno familiar fornecendo condições para que a criança usufrua do progresso atingido pelas consultas. O suporte e o cuidado aos pais, procurando dar condições para que a família facilite o desenvolvimento saudável da criança, pode ser, neste sentido, uma interessante estratégia de cuidado em saúde mental. Este estudo, desenvolvido numa UBS, visa analisar o alcance das primeiras intervenções psicoterápicas baseadas no modelo das consultas terapêuticas de Winnicott, realizadas com pais, crianças e adolescente. Foi feito o estudo qualitativo com mães que buscaram atendimento para seus filhos, visando proporcionar nas três primeiras entrevistas uma experiência de comunicação e integração. Intercaladas a estas entrevistas, realizaram-se duas consultas aos filhos, seguindo o mesmo modelo. Ao final dos atendimentos, foi feita uma entrevista semi-dirigida, através da qual analisamos o alcance das intervenções. O estudo mostrou que a experiência de escuta e intervenção proporcionada às mães tiveram diversos efeitos terapêuticos. Foi possível resgatar recursos quanto ao desempenho da função materna, que resultou na aproximação da relação mãe/filho. Houve também o fortalecimento das relações familiares em geral, bem como melhoria no uso dos recursos do entorno social. Este estudo permitiu mostrar como o psicólogo pode colaborar para que a UBS se torne um lugar que favorece a vivência de funções integradoras para os membros da família, proporcionando o *holding*, para o paciente, e para os familiares que buscam atendimento. Ao resgatar a possibilidade dos pais de conduzirem suas famílias a partir de um lugar mais amadurecido, podemos ajuda-los a formar sujeitos autônomos, contribuindo para uma sociedade mais saudável. Reitera-se, portanto, a importância de oferecer acesso a este tipo de ajuda sempre que preciso, justificando o investimento em políticas públicas que garantam o acesso ao serviço do psicólogo clínico.

Palavras-chaves: Consulta Terapêutica; Pais; Família; Saúde Pública.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, P. C. Rescuing parents' place: psychotherapeutic interventions with family members as promotion of a facilitating environment. 2014. 205 f. Dissertation (Master) – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2014

The Basic Health Unit (UBS) is an equipment of SUS in which the psychologist is inserted by providing services related to promotion, prevention and health care services. The UBS receives parents seeking help from a psychologist to deal with emotional and behavioral issues of children, and this should assist in understanding these demands and intervening in situations where there is need of help. Winnicott portrays the family (fundamentally maternal and paternal functions) as a facilitating environment of personal maturation process, throughout emotional development. He also points out that brief psychotherapeutic interventions such as therapeutic consultations can assist in the recovery of emotional development of difficulties in this process. For this purpose, it is necessary that there is a family environment acting as "middle desirable environment", giving conditions for the child to enjoy the progress achieved by the consultations. The support and care to parents looking to give conditions for the family to facilitate the healthy development of the child may be, in this sense, an interesting strategy for mental health care. This study, which was developed at an UBS, aims to analyze the scope of the first psychotherapeutic interventions based on the model of therapeutic consultations of D. W. Winnicott held with families and children. The qualitative study of mothers seeking care for their children, performing the first three interviews were done, according to the model of therapeutic consultations, aiming to provide an experience of communication and integration. Intertwined with these interviews, there were two visits to the children, following the same model. At the end of the consultations, there was a semi-directed interview, through which we analyze the scope of interventions. The study showed that the experience of listening and intervention provided to mothers had different therapeutic effects. It was possible to rescue resources concerning maternal function, which resulted in the approaching of the mother/child relationship. There was a strengthening of the family relationships in general, as well as of the use of resources from the social environment. This study allowed us to show how psychologists can contribute to the UBS so that it becomes a place that fosters the experience of integrative functions for family members, providing the *holding* for the patient and for the family members who seek care. By rescuing the ability of parents to lead their families from a more mature place, we favor that the family environment is conducive to the formation of responsible and autonomous subjects, which translates into a healthier society. It is reiterated, therefore, the importance of providing access to this type of help whenever needed, justifying the investment in public policies that guarantee access to the services of clinical psychologists.

Keywords: Therapeutic consultation; Parents, Family; Public Health.

Sumário

1 Introdução.....	11
2.1 A família enquanto ambiente facilitador.....	15
2.2 Winnicott e seu trabalho com consultas terapêuticas.....	26
2.3 O psicólogo inserido na Atenção Básica de acordo com o modelo SUS	34
3 Objetivo Geral.....	38
3.1 Objetivos Específicos.....	38
4 Metodologia.....	39
4.1 Casuística.....	41
5 Resultados.....	42
5.1 Resultados e Análise de Dados- Caso 1- Ítalo.....	43
5.2 Resultados e Análise de Dados- Caso 2- Paulo.....	49
5.3 Resultados e Análise de Dados- Caso 3- Marcela.....	59
6 Discussão.....	64
7 Conclusões.....	82
Referências.....	85
Apêndices.....	88
A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	89
B- Guia para a entrevista semi-dirigida.....	91
C- Tabela dos sujeitos que caíram nos critérios de exclusão da amostra.....	92
D- Apresentação do Caso 1: Ítalo e sua mãe, Livia.....	93
E- Transcrição da entrevista realizada com Livia, mãe de Ítalo (Caso 1).....	118
F- Apresentação do Caso 2: Paulo e sua mãe, Renata.....	133
G- Transcrição da entrevista realizada com Renata, mãe de Paulo (Caso 2).....	152
H- Apresentação do Caso 3: Marcela e sua mãe, Dora.....	165
I- Transcrição da entrevista realizada com Dora, mãe de Marcela (Caso 3).....	193

1 Introdução

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2005) estima que de 10% a 20% da população de crianças e adolescentes são acometidos de algum tipo de transtorno mental. Deste total, de 3% a 4% necessitarão de tratamento intensivo, por envolverem prejuízos severos e persistentes, os quais contarão com os serviços especializados, prestados pelos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi). A parcela restante desta população, por sua vez necessitará de atendimento para problemas mais frequentes, que envolvem prejuízos pontuais (BRASIL, 2005, 2007; COUTO, DUARTE & DELGADO, 2008).

Este quadro desperta a atenção do setor público, que lança as bases para a Política de Saúde Mental, com especial atenção para as demandas relacionadas à infância e adolescência (BRASIL, 2005). Um grande desafio para este tipo de assistência em saúde é a implementação de uma rede de cuidados que vai dos mais especializados aos menos especializados, passando pela assistência prestada em diversos setores, como a educação, assistência social, a justiça, além da articulação com a rede de saúde geral/atenção básica.

Desta forma, o campo de trabalho em instituição de saúde pública tem sido um dos que mais oferece abertura para a atuação de psicólogos, que são chamados a atuar em diversos aparelhos de saúde. Um dos aparelhos é a Unidade Básica de Saúde (UBS), onde estão inseridas as equipes da atenção básica, que atuam mais próximo às famílias de um determinado território do município. Cabe a estas equipes incorporar os objetivos da Política Nacional de Promoção de Saúde, de “promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes” (BRASIL, 2006). Assim, o psicólogo neste contexto deve realizar a promoção de saúde e a prevenção de doenças e agravos, além de avaliar e acompanhar casos leves a moderados, que não necessitem de um serviço especializado em saúde mental (GORAYEB, BORGES E OLIVEIRA, 2012).

O Ministério da Saúde compreende que “será sempre importante e necessária a articulação da saúde mental com a atenção básica” (BRASIL, 2007, p. 3). Assim, o psicólogo clínico deve oferecer seus cuidados em termos de promoção e tratamento de saúde mental, entre outras atuações junto à equipe. Estudos mostram que o modelo tradicional de trabalho do psicólogo clínico, que privilegia a psicoterapia individual de longo prazo, jamais vai dar

conta das especificidades do campo da saúde mental em órgão público, embora em grande parte dos serviços, ainda seja este o tipo de atendimento oferecido à população (ARCHANJO, 2012; DIMENSTEIN, 1998, OLIVEIRA et al., 2004). Este quadro, em grande parte diz respeito à formação do psicólogo, que na grande maioria das vezes é treinado para, com o seu olhar clínico, avaliar, diagnosticar e tratar, deixando de levar em conta o contexto mais amplo no qual se insere seu trabalho (ARCHANJO, 2012, DIMENSTEIN, 1998).

A pesquisadora atua numa UBS situada na periferia de uma cidade da Grande São Paulo que serve de referência para o atendimento em Psicologia para um território bastante amplo. Considerando apenas a população alvo de atendimento da pesquisadora (pacientes na faixa etária dos 0 aos 15 anos), no ano de 2012 foi dado o início ao acompanhamento de 199 novos casos. Para lidar com tão vasta procura, foi preciso desenvolver uma forma de atendimento alternativa ao acompanhamento psicológico tradicional, de psicoterapia individual de médio ou longo prazo o qual estava estabelecido pela cultura da instituição. Buscou-se transformar a clínica psicológica num lugar mais acessível à população, que poderia contar com uma escuta e intervenção desde o contato inicial.

Anteriormente à esta mudança de concepção do atendimento em Psicologia, havia morosidade para o início dos atendimentos, sendo que muitos casos que davam entrada no serviço acabam “se perdendo” por desistência, acomodação da queixa, ou por terem encontrado outro tipo de ajuda mais rápida e acolhedora. Outros tantos, ao invés, permaneciam desejosos de serem atendidos, mas não era raro constatar, nestes casos, que a queixa inicial estava mais ampla ou a situação havia se agravado.

Além disto, sabe-se que grande parte da população atendida tem um perfil de vulnerabilidade social, econômica, familiar, ou até mesmo fragilidade de saúde, o que significa que cada ida até a UBS para um encontro com o psicólogo implica em um grande esforço pessoal. Muitas vezes, precisam contar com uma rede de apoio muito frágil, que não sustentaria a retirada daquele indivíduo de seu contexto familiar ou de trabalho por um período muito longo, ou repetidas vezes, sendo este um importante dado a ser levado em conta ao planejar uma estratégia de atendimento.

Por conta da reflexão a respeito das possibilidades de atuação do psicólogo inserido na UBS e da necessidade de avançar em termos de técnicas e referenciais teóricos que dessem conta de abarcar uma atuação clínica de qualidade, sem perder de vista o contexto em que estava inserida, nasceu a ideia deste trabalho.

Tendo encontrado amparo na teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal, na realização de um diagnóstico interventivo, seguindo o modelo da consulta terapêutica, percebeu-se a ampliação e a flexibilidade da técnica, a serviço da necessidade do paciente, sem perder de vista o todo do aparelho público no qual ele está inserido, conquistando-se também maior agilidade nos atendimentos.

Através das consultas terapêuticas, o psicanalista Donald W. Winnicott (1984) apresenta a possibilidade de ajudar crianças a retomarem o desenvolvimento saudável, dando a ela possibilidade de haver uma comunicação e a realização da experiência a que ansiava.

Winnicott (1984) esclareceu que para que estas intervenções fossem eficazes, a criança deveria contar com um ambiente suficientemente bom, do qual ela possa fazer uso, a partir do processo desencadeado pelas consultas. Uma estrutura familiar saudável, ou seja, com pais emocionalmente maduros, dispostos a responsabilizar-se pelo bom desenvolvimento de seu filho, funciona ele próprio como ambiente facilitador do amadurecimento. Características como estabilidade, segurança, capacidade de posicionar-se empaticamente, permitem aos pais compreenderem e satisfazerem as demandas dos filhos, contendo em seu próprio seio as angústias que acompanham certas fases do desenvolvimento infantil (WINNICOTT, 1982, 1984, 1999).

Ele revela ainda, que a confiança prévia dos pais no terapeuta é outro bom preditivo para a eficácia deste tipo de trabalho, pois ao lado dos mesmos, o terapeuta compõe um círculo benigno ao redor da criança (WINNICOTT, 1984). Assim, é importante que o atendimento que o psicólogo oferece às crianças seja ampliado também para os pais. Ainda, Winnicott (1984) refere que muitas vezes, o atendimento à criança revela a doença de um ou ambos os pais, ou mesmo uma situação social, sendo que nestes casos, é neste sentido que deveríamos voltar nossa atenção.

Neste sentido, ajudar os pais a resgatarem os próprios recursos para oferecer a provisão ambiental necessária à criança poderia ser uma intervenção eficaz para a melhoria do quadro inicial da mesma. O presente estudo é um recorte da prática que vem sendo realizada pela pesquisadora na UBS em que atua. No caso, focalizamos um tipo de trabalho, individual, numa determinada etapa do acompanhamento, as entrevistas iniciais e com uma população específica, considerada menos vulnerável. O objetivo do trabalho consistiu em analisar o alcance das primeiras intervenções psicoterápicas baseadas no modelo das Consultas Terapêuticas de Winnicott, realizadas com familiares e crianças que buscaram atendimento

psicológico na UBS. Buscou-se investigar se os primeiros atendimentos favoreceram a ampliação da compreensão dos pais a respeito da dinâmica da família, bem como se houve por parte do(a) pai/mãe uma melhor compreensão sobre as demandas da criança. Também, procurou-se analisar se os atendimentos permitiram a construção de uma postura mais madura e saudável dos pais diante das necessidades da mesma, bem como pesquisar a repercussão junto às famílias atendidas, quanto à manutenção, modificação, atenuação ou remissão das queixas e demandas inicialmente apresentadas. Para isso, foi utilizada a análise qualitativa das sessões (três com mães e duas com filhos) e da entrevista final (com as mães) realizadas nos 3 casos que compuseram a amostra.

2.1 A família enquanto ambiente facilitador.

No começo da vida de todo ser humano, o ambiente é fundamentalmente a mãe, e é neste ambiente que o bebê inicia a superação das primeiras etapas do desenvolvimento (WINNICOTT, 1993). Se no princípio é verdade que ele próprio ainda não é capaz de desenvolver uma relação com o pai, o entorno da mãe sim, inclui este e os demais membros da família, que servem de apoio a ela e, portanto, indiretamente ao bebê. Aos poucos, ele ampliará a capacidade de perceber o mundo e estenderá seus relacionamentos ao pai e outras pessoas próximas. Assim, em toda etapa do desenvolvimento infantil, a família terá um papel de destaque, enquanto ambiente facilitador do processo rumo à maturidade, pois é a única entidade capaz de dar continuidade à tarefa da mãe (e posteriormente também do pai) de atender às necessidades do indivíduo (WINNICOTT, 1993).

Ao elaborar sobre o tema da influência da família no desenvolvimento da maturidade emocional, Winnicott (1993) interessa-se em compreender a maturidade não pela abordagem psicodinâmica da vida instintiva, e do caminho para a formação de uma sexualidade plena. Ele deseja ir por outra linha de abordagem psicodinâmica, que vê o indivíduo no início da vida numa dependência quase absoluta, e aos poucos caminhando rumo à sua independência e autonomia (WINNICOTT, 1983; 1993). Para ele, o tema inclui a questão do cuidado materno (e seus desdobramentos) vindo de encontro ao bebê no período de dependência e apoiando-o em seus movimentos rumo à independência (WINNICOTT, 1993). Sua perspectiva de desenvolvimento estava sempre voltada para o indivíduo em sua relação com o meio, considerando da mais alta relevância “o grau de adaptação das condições ambientais às necessidades do indivíduo em qualquer momento de sua vida” (WINNICOTT, 1993, p. 130). Além de estudar em profundidade a influência do ambiente, Winnicott (1999) mostrou o quanto suas possíveis falhas têm efeitos nocivos para o sujeito, pois o progresso do indivíduo apoia-se na capacidade do ambiente de adaptar-se progressivamente às suas necessidades.

Como psicanalista, Winnicott compreende a maturidade emocional como sinônimo de saúde mental, o que significa que o indivíduo saudável é aquele maduro emocionalmente para sua idade (WINNICOTT, 1993; 1999). Nesta linha de pensamento, considera-se que tanto o avanço precoce, quanto o atraso são considerados entraves do desenvolvimento e sinais de adoecimento (WINNICOTT, 1993, 1999). O adulto saudável seria aquele que alcançou a

autonomia (embora ela jamais seja absoluta), tendo transposto todos os estágios de imaturidade, isto é, maduros anteriores, dos quais poderá dispor posteriormente por necessidade, por diversão, em experiências auto-eróticas ou em sonhos (WINNICOTT, 1993).

Ao longo da vida, o ser humano caminha pelos estágios sucessivos de desenvolvimento graças a uma força inata que o impulsiona, associada à presença do ambiente facilitador, capaz de dar as condições para que este impulso se torne a expressão individual do próprio self (WINNICOTT, 1983, 1993).

Os pais, enquanto ambiente facilitador, são capazes de ajudar o filho de duas maneiras: permitindo-se serem trocados pela família mais ampla, e daí para círculos sociais cada vez maiores, e dando-lhe a oportunidade de voltar a ser dependente a qualquer momento (WINNICOTT, 1993). Sobre este vaivém, Winnicott explica que ao mesmo tempo em que há uma ruptura, há também um processo de identificar em estruturas mais amplas a mesma segurança e apoio uma vez sentidas como cuidado dos pais ou da mãe. Esta ruptura, portanto, não se dirige ao vazio, mas sim vai em direção a uma área maior, sujeita a controle, e que simboliza o colo que a criança abandonou. Uma criança foge de casa, mas apenas até a cerca do jardim, que neste instante simboliza o aspecto mais estreito do *holding* que acabou de ser rompido (WINNICOTT, 1993). É graças ao apoio satisfatório da família que ela encontra uma saída pessoal, e é capaz de realizar o caminho de volta, apesar da rebeldia manifesta ao ir embora. Sobre a função da família no processo de desenvolvimento saudável, Winnicott (1993, p. 136) refere:

Se aceitarmos como correta a identificação entre saúde e maturidade relativa, devemos ter como certo que o indivíduo só possa atingir sua maturidade emocional um contexto em que a família proporcione um caminho de transição entre o cuidado dos pais (ou da mãe) e a vida social. E deve-se ter presente que a vida social é em muitos aspectos uma extensão das funções da família.

Ao longo do desenvolvimento, veremos a criança ir à escola, e iniciar relacionamentos com grupos fora do lar, abrindo o caminho da vida social. Winnicott constata que o lar e a família tem semelhanças com a maneira como comumente se propiciam os cuidados às crianças de modo geral, bem como assemelham-se às instituições dos adultos, sejam políticas, religiosas ou sociais. O indivíduo adulto maduro é aquele “capaz de identificar-se a agrupamentos ou instituições sociais sem perder o sentido da continuidade pessoal e sem sacrificar em demasia seus impulsos espontâneos” (WINNICOTT, 1993 p. 137). Embora deva existir alguma perda, no sentido de controlar os impulsos, não seria considerado normal uma extrema identificação social acompanhada da perda do sentido de *self* (WINNICOTT, 1999).

O ambiente satisfatório é, portanto, o lar capaz de atender às necessidades do indivíduo, adaptando-se conforme a demanda do mesmo, nestas idas e vindas e facilitando assim a expressão das tendências herdadas e da expressão pessoal (WINNICOTT, 1999). Na descrição de Winnicott (1993, p 131):

A tarefa consiste em fazer face às necessidades mutantes do indivíduo que cresce, não apenas no sentido de satisfazer a impulsos instintivos, mas também de estar presente para receber as contribuições que são características essenciais da vida humana. A tarefa consiste, ademais, em aceitar as irrupções de rebeldia e as recaídas na dependência que se seguem à rebeldia.

No início da vida, há um bebê que não pode ser compreendido sem levar-se em conta a presença de alguém que lhe oferece toda a provisão ambiental necessária para sua sobrevivência. Winnicott chegou a dizer numa reunião da Sociedade Britânica de Psicanálise que “não existe isto que se pode chamar de um latente” (MELLO FILHO, 1989, p. 23), por considera-lo em estado de profunda dependência, motivo pelo qual a dupla mãe-bebê é considerada indissociável. Neste estágio, há a necessidade de adaptação total do ambiente, que geralmente a mãe consegue prover devido a encontrar-se num estado especial, denominado por ele de “preocupação materna primária” (WINNICOTT, 1993;) Este estado, de profunda identificação da mãe com seu bebê inicia-se ao final da gestação e é considerada uma capacidade amadurecida da mãe (WINNICOTT, 1993). Trata-se de uma sintonia entre a mãe e o bebê, na qual ela, por estar profundamente identificada com ele, reconhece suas necessidades, e é capaz de dar a ele seu apoio, evitando desconfortos extremos por oferecer um cuidado “suficientemente bom”. Assim, é por meio do apoio adequado da mãe, que ele poderá se estabelecer como pessoa, um indivíduo único, capaz de expressar o próprio *self* que está se formando no processo de integração (WINNICOTT, 1993).

Existem algumas importantes tarefas a serem desempenhadas, chamadas “função materna”, que são os cuidados proporcionados de forma que o bebê não entre num estado de perturbação tal que se tornaria traumático para o mesmo (WINNICOTT, 1999). O trauma é assim compreendido como a experiência de decepção com o ambiente, um desapontamento desastroso que lança o bebê em um estado de intensa angústia (ou “agonia primitiva”), e que ameaça o processo de integração (WINNICOTT, 1999). Winnicott (1993) descreve estes processos e as consequências de suas falhas como:

- *Holding*, que é uma função ligada especialmente ao ato de sustentar fisicamente o bebê de maneira que o mesmo se sinta seguro, e, mais amplamente, busca protegê-lo da

agressão fisiológica. Num nível mais sutil, esta função ambiental conserva o bebê como que “unido a si mesmo” (WINNICOTT, 1993, p. 7). Inclui-se aí a rotina do dia-a-dia e suas mudanças instantâneas que acompanham o crescimento físico e psicológico do lactente. Quando deficiente, produz extrema aflição na criança, tais como a sensação de despedaçamento, de estar caindo num poço sem fundo, de que a realidade exterior não pode ser usada para reconforto interno, entre outras classificadas como ansiedades “psicóticas”.

- *Handling*, que é a função de manipular o corpo da criança, de forma a facilitar o assentamento da psique em torno de um funcionamento corporal, contribuindo para a formação do sentido de “real” e “irreal”. Quando deficiente, trabalha contra o desenvolvimento do tônus muscular e da chamada “coordenação”, e também contra a capacidade de a criança gozar da experiência do funcionamento corporal e de SER.

- Apresentação de objetos ou “realização”, isto é, tornar real o impulso criativo do bebê, oferecendo-lhe no momento mais ou menos exato de sua atividade criativa o objeto “criado”. Com esta adaptação extremamente sensível da mãe, ela pode oferecer ao bebê fragmentos do mundo, dando início à capacidade dele relacionar-se com objetos, dando ao bebê a sensação de criar a realidade externa. A falha desta função faz desaparecer o impulso criativo inato e bloqueia a capacidade da criança de sentir-se viva e real em sua relação com o mundo dos objetos e fenômenos.

O resultado da falha ambiental seria a formação de uma defesa organizada que não permite a exposição do self a um novo trauma, operando então a partir de um falso *self*. O que se observa a partir disso é um bebê que tenderá a apresentar padrões de comportamento semelhante a outros bebês, que se mostram inquietos, apáticos, inibidos ou complacentes, conforme ele nos explica (WINNICOTT, 1993, p. 24):

Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo. (...) Se o apoio do ego da mãe não existe, ou é fraco ou intermitente, a criança não consegue desenvolver-se numa trilha pessoal; o desenvolvimento passa então (...) a estar mais relacionado com uma sucessão de reações a colapsos ambientais que com as urgências internas e fatores genéticos.

Certas mães poderiam encontrar dificuldades de entrar ou de sair do estado de “preocupação materna primária” no devido tempo por encontrarem-se em estados psicopatológicos, ou mesmo, em alguma medida, devido ao colapso da cobertura protetora com a qual a mãe conta (WINNICOTT, 1993). A função paterna (não necessariamente

exercida somente pelo pai) compreende, neste momento, o suporte dado à mãe, que permite a ela estar voltada para dentro e esquecer-se dos perigos externos durante o período da preocupação materna (WINNICOTT, 1982, 1993).

As condições favoráveis do entorno da mãe, portanto, permitem-na sentir-se segura e possibilitam que ela acesse o estágio em que ela própria foi um bebê em estado de dependência e possa identificar-se com o mesmo (WINNICOTT, 1982, 1993). Tais condições, consideradas parte da função paterna, são oferecidas pelo pai, e, de maneira mais ampla, pelo contexto social no qual a família está inserida. Winnicott (1999) aponta que todo ser humano que atingiu o estado de encontrar-se num mundo que faça para ele algum sentido e foi capaz de alcançar alguma satisfação em estar vivo, deve isto à figura de uma mulher que pode travar com ele uma relação na qual ele pudesse viver plenamente o estado de dependência sem ao menos dar-se conta disso. No outro extremo, a mãe-ambiente incapaz de satisfazer as necessidades do indivíduo nesta fase provoca um desastroso impacto sobre este, levando a uma deformação do desenvolvimento, mantendo-o em alto grau de dependência ambiental, levando a sociedade a arcar com o ônus de sustentar um indivíduo adoecido (WINNICOTT, 1982; 1993). Winnicott (1999, p. 122) complementa, ressaltando a responsabilidade da sociedade de reconhecer e, de certa forma, retribuir à mulher tal demonstração de generosidade, garantindo e facilitando as condições para sua entrada na preocupação materna.

Todos nós devemos juntar forças que capacitem o início e o desenvolvimento natural da relação emocional entre a mãe e seu bebê. Esse trabalho coletivo é uma extensão do trabalho do pai desde o início, quando a mãe está carregando, sustentando e amamentando seu bebê; no período anterior ao qual o bebê vai poder usar o pai de outras maneiras.

Aos poucos, a mãe saudável sairá deste estado, retardando sua adaptação progressivamente, à medida que cresce a necessidade do bebê de experimentar reações às frustrações, que são a expressão da agressividade (WINNICOTT, 1999). Na medida em que o bebê começa a se separar da mãe, ela passa de objeto subjetivo a algo intermediário, entre o uso da mãe enquanto aspecto do self, e um objeto que não é o self, e portanto fora do controle onipotente (WINNICOTT, 1999 p. 125). A mãe leva a cabo uma importante tarefa, adaptando-se às necessidades da criança, diminuindo o impacto do choque de entrar em contato com o princípio de realidade. A boa experiência do indivíduo na fase da dependência total (ou dupla dependência, quando não há consciência por parte do bebê de que ele é absolutamente dependente), bem como na dependência relativa (quando o bebê alcança um

estágio em que é capaz de reconhecer a dependência), é de suma importância para lançar as bases para a saúde mental do mesmo (WINNICOTT, 1993). Para Winnicott (1999), portanto, o estudo da saúde do indivíduo pode ser dividido em diversos elementos, considerando o ambiente facilitador em seus diversos aspectos presentes em todo o processo, no qual, gradativamente “incluir-se-iam as funções paternas, complementando as funções da mãe, e a função da família, com sua maneira cada vez mais complexa de introduzir o princípio da realidade, ao mesmo tempo em que devolve a criança à criança” (WINNICOTT, 1999, p. 5).

A figura da mãe vai sendo então duplicada, entrando em cena pessoas que estão disponíveis como figuras maternas. É aí que se dá a entrada real do pai na vida da criança, inicialmente como uma duplicação da figura materna (WINNICOTT, 1999). Ao figurar no papel de duplicação da mãe, Winnicott diz que o pai acaba entrando na vida da criança como um aspecto duro da mesma, severo, intransigente, indestrutível, e que “em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado.” (1999, p 127).

Winnicott aponta que enviar a criança para o pai e proporcionar que ambos possam reconhecer-se e travar um relacionamento é também parte da tarefa da mãe e, em tempos normais, dependerá muito desta o fato de o pai conhecer ou não seu bebê. Isto vai depender também do quanto o pai busca a aproximação, das facilidades ou não pela qual é recebido pelo bebê, e fundamentalmente da decisão da mãe sobre a possibilidade de o pai participar ou não das atividades de cuidado do bebê (WINNICOTT, 1982). De acordo com Winnicott (1999, p. 127):

O modo de ser do pai naturalmente determina a maneira como a criança usa ou não esse pai, na formação da família dessa criança particular. É claro que de qualquer modo o pai pode estar ausente ou muito em evidência, e tais detalhes fazem uma diferença enorme no significado da palavra “família” para a criança específica da qual estamos falando

É o processo de crescimento da criança que a leva a estender a estrutura de sua personalidade, com duplicações da estrutura unitária, desenvolvendo-se aí uma situação de grupo. A família é o primeiro agrupamento no qual a criança se insere, e é “o que está mais próximo de ser um agrupamento dentro da unidade da personalidade” (WINNICOTT, 1999, p. 125). Embora esta aquisição seja parte do processo de desenvolvimento infantil, a maneira como ele ocorre depende da mãe e de sua atitude em relação às pessoas que ocasionalmente substituem a mãe, bem como destas mães substitutas (WINNICOTT, 1999). Mais

amplamente, depende também da atitude social ao redor da família e do equilíbrio dos aspectos da figura paterna (WINNICOTT, 1999).

A relação inicial do bebê com seu pai é alimentada por sentimentos que o mesmo já nutria em relação a certas propriedades da mãe, e que já se encontravam reunidas na mente infantil (WINNICOTT, 1982). Apenas gradualmente ele é recebido pela criança como pai, e é de se esperar que a mãe perceba um grande alívio ao verificar que o pai se comporta da maneira esperada. Winnicott (1982, p. 129) cita que:

É incomparavelmente melhor um pai forte, que pode ser respeitado e amado, do que apenas uma combinação de qualidades maternas, normas e regulamentos, permissões e proibições, coisas inúteis e intransigentes.

Existem muitas formas de descrever as maneiras pelas quais o pai contribui para enriquecer o mundo da criança. A primeira delas diz respeito ao relacionamento com a mãe, e à sensação de segurança que permeia o lar quando o pai proporciona à mãe que a mesma sinta-se “bem em seu corpo e feliz em seu espírito” (WINNICOTT, 1982, p. 129). A consequência desta relação na qual tudo vai bem, é que a criança encontra a vida mais fácil, mostrando-se contente e dócil de conduzir. Outro aspecto importante é que a união sexual dos pais enquanto um fato concreto, permite à criança construir uma fantasia em torno da qual ela poderá “desferir seus golpes” (WINNICOTT, 1982, p. 129), sendo este fato um alicerce natural para a solução dos conflitos decorrentes das relações triangulares. Outro aspecto importante, ainda considerando a relação entre o pai e a mãe, é que este é necessário para dar à mãe apoio moral. O pai é alguém que apoia a autoridade da mãe e sustenta a lei e a ordem que a mesma implanta na vida da criança. É certo que a mãe deve estar apta a exercer sua autoridade, o que é bastante apreciado pelas crianças, mas ao contar com o apoio do pai, e dividir com ele esta tarefa, tudo parecerá mais leve e simples. Nas palavras de Winnicott (1982, p. 129), sobre a imposição da ordem pela mãe, ele revela: “se tiver de ser tudo na casa e tiver de oferecer todo o elemento de fortaleza ou rigor na vida dos filhos, a par do amor, suportará sobre seus ombros um fardo deveras pesado”. Para auxiliar a mãe nesta tarefa, o pai não precisa estar presente o tempo todo, mas sim com frequência o bastante para que a criança o sinta vivo e real. Segundo Winnicott (1982, p. 130):

A criança está constantemente predisposta a odiar alguém, e se o pai não estiver presente para servir-lhe de alvo, ela detestará a mãe e isto a confundirá, visto ser a mãe a quem a criança mais fundamentalmente ama.

Ter um dos pais a quem se pode detestar e enquanto o outro mantém-se como figura permanente de amor é em si uma influência estabilizadora para as crianças. Um outro aspecto

da importância do pai é o próprio exemplo de seu modo de ser enquanto homem. Suas qualidades, vivacidade e as coisas que o distinguem de outros homens influenciam o olhar da criança e ajudam-na a formar seus ideais (WINNICOTT, 1982).

Winnicott (1982, p. 131) aponta ainda, que embora “os filhos idealizem seus pais, é também muito valioso para os primeiros, ter a experiência de conviver com eles e de conhecê-los como seres humanos, até o ponto de os descobrirem”. Ou seja, permanecer vivo ao longo dos primeiros anos de vida da criança é algo que trará à mesma a oportunidade de amadurecer o próprio vínculo com o pai, que vai de uma idealização sobre a sua pessoa, até um conhecimento mais real sobre o mesmo. Seu afastamento repentino pela morte ou outras circunstâncias é um importante fator para a gênese de sintomas anti-sociais na criança, que são compreendidos como a expressão inconsciente do desejo de retorno do pai, alguém capaz de restabelecer a ordem e a lei (WINNICOTT, 1982).

Percebe-se que o conceito de família para Winnicott é alicerçado pelo relacionamento entre os pais. Ele aponta que “quando o pai e a mãe aceitam facilmente a responsabilidade pela existência da criança, o cenário fica montado para um bom lar” (WINNICOTT, 1982, p. 130). Assim, ele refere que se há um relacionamento feliz entre o casal, a mãe tende a ser compreensiva a respeito do vínculo especialmente vital que poderá existir entre o pai e sua filha. Se a mãe não se posiciona como rival da filha, nem perturba com seu ciúme a expressão da devoção romântica dedicada ao pai, ela termina assim por permitir que a situação evolua naturalmente. A seu tempo, a menina perceberá a frustração ligada à esta fantasia romântica e buscará em outras direções sua realização (WINNICOTT, 1982).

Como vimos, o cuidado materno torna-se o cuidado oferecido por ambos os pais, seguindo-se à “contribuição” de outras crianças saudáveis da família, que vai tendo seu significado mais ampliado, incluindo avós, tios, primos, etc (WINNICOTT, 1993). O próprio autor questiona se seria viável que um indivíduo atingisse a maturidade emocional fora do contexto familiar, já que, segundo ele (WINNICOTT, 1993, p. 134) “a família parece ser a estrutura especialmente programada para dar continuidade à dependência inconsciente da criança em relação ao pai e à mãe de fato”. De acordo com Winnicott (1993, p. 133) “parece-me importante ter em mente que, na medida em que a família permanece intacta, tudo na vida do indivíduo relaciona-se em última instância com seu pai e sua mãe.

Assim, compreendemos que a estabilidade familiar é um aspecto primordial que funciona de modo a facilitar que a criança tire proveito dos afastamentos experimentados,

bem como, inconscientemente, retenha o caminho de volta para casa. O lar estável e o ambiente emocional estável oferecem, portanto, a segurança para a criança realizar seus progressos no desenvolvimento de forma natural e firme (WINNICOTT, 1982).

É dentro da estrutura familiar que a criança vai descobrir sentimentos de amor e ódio, e é através dos relacionamentos familiares que se desenvolvem os conflitos de lealdade (WINNICOTT, 1999). Uma família emocionalmente estável seria tolerante em relação a uma etapa do desenvolvimento em que a criança parece desleal. Winnicott (1999) descreve o desenvolvimento saudável deste conflito da seguinte forma: a criança precisa que não se exija dela lealdade quando seu crescimento exige que ela se dirija ao pai, estabelecendo com ele uma relação amorosa, passando, nesta posição a ver a mãe de modo objetivo e sentindo ódio e temor em relação a ela. A partir desta posição, seria perigoso para a criança voltar à mãe. Algo então se constrói no sentido de uma reconciliação. A criança volta então para a mãe, e o ódio e temor voltam-se ao pai. Tais experiências acontecem cotidianamente, não somente com o pai, mas entre outros adultos da família e nas brincadeiras das crianças. Possivelmente a criança será capaz de vivenciar uma experiência de excitação neste conflito, desde que possam ser contidas e elaboradas nas experiências do brincar.

O psicanalista aponta que “há uma grande diferença entre uma criança que se afastou da mãe e chegou até o pai e fez a viagem de volta e a criança que jamais realizou tal experiência” (WINNICOTT, 1999, p. 133). Isto porque ao alcançar a experiência de deslealdade, ela estará ampliando as raízes daquilo que futuramente será, no adulto, a afirmação de ser ele mesmo. Winnicott (1999, p. 136) refere que “as mais agressivas e portanto mais perigosas palavras do mundo são encontradas na afirmação EU SOU”. Um membro adulto na sociedade assume seu lugar no mundo, afirma-se a partir da condição de lealdade a algo e portanto, assume o que se poderia chamar de deslealdade a tudo aquilo de natureza oposta.

Outro aspecto da família que colabora para o crescimento da criança e está ligada à saúde emocional dos pais, é a maneira pela qual demonstram ser confiáveis, provendo um sentimento básico de segurança na criança (WINNICOTT, 1993). O psicanalista mostra que “é certo que pais superprotetores deixam seus filhos aflitos, assim como os pais pouco confiáveis tornam as crianças confusas e amedrontadas.” (WINNICOTT, 1993, p. 45). Tal confiabilidade se expressa ao estarem continuamente presentes ao longo do tempo e coerentemente iguais a si mesmos, não de forma rígida, mas sim através de um

relacionamento vivo e humano (WINNICOTT, 1990, 1993). Ao oferecer segurança, os pais ajudam a criança a livrando-as do inesperado e de intrusões indesejáveis, presentes no mundo que ainda não é conhecido ou compreendido, e ainda, protegem-nas de seus próprios impulsos e dos efeitos que possam produzir (WINNICOTT, 1993).

É na família que a criança vivencia o primeiro relacionamento entre três pessoas (ela própria e outras duas) e vai caminhando em direção a relacionamentos cada vez mais complexos (WINNICOTT, 1990). A família atua protegendo a criança do mundo e aos poucos deixando que este se introduza, através dos tios, tias, primos, vizinhos, grupos de crianças e então a escola e outros círculos sociais (WINNICOTT, 1983, 1993). O mundo torna-se a cada dia mais vasto, através de uma introdução que segue o exato padrão da mãe apresentando à criança a realidade externa (WINNICOTT, 1993).

Como vimos, a saúde mental das crianças depende em grande parte da saúde mental dos pais, de sua capacidade de se mostrarem confiáveis, seguros e flexíveis, ao mesmo tempo em que proporcionem uma sensação de estabilidade às crianças. Contudo, a vida de um indivíduo saudável não é formada somente de aspectos positivos, mas também de medos, dúvidas, frustrações e conflitos entre sentimentos. De todo modo, a questão principal é a capacidade para assumir a responsabilidade pelas ações e inatividades, tendo elas alcançado o sucesso ou a falha (WINNICOTT, 1999). Assim, Winnicott (1982) nos diz que os pais que decidem se empenhar em fornecer aos filhos um ambiente saudável para seu desenvolvimento estão empreendendo uma importante tarefa. Estando dispostos a estudar as necessidades de seus filhos, recorreriam a uma ajuda real que estivesse disponível, o que seria bastante útil, caso essa ajuda se dê “num sentido tal que não corrompa o sentido de responsabilidade dos pais” (WINNICOTT, 1982, p. 209).

Segundo Winnicott (1982), mesmo que os pais assumam a responsabilidade em prover as necessidades das crianças, não estão livres de que lhes ocorram situações tais em que as falhas se sobressaiam, e de todo modo, se a relação parental vai mal, os pais não podem se obrigar a amarem-se para que os filhos tenham um lar estável.

Sobre os efeitos nocivos das falhas ambientais, um dos mais importantes estudos de Winnicott (1982) diz respeito à relação percebida entre as carências familiares e certos aspectos patológicos do desenvolvimento como a delinquência juvenil. Ele explicita sua teoria segundo a qual a sensação de segurança da criança relaciona-se com a sensação de continuidade da existência da estrutura familiar. Quando há uma quebra na estrutura familiar

antes desta segurança ter sido interiorizada, ocorre uma quebra na própria estrutura da criança, que passa a buscar por esta estrutura fora de casa. Se o lar não pode lhe oferecer o sentimento de segurança, a esperança o levará a buscar em outros membros da família, na escola, ou em outros grupos disponíveis a estabilidade que lhe falta, e sem o que enlouquecerá. No caso das crianças anti-sociais, aponta que seu comportamento reflete a esperança que a criança alimenta de ser controlada por pessoas fortes e carinhosas, nas quais possa confiar. São considerados jovens doentes, pois não puderam interiorizar o sentimento de segurança cedo o suficiente, a ponto de ser tal sentimento incorporado às suas crenças. O manejo ambiental que será posteriormente empregado terá um papel decisivo no destino destes jovens, que parecerá em perfeitas condições quando sob uma forte orientação, ao passo que se lhes derem liberdade, logo sentirão a ameaça de loucura: sem saber o que faz, ofende a sociedade para restabelecer o controle proveniente de fora.

Os desafios que a família enfrenta sem dúvida são muitos. Uma criança normal está longe de ser sempre meiga e dócil. Confiando no pai e na mãe, ela procura realizar testes, especialmente se existirem dúvidas quanto à estabilidade do ambiente familiar. Ela procura destruir, desunir, desperdiçar, cansar, amedrontar, apropriar-se das coisas e seduz. Provoca todo o tipo de situação de que é capaz, apenas para ter a sensação de que há ao seu redor uma estrutura firme, capaz de contê-la e controlá-la, para então sentir-se tranquila e livre para brincar, realizar suas próprias produções, superando o medo de seus pensamentos e imaginação, deixando-se ser apenas uma criança irresponsável. Caso contrário, sem encontrar estrutura que lhe proporcione segurança, a criança torna-se inquieta, angustiada (WINNICOTT, 1982).

O apoio à família muitas vezes pode ser o caminho para prevenir que a situação da criança chegue ao ponto do adoecimento, o que se tornaria um ônus tanto para os indivíduos daquela família, quanto para toda a sociedade. Winnicott (1982, p. 261). refere que “em lugar de sermos obrigados a manter uma criança doente ou um adulto que é anti-social, seria preferível “mantermos” uma criança, logo desde o princípio”. De todo modo, é certo que a criança adoecida também terá melhores chances de retomar sua saúde, aproveitando a ajuda terapêutica oferecida de maneira mais eficaz caso a família seja capaz de oferecer um cuidado pessoal consistente (WINNICOTT, 1984).

2.2 Winnicott e seu trabalho com consultas terapêuticas.

Muitos pais recorrerão a algum tipo de ajuda, seja dentro da própria família, junto a educadores, médicos ou psicólogos, para poderem suportar com êxito o período da infância de seus filhos, ou, outras vezes por sentirem em seu seio os efeitos das falhas no relacionamento inicial com este. Para Winnicott (1999, p. 96), o indivíduo que encontrou obstáculos em seu desenvolvimento emocional pode encontrar na psicoterapia o ambiente facilitador para a retomada da maturidade:

A psicoterapia tenciona apenas e tão-somente desfazer esse obstáculo, de tal modo que o desenvolvimento tenha lugar onde anteriormente não era possível. Em outras palavras: um distúrbio psicológico significa imaturidade, imaturidade do crescimento emocional do indivíduo, e esse crescimento inclui a evolução da capacidade do indivíduo se relacionar com pessoas e com o ambiente de modo geral.

Assim, em terapia, o tratamento de crianças que vivenciaram uma relação inicial com a mãe que não foi “boa o suficiente” passará pelo desenvolvimento de uma relação que imita o processo natural que se desencadeia neste período (WINNICOTT, 1993).

Winnicott (1984, 1999) explicitou o quanto acreditava que o tratamento através da psicanálise tem efeitos profundos na personalidade do indivíduo, e aconselhava a seus pacientes a realiza-la sempre que possível. Contudo, ele não limitou a atuação do psicanalista apenas a esta modalidade terapêutica. Winnicott (1984, 1999) abriu a visão de mundo dos psicanalistas na época, mostrando novas e proveitosas maneiras de atuar, sempre que a análise completa do paciente não fosse possível ou houvessem argumentos contra. Ele salientava que a modalidade de tratamento a que o paciente seria submetido deveria em primeiro lugar obedecer às necessidades do mesmo ou do caso, e não ao ponto de vista dos terapeutas (WINNICOTT, 1999).

O psicanalista (WINNICOTT, 1984) apontou que é comum existirem situações em que o tempo disponível para o tratamento é limitado, e que é possível para o analista treinado realizar outro tipo de tratamento que não a análise, do qual se pode extrair um grande benefício para o paciente. Ele chamou a atenção também para a necessidade de “olhar a doença central na família, ou para a doença social, de tal modo que possamos evitar perder nosso tempo e gastar o dinheiro de outra pessoa fornecendo tratamento inferior no caso de um drama familiar” (WINNICOTT, 1999, p. 94).

Winnicott valorizava o aspecto terapêutico de uma escuta atenta e livre de juízos morais, e apontava que mesmo uma anamnese bem feita pode ter surpreendentes efeitos terapêuticos ao possibilitarmos ao paciente ou à mãe que traz seu filho a tratamento que conte a seu próprio tempo sua história. É comum que nestas ocasiões, ao fim do próprio relato a mãe ou paciente nos diga que foi então capaz de compreender a história inteira, e o sentido do nascimento e manutenção de um certo sintoma em sua família (WINNICOTT, 1999).

A aplicação da Psicanálise realizando-se apenas uma ou até no máximo três sessões foi descrita em seu livro “Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil” (WINNICOTT, 1984), no qual descreve de maneira minuciosa muitos casos atendidos nesta modalidade terapêutica que embora abreviada, mostrou-se bastante poderosa. Trata-se da exploração integral da primeira entrevista com a criança, ou da primeira entrevista reduplicada, na qual o terapeuta encontra-se em uma posição especial que possibilita um livre intercâmbio entre este e seu paciente, mais do que usualmente ocorre num tratamento psicanalítico puro.

Esta modalidade terapêutica será bem desempenhada dependendo de certos fatores concernentes ao analista, como seu bom treino em realizar a psicanálise, sendo que o próprio Winnicott (1984) afirma perceber que em décadas de experiência em análise, suas intervenções mostraram-se gradualmente mais corretas e eficazes. Ele recomenda ainda que o terapeuta que realiza este tipo de trabalho tenha realizado uma experiência de intenso tratamento psicanalítico, e que melhor seria, para o trabalho, que o mesmo nunca tenha estado verdadeiramente doente, necessitando de tratamento.

O Jogo do Rabisco (Squiggles Game) ficou bastante conhecido por seu uso frequente em suas consultas terapêuticas, mas o mesmo enfatiza que o uso do Jogo dos Rabiscos não pode de forma alguma ser confundido com a consulta terapêutica em si (WINNICOTT, 1984). Ele utiliza o jogo por afinidade própria, e porque julgava que o mesmo facilitava a comunicação e servia de apoio para registo do que se passou no encontro, bem como facilitava a tomada de notas. É uma premissa que a técnica utilizada na consulta terapêutica seja extremamente flexível, sendo que o jogo é parte do que ocorre no encontro como um todo entre o terapeuta e a criança. É esta experiência total que será utilizada, considerando-se a teoria do desenvolvimento emocional e o relacionamento da criança com os fatores ambientais. O Jogo dos Rabiscos foi por ele utilizado como um facilitador da comunicação, um espaço potencial, em que paciente e terapeuta caminham lado a lado, facilitando a expressão do que ele chamou de “comunicação significativa”, que é o reconhecimento da

expressão genuína e verdadeira do self. É através do modo particular de cada terapeuta com cada paciente que se pode criar na entrevista um espaço potencial de comunicação significativa, e, assim chegar à consciência do conflito que se apresenta mais urgente e que encontra no espaço da consulta o ambiente para a sua expressão ou resolução.

Winnicott (1984) diz que há algo de especial no primeiro encontro com o terapeuta, algo que faz deste um momento sagrado, pela possibilidade de encontro com alguém que pode fortalecer a esperança de conseguir comunicar-se e ser compreendido. Ao perceber que muitas crianças sonhavam com eles às vésperas da consulta, ele constatou que havia uma preparação imaginativa para o encontro com alguém que supostamente auxiliará. A criança, portanto, concebia previamente o terapeuta, e cabia a este, no momento da consulta ajustar-se à noção pré-concebida. Ele revela que neste momento o terapeuta está na posição de objeto subjetivo, e que este seria um lugar privilegiado que evidencia a esperança no encontro que a criança necessita para vencer a dificuldade no desenvolvimento.

Gilberto Safra (2005) nos ajuda a compreender o fenômeno que ocorre neste encontro entre o paciente e o analista, trazendo à tona a noção do sonho vazio, e ajudando-nos a compreender a posição que o analista ocupa nesta situação. Para ele, Winnicott põe em questão a nossa maneira tradicional de pensar, que sempre parte do constituído, a medida em que faz lembrar que constituir-se é um processo, e não algo dado, ou *a priori*. Para Winnicott, a constituição do self só é possível na presença de um outro que possibilite a experiência dos três fenômenos fundamentais, holding, handling e apresentação de objeto, já abordados anteriormente. Ao descrever o fenômeno da apresentação do objeto, Winnicott fala de um momento anterior à personalização, um momento originário, que possibilita um início, que ele conceituou como a primeira mamada teórica (WINNICOTT, 1990; SAFRA, 2005). Este conceito é ao mesmo tempo uma abstração e real. Antes deste momento, o bebê certamente já realizou diversas mamadas reais, mas a um certo tempo, sentindo uma necessidade, o bebê realiza um gesto em direção àquilo que necessita, e a mãe coloca o seio onde a criança realiza o gesto, proporcionando um encontro do gesto com o seio. O bebê, no momento em que realiza o gesto, não realiza uma operação intelectual para conceber a ideia do seio que o alimenta. Tão pouco a ideia concebida refere-se a uma experiência prévia (WINNICOTT, 1990; SAFRA, 2005). Não há imagem de experiência, decorrente de uma realização. A imagem é vazia, a ideia que o bebê faz daquilo que necessita é vazia, e a alucinação que ele produz, que “cria” o seio no momento em que o seio surge é antes de tudo uma alucinação vazia (SAFRA, 2005). Ao expor tal fenômeno, Winnicott nos permite enfocar um tipo de

manifestação onírica que se produz por meio de um processo alucinatório vazio, o sonho vazio. Para a clínica em Winnicott, estes conceitos se mostram fundamentais, pois o sonho vazio é o anseio pelo outro, que é igualmente o anseio pelo próprio devir. Quando Winnicott fala sobre a criança conceber previamente o analista antes de conhecê-lo, ele está falando, portanto, sobre o sonho vazio, e o analista deve ajustar-se à necessidade de devir do paciente que nunca se realizou (SAFRA, 2005)..

Para Safra, o motor do psiquismo na clínica Winnicott é a esperança: “o anseio por si, algo que é o eixo fundamental em todo processo maturacional, o anseio pelo próprio devir: esperança” (SAFRA, 2005, p. 20). O sonho vazio indica ao analista o lugar da esperança, e demanda experiência, acontecimento que pode encontrar a realização no campo transferencial. O trabalho do analista, portanto será fundamentado no pressentimento de si do paciente, e em sua tentativa em direção a e na relação com o analista de alcançar a realização. A esperança busca a realização do encontro necessário através de um gesto. Há, contudo, um risco envolvido neste processo, de não encontrar sua realização, caindo no vazio, e caso isto ocorra repetidas vezes, corre-se o risco de cair na condição que Winnicott considerou a mais terrível para o psiquismo humano, que é a desesperança (SAFRA, 2005). Em contrapartida, quando a realização se torna possível, esta experiência reorganiza e reposiciona o self frente a si, ao outro e ao seu percurso pela vida. “O seu lugar já não é mais o mesmo”, diz Safra (2005, p. 21).

O sucesso da consulta terapêutica, portanto, não pode ser avaliado em termos de extinção do sintoma, pois muitas vezes o que se obtém é tão somente a retomada da esperança em ser compreendido e talvez ajudado, e a consulta funciona como um prelúdio para um trabalho mais intenso ou demorado, como uma psicoterapia (WINNICOTT, 1984).

Winnicott (1984) esclareceu que para que estas intervenções fossem eficazes, era preciso que a família desse continuidade ao processo desencadeado pelas consultas, funcionando ela própria como um ambiente saudável, ou *suficientemente bom*, estável e capaz de conter ele mesmo as angústias próprias a certas fases do desenvolvimento infantil. Ele revela, ainda, que a confiança prévia dos pais no terapeuta é outro bom preditivo para a eficácia deste tipo de trabalho, pois ao lado dos pais, o terapeuta compõe um círculo benigno ao redor da criança. Outro ponto importante é compreender a consulta terapêutica como a possibilidade de haver uma comunicação com a criança, e não de ilustrar uma cura sintomática. Muitas vezes, o que se pode perceber é que a sintomatologia da criança apenas

reflete a doença de um ou ambos os pais, ou mesmo uma situação social, e é neste sentido que deveríamos voltar a atenção (WINNICOTT, 1984).

Winnicott (1984) aponta que em muitos casos, o resultado da consulta pode ser eficaz em relação ao sintoma, enquanto em outros casos, o resultado não é nítido, e em outros ainda, pode-se chegar a um mau resultado, e quanto a isto, prontamente considera empregar métodos alternativos. Ele contava com o relato dos pais a respeito do estado das crianças, embora lembrando que devêssemos sempre suspeitar destes relatórios, e de forma alguma prendia-se ao relatos dos pais sobre o que consideravam ser a origem dos sintomas da criança. Este ponto permanecia em aberto, e a lacuna era preenchida justamente através da comunicação significativa realizada pela criança no momento da consulta (WINNICOTT, 1984).

A principal dificuldade para a decisão sobre as condições necessárias para a aplicabilidade desta espécie de trabalho é a avaliação do ambiente da criança e das condições familiares e sociais de atuarem como um ambiente expectável médio. Winnicott (1984, p. 13) orienta que na ausência deste ambiente provedor de um cuidado consistente, deve-se empregar outros tipos de tratamento:

Onde há um poderoso e contínuo fator externo adverso ou ausência de consistente cuidado pessoal, é preciso evitar essa espécie de procedimento, devendo-se sentir inclinado a explorar o que pode ser feito mediante ‘tratamento cuidado’ ou ainda instituir uma terapia que possa dar à criança a oportunidade para um relacionamento pessoal do tipo geralmente conhecido como transferência.

Para ele, a gravidade do quadro patológico que se apresenta não era condição de restrição do uso do trabalho em Consulta Terapêutica, mas sim o uso que a criança poderia fazer de um ambiente circundante capaz de prover as necessidades da mesma após o desbloqueio do desenvolvimento atingido pela consulta, e a capacidade desta em ter esperança de um encontro humano que venha em seu auxílio (LESCOVAR, 2004).

Assim, cuidar da saúde mental de seus membros, a fim de que possam assegurar a continuidade do desenvolvimento da criança é primordial quando se pensa em Saúde Mental. “Quando os pais existem, e também uma estrutura doméstica e a continuidade das coisas familiares, a solução vem através da possibilidade de distinguir o que chamamos realidade e fantasia” (WINNICOTT, 1990, p. 77). Com isto, o mesmo assinala que quando há uma estrutura familiar bem definida, cada membro ocupando seu lugar (pai-mãe-filho), e havendo uma segurança na continuidade e manutenção desta estrutura, os conflitos típicos da infância encontram um bom ambiente para sua solução.

Os pais e educadores podem tratar das dificuldades das crianças, desde que esclarecidos para perceberem suas dificuldades e as delas, “pela ênfase num ou noutro aspecto da criação ou da educação” (WINNICOTT, 1990, p.53). Numa família capaz de apresentar segurança e maturidade, as crises que se irrompem em decorrência de qualquer evento na vida da criança podem ser contidos e elaborados no seio da própria família, necessitando de um mínimo de intervenções externas para um manejo que devolva a criança para seu desenvolvimento saudável (WINNICOTT, 1990). Neste sentido faz-se necessária a avaliação das condições ambientais familiares para um diagnóstico completo em Saúde Mental ampliando o olhar, saindo do paciente identificado, e englobando a família como um todo (GOMES & SEI, 2012; LESCOVAR, 2004).

Além disso, a conscientização dos pais sobre sua responsabilidade na família implica considerar também variáveis ambientais que dificultam o desenvolvimento saudável de seus membros. Tais variáveis vão além da dinâmica familiar, e podem-se incluir aí as interfaces com o sistema educacional, de saúde, trabalho, cultura e posição social, aspectos estes que se evidenciam caso a caso, e levam os membros do grupo familiar a refletir para além do incômodo pessoal. Pensando em produção de Saúde Mental, é preciso fornecer aos responsáveis pelas famílias a possibilidade de escuta e interlocução com a comunidade à qual pertence, buscando construir uma prática da psicologia comprometida e engajada com a realidade social brasileira (MOREIRA, ROMAGNOLLI & NEVES, 2007).

A família é a primeira estrutura de relacionamento entre pessoas totais que a criança encontra, e é no interior dela que a mesma se desenvolve rumo a relacionamentos mais complexos (WINNICOTT, 1990). Ela é o meio que proporcionará um desenvolvimento saudável do sujeito, que possibilita que ele atinja a maturidade, e, sendo saudável do ponto de vista psicanalítico, poderá superar a dependência da sociedade e contribuir para a “manutenção da máquina democrática” (WINNICOTT, 1999). Nesta perspectiva, Garcia (2011, p. 81) aponta que:

Se, em uma determinada sociedade, as mães e os pais não estão conseguindo cuidar suficientemente bem de seus bebês e de suas crianças, isto irá pesar no futuro, pois uma grande porcentagem de indivíduos que serão psiquicamente doentes terá que ser sustentada pela sociedade como um todo; se os indivíduos doentes forem a maioria, a própria sociedade corre o risco de adoecer.

Cuidar dos pais, para que eles consigam retomar seu equilíbrio emocional, possam conscientizar-se do momento de vida que a família atravessa, elaborar pontos de sua própria história que repercute em suas atuações como pais, promovendo assim o amadurecimento dos

mesmos, é portanto, abrir caminho para que seus filhos encontrem referências mais saudáveis e facilitadoras de seu desenvolvimento (MOTTA, 2006).

Um dos papéis do psicólogo, dentro desta leitura, seria de colaborar para que as crianças possam contar com um ambiente “suficientemente bom”. Para isso, vale lembrar que inicialmente, os pais apresentam uma “queixa” a respeito da criança que eles pretendem trazer. Esta queixa diz respeito a algo que a criança faz, expressa ou a qualquer “problema” identificado na mesma, seja pela própria família, seja pelos médicos, ou pela escola. A busca de ajuda acontece justamente porque o familiar não consegue satisfazer, ou mesmo identificar a “demanda”, ou seja a real necessidade da criança, gerando o sintoma ou levando a crer que o sintoma existe (quer dizer, observar um comportamento da criança e crer que aquilo seria sintomático). Através do encontro entre o terapeuta e os pais, pode dar-se a transformação da “queixa” em “demanda”, com a qual os pais podem iniciar o trabalho, agora munidos da compreensão da necessidade da criança e de seu papel frente a esta necessidade (MOTTA, 2006).

Os pais se mobilizam para buscar ajuda através do atendimento psicológico quando reúnem suas esperanças na possibilidade de um encontro que proporcione a melhora dos sintomas identificados (LESCOVAR, 2004; SOUZA & MOTTA, 2008). Quando o trabalho com os pais tem por objetivo o acolhimento da angústia, e realiza intervenções o mais precocemente possível, isto favorece a esperança do familiar em receber algum tipo de ajuda (BARBIERI, 2010; DE PAULO, 2006).

Este tipo de trabalho, que visa construir um diagnóstico psicodinâmico, e possibilita a realização de intervenções logo nos primeiros contatos se mostram semelhantes ao trabalho descrito por Winnicott como consultas terapêuticas, e são intervenções que já se mostraram válidas para o trabalho realizado em instituições públicas (SOUZA & MOTTA, 2008; WINNICOT, 1984). É baseado neste modelo de trabalho que acreditamos ser possível realizar os contatos iniciais também com o familiar do paciente em questão. Não se trata de oferecer ao paciente ou, como no caso, os pais, soluções mágicas e imediatistas, mas sim de deixá-los perceber como o problema se instalou, e qual o caminho para minimizá-lo. Ao ajudar os pais a fazerem a leitura de suas dificuldades pessoais que possivelmente interfeririam na questão da criança, e ajudando-os a elaborarem aspectos pouco integrados de si mesmos, colocamos cada qual em relação ao filho de forma a contribuir como agente que pode promover o desenvolvimento saudável do mesmo.

Neste sentido, as consultas terapêuticas de Winnicott serviram de inspiração para o modelo proposto de entrevistas iniciais com os pais, pois mostram que, em detrimento de um tratamento analítico a longo prazo, é possível realizar a exploração integral destas, sendo possível avaliar, intervir e ajudar o indivíduo através da comunicação significativa de sua dificuldade, possibilitando assim, a retomada de seu desenvolvimento. Para Winnicott (1994), nesta modalidade terapêutica, o enfoque não é em fazer tanto quanto possível para o paciente elaborar seus sofrimentos, mas sim o mínimo necessário para a retomada do seu desenvolvimento. Desta maneira, estando atento à demanda social de recuperação da saúde mental, Winnicott procurou dar acesso ao maior número de casos possível, levando a contribuição das intervenções psicanalíticas a inúmeros casos em que a psicanálise não seria praticável.

É fundamental lembrarmos que a ajuda psicológica para toda a família, quando há entraves no desenvolvimento da criança previne evoluções desastrosas (MOTTA, 2006). Este, portanto, é um enquadre que está de acordo com a atuação que se espera do profissional na rede de Atenção Básica, onde se deve privilegiar a promoção de saúde e a prevenção de doenças e agravos.

Esta proposta mostra-se interessante para os atendimentos prestados na UBS, que enquanto instituição pública, recebe uma grande demanda de pacientes que necessita ser gerenciada de maneira eficaz. A agilidade da técnica, portanto, atende à necessidade do psicólogo estar acessível à população daquele território. O curto tempo (de 1 a 3 atendimentos) despendido para que o paciente se beneficie da consulta terapêutica possibilita maior fluxo de entrada no serviço, ampliando a ajuda para a comunidade onde o psicólogo está inserido. Contudo, visto que esta modalidade terapêutica está restrita à condição de que haja uma provisão ambiental que possibilite à criança ter esperança de um encontro humano que venha em seu auxílio, faz-se importante ajudar os pais a entrar e permanecer em condição de dar acesso a esta provisão ambiental, garantindo a eficácia da intervenção.

2.3 O Psicólogo inserido na Atenção Básica de acordo com o modelo SUS

A partir do Movimento da Reforma Sanitária no Brasil, nas décadas de 70 e 80, e principalmente com a VIII Conferência Nacional de Saúde, de 1986, a saúde passou a ser compreendida como um direito do cidadão e um dever do Estado. Os debates nacionais que incluíram a participação popular resultaram na implantação de um modelo de atenção à saúde garantidos pelo Estado, segundo a Constituição de 1988. De acordo com a seção Da Saúde da Constituição Federal, tem-se que os princípios básicos que orientam a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) são a universalidade (direito de todos os cidadãos), a integralidade (atendimento em todos os níveis de complexidade, da prevenção à assistência curativa), a equidade (garantia de acesso à saúde por todos os cidadãos, com investimentos maiores em áreas mais carentes), a descentralização (participação do governo federal, estadual e municipal no estabelecimento das políticas públicas de saúde) e a participação popular (através dos Conselhos de Saúde, que atuam na formulação e controle dos serviços públicos de saúde).

Em documento oficial que retoma a história da construção do SUS (BRASIL, 2006, p. 18), formulou-se a compreensão de saúde como:

Um direito que se estrutura não só como reconhecimento da sobrevivência individual e coletiva, mas como direito ao bem-estar completo e complexo, implicando as condições de vida articuladas biológica, cultural, social, psicológica e ambientalmente, conforme a tão conhecida definição da OMS – Organização Mundial da Saúde.

Assim sendo, as políticas públicas de saúde devem abarcar o ser humano de maneira integral, o que implica um olhar para além das doenças. Espera-se que as ações em saúde mental obedeçam aos princípios do SUS e da Reforma Psiquiátrica, e sigam o modelo de redes de cuidado, de base territorial, em equipes multiprofissionais e interdisciplinares, favorecendo a desinstitucionalização e a reabilitação, e em atuação transversal com outras políticas específicas, que estabeleçam vínculos e acolhimento, e que busque a construção da autonomia possível de usuários e familiares (BRASIL, 2007, MACHADO, et al, 2007).

Com isto, o psicólogo é chamado a se inserir em diversos aparelhos de saúde que compõe a rede de cuidados, como os Centros de Atenção Psicossocial, os Hospitais, os Centros de Especialidades, as Unidades de Saúde da Família, as Unidades Básicas de Saúde, entre outros, (BRASIL, 2007).

A Unidade Básica de Saúde tem a característica de estar inserida no território onde se encontra a população que será atendida, atuando como uma das principais portas de entrada do usuário no Sistema de Saúde, acolhendo as demandas espontâneas e garantindo a continuidade dos cuidados necessários. A UBS promove tratamentos de baixa complexidade, como consultas, inalações, injeções, curativos, vacinas, coletas de exames laboratoriais, tratamento odontológico, encaminhamento para especialidades e fornecimento de medicação básica. Estes cuidados devem ser oferecidos por uma equipe mínima, composta por médicos especialistas em Clínica Geral, Ginecologia e Obstetrícia e Pediatria, cirurgião-dentista, enfermeiro, técnico de enfermagem, de saúde bucal, agentes comunitários de saúde, entre outros (BRASIL, 2006).

Algumas Prefeituras Municipais têm optado por locar nas UBS's também outros profissionais especialistas, como psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, além de especialistas médicos como psiquiatras, cardiologistas, oftalmologistas, entre outros, visando facilitar o acesso da população a estes profissionais. Abriu-se, com isso, a oportunidade de inserção do psicólogo nas equipes da Atenção Básica. Tal realidade está de acordo com Böing e Crepaldi (2010), que referem que embora as políticas de atenção à saúde básica tal qual encontradas na legislação federal da saúde não favoreçam a atuação dos psicólogos nesta área, o profissional da psicologia tem grande potencial para atuar nestas demandas. Além de prestar assistência, a equipe da Atenção Básica deve cumprir seu papel de prevenir doenças e agravos e realizar a promoção em saúde, devendo focar não somente a enfermidade, mas fornecer atenção integral sobre a pessoa (STARFIELD, 2002). Cabe a estas equipes incorporar os objetivos da Política Nacional de Promoção de Saúde, de “promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes” (BRASIL, 2006, p. 17). Assim, o psicólogo neste contexto deve realizar a promoção de saúde e a prevenção, além de avaliar e acompanhar casos leves a moderados, que não necessitem de um serviço especializado em saúde mental (GORAYEB, BORGES E OLIVEIRA, 2012).

O Ministério da Saúde postula que existem diversas responsabilidades a serem compartilhadas entre as Equipes Matriciais da Saúde Mental e Equipes da Atenção Básica, nas quais destaco, por serem fundamentais para a iniciativa de realizar este trabalho: a priorização de casos mais severos, evitar práticas que levem à psiquiatrização e medicalização de situações comuns à vida cotidiana, utilização de recursos comunitários, priorizar abordagens coletivas e de grupos como estratégia para atenção em saúde mental, e o trabalho

de vínculo com as famílias, tomando-as como parceiras no tratamento, e buscando constituir redes de apoio e integração (BRASIL, 2007).

A realidade é que cada dia mais, a população vem tomando conhecimento a respeito da possibilidade de ajuda do psicólogo para enfrentar dificuldades nas mais diversas áreas. Desajustes emocionais e comportamentais são queixas frequentes nos consultórios médicos e em salas de aula, tornando-se cada vez maior a demanda da população para o olhar e contribuições da psicologia. Sendo assim, há grande procura das famílias e grande apelo das escolas que buscam compreender e solucionar os problemas que verificam no dia-a-dia, com a ajuda do psicólogo.

Dados do próprio Ministério da Saúde (BRASIL, 2007) e estimativas internacionais, revelam que, se 3% da população do país (cerca de 5 milhões de pessoas) apresenta necessidade de cuidados contínuos, por apresentarem transtornos mentais severos e persistentes, este número triplica, quando estimamos as pessoas que precisarão de atendimento eventual, por transtornos menos graves (cerca de 15 milhões de pessoas).

Por estarem mais próximas das famílias, as equipes da atenção básica são as primeiras a entrarem em contato com estas demandas. O Ministério da Saúde mostra que 56% dessas equipes referiram realizar “alguma ação em saúde mental” (BRASIL, 2007, p. 3), e compreende que “será sempre importante e necessária a articulação da saúde mental com a atenção básica” (BRASIL, 2007, p. 3)

Contudo, na nossa realidade, tem-se que a falta de recursos de pessoal, e a falta de capacitação, prejudicam a tarefa de desenvolver uma ação integral pelas equipes (DIMENSTEIN, 1998). Com isso, surge a necessidade de estimular nas políticas de expansão, formulação e avaliação da atenção básica, diretrizes que incluam a dimensão subjetiva dos usuários e os problemas de saúde mental. Desta forma, o MS pretende assumir o compromisso com a produção de saúde, a eficácia das práticas e a promoção da equidade, da integralidade e da cidadania (BRASIL, 2007).

Estudos mostram que o modelo tradicional de trabalho do psicólogo clínico jamais vai dar conta das especificidades do campo da saúde mental em órgão público, embora em grande parte dos serviços, ainda seja este o tipo de atendimento oferecido à população (ARCHANJO, 2012; DIMENSTEIN, 1998, OLIVEIRA et al., 2004). Este quadro, em grande parte diz respeito à formação do Psicólogo, que na grande maioria das vezes é treinado para, com o seu

olhar clínico, avaliar, diagnosticar e tratar. A proposta de promover saúde chega com estranhamento ao psicólogo, também pouco habituado a pensar sua prática dentro de uma perspectiva da saúde coletiva (ARCHANJO, 2012, DIMENSTEIN, 1998). Além disto, há uma cultura que abarca tanto a categoria, quanto o senso comum de que psicoterapia é sinônimo de atuação psicológica, o que acarreta na ausência de dilemas por parte do profissional e da instituição de Saúde Pública a respeito da adequação da prática do psicólogo (OLIVEIRA, et al 2004). Tais autores mostram que uma prática voltada prioritariamente para o tratamento nos moldes da psicoterapia tradicional gera uma demanda reprimida na população que acaba não sendo atendida, e desvia o psicólogo da atuação em campos multiprofissionais e de promoção e prevenção. Embora admitam que pode e deve haver espaço para a realização da psicoterapia quando necessário, os autores evidenciam que a acomodação do profissional nestas modalidades de atendimento infringe os princípios universalistas do SUS.

Em se tratando de UBS, Archanjo (2012) aponta que este é um campo onde a atuação do psicólogo está em constante transformação, sempre buscando referenciais técnicos e éticos para dar conta de exercer uma prática profissional que assuma seu compromisso com a sociedade. Para oferecer um atendimento integral e garantir a equidade de acesso ao serviços, é necessário que o profissional lance mão de técnicas mais ágeis e apropriadas para atendimento de grande volume de pacientes de forma eficaz.

A inserção do psicólogo nos aparelhos públicos de saúde exige, então, uma postura reflexiva dos profissionais a respeito de sua prática. É preciso empreender possíveis melhorias nos atendimentos, bem como produzir estudos que avaliem as práticas e possibilitem a replicação do conhecimento produzido através das capacitações, pontos primordiais para o avanço da inserção da Saúde Mental (AMIRALIAN, 2013; GORAYEB, BORGES, & OLIVEIRA, 2012; MEDEIROS, 2003 TRAVERSO-YÉPEZ, 2001).

3 Objetivo Geral

Analisar o alcance das primeiras intervenções psicoterápicas baseadas no modelo das Consultas Terapêuticas de Winnicott, realizadas com familiares e crianças que buscaram atendimento psicológico na UBS.

3.1 Objetivos específicos

- Investigar se os primeiros atendimentos favoreceram a ampliação da compreensão dos pais a respeito da dinâmica da família;
- Investigar se houve por parte do(a) pai/mãe uma melhor compreensão sobre as demandas da criança;
- Analisar se os atendimentos permitiram a construção de uma postura mais madura dos pais diante das necessidades da criança;
- Pesquisar a repercussão junto às famílias atendidas, quanto à manutenção, modificação, atenuação ou remissão das queixas e demandas inicialmente apresentadas.

4 Metodologia

Este trabalho é a busca de uma compreensão mais profunda sobre aquilo que se manifesta na consciência dos pais a respeito do processo desencadeado pelas intervenções iniciais realizadas. Nosso objeto de estudo é, portanto, um fenômeno manifesto na consciência, que poderá ser apreendido através de sentidos e significados a ele associados pela consciência da pesquisadora, o que faz do método clínico-qualitativo a escolha mais apropriada para dar conta de abarcar tal objeto (TURATO, 2008). A partir deste método, o pesquisador é compreendido como o principal instrumento para a coleta e o registro de dados. A entrevista semi-dirigida é recomendada, mas torna-se um instrumento auxiliar, sendo que a reflexão e a introspecção do pesquisador adquirem destacada importância. O pesquisador, ao perceber a manifestação de seu objeto de estudo como uma experiência de vida, atribui a ela um sentido, como se ela possuísse uma tendência a seguir para um determinado lado, que é para onde ele joga seu olhar. O fenômeno que buscamos compreender se manifesta através de representações do significante, transmitidas pela linguagem, a que devemos atribuir um significado. O observador de um fenômeno perceberá múltiplos significados na vivência de quem é observado. A postura do pesquisador clínico-qualitativista deverá valorizar as angústias e ansiedades existenciais como fundamentais, acolhendo, numa atitude clínica, as ansiedades do entrevistado (TURATO, 2008).

O modelo proposto consistiu em realizar as primeiras entrevistas com um dos pais ou responsável pela criança, e quando possível, atender também o outro genitor, mas separadamente. Isto porque a descrição de Winnicott (1984) sobre consultas terapêuticas envolve apenas o paciente e seu terapeuta. Estas primeiras entrevistas foram conduzidas não somente com a finalidade de levantamento de queixas, anamnese e avaliação, mas sim, baseando-nos no modelo das consultas terapêuticas (WINNICOTT, 1984; 1994; SOUZA & TARDIVO, 2008; SOUZA E MOTTA, 2008), nossa proposta foi buscar em cada encontro, seja com o pai, com a mãe, ou com a criança, uma comunicação significativa e a possibilidade de intervenção e retomada do desenvolvimento do(a) mesmo(a).

O encontro inicial se daria com qualquer um dos pais, mas nos três casos que compuseram a amostra foram com mães, que trouxeram seus filhos(as) e não foi possível agendar atendimento a nenhum dos pais por motivos diversos. Logo após o primeiro encontro

com a mãe, foi realizado um atendimento à criança, e então mais dois encontros com a mãe e mais um atendimento à criança. O conteúdo das consultas foi descrito pela pesquisadora o mais rápido possível, de forma detalhada. Não houveram gravações de nenhum tipo nesta etapa da pesquisa, de forma que as falas reproduzidas por escrito não são transcrições, mas reproduções baseadas na memória da terapeuta/pesquisadora. Foram relatados os principais diálogos que ocorreram, procurando-se descrever da forma mais honesta e exata possível o conteúdo total da entrevista, não somente o que foi dito, mas também como, bem como aspectos da transferência e contra-transferência percebidas nas situações. Optou-se por oferecer à mãe a oportunidade de tornar-se sujeito de pesquisa após os atendimentos, visando que estes transcorressem da forma mais natural possível. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) foi devidamente assinado pelas mães participantes da pesquisa.

Após estes 5 primeiros atendimentos, tendo a mãe consentido com o convite a participar da pesquisa, foi realizada uma entrevista semi-dirigida com a mesma, no mesmo consultório onde ocorreram as consultas. As perguntas foram abertas e trataram de temas como os problemas que motivaram a busca por atendimento psicológico, expectativas que haviam sobre a ajuda que seria encontrada, situação atual da família e da criança e o posicionamento dos pais em relação ao enfrentamento dos problemas atuais (APÊNDICE B). Esta entrevista foi gravada pelo gravador de voz do computador pessoal da pesquisadora e posteriormente transcrita na íntegra. O objetivo da entrevista foi compreender a repercussão dos atendimentos junto à família.

Para complementar a análise dos dados coletados, as queixas iniciais trazidas pelos pais, assim como as demandas observadas no caso foram circunscritas ao longo dos encontros e usadas para pesquisar possíveis repercussões das intervenções em sua modificação ou permanência, bem como sobre o posicionamento das mães em relação a elas. A análise do conteúdo tanto dos atendimentos quanto da entrevista final foi apresentada segundo as recomendações de Turato (2008, p. 265):

Enquanto os dados coletados levam à forma de palavras, os resultados obtidos devem conter citações literais ilustrativas que dão vida à apresentação, bem como as interpretações, com toda sua riqueza devem estar tão próximas quanto possível da forma como aparecem gravadas. Além do mais, o pesquisador deve complementar com as observações emergentes no setting da entrevista.

4.1 Casuística

O critério de inclusão empregado para a participação na pesquisa foi a apresentação das famílias para início dos atendimentos psicológicos ao longo de 3 (três) semanas consecutivas. O período inicialmente estabelecido foi de duas semanas, mas houve necessidade de ampliação devido ao alto índice de famílias que caíram nos critérios de exclusão. Ao longo destas 3 (três) semanas, 12 (doze) casos foram recebidos no total.

Foram utilizados como critérios de exclusão para compor a amostra, o comprometimento muito sério da criança ou da família, que por sua complexidade, de antemão justificasse a inserção da mesma em processo de psicoterapia, ou o trabalho em conjunto com outros profissionais e órgãos competentes. Excluímos assim 5 (cinco) casos em que havia evidência ou suspeita de quebra de direitos da criança por violência, maus tratos, negligência, vivência de crises desestabilizadoras da configuração familiar ou psicopatologia evidente por parte da criança ou do familiar. Excluiu-se da amostra também 1 (um) caso em que participaram das primeiras entrevistas a avó e depois ambos os pais ao mesmo tempo, pois não serviria para a análise de acordo com a metodologia empregada para este estudo. Assim, da amostra inicialmente composta por 12 (doze) famílias que iniciaram o atendimento, 6 (seis) casos foram prontamente descartados por enquadrarem-se em algum dos critérios de exclusão estabelecidos. Os demais casos foram incluídos como possíveis sujeitos de pesquisa, mas houve a desistência dos atendimentos em 3 (três) deles, não tendo sido possível concluir os atendimentos iniciais. A Tabela 1 (APÊNDICE C) mostra com mais detalhes o perfil dos 9 (nove) casos descartados. Com os três casos restantes foi possível concluir a presente pesquisa, pois foram frequentes e consentiram em participar.

5 Resultados

Os resultados aqui apresentados foram divididos por caso, sendo uma seção destinada ao Caso 1, do paciente Ítalo e sua mãe, Lívia, cujos atendimentos prestados estão descritos no Apêndice D. A transcrição completa da entrevista com a mãe encontra-se no Apêndice E.

A seção seguinte destina-se à avaliação de resultados do Caso 2, do paciente Paulo, e sua mãe, Renata. A descrição dos atendimentos prestados a este caso encontra-se no Apêndice F, e a transcrição completa da entrevista com Renata, no Apêndice G.

A terceira seção traz os resultados do Caso 3, da paciente Marcela e sua mãe, Dora, e o relato de seus atendimentos encontra-se no Apêndice H. A entrevista completa com Dora pode ser lida no Apêndice I. Todos os nomes que constam neste estudo são fictícios, a fim de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

No início de cada seção foram listadas as queixas referidas diretamente pela mãe, bem como as transcrições dos encaminhamentos por escrito, quando houve. Procurou-se realizar seu levantamento na ocasião do início das consultas, a fim de comparar sua evolução após o decorrer dos encontros e intervenções.

Encontram-se listadas também as demandas percebidas pela pesquisadora, de acordo com uma compreensão baseada na visão psicanalítica de D. W. Winnicott sobre a realidade psíquica da mãe, do paciente e das relações familiares.

Os resultados baseiam-se na evolução dos diferentes pontos listados, entre queixas e demandas e das reflexões suscitadas pelos atendimentos e conteúdo da entrevista semi-dirigida realizada com a mãe ao final destes atendimentos. Por meio da análise qualitativa do conteúdo da entrevista final foi possível analisar o alcance dos atendimentos de acordo com seu conteúdo. Acompanham a análise dos dados algumas vinhetas extraídas das entrevistas semi-dirigidas, bem como alguns pontos discutidos nos atendimentos anteriores, buscando-se dar vida e consistência aos apontamentos.

5.1 Resultados e Análise de dados- Caso 1- Ítalo

Os resultados a seguir são baseados nos atendimentos prestados a Ítalo, de 7 anos, bem como às entrevistas realizadas com sua mãe, Lívia, (Apêndices D e E).

Queixas levantadas pela mãe do paciente:

- Queixas escolares semanais sobre comportamento inadequado em sala de aula.
- Queixas da babá sobre comportamentos inadequados.
- Ítalo requisita a presença do pai com frequência.
- A criança é carente de figuras masculinas.
- Filha é “seca”, não demonstra afeto pelo irmão.

Demandas percebidas no caso:

- Aproximação afetiva entre os membros da família.
- Mãe necessita resgatar a confiança nos próprios recursos que ajudam a cumprir as funções maternas.
- Ajudar a mãe a facilitar a socialização do menino.
- Reconhecer as necessidades e recursos do filho e dela também
- Favorecer o contato da mãe com a professora, estreitando uma rede de apoio ao redor da família.

As consultas empregadas no caso de Ítalo, de antemão foram compreendidas como um possível prelúdio para um trabalho mais aprofundado, de atendimento por um tempo maior. A história do caso apontava para uma falha ambiental na função paterna, que nunca foi firmemente estabelecida na vida de Ítalo, levando a sérias implicações para o mesmo. Além

disso, a falta de vínculos seguros em sua vida familiar, amorosa e mesmo social, funcionou como um agravante, dificultando a socialização de Ítalo. Nota-se o quanto a mãe se apresentava assustada com as queixas em relação ao filho, bem como com a sensação de impotência e desamparo para lidar com ele. O emprego da consulta terapêutica neste caso visou resgatar recursos na mãe que pudessem melhorar sua percepção e contato com os filhos e favorecer do uso de recursos ambientais da comunidade para suporte no atendimento das necessidades da família.

Os resultados obtidos nos atendimentos iniciais mostraram que houve mudanças em diversos aspectos pessoais dela, de Ítalo e das relações familiares. Ela nota que o filho tornou-se uma criança mais fácil de lidar, o que melhorou sua relação com ele de maneira geral, como explicitado nos seguintes trechos da entrevista¹:

Num é 100%, mas deu pra perceber que ele deu uma melhoria bastante.

Deu pra perceber, que realmente ele tá melhorando sim. Um pouquinho mais calmo, a gente não precisa estar falando dez mil vezes a mesma coisa pra ele, e assim, tá bem melhor mesmo.

A mãe atribui esta melhora no relacionamento aos atendimentos recebidos, como se verifica no seguinte trecho, no qual transparece que através dos atendimentos ela encontrou a possibilidade de uma maior aproximação afetiva com o filho:

Eu acho que sim, acho que (os atendimentos) ajudou tanto ele quanto eu também, né, porque como eu falei, das primeiras vezes, que eu era mais fechada, num tinha tanta assim... Conversa, contato assim, e é... Foram, assim, coisas que a gente vai ouvindo, a gente vai vendo, a gente aprende a enxergar, pra falar a verdade... e que não é desse jeito que a gente tá fazendo, e sim de uma outra forma que sabe... Possa perceber um pouco mais de carinho... Brincadeiras, entendeu... Então acho que ajudou bastante.

A fala da mãe aponta para a vivência de uma situação terapêutica que envolve a possibilidade de olhar melhor, de ouvir melhor, de sentir uma aproximação afetiva e uma abertura maior para a espontaneidade. Estas mudanças resultam da experiência de holding que as consultas propiciaram à mãe, quando ela pode sentir-se olhada e ouvida.

Quanto à queixa de comportamento por parte da babá, ela relata em seu segundo atendimento (terceiro atendimento do caso) que a mesma não voltou a se queixar, e a mãe também não levantou mais este tema. Já quanto às queixas por parte da escola, estas eram as que mais causavam incômodo à mãe, levando à sensação de impotência, por não conseguir agir diante das cobranças e ameaças. Sobre esta situação, percebemos que houve uma

¹ As falas foram transcritas na linguagem coloquial, tal como emitidas na entrevista.

modificação, um avanço da mãe em direção à resolução do problema, a partir do resgate da capacidade dela se comunicar. A incapacidade de se expressar, de ser ouvida, ou seja de comunicar algo de si, mostrou ser uma angústia significativa para esta mãe. O apoio prestado a ela, ajudou a resgatar sua capacidade de comunicar-se, colocando em devir uma relação em que ela sai da posição de objeto e caminha rumo a ser sujeito. Desta maneira, abre-se a possibilidade de Lívia tomar uma posição frente às queixas da escola, bem como assumir uma postura mais madura em relação às dificuldades do filho:

[...] eu posso ir conversar com ela! Então assim, A gente tá conseguindo se entender... Tanto ela lá na escola com ele quanto eu em casa com ele também.

Eu acho que é melhor, porque pelo menos assim eu fico sabendo direto da professora não assim... Da “tia” (babá) que fica com ele... Da moça (coordenadora da escola) que me parou no meio da rua, entendeu? Eu fico sabendo dela mesmo o que ela está achando, se ele está... Do comportamento dele, e acho que ficou até melhor.

Esta aproximação do diálogo com a escola é importante para a mãe formar uma rede de apoio social em torno da família. Se ela percebe que pode dialogar com a professora e outros membros da escola, isto se torna um importante recurso para auxiliá-la na educação da criança. Com isso, Ítalo já não tem mais recebido tantas reclamações quanto antes, e que agora, quando existe alguma, não se trata de algo tão grave:

Não é mais aquela mesma reclamação do começo, que não está mais aguentando, que talvez ele seria transferido e tal.

Com a entrada da professora ao lado da mãe exercendo os cuidados em relação à criança, verificou-se um avanço no processo de socialização de ambos. Ela pode perceber estas alianças como algo positivo, embora existam sentimentos contraditórios, entre a confiança e o sentimento de estar sendo acusada de ser uma má mãe. Ela demonstra tentar confiar na professora e na psicóloga para auxiliá-la na tarefa de ser mãe, mas ainda incorre em auto ataques, que dificultam que ela consiga trabalhar com as críticas de forma positiva e madura, dado o seu lugar de mãe, tal como ilustram as seguintes falas da mãe:

Eu fiz como a senhora sugeriu.

Então ele sabe que é uma coisa (o caderno por onde a mãe e a professora estariam se comunicando) que está tendo o controle dele.

É, porque ele sabe que tem esse alguém que sabe que assim, toda vez que ele obedecer ele sabe que ele vai ser elogiado, alguém vai estar lá pra ver que ele também sabe obedecer.

P- E você? Como você fica dependendo do que você leu lá?

Ah, eu fico chateada, porque assim, eu vejo que assim, às vezes eu estou tentando fazer de uma forma que eu sei que eu não estou conseguindo... Eu já tentei assim, que nem, antes de vim, antes de ele começar a passar na psicóloga, eu tentei de várias outras formas e assim, não tinha resultado... Entendeu... Então às vezes eu... Sei lá...fico pensando que eu num... Sei lá... num sei dar educação... Que eu num sou uma boa mãe... Entendeu...

Percebeu-se que a mãe está identificada com o filho, com dificuldade de se colocar como uma figura adulta. Receber críticas sobre o filho deixa-a insegura quanto à sua capacidade de exercer a função materna. A questão básica de Livia mostra ser o resgate da confiança em si mesma e em sua capacidade de cuidar. Algumas dificuldades da mãe foram percebidas como parte da estrutura da personalidade da mesma, como a tendência a incorrer em auto ataques e sentimento de inadequação. Contudo, ainda que uma mudança profunda na personalidade da mãe não seja esperada a partir das primeiras intervenções psicoterápicas, o que se percebeu foram avanços em termos de sua capacidade de auxiliar o filho em suas questões.

O suporte dado até o momento fortaleceu-a para encarar os problemas escolares de Ítalo de forma mais objetiva, assim como modificou a maneira de lidar com a ausência de seu pai. Ítalo perguntava com frequência sobre o pai, e a respeito disso, mesmo tendo seu contato telefônico, Livia sempre evitou ligar, e não dava resposta alguma ao filho, mostrando-se pouco empática. Na ocasião das primeiras entrevistas, foi feita uma intervenção no sentido de mostrar a ela que ela não teria que arcar sozinha com a criação de Ítalo. Foi incentivada a procurar entrar em contato com o pai, comunicando-o sobre as dificuldades de Ítalo e convidando-o a participar das sessões. Livia conseguiu então transpor esta barreira, como relata a seguir:

Eu tentei falar com ele, e falei com a mulher dele que o Ítalo estava passando na psicóloga e que seria bom se ele viesse também pra conversar, e ela pegou e me falou (a respeito do pai ter sido preso).

À medida que ela é escutada, pode revelar-se mais claramente, integrar-se e colocar-se como sujeito na relação com o outro. Neste caso, a experiência da consulta favorece uma relação em que ela experimenta ser sujeito e ganha voz, para então, fazer-se ouvir e acessar as pessoas que podem formar uma rede de cuidados ao seu redor.

Neste contexto, há um dado de realidade que não podemos deixar de lado. O pai de Ítalo era realmente ausente do convívio com este, e naquele momento, esta ausência tornou-se uma realidade inevitável. Embora Livia não tenha contado a Ítalo sobre a impossibilidade de falar com o pai no momento, devido aa ele estar preso, ela mostrou ao filho que está ao seu

lado para desfazer este desencontro. Dá uma resposta a ele, a partir de sua compreensão sobre a necessidade que ele comunica, e não mais deixa a situação num vazio sem compreensão e sem saída possível, o que parece ter diminuído a ansiedade da criança em relação à questão.

Quando a mãe se deixa entrar em contato com a situação real da ausência do pai, diminui a própria expectativa de que o mesmo venha a realizar algo por ela ou pelo filho no momento. Isto pode ajuda-la a assumir com mais segurança seu próprio modo de manejar as questões familiares. De acordo com esta situação, percebemos que ela deu maior abertura para a entrada de figuras paternas substitutivas, que ajudam a dar um suporte à sua relação com o filho, como é o caso da psicóloga, da professora ou mesmo da escola, em última instância. Não podemos descartar que a própria babá de Ítalo auxiliou, exercendo a função paterna, quando convence a mãe a levar Ítalo à psicóloga. Como consequência disto, observa-se a diminuição da necessidade da criança de ter a presença física do pai real:

Agora ele não fala tanto como antes.

Porque do pai dele até então não é mais aquela cobrança como antes.

Fala uma vez ou outra, mas é bem raro mesmo...

Acho que da última vez que ele me perguntou eu falei que num tinha conseguido falar com ele, mas que eu ia tentar novamente...

Esta última fala sinaliza que a mãe adotou uma postura mais empática em relação ao problema apresentado pelo filho. Ela se coloca ao seu lado para ajuda-lo numa tarefa que ele não poderia empreender sozinho. Livia usufruiu da experiência de holding proporcionada pela escuta atenciosa e apoio, resgatando em si estas funções, e melhorando sua percepção sobre si e sobre o outro. A própria situação da entrevista gravada (APÊNDICE E), sendo uma oportunidade para reflexão sobre as dificuldades e os ganhos obtidos pela família, levou-a a notar aspectos de si que influenciaram na formação das queixas. Com isto, percebemos a transformação de uma queixa que tem uma conotação de apontar o problema do filho de “chamar a atenção”, para uma comunicação a respeito de uma demanda própria da mãe, de ser capaz de dar mais atenção ao que ele fala. Da mesma forma, ao refletir durante a entrevista a respeito da filha, Livia passa a perceber que a tem deixado de lado. Esta melhoria da auto-percepção da mãe abre portas para uma relação mais próxima com os filhos.

Livia mostrou-se mais segura para notar as próprias falhas e analisar as situações com outros olhos. Sua tendência aos sentimentos persecutórios diante de incertezas sobre o mundo do filho atenuaram-se e ela foi capaz de percebê-lo sem tantas distorções. Ao elaborar os

sentimentos persecutórios que acompanharam o evento em que ela percebia o filho mentindo e a coordenadora da escola acusando-a, ela pôde rir da situação e, ao mesmo tempo, perceber que não compreendeu o código do filho devido à falha em sua escuta. Esta mudança de seu olhar a fez reconhecer as características positivas da criança, como ilustram os trechos a seguir:

Eu acho que eu tenho que prestar mais atenção nas coisas que ele fala. Porque até então não tinha porque eu brigar com ele, porque até então ele não estava mentindo.

Aí eu fiquei pensando assim, que ele não mentiu em nenhum momento...

Só que ele me falou no dia, e eu não levei em consideração...

Eu achei muito engraçado, e comecei a rir sozinha depois...

E ele é mais esperto do que eu imagino... bem mais esperto!

Eu achei muito engraçado, eu não falei pra ele, nem ri na frente dele, né? Mas eu achei muito engraçado depois, e eu fiquei pensando “que menino”!

No início dos atendimentos, Livia mostrava sua dificuldade de oferecer atenção aos filhos, de manter junto aos mesmos um relacionamento afetivo próximo e tinha pouca capacidade de agir empaticamente diante de suas questões. Estes prejuízos influenciaram também seu relacionamento com Isabela, sua filha mais velha, sendo que Livia acabou formando uma visão distorcida da mesma. Aos dez anos, Isabela foi percebida pela mãe como uma suposta adolescente que gosta de ficar “na dela”. O trecho a seguir ilustra até que ponto vai a distorção da mãe, que ainda atribui como um motivo para trazê-la para os atendimentos, o desejo que ela se torne uma melhor cuidadora do irmão:

Ah, bem, assim, a Isabela ela é sossegadona no canto dela, acho que a gente não tem... O único problema da Isabela mesmo é agora que ela começou com uma mania de mentira, mas até então eu e a Tânia (babá) estamos tentando tirar isso dela, mas, normal, mas é assim, às vezes eu falo: “ai, a Isabela não me dá trabalho”, mas num é, é que é assim, num sei se é porque o Ítalo é menor, num se é porque ele me dá mais trabalho, mas ela já teve a fase dela de dar trabalho... Nunca deu trabalho como o Ítalo, mas já deu o trabalho dela... Ela já é mais assim... já tem o jeito dela mais, sabe, adolescente? Então ela é bem assim no canto dela mesmo...

P- É você já tinha conversado sobre a possibilidade dela vir, né... Acho interessante...

É, acho que assim, pra saber assim, né... Pra aprender um pouquinho, como eu aprendi a lidar, pra ela aprender um pouco a lidar com o Ítalo, porque isso também vai ajudar, porque eu sinto que ele também sente um pouco de falta de carinho da parte dela também...

Esta fala em si é um sinal da demanda da mãe da presença de alguém maduro em sua vida que possa dar suporte a ela, além de demonstrar a possível fragilidade da criança, que

embora tenha a presença constante de outros adultos em sua vida, convive com uma mãe que tem sérias dificuldades de percebê-la como filha. A partir do momento que, durante a entrevista, intervenho nesta situação mostrando que enquanto Ítalo “dá trabalho”, ou seja, está solicitando atenção de que precisa, o que é um sinal de saúde, não percebemos em Isabela o mesmo movimento. Esta intervenção provoca na mãe uma percepção mais clara sobre sua conduta em relação à filha, e ela interrompe minha fala para declarar:

É, que na verdade eu estou me preocupando mais com ele também e estou me esquecendo um pouquinho dela...

Nota-se que a mãe pode aumentar o contato psíquico com ela mesma e com os filhos, e percebeu-se uma mudança de posicionamento diante das questões que incomodavam no início. Alguns dos efeitos diretos explicitados foram a melhoria da auto-percepção, o aumento da empatia com os filhos, e a aproximação dos recursos presentes no entorno da família, como a escola. Neste sentido, os primeiros atendimentos atenderam à proposta de favorecer o amadurecimento da mãe, resgatando recursos em si que favorecessem o desempenho da função materna.

5.2 Resultados e Análise de dados- Caso 2- Paulo

Os resultados a seguir são baseados nos atendimentos prestados a Paulo, de 12 anos, bem como às entrevistas realizadas com sua mãe, Renata (Apêndices F e G).

Queixas e demandas trazidas pela mãe:

- Apresenta sintomas de ansiedade como falta de ar, gagueira, choro e vermelhidão quando se vê diante de cobranças relacionadas às tarefas escolares.
- Dificuldade de aceitação por parte do paciente do diagnóstico de dislexia (fornecido pela Associação Brasileira de Dislexia- ABD) e suas implicações.
- Paulo sente-se diminuído, inseguro e retrai-se diante da necessidade de encarar suas limitações.
- Mãe deseja aprender a lidar com o filho, ajudando-o de forma adequada e aproximando-o dos demais membros da família.

Demandas percebidas pela psicóloga:

- Necessidade de integrar aspectos positivos e negativos na percepção do filho, melhorando a percepção a respeito do mesmo.
- Trabalhar com a elaboração imaginativa, com a quebra do objeto fantasiado e o reconhecimento do objeto real.
- Ampliar a capacidade da família de sustentar de maneira confiável a relação com um membro familiar “imperfeito”.
- Melhorar a auto-estima do adolescente, por meio do auto-conhecimento e valorização de si.

O caso de Paulo chama a atenção, num primeiro momento pelo fato de que em grande parte, as demandas percebidas pela psicóloga estavam estritamente relacionadas às queixas e demandas inicialmente apresentadas pela mãe. Isto mostra que houve por parte da mãe uma boa percepção a respeito das necessidades do filho. Ao final da entrevista (APÊNDICE G), a mãe fez um relato que podemos dizer que resumiria a perspectiva pela qual as dificuldades de Paulo foram observadas também pela terapeuta:

Então eu acho que a cabecinha dele ainda tem que ser um pouco mais trabalhada, né, pra que ele aceite melhor essa situação, pra que ele entenda que ele é diferente, mas não o suficiente para que as pessoas não gostem dele. Porque a impressão que dá é assim, que ele se fecha por medo de rejeição. Pra que ele aceite melhor as pessoas e deixe as pessoas chegarem perto dele, né? Não tenha que se proteger tanto. Então bate mais na aceitação, no auto-controle. E ele entender que todo mundo tem as diferenças, não só ele tem, e que ele pode ser amado sim dessa forma, porque a impressão que dá é assim que ele se protege com medo de que as pessoas rejeitem ele. Existe uma competição, sabe, família, desbravador, que é a atividade extracurricular que ele faz, né, que é assim você vê que ele tem medo. Ele tenta sempre fazer o melhor que é para que as pessoas aceitem ele. Eu acho que não é assim. Eu acho que ele tem que entender que as pessoas vão aceitar ele, da forma como ele é.

Acredito que a melhor maneira de ajudar Paulo foi oferecendo o *holding* que ele necessitava, ou seja, a experiência de ser aceito por inteiro e integrar seus diferentes aspectos. No início do primeiro atendimento, recebeu a aceitação e valorização de todo o aspecto positivo de si que ele buscou me apresentar. Ao final deste mesmo atendimento, fez um

desenho que se transformou na comunicação sobre um esforço para ocultar uma sensação de mal estar, através de um sorriso disfarçado. Quando comunico a ele o que percebo em seu desenho, aproximo-o da consciência sobre seu funcionamento social, sobre o esforço que ele parece fazer para disfarçar algo que não lhe agrada. Ao captar este aspecto de seu funcionamento, investi em estabelecer uma relação de confiança em que há possibilidade de comunicação destes elementos ocultos, respeitando os limites e o tempo do adolescente. No segundo atendimento, Paulo faz um desenho representativo de diferentes aspectos de si, que abarcavam suas principais virtudes, mas também deixavam notar suas falhas. O desenho, que continha elementos surpreendentes, foi utilizado como comunicação sobre os conflitos em relação à sua auto-imagem. Pelo aproveitamento do potencial transformador presente nestes elementos surpreendentes, possibilitou-se a conquista de uma visão mais integrada sobre si. A rejeição, a exclusão e as cobranças temidas não se realizam diante do reconhecimento de aspectos como a diferença (desenho da lhama) e a desvantagem (desenho da formiga), mas sim ocorre um clima propício para superar a sensação de ameaça que o imobilizava nas relações. Através destes aspectos negativos, encontram-se qualidades importantes, valorizadas, como a disciplina, a força de vontade e a capacidade para realizar construções complexas, tais como faz uma formiga, e o elemento que surpreende, criativo e que embora não seja esperado, nem agrada a todos, mas pode ser muito interessante, como a lhama. O momento de transição na vida do jovem, que tal qual os pássaros, está migrando para encontrar um lugar mais quente, representou a busca por um contato afetivo. Já o repouso à beira da árvore foi interpretado pela possibilidade de apoiar-se na família, e pela valorização desta para si.

Estas consultas favoreceram com que Paulo tivesse uma visão mais integrada de si, ajudando-o a recuperar sua auto-estima e diminuindo a ansiedade que permeia suas relações. A experiência do *holding* vivenciada nestes atendimentos facilitaram seu crescimento emocional, afrouxando as ameaças e temores pressentidos e permitiram que ele se sentisse menos cobrado e com mais recurso, mais ajuda. Com isso, aumentou sua capacidade de usufruir da relação afetiva que sua mãe e os demais membros da família estavam dispostos a lhe oferecer. As informações coletadas na entrevista com Renata nos mostram de que maneira ela percebeu as transformações que ocorreram em decorrência dos atendimentos:

Ainda está meio precoce, né? O Paulo passou duas vezes só com você, mas assim, tem algumas coisas que ele já faz mais tranquilo, inclusive em casa a gente estava até observando “nossa o Paulo está mais tranquilo, né, mais fácil de lidar” e até a

minha sogra falou assim, “é, ele não está mais brigando tanto com a Heloísa, né?” e eu falei: “que bom, né, teve algum resultado!” Então eu acredito que sim, só pelo fato de ele poder falar pra uma pessoa que não esteja diretamente envolvida com ele eu acho que está deixando ele mais tranquilo, mais confiante. E só pode ser daqui, porque a única diferença que teve foi nessas consultas com você, né, então eu acredito que isso tem ajudado sim, pelo menos eu acredito que ele tem assim, tentado enfrentar melhor o problema dele, não tá se fechando tanto, né... então acho que já começou a ter algum efeito, né, algum resultado...

E assim, ele está começando a perceber que mesmo com a dificuldade que ele tem, ele não é um deficiente, não é um bichinho de outro mundo, então...

Renata percebe que Paulo está mais confiante e tranquilo, bem como disposto a uma maior aproximação afetiva com a família. Ele está “mais fácil de lidar”, ou seja, menos defensivo, permitindo estabelecer relacionamentos mais tranquilos. Penso que a vivência de um relacionamento menos permeado de ansiedade persecutória foi experimentado na relação transferencial, conforme já observado, e pode sustentar-se na relação familiar, pela via das demonstrações de afeto, tal qual a mãe relata na seguinte fala:

Aí o irmão dele chegava assim e dizia “Ah, vamos fazer tal coisa?”; “ah não, não quero... Ah, tem que ler? Não, não quero”. Então assim, ele mesmo ia se isolando. E agora não, ele diz: “tem que ler? Deixa que eu leio!”. Aí o irmão fala assim: “ah, mas você não sabe ler, lê direito aí!”, e ele fala assim: “não, pode deixar que eu leio!” então, assim, aos poucos ele está começando a aceitar, essa dificuldade que ele tem, né...Então fica mais fácil de a gente poder comentar, de a gente poder fazer as coisas.

Esta relação na qual o adolescente pode encarar uma faceta que não lhe agrada sem que precise esconder suas limitações, demonstra o avanço obtido na integração de aspectos positivos e negativos de si. O relaxamento das defesas permitiram a ele a abertura para um relacionamento mais leve e tranquilo, sem que fosse preciso esconder ou negar com tanta força as próprias falhas. O *holding* proporcionado pelos atendimentos iniciou, portanto, um percurso em direção ao fortalecimento e integração, e abriu espaço para que o humor fosse usado para lidar com as questões que anteriormente suscitavam ansiedade, como veremos nas observações de Renata:

Ele chegou em casa reclamando que ela (a irmã mais nova) tinha falado alguma coisa na perua que ele tinha dislexia, e que as crianças olhavam e perguntaram assim “mas o que que é dislexia?”; “não é nada. Não interessa.” (faz expressão facial de raiva); e ele “mãe, ela fica falando pra todo mundo!” e eu “não pode, só pode falar

se ele deixar...” Ai agora ela lembra de alguma coisa e fala pra ele assim, “ô Paulo, pode falar?” e ele “não, não pode!” (mãe imita sua expressão facial, de achar graça disfarçadamente).

P- (risos) Ela já cria todo o clima...

Ela fala: “mãe, pode falar?” E eu: “eu não sei... Paulo?” e ele: “não, não pode”. Então assim, né, mesmo na brincadeira, é uma forma de ele tratar melhor o assunto, e isso não acontecia. Se fosse antes, em outra época ele já tinha chegado em casa chorando, de bico, né, fazendo drama, e não foi o que aconteceu.

Percebemos na situação ilustrada a cima, que a família pôde ajudar o paciente a encarar com mais naturalidade a situação, respeitando-o, mas sem tornar o assunto um verdadeiro tabu. Se antes dos atendimentos ele dava sinais de irritabilidade, sentindo-se inferiorizado e exposto, num segundo momento, a mãe mostra que ele, embora ainda não se sinta a vontade para falar abertamente para pessoas de fora sobre o diagnóstico, consegue trazer à cena um pouco de humor, tratando de maneira mais tranquila algo que antes suscitava grande sofrimento.

A fantasia que havia por traz da ansiedade de Paulo a respeito de ser excluído da família pôde ser trabalhada pela mãe à medida que ela tomou conhecimento de tal fato. A mesma foi capaz de empreender pequenos ajustes no manejo do cotidiano do filho, que, segundo nossa compreensão, teriam facilitado sua integração e sensação de pertencimento à família. Esta intervenção da mãe buscou mostrar que para fazer parte da família não era necessário ser “perfeito”, e o que se percebeu a partir disso foi a diminuição dos conflitos por comparar a si, um adolescente, com o irmão adulto e com a irmã criança e uma maior aproximação afetiva com a família. Vejamos o que a mãe mostra a este respeito:

Muitos dos conselhos que você dá, parte dele a gente já faz, né, assim, eu tô tentando mudar a abordagem, né, mostrando, que nem você mesma falou, a comparação de uma coisa com a outra, que os irmãos também têm dificuldade, e tudo... Mas assim, eu acho que ele está começando a aceitar, então está ficando mais tranquilo, que nem eu te falei, até minha sogra percebeu a mudança, né, falou assim: “Nossa, o Paulo não tá mais brigando tanto, né, não tá ficando mais tão ansioso, tão nervoso”, então acho que tá mais tranquilo, eu acho que seria essa mesmo a palavra, está mais tranquilo de lidar com ele.

A capacidade da mãe de fazer uso dos recursos que lhe são oferecidos para exercer a função materna, permitiram a Paulo fazer uso de um ambiente facilitador, possibilitando que

avanços fossem alcançados. O adolescente resgatou o aspecto afetivo e de cuidado que a família lhe oferece, e esta, por sua vez soube aproveitar esta mudança, conforme explica Renata:

Porque assim, antes ele criava uma barreira muito grande, né? E agora não, ele está mais acessível, ele está mais carinhoso com a gente, porque antes a gente chegava perto e ele já ficava assim “o que que você quer?”. Agora não, agora ele já está mais carinhoso, mais atencioso com a gente, então acho que já está quebrando aquela barreira, e isso é o mais importante.

A relação do adolescente com seu pai foi avaliada por Renata como sendo em geral permeada de afeto. O pai foi descrito nos atendimentos como bastante presente e cuidadoso em seu trato com os filhos. O casal parece próximo, pois em seu discurso, Renata diz sempre “a gente”, referindo-se a ela e ao pai, parecendo compartilhar da mesma perspectiva que o mesmo sobre as situações relatadas. Vejamos os trechos da entrevista em que se refere ao pai e à família:

Então, assim, a família em si é uma família unida, né... a gente sempre procura resolver os problemas entre si, da melhor forma possível.

Eu mesma e o pai já não sabíamos mais como estudar com ele pra escola, pras provas, né...

Ah, não sei, porque assim, como mãe, e o pai, assim, a gente tenta fazer nosso melhor, mas assim, a gente falha muitas vezes, né? E assim a ajuda de um profissional vai direcionar pra onde a gente deve ir, então eu acredito que é esse o caminho. O outro é... Atenção a gente dá, amor, carinho, o ambiente familiar, isso ele tem, graças a Deus isso tem, eu não posso reclamar.

Estas falas, e muitas outras dão uma perspectiva de que pai e mãe falam de um lugar comum, que há uma harmonia entre seus pontos de vista e desejos. A mãe deixou claro desde o início dos atendimentos que o pai não poderia comparecer às consultas devido ao atual horário de trabalho. Esta falta de tempo foi tema de algumas sessões, em que surgiu o fato de a família estar sentindo falta do convívio com o pai. Notou-se também que havia entre o casal, independentemente dos atendimentos, um diálogo aberto, no qual a mãe alertava o pai quanto aos problemas de sua ausência prolongar-se, bem como cobrava o retorno da qualidade das interações familiares. Diante disto, eles próprios se ajustaram de forma a aproveitar bem os momentos juntos aos finais de semana. A mãe relata que o afastamento do pai em partes se deu devido à busca para proporcionar o reequilíbrio financeiro após a crise vivida na ocasião

de seu acidente. De maneira geral, a ideia que passam é de uma família com laços afetivos consistentes e confiáveis.

Por meio das primeiras entrevistas com Renata, também foi possível proporcionar uma melhora de seu auto-conhecimento e integração das partes do *self*, já que seu funcionamento, sempre voltado para a superação das dificuldades, tinha uma tendência a negar as limitações reais. Esta tendência foi observada quando ela me faz saber que o filho está sendo medicado com antidepressivos apenas em nosso terceiro encontro, ou mesmo por não ter citado em momento algum em seu primeiro encontro comigo que ela havia sofrido há alguns meses um grave acidente que deixou algumas sequelas físicas e mudou a rotina da família (evento relatado por Paulo). Ao dialogarmos sobre a questão da deficiência, termo este que ela rejeita, mas que o filho cita como algo em comum entre os dois, foi possível lidar com a necessidade de aceitação das próprias limitações da mãe. O atendimento ofereceu o *holding* necessário à mesma, permitindo a ela observar com mais tranquilidade suas próprias características. Ao integrar em si estes aspectos, ela pode mostrar-se mais acolhedora em relação às limitações do filho.

Ao passo que certas características ligadas às limitações reais tendiam a ser negadas, outras qualidades, ligadas ao bom uso dos recursos da mãe, que diversas vezes procurou oferecer um cuidado adequado ao filho estavam desprestigiadas. A mãe já havia buscado ajuda psicológica para o filho, quando este estava com seis anos, e não recebeu na época a ajuda esperada, por parte da profissional, e o quadro foi se agravando cada vez mais, até o momento em que quatro meses antes do primeiro atendimento, a mãe encontrou na ABD a possibilidade de obter uma ajuda especializada. Após o diagnóstico, ela passou a dialogar com professores e orientadores da escola a partir das orientações oferecidas pela Associação. Os atendimentos, neste caso, não buscaram questionar ou lidar com a questão do diagnóstico de dislexia em si, mas sim cuidar das demandas do caso. O diagnóstico de dislexia foi trabalhado nas sessões como um dado trazido pela família, e um recurso do qual a mãe se utiliza para apoiar-se e ajudar no enfrentamento das dificuldades escolares do filho. Ela ilustra como algumas barreiras começaram a se romper a partir de sua conduta:

Então assim, não sei daqui pra frente como que vai ser, mas sei que por enquanto ele está bem encaminhado em relação à escola. Eu senti assim um despreparo muito grande dos professores no começo, mas aí depois explicando, e eu levei o laudo, grifado em algumas partes: “olha, professora, eu deixei uma cópia com vocês”; “Ah, mas eu não tive acesso”; “não seja por isso, está aqui” (...). E eu falei pra ela: “não é

certo você cobrar uma coisa que ele não vai conseguir.” (...). Eu cobro, eu exijo, porque senão não vai mudar. (...) E o professor disse assim: “ah, mas não é certo, ele é muito esforçado”, e eu disse: “É, mas só que consequentemente, o que aconteceu? Ansiedade ao extremo, ele sonha com a prova que ele tem que fazer, ele chora, ele entra em pânico, desespero, e isso eu não quero mais que aconteça”. Aí o professor deu uma recuada “Não, então vamos trabalhar melhor isso”.

Observamos que o diagnóstico foi utilizado como oportunidade de providenciar a mudança do olhar que se lançava ao adolescente. Por intermédio da mãe ele deixou de ser visto como aluno preguiçoso que alcança maus resultados porque não se esforça, passando a ser visto como um aluno que deve obter reconhecimento por tais resultados, produto de muito esforço, diante de sua dificuldade. Foi importante reconhecer e reafirmar à mãe todos os movimentos em busca de um cuidado adequado ao filho, como fundamentais para o bom desempenho de seu papel de mãe, ainda que nem sempre tenha alcançado o êxito esperado, como no caso da primeira busca por ajuda profissional. Sua ação foi reconhecida nos atendimentos como uma das principais fontes de apoio para intervir no quadro de ansiedade que ocorria a cada vez que ele era questionado sobre os assuntos da escola. Este era sem dúvida um ponto bastante angustiante para os pais, e foi o que inicialmente os mobilizou para buscar uma avaliação, como ela refere:

Foram muitos anos de sofrimento, de tensão, de cobrança dentro da escola, e por conta de insistência minha, né, achando que tinha alguma coisa errada, a gente resolveu procurar por um laudo, um diagnóstico da dislexia.

O fato de toda a vez que eu perguntava ou tocava no nome da escola e ele já vir chorando, passando mal, muito nervoso...

Ele realmente como válvula de escape ele acabava explodindo, ficando nervoso, acabava brigando com todo mundo, e realmente não tinha mais como, né? Fingir que não estava acontecendo nada.

Uma das mudanças proporcionadas pela escola, em decorrência do diálogo com a mãe foi o emprego de avaliações alternativas às provas escritas, como a confecção de maquetes. O uso dessa estratégia passou a ser frequente pela escola, e teve uma repercussão positiva para a saúde emocional de Paulo, bem como deu oportunidade para a aproximação da mãe da vida escolar do filho. Renata revelou que o filho solicitava sua ajuda para a confecção de maquetes, mas que ele fazia questão de empenhar-se no trabalho. Ela assim, comunica que valoriza o bom uso dos recursos psíquicos do filho, ressaltando que mesmo diante das

dificuldades, não mede esforços para obter bons resultados. A mãe faz as seguintes considerações:

Então, mesmo com tanta pressão, ele sempre gostou muito de estudar, né... e assim, ele é uma criança que não fica só ali no que você passou pra ele, ele quer saber o porquê, ele quer investigar, ele vai defender a tese dele se ele achar que ele está certo, né, então é assim, isso ele criou como “*barreira*”² pra auxiliar ele mesmo nas atividades que ele tinha.

Embora Renata pareça achar bom que o jovem empreenda esforços pessoais para ir além do simples cumprimento das tarefas, esforçando-se para realmente compreender, por outro lado parece sentir-se mal quando o filho não quer sua ajuda. Notamos que há certa dificuldade da mãe em assumir que o filho tenha conquistado autonomia, parecendo desconsiderar a importância de seu apoio para esta conquista. Ainda não foi possível para Renata integrar estes aspectos, relacionados à dependência/autonomia do filho, em que parece pesar ainda um sentimento de culpa pela cobrança exacerbada que exerceu em momentos anteriores:

Então assim, como lidar com isso? Então, indiferente do resultado (da avaliação da ABD) a gente já estava pensando em procurar uma ajuda, porque eu mesma já não saberia lidar com a situação. Eu tenho pra mim que com um laudo positivo ficou mais fácil porque tem uma diretriz o tratamento, mas e aí, como lidar com tudo isso? Eu não saberia, e em casa a gente não saberia como lidar com a situação.

Renata demonstra achar difícil lidar com a situação. Contudo, o que percebemos é que ela vem lidando bem com a situação atual, e necessita de auxílio para elaborar o desencontro entre eles no passado, em que ela sente não ter sido suficientemente adequada. Neste sentido, acredito que a ajuda que ela vem proporcionando ao filho através da confecção das maquetes pode ajuda-la a resgatar entre eles a experiência de cuidado perdida nos anos anteriores.

Acredito que um ponto que será futuramente explorado com a família diga respeito ao fato de que Paulo tem sua própria maneira de enfrentar suas dificuldades, produto de um período de sua vida em que precisou utilizar seu esforço pessoal ao máximo para superar grandes dificuldades, pois ainda não podia contar com o apoio compreensivo dos pais e professores. Diante da autonomia de Paulo em relação aos estudos, conquistada mesmo que à custa de seu sofrimento, talvez não caiba, ao contrário do que a mãe anseia, que o adolescente

² Creio que o sentido que Renata quis dar a esta palavra foi de *recurso* para *ultrapassar a barreira* da dificuldade.

retorne à posição de dependência dos pais para os estudos. A mãe precisa se apropriar de sua conquista em relação à aproximação afetiva entre eles, reafirmando sua auto percepção enquanto mãe “suficientemente boa”.

Paulo, ciente de sua dificuldade e das expectativas a seu respeito, poderá eleger os meios mais adequados para conseguir a ajuda necessária, que não necessariamente seriam os pais. Adolescentes costumam obter muitos ganhos em trabalhar em duplas ou grupos, junto a seus iguais, e os pais passam a ajudar muito quando incentivam e facilitam este tipo de relação. Neste sentido, sabemos que os pais de Paulo incentivam sua inserção nos grupos com outros adolescentes, visto que a mãe e ele relatam suas viagens com grupo de jovens e atividades extracurriculares.

De maneira geral percebemos que houve ganho significativo para Paulo e para sua família em relação às demandas levantadas. Fica claro que as consultas, neste caso, foram parte de um conjunto de intervenções que concomitantemente trouxeram os resultados positivos. Estas intervenções seriam: o respaldo dado pela ABD para que a mãe pudesse intervir com firmeza na conduta dos professores, a mudança na postura da escola, a introdução do uso de antidepressivo, ajudando a controlar os sintomas de irritabilidade e ansiedade exacerbadas e o início do tratamento fonoaudiológico, que dá recursos ao adolescente para melhorar seu desempenho. A visão da mãe sobre as fontes de ajuda é ilustrada pelas seguintes falas:

É, ele vai na neuro, vai na fono...

Ele precisa de um apoio, de um suporte. Então acho que só o medicamento não vai resolver, do mesmo jeito que eu acho que no grau que chegou a ansiedade dele, só o acompanhamento psicológico também não vai ter todo o efeito necessário. Eu acho que agora tem que ser as duas coisas.

Então eu acho que é um conjunto, né, eu acho que só o fato de ter tirado aquele peso, né “ai, eu não sou burro”, que antes ele carregava já ajudou bastante também.

Compreendemos a partir deste relato que a mãe tem uma boa percepção da totalidade das necessidades do filho, e que faz bom uso dos recursos disponíveis, o que se traduz num ambiente propício para enfrentar os desafios que se apresentam.

Do ponto de vista da pesquisadora, as principais mudanças que podem ser atribuídas às consultas, foram a aproximação psíquica entre mãe e filho, a integração de partes do self em

ambos, a melhora do autoconhecimento, aumento da auto-estima, diminuição da ansiedade persecutória e aproximação afetiva da família.

5.3 Resultados e Análise de dados- Caso 3- Marcela

Os resultados a seguir são baseados nas primeiras entrevistas realizadas com Dora, a mãe de Marcela, de 9 anos (APÊNDICE H).

Queixas apresentadas por escrito pela escola:

Dificuldade de concentração, agressividade. Quando cria alguma situação de conflito com colegas e percebe que vai se “complicar”, cria, ou melhor, conta versões diferentes, para pessoas diferentes, tentando se safar. Consegue com naturalidade faltar com a verdade e convencer as pessoas a sua volta, dissocia fatos, consegue “encarar”, ou seja, olha nos olhos e afirma com muita convicção, levando as pessoas a acreditar em suas versões.

Queixas apresentadas pela mãe:

- Com frequência desrespeita a mãe, desobedece, enfrenta.
- É muito ligada ao pai e acusa a mãe de querer afastá-la deste.
- Compara-se ao irmão, diz que a mãe não a ama.
- É ciumenta e ao mesmo tempo, protege o irmão.
- Na escola, briga com as outras crianças e mente para a orientadora.
- Protela e chora na hora de estudar, diz que está cansada.
- Tem medo de ficar sozinha em um andar da casa, de dormir no escuro e com a porta do quarto fechada.

Demandas percebidas no caso:

- Ajudar mãe e filha em seu processo de diferenciação e integração.

- Facilitar a aproximação afetiva da dupla, proporcionando a experiência de uma relação de cuidado parental saudável.
- Favorecer o exercício da função paterna.
- Melhorar a comunicação, a cooperação e a confiança entre o casal para lidar com as situações familiares.

Através da entrevista realizada com a mãe (APÊNDICE I), percebeu-se que ela pode identificar alguns ganhos terapêuticos através das consultas, como certos avanços na retomada de seu papel de mãe e a melhora no diálogo com a filha. Nota-se que houve uma aproximação afetiva entre elas e maior facilidade para exercer sua autoridade de forma mais segura, como relata no seguinte trecho extraído da entrevista³:

Agora ela tem melhorado. Eu converso com ela, eu sento e converso com ela o que é certo, o que é errado, é... Que não é pra ela agir assim, qual a forma correta e ela tem ouvido mais, que ela não ouvia, né? Então o que ela achava, era o que ela achava e estava certo. Então eu acredito que tenha melhorado bastante. Ainda falta um pouquinho, mas pelo visto que estava eu creio que já melhorou bastante, e tem me ajudado muito a eu me portar também, a minha postura com ela e pra eu exigir dela. Então acho que tem ajudado muito.

A mãe nota que a filha está mais animada e receptiva, assim como também demonstra melhor aceitação dos limites que a mãe impõe. Tem dialogado com a mãe sobre o que quer, ao invés de teimar e enfrenta-la. Houve um avanço na qualidade da relação, que tem a ver com o resgate de sua postura como mãe e da imagem da filha como criança, conforme ilustra o trecho a seguir:

Eu vejo ela renovada, é assim, alegre, mais animada pra fazer o que ela gosta e pra aceitar o que eu tenho pra ela, quando eu converso com ela, e falo: “não, não é assim, tem que ser assim”, então ela fala: “Ah, então tá bom. Então outro dia pode ser assim? Então aí a senhora fica comigo?” Então eu acho que ajudou muito nessa parte de aceitar o papel dela de filha e o meu como mãe.

A aproximação, o diálogo e a cooperação entre os pais de Marcela era algo necessário para avançar com os aspectos da segurança na relação familiar que estávamos trabalhando. Era preciso que ele surgisse como um suporte, para que mãe e filha pudessem vencer o desafio de sair de estados de indiferenciação. A mãe aproximou-se do pai após conscientizar-se da importância de seu apoio como um recurso importante para auxiliar nas questões da filha e dela própria, como ilustra o trecho a seguir:

³ Na transcrição da entrevista foi mantido o uso coloquial da linguagem, de acordo com a fala produzida.

Tem melhorado bastante (a relação familiar), eu tenho conversado muito com meu esposo a respeito. A cada sessão que tem, eu passo pra ele o que está acontecendo, e ele tem me ajudado. Porque às vezes ele me via muito nervosa com ela, porque, na verdade até ele ficava perdido de ver minha agressão, né? A forma de eu falar com ela, porque eu queria achar uma forma que ela me aceitasse, que ela me respeitasse, e eu acabava sendo grossa, então era onde ele ficava bravo comigo, e: “não, não é assim que você tem que falar, é desse jeito”. E eu acabava me irritando com ele também. Então a cada sessão que tem, eu passo pra ele como que nós temos que agir, aí ele acaba me apoiando, acaba colocando ela no lugar dela e acaba me ajudando e ao mesmo tempo ajudando ela também, então tem me ajudado bastante.

A partir do momento em que Marcela pôde contar com o suporte do pai e da mãe para vencer obstáculos do desenvolvimento, enquanto passou pela experiência das consultas terapêuticas, notou-se um grande avanço no sentido de ganho de autonomia e melhora de seu auto-cuidado e auto-estima. Seus pais puderam ocupar o lugar de figuras de proteção e cuidado, permitindo a ela a correção de distorções de auto-imagem. Assim, ela pode reunir forças para superar seus medos, visto que pode apoiar-se nos adultos ao seu redor que não mais se apresentaram enfraquecidos e amedrontados pelas fantasias infantis. Eis o que a mãe relata sobre o tema dos medos de Marcela:

Ontem ela superou. Ontem eu falei pra ela: “você vai dormir com a luz apagada”. E ela falou assim: “É. Eu vou dormir com a luz apagada. Então eu vou dormir com a luz apagada... Com a porta aberta, né, mãe?”, e eu falei: “é”. Aí ela pegou e dormiu. Aí não acordou de madrugada não acendeu a luz, porque às vezes ela acordava, mesmo que ela deitasse no escuro, ela acordava de madrugada e acendia a luz. Mesmo com medo, ela foi ontem dormir com um pouco de medo, mas ela deitou e dormiu. Aí hoje ela falou assim: “mãe, eu dormi no escuro, né?” eu falei assim: “dormiu”; “ai, que bom que eu tô conseguindo!”

Os avanços percebidos na cena doméstica da família transformaram a realidade de Marcela também no que diz respeito à maneira como ela está encarando o estudo, tanto da música quanto das tarefas escolares. Está mais dedicada e confiante, bem como sua mãe está conseguindo ajuda-la de forma mais adequada, incentivando-a. Marcela passou a contar com o suporte da mãe num clima mais tranquilo e amigável, e passou a se sentir mais segura. Esta é uma maneira mais saudável de enfrentamento de desafios, que não recai nas defesas anteriormente observadas de regressão à dependência, ou, alternativamente, de progressão para uma maturidade precoce. Hoje ela pode receber o apoio da mãe para desenvolver seus trabalhos escolares de maneira pessoal e espontânea. Seguem a baixo alguns trechos que ilustram estes apontamentos:

Na verdade ela não fazia (as lições), ela queria que eu fizesse, né? E dessa vez eu falei: “não, você lê primeiro o texto e com as suas palavras você faz”. E ela conseguiu ler o texto e explicou o texto da forma dela no papel, e aí eu só indiquei o caminho como que ela ia fazer pra desenhar, e ela desenhou, e depois eu ajudei porque na verdade das outras vezes ela nem tentava, ela não queria nem tentar, né?

Aí queria que eu desenhasse, que eu fizesse a capa, que eu fizesse as bordas, e ela conseguiu fazer assim, só eu indicando o caminho, e ela foi tentando e fez.

É que às vezes eu acho que eu perdia um pouco a cabeça, né, e ficava nervosa e pra acabar rápido eu acabava fazendo e estressava ela também, porque na verdade ela via que era um trabalho que mesmo que ela tirasse dez, ela via que foi uma coisa que ela não fez, que acabava sendo a mãe. Então agora mudou. Eu só dou uma dica e fico ali, olho, falo: “olha que bonito, tá conseguindo” e ela termina e tira dez e aí ela fica mais feliz, e diz “olha, mãe, eu consegui! A senhora me ajudou e eu consegui!” Mas foi ela quem fez.

Segundo Dora, houve uma boa mudança em seu comportamento na escola, tendo desaparecido as queixas escolares neste período, e a criança está obtendo avanços significativos em seu aprendizado:

Olha eu digo que na escola ela melhorou bastante.

Quanto à busca pela construção de uma rotina que incluísse momentos de liberdade entre a mãe e os filhos, a fim de melhorar a qualidade do relacionamento entre eles, notou-se que houve a abertura de Dora, que propôs aos filhos uma brincadeira, ação que partiu da mesma, e repercutiu de maneira positiva para ambas. Nesta ocasião, relatada no terceiro atendimento à mãe (quarto atendimento do caso), ela sentiu-se à vontade para brincar com os filhos e propiciar uma experiência prazerosa para os três. A mãe percebeu o quanto esta aproximação refletiu na atitude da filha, que se mostrou mais engajada nos deveres, colaborativa e carinhosa. Contudo, nota-se que Dora se sente mais à vontade em situações mais controladas, tal como auxiliar numa tarefa escolar. Acredito que o repertório da mãe para a vivência do lúdico, que é mais espontâneo e livre é muito limitado. Segundo seu relato, que ela própria descreve em detalhes em sua terceira sessão (quarta sessão do caso), sua infância foi um período crítico, no qual além de não ser permeado pela liberdade das brincadeiras infantis, ainda existiam riscos reais. Diante de tal situação de vulnerabilidade, brincar era um privilégio do qual ela não traz fortes recordações. Isto está intimamente ligado à situação do relacionamento entre Marcela e seu irmão. Como foi pontuado por Dora, a filha permanece extremamente atenta e cuidadosa com o irmão, procurando ocupar o lugar da mãe. Os trechos da entrevista a seguir dão uma ideia do ponto de vista da mãe a respeito da situação:

Ainda ela continua um pouco sendo superprotetora com ele.

P- Continua fazendo tudo por ele?

Isso, ela ainda quer fazer tudo por ele, ela ainda acha que ele tem que assim, obedecer ela, então, ainda ela tem essa superproteção com ele, ela quer cuidar, ela quer corrigir quando ele está fazendo alguma coisa errada, e ainda na forma de mãe. É tipo assim, ele fez uma coisa errada e ela fala alto, e eu: “não, não é assim filha,

você tem que conversar, ele é seu irmão, não pode... Fala pra mãe que a mãe corrige ele se ele tiver errado”. Ai ela fala: “ah, mas eu não tenho paciência, eu já falei com ele duas vezes e ele tá agindo dessa forma”. Mas aí acaba... tá indo ainda um pouco meio devagar, mas tá chegando lá... A forma ainda de ela querer proteger ele, ela acha que proteger ele é uma forma de não deixar ele fazer as coisas que ela acha que é errado, é uma forma de ajudar ele e acaba irritando ele, né?⁴

P- Ela protege muito de vocês, é isso? Ela protege de vocês darem a bronca.

Exatamente.

P- Ela prefere ela dar a bronca e ela receber a bronca de vocês por isso a deixar ele receber a bronca.

Isso, por exemplo, se nós corrigirmos ele, que nós vimos ele fazer algo de errado e nós chamarmos a atenção dele, e ele chorar, aí ela quer abraçar, ela quer beijar ele: “vem, meu irmão vem”; “não é pra abraçar ele, é pra deixar ele pensar no que ele fez errado, ele tem que refletir no que ele fez de errado”, mas aí ela se sensibiliza a tal ponto que ela quer, ela prefere que brigue com ela, que puna ela que ele. Nesse ponto ainda continua...

Por um lado, vemos Marcela tentar ser a mãe atenta e protetora, aspectos falhos em Dora, e por outro, a vemos reproduzir a rigidez das normas e regras que se impõe nas relações familiares. Quando ao relatar que Marcela demonstra firmemente seus desejos, irrita-se diante da frustração e em seguida se conforma diante da realidade e passa a desejar outra coisa, Dora fica confusa. A integração de aspectos maus e bons numa mesma pessoa encontra-se comprometida, gerando confusão na mãe quando Marcela demonstra seu ódio, e logo em seguida volta a ser uma criança amorosa.

Foi observado que a própria situação de entrevista propiciou a oportunidade para realizar intervenções junto à mãe, para que ela pudesse discriminar o que faz parte das fantasias infantis da filha e o que é realidade. Foi possível também, na ocasião, valorizar o surgimento de aspectos saudáveis da mãe, como a capacidade de dar apoio à filha, além de ajuda-la a compreender o contexto do surgimento de birras, a necessidade de atenção, e fortalecer sua confiança na própria capacidade de atuar prevenindo estas situações. Todos estes tópicos foram objeto de intervenção, na medida em que surgiam as demandas para tal ao longo do desenvolvimento da entrevista, seguindo os princípios éticos que a embasaram.

⁴ Há uma demanda que diz respeito a tirar a filha do lugar de mãe substituta do irmão e devolver cada um em seu lugar.

6 Discussão

Cada pessoa atendida neste estudo apresentou-se com uma demanda própria em relação a certa situação geradora de sofrimento. A todas elas buscou-se oferecer desde o primeiro contato um espaço de escuta que pudesse contribuir de maneira terapêutica para que o próprio indivíduo se reposicionasse frente à sua vida.

Winnicott (1984) revela que a possibilidade de auxílio pela consulta terapêutica está no fato de que o momento de busca por ajuda é um momento privilegiado, no qual o analista encontra-se na posição de objeto subjetivo, tal qual descrito anteriormente. Esta condição, que reunia a esperança na ajuda e em que o terapeuta é “criado” pela criança, conforme ele percebeu, dá oportunidade para um contato maior e mais profundo com esta.

Nestes primeiros contatos, há o depósito de grande confiança na capacidade do terapeuta de compreender e ajudar e é fundamental que se utilize ao máximo esta circunstância para favorecer a dissolução da dificuldade que se apresenta naquele momento. Quando bem aproveitado, este momento fortifica a esperança de ser compreendido, mas do contrário, se desperdiçado, a confiança é prejudicada. A questão da esperança é primordial na clínica de Winnicott, que utilizava como critério de sanidade o quanto da esperança estava preservada no sujeito, independente de seu funcionamento ser psicótico ou neurótico (WINNICOTT, 1984)..

Safra (2005) considera que a clínica em Winnicott tem como motor o anseio de si, que é aquilo que nos impulsiona rumo ao desenvolvimento, a esperança. Para Safra (2005, p. 22) “A esperança voltada para o analista se desenha em diversas direções: no anseio pela confiança, no anseio pela estabilidade, no anseio pela experiência de interlocução”, ou seja, o analista está sempre posicionado frente ao devir do paciente que jamais se realizou. O sujeito concebe aquilo de que necessita, ainda que esta concepção não seja preenchida por nenhuma ideia ou memória, já que não houve neste campo uma realização. É na experiência com o outro que o anseio deste si mesmo pressentido se transforma em gesto e encontra sua realização. Neste sentido, o analisando demanda experiência, que é a experiência de realização frente ao anseio da ação. Assim, o terapeuta possibilita esta realização, colocando-se frente ao sonho vazio do paciente, que é vazio por não conter em si uma ideia formulada,

uma imagem precisa do que seria isto que busca. O sonho vazio do paciente é que vai indicar o lugar da esperança, de acordo com o que o terapeuta deve se posicionar (SAFRA, 2005).

O foco da intervenção na clínica em Winnicott está menos nas interpretações, conforme pressupõe a análise clássica, e mais no reconhecimento da ação que necessita ser realizada na transferência, capaz de colocar sua questão em percurso. Deste ponto de vista, a análise das entrevistas com os pais trazem-nos importantes perspectivas sobre o alcance das entrevistas iniciais. Como pudemos perceber, em todos os casos houve o encontro com algo que se ansiava, tanto no que diz respeito às entrevistas com as mães quanto nas consultas realizadas com as crianças e adolescente. Com a utilização das primeiras consultas para prestar cuidado aos sujeitos, potencializou-se a esperança na possibilidade de ajuda. Baseado nestes princípios é que guiamos a maneira de compreender o papel das primeiras entrevistas realizadas com os pais, assim como os atendimentos às crianças da UBS.

Nas consultas realizadas com Ítalo, percebemos que o desencontro com uma figura paterna estável deixou consequências em sua maneira de ser e distorções em sua compreensão do mundo e de si, além de ter afetado seu relacionamento com a mãe. Segundo Winnicott (1982), a presença do pai e certeza na continuidade de sua existência favorece a sensação de segurança e permite à criança integrar aspectos de sua agressividade, protegendo-o de ter que utilizar-se de defesas patológicas. Sobre a função do pai no desenvolvimento do menino, Motta (2005) explica:

O pai tem o lugar do indestrutível, o limite que não pode ser ultrapassado. Por isso mesmo, sua presença liberta o menino, o homem, para a instintividade. A possibilidade de “matar” o pai simbolicamente e não ter a concretização da “morte”, na medida que o pai mantém sua presença e lugar constantes, libera o menino para seus desejos instintivos. Desejar é distinto de concretizar, portanto não oferece ameaças reais ao menino, ao homem e à figura paterna. A rivalidade e a competição edípicas podem ser vivenciadas em tons e matizes ricos e presentes possibilitando o caminhar por esses conflitos sem a necessidade de defesas patológicas ou excessivas.

Impedido de ter um convívio com o pai que facilitasse a superação destes conflitos, Ítalo necessita da ajuda da mãe, bem como de um suporte ambiental que o apoie na superação de sua dificuldade de socialização. A ausência do pai pode levar a criança a apresentar comportamento anti-social, que inconscientemente, serviria para provocar a presença física do pai ausente (WINNICOTT, 1982). Como vimos, Ítalo utilizava-se de defesas patológicas, no sentido de apresentar um comportamento que suscitava no outro a necessidade de contê-lo, obrigando mãe, babá e professora a exercer constantemente esta tarefa, parte da função paterna. Contudo, este comportamento da criança diminuiu a possibilidade dele estabelecer

um contato afetivo com as pessoas ao seu redor, formando um círculo vicioso, em que o contato com ele se dava prioritariamente pela via da contenção, e cada vez menos permeada de afeto.

Nas consultas à criança nos deparamos com sua busca por encontrar uma relação em que ele pudesse dispor deste pai capaz de receber os golpes que ele necessitava desferir, e que, sendo indestrutível, pudesse ser também afetivo, retirando-o da condição de isolamento na qual se encontrava. A criança necessitava de um contato próximo com alguém que lhe oferecesse segurança e guiasse-o no caminho da socialização. Ítalo vivenciou muitas destas experiências nas consultas- destruição, reparação, a possibilidade de compartilhar da vida social e a união afetiva. Notou-se que Ítalo logo no início das consultas, demonstra buscar um contato afetivo próximo, pela sua postura ao me encontrar. Em seguida, comunica aspectos de sua vida, como o isolamento afetivo e a rejeição do pai (o ônibus afundando no lago, abandonado pelo cobrador; o Robin sequestrado pelo Curinga, já que o Batman só queria viver isolado em sua caverna; ele e sua pipa vivendo sozinho em uma casa). Ao final desta primeira consulta, revive comigo a cena de seu último encontro com o pai: bate o pé, se joga e recusa-se a me entregar o desenho de si mesmo. A partir daí, foi possível dissolver um importante entrave em seu desenvolvimento, lidando com a fantasia da criança sobre a retaliação por seu ímpeto agressivo, diante de um pai impiedoso, que não tolera seus ataques, e mata-o ou pior, morre, abandonando-o. Somente a partir do momento em que ele vive a possibilidade de reparação (quando entrega-me o desenho de si que levou para casa), resgatando junto a mim o contato afetivo, sente-se livre para entregar-se à força do amor primitivo (experiência que acompanha o desenho do cortador de grama). A terapeuta ocupou junto à criança a posição de figura paterna, e a partir deste lugar resgatou a possibilidade de reparação, facilitando sua entrada no processo de socialização. Ele alegra-se em compartilhar do convívio social (quando o Lobo para de devorar a Vovó e passa a dividir a comidinha com ela e com a Chapeuzinho Vermelho), e surgiu interesse redobrado pela comunicação escrita (mostra que conhece as letras e diz uma palavra que começa com cada letra), como sinal de avanço na socialização. Simbolicamente, ele guarda num envelope o amor primitivo (que devora a mãe impiedosamente, como o “cortador de grama” faz, num mundo onde não existe regras ou convenções sociais), enquanto gruda a figura paterna ao lado da figura infantil, usufruindo das possibilidades que a função paterna abre a ele, que incluem a leitura, e a aceitação das regras sociais. Notou-se que houve também uma modificação em sua percepção a respeito da função paterna, que deixou de ser permeada de ansiedade e temor da

retaliação, do isolamento e de seu próprio ódio “destruidor”. Esta figura paterna passa a ocupar um lugar em que há o respeito e a aproximação afetiva. Ítalo empenha-se em guardar no envelope (e dentro de si) todos os desenhos que acompanharam as experiências mutativas, deixando de fora os desenhos que comunicavam sua angústia antes destas experiências.

Através dos atendimentos prestados a Lívia, percebeu-se que a família encontrava-se em uma situação de vulnerabilidade devido à fragilidade dos vínculos familiares e sociais ao redor da mesma, o que dificultava o recebimento de apoio, ou seja, havia falhas no suporte ambiental. A dificuldade em contar com uma rede de apoio familiar, o distanciamento do pai de Ítalo logo nos primeiros meses de nascido, bem como o pouco uso dos recursos da comunidade, mostraram que não houve um ambiente facilitador que favorecesse o processo de socialização de Ítalo. A mãe revelou um sentimento de isolamento social e de distanciamento afetivo, sendo que além de Ítalo, não sentia ter aproximação afetiva com outros membros da família, nem mesmo com sua filha Isabela, de 10 anos.

Esta situação oferecia poucos recursos para que a criança superasse seu entrave no desenvolvimento. A falta de alguém que servisse de apoio no entorno da dupla mãe/filho dificultaram com que a mãe tivesse condições de intervir junto à criança para que ele caminhasse. Esta situação fez com que a mãe buscasse no atendimento um contato afetivo, recurso este que havia se perdido em meio a tantas relações desencontradas.

As consultas permitiram a ela sentir-se vista, ouvida, e deram a oportunidade dela comunicar-se, oferecendo a experiência de *holding*, necessária para que ela conseguisse avançar em seu desenvolvimento emocional. O efeito desta experiência foi de melhorar sua própria maneira de enxergar e ouvir, resgatando em si a possibilidade de contato num tom afetivo, em contraposição ao contato de cobrança que pesava entre ela e o filho.

A capacidade de se comunicar foi um importante recurso resgatado, pois colaborou para diminuir a angústia frente às situações em que se sentia impotente e desamparada. O apoio à mãe nas iniciativas que precisou tomar atuou nos efeitos negativos que a privação de uma provisão ambiental teve sobre Lívia e sua família. Pelas entrevistas, pudemos perceber que ela se colocou de uma maneira mais empática e fortalecida diante das questões de Ítalo, vencendo obstáculos na busca por estabelecer uma comunicação com seu pai e com a professora.

A evolução da postura de Livia ao longo dos atendimentos mostrou que ela conseguiu mobilizar em si recursos importantes que permitiram buscar melhorias em relação aos problemas de comportamento do filho, sua teimosia e a falta do pai. Através da relação terapêutica, fortaleceu-se para lidar com as situações cotidianas que para ela eram realmente bastante difíceis. Embora estivesse insegura quanto à própria capacidade de ser uma boa mãe, ela conseguiu agir de maneira mais madura nas ocasiões discutidas a cima. Assim, realizou uma tentativa de contato com o pai de Ítalo, visando solicitar que ele assumisse uma parcela da responsabilidade pela criação do filho. Passou também a permitir que Ítalo ampliasse seu contato com outras crianças fora da escola. Além disso, vimos também seu movimento em direção à melhoria de seus problemas escolares em sua busca por estreitar o relacionamento e a comunicação com a professora.

Assim, ao procurar estabelecer relações com figuras do entorno familiar, o que percebemos foi que se ampliou a capacidade da mesma de utilizar-se de recursos que podem favorecer a socialização de Ítalo. Isto representa um investimento maior no cuidado do filho, bem como a busca por suprir a própria necessidade de contato social.

À medida que a mãe avança em seu processo de socialização, ela facilita que o filho também caminhe neste rumo. O processo de amadurecimento passa pela permissão da entrada de um terceiro na relação, que seria o exercício da figura paterna. Neste aspecto, as consultas permitiram que a mãe desse abertura para essa possibilidade.

Sabemos que dentro da realidade desta família, na qual o pai está ausente, existe uma grande necessidade de encontrar no entorno social o apoio que a família necessita, que possa ao mesmo tempo integrá-la numa relação afetiva, e sustentar regras e limites necessários para seu bom funcionamento. Com isto, Winnicott (1983) nos aponta que é muito importante investir no acesso aos grupos sociais, tais como os círculos de amizade, as instituições religiosas e de convívio social, pois exercem uma função curativa na medida em que facilitam a integração e o apoio à unidade familiar.

Com o aumento da esperança na possibilidade de um relacionamento confiável, tal qual vivenciado na consulta, a mãe pode colocar-se em devir, experimentando novas atitudes em relação às antigas situações que a mantinham estagnada. Observamos a diminuição da ansiedade ligada à sua insegurança em sua capacidade de ser mãe e educar, no momento em que ela própria faz uso do humor, admitindo ter falhado ao não dar atenção ao código que Ítalo formula para contar-lhe sobre os problemas de comportamento na escola. O fato de ter

podido compartilhar desta sua dificuldade de maneira espontânea, sem sentir-se ameaçada com cobranças foi possível graças à conquista de uma relação em que ela sente que pode se apoiar. Nesta ocasião, sob o pano de fundo do humor trazido na descrição da situação a mãe consegue melhorar sua auto-percepção e a percepção que tem do filho, inclusive passando a admirá-lo em seus aspectos positivos, reconhecendo seus recursos para lidar com as dificuldades que sente.

Com o aumento do contato com sua própria subjetividade, ela foi capaz de perceber aspectos que até então permaneciam ocultos na maneira de se relacionar com os filhos. Livia notou sua dificuldade de ouvir atentamente, formulou uma demanda própria em relação a melhorar este seu aspecto e refletiu de maneira mais madura sobre a atitude do filho de “chamar a atenção”. Ainda, Livia refletiu também sobre a maneira como vinha lidando com a filha, e percebeu que a tem deixado de lado, e assim, progrediu no sentido de corrigir a distorção por meio da qual a filha vinha sendo vista. Levantamos a hipótese que esta distorção, ao enxergar a filha como uma adolescente “na dela”, e que além do mais deveria cuidar melhor do irmão, é em partes alimentada pela necessidade da mãe de ter, junto de si, alguém maduro que lhe preste apoio, visto que Livia tende a sentir-se bastante sobrecarregada pelas funções que exerce.

As intervenções iniciais, tal como propostas por Winnicott (1984) não visam dar conta de uma mudança na estrutura da personalidade do sujeito, mas sim colocar em movimento sua questão, e dar lugar ao devir necessário à retomada do crescimento que se encontrava estagnado. A ajuda prestada a este caso em particular, no que diz respeito a Ítalo, esteve na possibilidade de facilitar seu desenvolvimento viabilizando o acesso à socialização, proporcionando a experiência da reparação e aumentando a confiança na possibilidade de contato afetivo.

Em relação à sua mãe, as consultas facilitaram o uso de recursos do entorno familiar, e de recursos internos da mãe, aumentando a percepção de si e dos filhos e dando a ela mais confiança em sua capacidade de cuidar. Neste sentido, as consultas proporcionaram quebras no círculo vicioso que alimentava sua sensação de impotência e frustração, e ela pôde recuperar importantes recursos que facilitam o exercício da função materna. Ao permitir que a mãe dê entrada em seu próprio processo de amadurecimento, a consulta cumpre sua proposta.

Os primeiros atendimentos à mãe de Paulo, por sua vez, mostram uma realidade psíquica bastante diferente. Nos encontros com Renata, percebemos que a esperança, a busca

de uma atualização de si mesma e sua realização estavam presentes no discurso da mãe. A aquisição prévia da maturidade emocional desta e seu entorno favorável permitiram que, mesmo antes do início de nossos encontros, ela tivesse encontrado diversas saídas saudáveis para lidar com situações geradoras de sofrimento pessoal e familiar. No relato de sua história percebemos este movimento tanto com a superação pessoal das restrições físicas impostas pelo acidente sofrido, que trouxe sequelas bastante limitantes, quanto pela sua capacidade de empreender muitos ajustes ambientais necessários para a melhoria do cuidado de Paulo.

As consultas, neste caso, ocuparam um lugar de reconhecimento da trajetória de Renata. Percebemos nos atendimentos de Renata, que o caminhar rumo à integração do self se deu em parte pelo reconhecimento de si enquanto mãe que dá conta de cuidar, ainda que ela não se sentisse totalmente segura a esse respeito. A saúde mental da mãe foi um aspecto que esteve em evidência, e constituiu bom terreno para que as intervenções junto a Paulo tivessem efeito positivo, resultando numa aproximação com uma imagem mais integrada de si e do filho. Desta forma, foi possível um diálogo sobre diversos aspectos da vida familiar e da história de Paulo, que ajudaram a mãe a promover pequenos ajustes que ajudaram nos problemas de auto-estima do filho, bem como colocaram-na no lugar de testemunha de muitas de suas mudanças no rumo do amadurecimento.

Uma família, como a de Paulo, pode constituir-se num ambiente estável e propício para o bom desenvolvimento do indivíduo, e ainda assim surgirem certos entraves no desenvolvimento do mesmo que necessitam de cuidados externos. Neste contexto, a melhor maneira de se auxiliar os pais saudáveis é mostrar o que têm feito, e os efeitos que podem esperar de suas ações, garantindo-lhes a tomada da responsabilidade sobre a criação dos filhos (WINNICOTT, 1982). Paulo é um adolescente que parece ter vivido num contexto familiar bastante estável, mas precisou lidar com falhas em aspectos de sua socialização e auto-imagem, cujo prejuízo foi retroalimentado pelo distúrbio de leitura e escrita. Neste caso, as condições psíquicas dos pais permitiram que os mesmos se responsabilizassem por ajudar o filho a vencer suas dificuldades, seja utilizando seus recursos pessoais, seja por busca de ajuda externa.

Tendo apresentado uma percepção bastante correta do filho, Renata parecia compreender o significado da expressão de seus sintomas ansiosos como uma insegurança em relação a uma possível não aceitação. Foi possível através dos atendimentos, ajudar a mãe a integrar sua visão a respeito das demandas e recursos de Paulo, ajudando-a a valorizar os

diversos aspectos saudáveis do adolescente e da vida familiar, buscando resgatar inclusive a sua auto-imagem de “mãe suficientemente boa”. Além disso, foi possível aproximá-la ainda mais da realidade psíquica de Paulo, como quando foi apontada a influência da fantasia subjacente à ansiedade, em termos de uma possível exclusão familiar provocada por ser diferente, e que ele acreditava inclusive que a mãe teria sofrido tal exclusão. Esta intervenção provocou uma reflexão sobre a questão da deficiência. Ela pode perceber que ele apontava a deficiência como algo em comum entre os dois, mas sua recusa em admitir uma limitação em si mesma influenciava o filho. Paulo vivia sob tensão, com medo de sofrer rejeição caso consentisse em deixar transparecer livremente seus defeitos, e acabava lutando exaustivamente para esconder as próprias limitações. À medida que percebeu este funcionamento, e ajustou detalhes no cuidado oferecido a ele, colaborou para desfazer as fantasias de Paulo. Ela realiza intervenções no ambiente doméstico, valorizando as vantagens que Paulo tem em relação aos irmãos, e mostrando que todos em casa têm “defeitos”. Com isto, percebe a diminuição da comparação que ele fazia entre si e seus irmãos, contribuindo para que ele encarasse os mesmos de maneira menos idealizada. Ainda, percebemos que houve o reconhecimento por parte da mãe de seu papel primordial para a melhoria da qualidade de vida do filho, o que sem dúvida a mantém confiante sobre sua capacidade de ajudar o filho de maneira apropriada.

Desta forma, percebemos que o ambiente familiar era bastante propício para que Paulo pudesse usufruir dos ganhos adquiridos junto à consulta terapêutica. Acredito que a principal conquista do adolescente foi a tomada de uma auto-imagem mais integrada, proporcionada pelas consultas. Se no primeiro encontro surgiram os indícios de uma necessidade de mostrar o que estava oculto para si mesmo, bem como tivemos uma ideia da grande energia empregada neste jogo de esconde-esconde, no segundo encontro, ambos nos surpreendemos com o surgimento- e revelação- de um elemento ao mesmo tempo fascinante e estranho ao meio, que tomou o formato de uma lhama numa paisagem corriqueira. Lescovar (2004) refere que

A dupla analítica surpreende-se com a emergência de aspectos essenciais da biografia do paciente, relacionados à problemática que o paciente buscava tratar – e que sequer tinha consciência dessa abrangência que o motivava a buscar auxílio. Diante desse fato comunicacional, o psicoterapeuta conclui um psicodiagnóstico compreensivo psicanalítico.

À medida que vivenciou, no espaço da consulta terapêutica uma comunicação de aspectos de si que permaneciam ocultos às custas de muito esforço, Paulo surpreendeu-me e a

si mesmo, pois juntamente com as características que tanto buscou ocultar, estavam mescladas qualidades bastante positivas e divertidas. O que ocorre neste tipo de situação terapêutica é denominado “gesto espontâneo”, e abre as portas para uma nova noção do si mesmo, a partir do encontro que o sujeito teve com um outro que lhe auxilia a integrar-se.

A partir da comunicação e integração destes aspectos ocultos de si mesmo, vimos o nascimento de uma atitude mais positiva em relação à auto-afirmação. Ao sair da sessão, a mãe relatou que sugeriram a Paulo que refizesse os passos do irmão, alistando-se no exército quando completasse os 18 anos. A esta sugestão, ele respondeu com uma afirmação bastante saudável sobre si mesmo, utilizando o bom humor e demonstrando tranquilidade e segurança no caminho que percorreria futuramente, desvinculando-se de uma imagem amarrada aos passos do irmão. Lescovar (2004) assinala que

Na clínica winnicottiana o essencial da condução clínica encontra-se no favorecimento de experiências constitutivas ao paciente. A clínica winnicottiana é uma clínica da acontecência, uma vez que o si-mesmo se constitui a partir de experiências e do brincar.

O surgimento de maneiras bem humoradas de lidar com as questões que lhe causavam aflição foram sinais de que um status mais saudável foi conquistado. Segundo Renata, Paulo normalmente entrava em sofrimento quando se evidenciava socialmente sua dificuldade de leitura e escrita. Contudo, as mudanças que notou no filho foram no sentido de encarar com leveza as situações, admitir brincadeiras e participar das mesmas, sem sentir-se exposto ou intimidado. Winnicott (1984) afirma que a espontaneidade na maneira de brincar e o bom humor são indicadores de boas condições para o desenvolvimento psíquico e revelam a presença de vivências favoráveis de contato materno e ambiental.

A partir destas experiências, o sujeito pode estabelecer a base do que seria um encontro entre seu eu verdadeiro e um outro, segundo o que Winnicott descreve como sendo uma alavanca que impulsiona o crescimento. Esta noção de si mais madura e responsável foi testemunhada pela mãe em diversos contextos, nos quais ao invés de procurar igualar-se à irmã caçula, ou ser intolerante ao seu modo de ser infantil, Paulo mudou sua atitude, tornando-se mais paciente e buscando de maneira ativa estreitar o contato com a irmã e contribuir para seu bem estar. Winnicott (1993, p. 47) fala a respeito deste processo da seguinte maneira:

É sempre um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento. Aos poucos, e com o tempo, o crescimento verdadeiro confere à criança ou ao adolescente um sentido adulto de responsabilidade, sobretudo daquela

responsabilidade ligada à provisão de condições adequadas de segurança às crianças de uma geração mais nova.

Observamos neste caso que o amadurecimento de Paulo era a real demanda da mãe. Seu desejo ao buscar uma ajuda terapêutica foi no sentido de encontrar um ambiente que facilitasse a constituição do filho, proporcionando uma experiência que estava além do alcance da família. Winnicott (1982, p. 209) refere que:

Os pais que sentem estar empenhados numa tarefa (de por os filhos no bom caminho para a saúde mental) fornecem um ambiente fértil para a criança. Além disso, se uma ajuda real estiver ao alcance, esses pais não hesitam em utilizá-la. Mas essa ajuda deve ser num sentido tal que não corrompa o sentido de responsabilidade dos pais.

Neste caso, a consulta terapêutica mostrou-se um bom método a ser utilizado para ajudar a família. A mesma continha em seu cerne os ingredientes necessários para desempenhar-se como ambiente suficientemente bom, com papéis familiares bem estabelecidos e seguros, pais confiáveis e capazes de lidar com os desafios que se apresentavam, ou seja, um ambiente estável e flexível o suficiente para conter e ajustar-se de acordo com a necessidade de seus membros. Sendo assim, percebemos que os avanços alcançados nas consultas frutificaram no ambiente familiar e refletiram de maneira geral nas relações de Paulo com os outros e consigo. Cabe ressaltar que a adolescência é uma etapa de vida tipicamente vivida em diversas idas e vindas do desenvolvimento, que hora atinge seu auge, hora regride, em busca de um entorno que o aceite e compreenda, até estar preparado para romper novamente estes estágios imaturos (WINNICOTT, 1993).

O terceiro caso analisado, de Marcela e sua mãe, Dora, mostrou-se muito interessante em diversos aspectos. Neste caso, o cerne do problema de Marcela estava bastante ligado à dinâmica psíquica da mãe, e o sintoma da criança evidenciava as dificuldades e conflitos da mesma. Mesmo sem que houvesse de fato na vida de Marcela situações de risco e violência tais como Dora viveu, pairava ao redor de Marcela uma sensação de ameaça, um medo e desconfiança nas relações, que dificultava que o afeto e a espontaneidade desabrochassem.

Dora estava imersa num sentimento de estar sem saída para lidar com a filha, mas ao resgatar junto à mesma aspectos traumáticos de sua história, pudemos ajuda-la a colocar-se frente a seu próprio devir. Foi possível perceber a retomada do amadurecimento emocional da mãe, que ampliou seu potencial criativo e permitiu ao casal parental lidar de maneira saudável com as dificuldades de Marcela, proporcionando um ambiente que favoreceu à criança firmar as conquistas alcançadas no espaço da consulta terapêutica.

Cicco, Gomes e Paiva (2005) referem que é muito frequente que as crianças da família funcionem como bodes expiatórios dos conflitos do casal ou da família, e que seus sintomas por vezes são o meio pelos quais os pais podem receber auxílio para entrar em contato com suas dificuldades. Neste caso, observamos que as marcas de uma infância permeada por violência marcou a vida de Dora, de forma que a mesma não pudera, até a época do início dos atendimentos confiar plenamente em seu marido, e inconscientemente, vivia protegendo a filha da ameaça em potencial que ele significava até então.

No caso de Ítalo, a ausência da figura paterna fazia-se no simbólico e também no real. Já no caso de Marcela, a figura paterna estava presente na família de maneira real e simbólica, mas não tinha possibilidade de encontrar uma realização plena devido à fantasia da mãe. Os medos vivenciados pela criança, sua queixa sobre a mãe tentar jogá-la contra o pai, bem como suas fantasias relacionadas à sua imagem, de certo modo “malvada” configuram-se como “um tipo de transmissão de aspectos psíquicos que não apresentam possibilidade de simbolização, caracterizados pelo não revelado” (GOMES & SEI, 2012). As autoras descrevem que existe uma forma de transmissão psíquica entre as gerações, que por conter vivências traumáticas que não foram elaboradas, condenam o sujeito à repetição, pela inscrição de uma presença ausente, e que impede a criação do novo, da diferença entre as gerações, e podem gerar doenças psíquicas na família.

Observamos que Marcela captava este medo que a mãe sentia, e que se transformavam em ações cotidianas que visavam afastar Marcela de situações “potencialmente perigosas”, na fantasia de Dora. Com isto, inconscientemente, ela se certificava que pai e filha não ficassem muito sozinhos, obedecessem a uma certa distância um do outro, que a filha não dormisse no escuro e de porta fechada. Mesmo sendo ela própria uma mulher forte, cheia de energia vital e auto-confiança, que fizeram com que ela não caísse em resignação, mas sim lutasse para mudar seu destino, vencendo inúmeros desafios, ela mostrava-se incapaz de lidar com os medos e birras infantis. Sua estagnação pode estar associada a uma identificação dos próprios medos com os medos da filha, e também à repetição de cenas familiares associadas à agressividade parental, *versus* rebeldia, de maneira enrijecida. Dora não pôde contar com pais que oferecessem apoio e segurança. Sua mãe era uma figura provedora de afeto por um lado, mas passiva e negligente por outro, talvez até por força das circunstâncias do casamento. Seu pai era uma figura temida, agredia física, moral e sexualmente. Ela precisou estabelecer firmes convicções de que era forte o suficiente para transpor a passividade da mãe e fazer frente ao pai a fim de sobreviver e, mais que isso, transformar sua vida em direção à

realização de tudo o que sonhou: bom emprego, casa própria, marido, filhos. Dora deixou para traz sua infância difícil e usou seu potencial para atingir um bom grau de autonomia. Contudo, os fantasmas da infância a sondavam quando precisava lidar com a filha. Manusear, tocar, abraçar, sentir o corpo adquiriram conotações distorcidas no imaginário da mãe, que trazia lembranças das manipulações enquanto abuso sexual. Isto foi transmitido à criança, que possivelmente experimentou alguma privação de toque, já que Dora, logo no início das consultas traz a preocupação com a masturbação compulsiva que Marcela apresentou por vários anos.

É interessante observar a estreita relação do desenho que Marcela produziu sobre seu medo e a figura agressora em que o avô se transformava à noite, e que aterrorizava sua mãe. Um menino de chapéu, que trazia uma faca, a mesma que seu avô usava para ameaçar sua mãe e tias. Estes elementos passionais, fortes e agressivos, têm como pano de fundo o medo da vivência da própria sexualidade. O contato de pai e filha, tão temido pela mãe, adquire ares de uma realização permeada de paixão e destruição. Winnicott (1982, p. 132) fala sobre as necessidades da menina de encontrar o caminho livre para estreitar seus laços afetivos com o pai, sem o que ela corre o risco de experimentar distorções nesta relação:

É bastante conhecido o fato de por vezes existir um vínculo especialmente vital entre o pai e a filha. De fato, todas as meninas sonham estar no lugar da mãe ou, de qualquer modo, sonham romanticamente. As mães têm de ser muito compreensivas quando este gênero de sentimentos decorre. Certas mães acham muito mais fácil suportar a amizade entre o pai e o filho do que entre o pai e filha. Todavia, é bastante lamentável se os apertados laços entre pai e filha forem perturbados pelos sentimentos de ciúmes e rivalidade, em vez de se permitir que evoluam naturalmente; pois mais cedo ou mais tarde a menina compreenderá a frustração que está ligada a este gênero de devoção romântica e, finalmente, quando crescer, olhará noutras direções para a realização prática de seus arroubos imaginativos. Se o pai e a mãe são felizes em suas relações mútuas, essas fortes dedicações entre um pai e suas filhas não serão concebidas como rivais da dedicação existente entre os pais.

O sintoma fóbico de Marcela estava relacionado à fantasia da mãe, e à sua atitude de afastar pai e filha por motivos inconscientes ligados às experiências vividas. Quanto a isto, Gomes e Sei (2012, p. 31) referem ser “necessário um trabalho psicoterapêutico que possa contemplar estes aspectos obscuros, não elaborados, de maneira a interromper a repetição de vivências geração após geração”. Ao receber para atendimento o membro da família que se mostra adoecido, no caso, Marcela, a portadora dos sintomas, é importante que o terapeuta possa ampliar o olhar, saindo do foco no paciente identificado e buscando olhar a família como um todo (GOMES & SEI, 2012).

As intervenções terapêuticas junto à mãe de Marcela favoreceram que a mesma pudesse se aperceber de aspectos de sua infância trazidos para a relação atual com a filha, num lado mais adoecido, mas também puderam identificar e fortalecer seu lado mais saudável. Para isso, reconstruiu-se junto à mãe fatos importantes de sua história de vida durante e após o período crítico da infância, nos quais ela lutou e conseguiu dar novos rumos e significados à sua existência. Nesta biografia, a entrada do pai de Marcela na vida de Dora teve o significado da reconstrução da confiança e da integração de aspectos positivos e verdadeiros de si. Segundo Gomes e Sei (2012), o referencial winnicottiano mostra que a relação do casal pode funcionar como um espaço de crescimento e aquisição de maturidade. Neste caso, percebemos que este movimento aconteceu com o casal, mas a continuidade do desenvolvimento dos mesmos foi ameaçada pela entrada da filha na infância, quando ela inicia um relacionamento independente com o pai, levando a mãe a acompanhar e reviver este período.

O encontro terapêutico configurou um espaço que favoreceu a comunicação e a expressão das angústias, que puderam ser compartilhados, deixando para trás o sofrimento da ordem do não dito, e permitindo a interrupção da repetição (GOMES & SEI, 2012). Marcela experimentou sua capacidade criativa e usou-a para dar novo destino ao medo, bem como viveu uma relação terapêutica em que pode apoiar-se para reconhecer e integrar aspectos de si mesma, colocar-se diante de suas necessidades de maneira mais madura e favorável às realizações afetivas em âmbito familiar. Reconhecendo o que estava disponível para si, e conhecendo seus recursos para acessar aquilo de que necessitava, pode usufruir muito mais do entorno familiar. Além disso, inaugurou o uso de suas potencialidades, que ela chamou de “imaginação”, para dar conta de suas dificuldades de maneira pessoal e criativa.

Por sua vez, ao lidar com aspectos cruciais de sua história, reconhecendo os padrões da infância transmitidos para a filha em sua relação, Dora foi discriminando o que eram seus medos no passado do que era a fantasia da filha. Com isso, encontrou a oportunidade de abrir as cortinas de seu lado mais saudável, capaz de criar uma nova maneira de ser com a filha. Além disso, consegue sentir-se mais confiante e disposta a permitir que o pai tome a decisão de manter a filha no quarto escuro com a luz apagada, superando junto com a criança o medo que trouxe das vivências da infância. Com isto, o pai aparece cada vez mais na cena familiar apoiando e oferecendo a segurança necessária à integração familiar. Ao resgatar-se o papel integrador e de sustentação que o pai exerce na família, foi possível acompanhar a saída de todos os membros da estagnação que culminava na formação dos sintomas fóbicos de

Marcela. A segurança e a paz começaram a pairar sobre as relações, muito mais do que outrora, e abriu-se espaço para que os aspectos saudáveis de cada um tivessem sua expressão espontânea e criativa⁵.

Como se pode notar, embora existam ganhos significativos para todos, alguns pontos de angústia se fazem presentes. As falhas ambientais a que a mãe foi exposta foram muitas e causaram um profundo impacto. Através da entrevista, percebemos que se formulou uma demanda em relação à integração dos aspectos “bons” e “maus” em si e no outro. Contudo, na medida em que, através das sessões ela vai se discriminando dos pais que teve como modelo, do passado em relação à época atual, e de sua realidade psíquica em relação à da filha, ela vai construindo um jeito próprio de ser.

Outro ponto importante que deverá receber atenção é o fortalecimento da espontaneidade necessária para que o contato familiar seja cada vez mais próximo e verdadeiro, agindo assim na distorção da relação entre os irmãos. O equilíbrio na relação entre eles poderá surgir no momento que as crianças encontrarem mais espaço na vida dos pais, de maneira que a proteção que Marcela oferece ao irmão, que a mãe sugere que seja exacerbada, perderá sua função. Contudo, enquanto há limitações de tempo por parte do pai e de recursos psíquicos por parte da mãe, observa-se a busca pela compensação desta falta na atitude maternal de Marcela.

Acredito que parte destes avanços na relação mãe e filha foram conquistadas graças ao surgimento, na experiência da mãe, de uma relação de cuidado experienciada na relação com a terapeuta. Dora comunica com entusiasmo como é bom sentir que está dando conta de progredir em sua tarefa de ser mãe, agora que compreendeu em certas situações o peso de seu papel facilitando o amadurecimento da filha. Com isto, percebe-se que o atendimento destinado à mãe em razão da queixa a respeito da filha, foi para ela uma experiência que favoreceu o amadurecimento pessoal.

Dado que a mãe traz uma demanda própria de amadurecimento, acredito que será possível continuar a ajudá-la, através dos atendimentos, a seguir sua vida mais livre das amarras que um passado difícil é capaz de impor. Em relação à Marcela, me parece bastante proveitoso deixá-la desenvolver-se em meio ao suporte que a própria família é capaz de oferecer, tendo como apoio secundário a relação terapêutica que pode ser retomada sempre

⁵ Marcela, em sua terceira sessão, não descrita neste trabalho, revelou-me radiante “eu tenho uma família nova!”

que for preciso. Assim, o trabalho com Dora e Marcela favoreceu com que tanto uma quanto outra fizessem uso de recursos pessoais, e tiveram como efeito uma mudança familiar em direção a um ambiente mais saudável e propício para se lidar com as dificuldades de seus membros.

Nos três casos ilustrados, percebemos que a UBS tornou-se um lugar de integração e *holding* para o paciente e para a família, por meio da atuação do psicólogo. Ao facilitar o acesso da família ao profissional, disponibilizando ajuda no momento em que a família encontra-se encorajada a recebê-la, estamos fortalecendo o maior pilar em que se apoia a saúde mental, que é a esperança. Este é um conceito importante a ser esclarecido, visto que há necessidade de investimento –técnico, pessoal, financeiro- para que esta realidade se torne cada vez mais possível no Brasil. Winnicott (1982, p. 199) apontou a necessidade de assegurar a educação dos administradores públicos, no sentido de que possamos investir no:

[...] aprofundamento do respeito pelos sentimentos e conhecimentos da mãe comum, em relação a seus próprios filhos e, se não for super-respeitada pela voz de autoridade, pode ao menos reconhecer-se que conhece bem o que é bom e o que é mau, em questões de orientação.

Neste sentido, compreendemos que a liberdade de acesso ao psicólogo na rede pública deve ser garantido, e jamais condicionado aos encaminhamentos formais, que além de tornar moroso o acesso do paciente ao auxílio que busca, desrespeita a capacidade do próprio sujeito de perceber a necessidade de ajuda para si e para seus filhos. A autonomia do indivíduo, de que depende a democracia será garantida à medida que ele encontra respaldo nas políticas públicas que o cercam, e que possibilitam seu livre trânsito em busca de suprir suas necessidades. Winnicott, que sempre esteve atento à dimensão social da psicanálise e ao impacto que seu uso poderia ter na sociedade nos faz lembrar que (WINNICOTT, 1982, p. 199):

Façamos tudo o que estiver ao nosso alcance, como médicos e enfermeiros, pelos enfermos de corpo e de espírito, e que o Estado faça tudo o que puder por aqueles que, por uma razão ou outra, se acham em dificuldade e precisam de cuidados e proteção. Mas deixem-nos também recordar que existem, felizmente, alguns homens e mulheres normais, em especial entre os componentes menos sofisticados da comunidade, que não receiam sentimentos, e cujos sentimentos não temos por que recear. Para obter o melhor dos pais, devemos conceder-lhes plena responsabilidade no tocante ao que constitui seu assunto particular, isto é, a criação de sua própria família.

Winnicott (1982) aponta que o investimento na unidade familiar é primordial quando pensamos sobre a saúde de uma população. Ele mostra que a vantagem de contar com pais emocionalmente saudáveis está na produção de indivíduos autônomos e maduros, que não

necessitam ser “carregados” pela sociedade como um todo. Assim, o trabalho breve de referencial psicanalítico mostrou-se um caminho frutífero para auxiliar o resgate do amadurecimento emocional dos pais, favorecendo que assumissem sua responsabilidade diante da criação dos filhos e abrindo possibilidades para os mesmos de oferecerem a eles um cuidado mais saudável.

Os resultados das intervenções ultrapassaram o contexto intrapsíquico da criança e da mãe, englobando todas as relações familiares, incluindo pai e irmãos, que puderam beneficiar-se da melhoria da saúde emocional, bem como fortaleceram-se em seus devidos papéis familiares. Não sabemos até que ponto os pacientes e as famílias irão sustentar os benefícios relatados a partir das primeiras consultas, pois este não era o objetivo do presente estudo. Poderíamos, portanto, num próximo estudo, propor um follow up e averiguar o quanto destes ganhos foram mantidos ao longo do tempo.

Há ainda uma questão importante que surge com o traçado desta pesquisa: foi possível mostrar que na rotina da UBS, com frequência surgem casos em que há um comprometimento muito sério da criança ou da família. Dos doze casos que foram recebidos ao longo das três semanas em que se realizou a coleta de dados, cinco pacientes foram excluídos por haver evidência da gravidade ou complexidade do caso. Esta situação nos obriga prontamente a pensar numa estratégia de atendimento nos moldes de uma psicoterapia, por um prazo mais prolongado, embora os atendimentos iniciais sigam os mesmos pressupostos aqui descritos.

Assim, as consultas podem vir a funcionar como um prelúdio para um tipo de intervenção mais longa, que, por outro lado, só será possível por conta da retomada da esperança de que há algo a ser feito por si (WINNICOTT, 1984). Cabe portanto à sociedade oferecer espaços em que este tipo de trabalho terapêutico mais duradouro seja viável. Sob o título de “A Sociedade e o Seu Sentido de Responsabilidade”, Winnicott redige suas reflexões a respeito do papel da sociedade enquanto provedora de ajuda para a manutenção da saúde familiar, como ilustra o seguinte trecho (WINNICOTT, 1982, p. 211):

É prudente recordar que a saúde do país depende de unidades familiares sadias, com pais que sejam emocionalmente maduros. Essas famílias sadias são, portanto, território sagrado, onde não se pode penetrar sem um entendimento concreto e valores positivos. Todavia, a unidade familiar sadia precisa de ajuda proveniente de unidades mais amplas.

Desta forma, podemos pensar que a Unidade Básica de Saúde, ao auxiliar na integração e autonomia da família, favorece a saúde mental de seus membros e, por

consequência, da comunidade a que pertence. Com isto, o psicólogo cumpre seu papel diante da sociedade e contribui para a solidificação do SUS, investindo e ampliando a promoção de saúde. Archanjo (2012) refere que o valor do trabalho precisa ir além da produção de conhecimento, e deve fundamentar-se no resultado da aplicação deste saber, e no impacto social desta ação. Segundo a autora (ARCHANJO, 2012, p. 353):

Sem negar a importância do saber na definição de profissões, ao se examinar esse elemento da prática profissional da perspectiva da produção social dos trabalhos, como o faz a teoria do trabalho em saúde, os estudos destacam o produto alcançado pela aplicação do saber em contextos práticos e de produção de trabalhos na sociedade. Para a teoria do trabalho, é o produto da intervenção em Psicologia que valoriza socialmente seu saber. Assim, é o resultado da ação profissional do psicólogo na produção de seu trabalho cotidiano que, se socialmente bem-sucedido e alcançando finalidades sociais esperadas para essa intervenção em Psicologia, dá valor social ao conjunto de conhecimentos mobilizados por seu saber.

Uma das vias para compreender o impacto social deste trabalho, tal como exposto anteriormente, é pela relação da saúde emocional dos indivíduos e da família como um todo, e nos benefícios que se estendem a partir daí. Como vimos, o trabalho realizado em parceria entre a psicóloga e a família repercutiu diretamente no ambiente escolar. Mudanças aconteceram em vários sentidos: melhora no diálogo com a professora e união de forças para superar as dificuldades de socialização, o que diminuiu as queixas e atenuou a gravidade das possíveis consequências sobre elas (no caso Ítalo); melhora da postura da criança no ambiente escolar, bem como de seu desempenho e motivação para cumprir suas tarefas (caso Marcela); fortalecimento do poder de resolução da mãe em relação às dificuldades escolares do filho, e diminuição da ansiedade do mesmo em relação às cobranças sobre seu desempenho.

Assim, a escola, por ser a instituição que está mais próxima das crianças e adolescentes, é a mais próxima parceira que atua junto à família para apoiar o desenvolvimento dos mesmos. Nos casos analisados neste estudo, ela se apresentou em diversos papéis, ora como dando voz à necessidade não satisfeita da criança, chamando a atenção para seus sintomas emocionais e comportamentais, como no caso de Marcela e Ítalo, ora como auxiliar na retomada da saúde emocional do estudante, como se notou no caso de Paulo.

Se a escola é capaz de oferecer um cuidado satisfatório em muitos sentidos para ajudar a recobrada do desenvolvimento emocional de seus alunos, é certo que caberá também a outros órgãos sociais oferecerem este tipo de cuidado às famílias. Amiralian (2013, p. 13) relata as diferentes possibilidades de atuação a partir do referencial da psicanálise em Winnicott em diferentes contextos, e considera que

Sua maneira de ser e agir encoraja outros pesquisadores e psicanalistas a experimentar diferentes intervenções, a partir de seus conceitos de desenvolvimento e saúde e das técnicas por ele utilizadas em situações e locais em que normalmente a psicanálise não é empregada.

Por meio de pesquisas, a autora comprova a eficácia do uso de intervenções psicanalíticas que escapavam da psicoterapia tradicional, munidas dos conceitos e possibilidades que Winnicott deixou como legado. Por meio de intervenções preventivas ou intervenções terapêuticas, levou-se o benefício da retomada do desenvolvimento emocional prejudicado por entraves de diferentes ordens a ambientes como escola, biblioteca comunitária, hospital-escola, clínica-escola, ampliando e muito, os sujeitos beneficiados pela psicanálise (AMIRALIAN, 2013).

Nesta linha de pensamento, percebemos que seria possível que as famílias, desde que munidas da compreensão sobre suas reais demandas, alcançassem o apoio necessário em outros tipos de relação, que não necessariamente precisam ser da ordem da psicoterapia. Desta forma, através de parcerias entre saúde, educação, assistência social e outros meios de acesso da população às políticas públicas, poderiam ser ampliadas as possibilidades de ajuda às famílias, maximizando também os efeitos das ações terapêuticas empreendidas.

7 Conclusões

As consultas às crianças e ao adolescente apontaram que foi possível a eles utilizarem esta experiência para progredir no processo de desenvolvimento. Enquanto eles realizavam seus progressos pessoais, foi possível através das primeiras entrevistas às mães favorecer com que as famílias se posicionassem de forma a colaborar ainda mais com a continuidade deste processo.

Este estudo mostrou que as entrevistas iniciais com as mães forneceram um espaço para comunicação de suas dificuldades, e proporcionaram uma experiência de holding, facilitadora ao resgate de recursos pessoais importantes para o exercício da função materna. Entre estes recursos estão: melhora na auto-percepção; aumento da capacidade de discriminação das questões de seus filhos; o aumento da compreensão empática sobre as dificuldades e recursos dos mesmos e aumento da capacidade de expressar o afeto.

As intervenções proporcionaram também avanços no sentido de aproximação e fortalecimento das relações familiares em geral, não somente pelos sujeitos atendidos, mas também entre os pais (Caso 3) e os irmãos (Caso 2). Considera-se que houve uma melhora significativa no funcionamento familiar, notando-se uma postura mais amadurecida e responsável da mãe (e também do pai, no Caso 3), para lidar com as dificuldades do(s) filhos.

Foi possível lidar com as queixas trazidas pela família nos três casos, sendo que a maioria delas desapareceu ou atenuou-se consideravelmente. Em algumas ocasiões houve um movimento de transformação da queixa prévia em relação ao filho, para uma demanda pessoal da mãe de lidar com aspectos seus que influenciavam na dificuldade da criança (Casos 1 e 3). Em relação às demandas levantadas nos casos, houve um progresso na direção da satisfação de todas elas.

Verificamos que em todos os casos, os avanços alcançados pelo trabalho conjunto empreendido pelos pais e terapeuta tiveram reflexos no contexto social da criança, principalmente no ambiente escolar. Percebemos um movimento de aproximação, valorização e melhor utilização dos recursos do entorno social a favor do desenvolvimento das mesmas. Assim, tanto no espaço e tempo da consulta, quanto nos novos espaços intrapsíquicos e interpessoais criados a partir dos encontros, houve progresso na direção do amadurecimento.

Este estudo mostrou como o psicólogo pode colaborar para que a UBS se torne um lugar onde se favorece a vivência de certas funções integradoras para os membros da família, em especial o holding, junto ao paciente e ao familiar que busca o atendimento. Foi possível, utilizando-se um trabalho breve de referencial psicanalítico, obter ganhos terapêuticos cujo alcance transpôs a esfera intrapsíquica do paciente, atingindo a unidade familiar como um todo, e mesmo espaços de convívio social, como a escola. Ao resgatar a possibilidade dos pais de conduzirem suas famílias a partir de um lugar mais amadurecido, podemos ajudá-los a formar sujeitos autônomos, contribuindo para uma sociedade mais saudável. Assim, percebe-se a possibilidade de ação do psicólogo tanto em âmbito terapêutico quanto de prevenção em saúde mental.

Em termos de inserção do modelo clínico proposto neste estudo, consideramos que o aparelho público de saúde, mostra-se um espaço bastante promissor para a consolidação do uso das consultas terapêuticas no atendimento imediato às demandas que se apresentam. O ambiente da clínica, estando aberto e disponível para o uso da comunidade na qual se insere permite que os pais tenham à sua disposição uma ajuda quando necessária. A utilização dos primeiros encontros potencializou um aspecto fundamental em termos de saúde mental: a esperança. Esta intervenção, por si só já é de grande importância, pois ao fortalecer a esperança, investimos na base que sustenta a razão de viver e a busca por superar as dificuldades. Neste sentido, consideramos que este estudo pode ampliar a visão dos administradores de políticas públicas a respeito da importância de se investir nesta área de atendimento em saúde, garantindo às famílias o acesso ao serviço prestado pelo psicólogo clínico.

Visto que em certos casos o trabalho realizado junto à família constituiu-se num prelúdio para uma psicoterapia mais demorada, é necessário investir na consolidação de espaços em que esta modalidade de intervenção seja viável. No entanto, nem todas as demandas necessitam de um trabalho a longo prazo para serem satisfeitas, sendo que o trabalho terapêutico breve, como ilustrado neste estudo pôde avançar de maneira satisfatória em muitas delas.

Outros órgãos sociais também podem realizar ações de cuidado que dêem continuidade ao trabalho terapêutico alavancado pelas entrevistas iniciais, devendo investir-se em parcerias que possam favorecer o amparo necessário à família, que nem sempre necessita de psicoterapia. Intervenções terapêuticas pontuais de referencial psicanalítico podem ser

difundidas nos espaços sociais utilizados pela população, como escolas e centros comunitários. Tais possibilidades de intervenção ultrapassam o contexto do consultório e abrem uma perspectiva de emprego da psicanálise de maneira mais ampla e em novos contextos sociais.

Referências⁶

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes (organizadora). **Saúde & Desenvolvimento: intervenções a partir da Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. São Paulo, SP: Vetor, 2013. 271p.

ARCHANJO, Auryana Maria. A Atuação dos Psicólogos em Unidades Básicas de Saúde na Cidade de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 351–363. 2012.

BARBIERI, Valéria; SCHRAIBER, Lilia Blima. Psicodiagnóstico Tradicional e Interventivo: Confronto de Paradigmas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, 505–513. 2010.

BÖING, Elisangela; CREPALDI, Maria Aparecida. O Psicólogo na atenção Básica: Uma incursão pelas Políticas Públicas de Saúde Brasileiras. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 30, n. 3, p. 634–649, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil**. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2005. 76 p. – (Série B. Textos Básicos em Saúde)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Politica_nacional_%20saude_nv.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde . **Saúde mental e atenção básica: o vínculo e o diálogo necessários**. Brasília, 2007.

CICCO, Marina Fibe de; GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, Maria Lucia S. C. Família e Conjugalidade: o sintoma dos filhos. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 53-63. 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8., 1986, Brasília. **Relatório final**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1986. Disponível em : <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1124>. Acesso em 15 de Abril de 2013.

COUTO, Maria C. Ventura; DUARTE, Cristiane S.; DELGADO, Pedro G. Godinho. A saúde mental infantil na Saúde Pública brasileira : situação atual e desafios. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. 4, p. 390-398. 2008.

DE PAULO, Maria Salete Lopes Legname. Psicodiagnóstico Interventivo em pacientes adultos com depressão. **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 125, p. 153–170. 2006.

⁶ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra. O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 53–81, jun. 1998.

GARCIA, Roseana Moraes. A ética do cuidado e a sociedade democrática. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000100006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 11 nov. 2013.

GOMES, Isabel Cristina, & SEI, Maíra Bonafé. Demandas por atendimento psicológico e a transmissão psíquica transgeracional. **Omnia Saúde**, v. 8, n. 1, p. 26–35. 2012.

GORAYEB, Ricardo, BORGES, Camila Dellatorre, & OLIVEIRA, Cassiana Morais de. Psicologia na atenção Primária: Ações e Reflexões em Programa de Aprimoramento Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 3, p. 674–685. 2012.

KOPPITZ, E.M. **El Dibujo de la Figura Humana en los niños**. Buenos Aires: Guadalupe, 1973.

LESCOVAR, Gabriel Zaia. As consultas terapêuticas e a Psicanálise. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 43-61, maio/agosto 2004.

MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa, et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS - uma revisão conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.12 n. 2, p. 335–342. 2007.

MEDEIROS, Clarissa. O certo, o errado e o verdadeiro: Conversando com pais e mães em Consulta Terapêutica coletiva. **Caderno Ser e Fazer - Apresentação e Materialidade** (Caderno Verde). p. 153-168. 2003.

MELLO FILHO, Julio. O homem, a vida e a obra. In: _____ **O Ser e o Viver: uma visão da obra de Winnicott**. 1. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Cap 1, p. 15-30.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de. O surgimento da Clínica Psicológica: da Prática Curativa aos Dispositivos de Promoção da Saúde. **Psicologia, Ciência e Profissão**. v.27, n. 4, p. 608-621. 2007.

MOTTA, Ivonise Fernandes da. O gesto espontâneo e a interpretação criativa. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 13, n. 2, p. 374-388, jul-dez. 2005.

_____. **Orientação de Pais: Novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 214 p.

_____. Intervenções psicoterápicas em instituições públicas de saúde: Orientação de pais, alcances e limites. In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE. 7., Porto, 2008, **Actas...** Porto: Universidade do Porto. 2008.

OLIVEIRA, Isabel Fernandes et al. O Psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: Formação Acadêmica e Prática Profissional. **Interações**. v. 9, n.7, p. 71-89, jan-jun. 2004.

SAFRA, Gilberto. **Revisitando Piggle: um caso de psicanálise segundo a Demanda**. São Paulo: Edições Sobornost, 2005. 179p.

SOUZA, Márcia Aparecida Isaco & MOTTA, Ivonise Fernandes da. A utilização de Consultas Terapêuticas em instituições públicas de saúde. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 9, p. 63-63, 2008.

- SOUZA, Márcia Aparecida Isaco de & TARDIVO, Leila Salomão de La Plata. Entrevistas iniciais como consultas terapêuticas no atendimento clínico psicológico. In: Congresso de Psicologia da Saúde. 7., Porto, 2008, **Actas...** Porto: Universidade do Porto, p. 395-397. 2008.
- STARFIELD, Bárbara. **Atenção primária:** equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia (F. Translations, trad.). Brasília, DF: UNESCO, Ministério da Saúde. 2002.
- TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. A Interface Psicologia Social e Saúde : Perspectivas e Desafios. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 2, p. 49–56, jul./dez., 2001
- TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação as áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008.
- WINNICOTT, Donald W. **A criança e seu mundo.** Rio de Janeiro, RJ: LTC. 1982. (Trabalho original publicado em 1965). 270 p.
- _____. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Trabalho original publicado em 1965) 247p.
- _____. **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria infantil.** Rio de Janeiro, RJ: Imago. 1984. Tradução Joseti Marques Xisto Cunha (Trabalho original publicado em 1971). 427p.
- _____. **Natureza humana** (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. 1990. (Trabalho original publicado em 1988).
- _____. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed. 1983 (trabalho original publicado em 1979).
- _____. O valor da Consulta Terapêutica. In: Winnicott, C.; Shepherd, R.; Davis, M. (Orgs.) **Explorações -Psicanalíticas.** Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 244-248. 1994 (Trabalho original publicado em 1965).
- _____. **Tudo Começa em Casa.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Tradução Paulo Sandler, 3ª Edição, (Trabalho original publicado em de 1986). 282p.

Apêndices

Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(a) Sr.(Sra.) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa chamada “Resgatando o lugar de pais: uma proposta de promoção de saúde mental em Unidade Básica de Saúde”, que está sendo desenvolvida em parceria entre a Secretaria de Saúde de (*nome da cidade*) e a Universidade de São Paulo, pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia. A pesquisadora e psicóloga desta UBS, Priscila Checoli Figueiredo e sua orientadora, a Prof^ª. Dra^a. Ivonise Fernandes da Motta criaram este estudo para verificar as possíveis mudanças nas relações familiares e os efeitos disto nas crianças trazidas para atendimento após as intervenções realizadas junto ao(à) Sr.(Sra.) e à sua família. Estas intervenções acontecem na relação particular entre a psicóloga e seu paciente, sendo que o Sr.(Sra.) teria como método terapêutico alternativo o atendimento com outro profissional, de acordo com sua escolha.

Participarão desta pesquisa, de forma voluntária, 6 famílias que realizam o acompanhamento psicológico junto à pesquisadora, aqui nesta UBS. Para que a família faça parte deste estudo, os responsáveis pela criança ou adolescente precisam permitir que sejam utilizados dados obtidos nos atendimentos prestados previamente, além de consentir em responder a uma entrevista a respeito da situação que gerou a necessidade de buscar acompanhamento psicológico, e sobre o que foi se passando até o momento atual com a criança e a família. Esta entrevista será gravada pelo gravador de voz do computador particular da pesquisadora para ser posteriormente transcrita e analisada. O material escrito será utilizado para estudo e divulgação no meio científico, como publicações em revistas científicas, apresentação em congressos e aulas. Todas as informações coletadas são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Ao realizar esta entrevista, o(a) Sr(Sra) poderá sentir algum desconforto decorrente de sentimentos ou lembranças que venham a surgir com o relato. Contudo, o(a) Sr(Sra) contará com o suporte psicológico

durante e após a entrevista, bem como terá garantido seu direito ao atendimento psicológico na UBS.

Ao participar desta pesquisa o(a) Sr(Sra) terá o benefício de refletir sobre a situação passada e atuais necessidades de sua família o que possivelmente ajudará a encontrar melhores saídas para as dificuldades. Esperamos também que este estudo traga informações importantes sobre a repercussão de intervenções psicológicas breves junto às famílias, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ajudar outros psicólogos a aprimorar sua prática junto à população atendida na rede pública de saúde.

O(a) Sr(Sra) tem liberdade de se recusar a participar e ainda de interromper sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo nos atendimentos prestados. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através dos contatos fornecidos ao final deste documento.

O(a) Sr(Sra) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

A partir dos esclarecimentos fornecidos, se estiver de acordo em fornecer sua participação voluntária, preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Confirmo que recebi uma via deste termo de consentimento, assinada pela pesquisadora e orientadora, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Pesquisadora: Priscila Checoli Figueiredo- Telefone: (11) 4201-2557- UBS M^a Francisca de Mello- Estr. dos Pinheiros, 523, Pq. Viana, Barueri, SP. E-mail: priscilachecoli@usp.br
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivonise Fernandes da Motta- Telefone: (11) 3091-4302 – Setor de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP.
Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos- IPUSP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP
E-mail: cep@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182

Apêndice B- Guia para a entrevista semi-dirigida:

- Fale sobre a situação do(a) seu(sua) filho(a) e da sua família na época que você resolveu buscar atendimento para ele(a).
- Como surgiu a ideia de procurar o atendimento psicológico?
- O que mais te incomodava?
- Você acha que os atendimentos oferecidos contribuíram de alguma forma para ajudar em relação ao problema? Como?
- Como está a situação da família e da criança, após os atendimentos que você recebeu?
- Quais os problemas que você vê hoje em dia na situação do seu filho? E na situação familiar (ou escolar, conforme o caso)?
- O que você acha que precisa ser feito para ajudar a melhorar a situação-problema?

Apêndice C- Tabela dos sujeitos que caíram nos critérios de exclusão da amostra.

Tabela 1- Sujeitos excluídos da amostra:

Sexo, idade	Critério usado para exclusão da amostra
Masculino, 12	Família bastante comprometida, houve relato de maus tratos e negligência na dinâmica familiar. Os pais não buscaram atendimento, mas sim a avó materna.
Feminino, 8	O pai buscou atendimento para a filha, por a mesma apresentar sintomas psiquiátricos de pânico. Pai relatou ter abandonado o próprio tratamento médico para esquizofrenia. Quando convocada, a mãe não compareceu, nem houve retorno do pai.
Masculino 14	Adolescente bastante comprometido, com sintomas delirantes e fóbicos, com necessidade de encaminhamento para atendimento psiquiátrico concomitante.
Masculino, 9	Família muito comprometida, vivenciando crise desestabilizadora pelo convívio doméstico com o pai, dependente químico e de álcool.
Masculino, 12	Criança apresentava comportamento anti-social, após separação do casal parental e distanciamento total do pai. Mãe estava em situação de crise e o entorno social estava bastante comprometido. Adolescente foi atendido em psicoterapia, juntamente com outras intervenções em seu contexto social. Mãe não compareceu aos atendimentos.
Feminino, 9	Presença inicial de avó para primeiro atendimento, e em seguida de ambos os pais em conjunto nos demais atendimentos, o que inviabilizou o emprego da metodologia proposta.
Feminino, 5	Compareceu somente a três consultas, duas com a mãe e uma com a criança, faltou aos retornos agendados. Foi preciso excluir o caso por abandono.
Feminino, 9	Compareceu somente à entrevista inicial, faltou aos retornos. Foi preciso excluir o caso por abandono.
Masculino, 5	Compareceu somente à entrevista inicial, faltou aos retornos. Foi preciso excluir o caso por abandono.

APÊNDICE D- Apresentação do Caso 1: Ítalo e sua mãe, Livia.

Dados pessoais coletados logo no princípio da consulta:

Ítalo tem 7 anos, filho de pais separados desde quando ele tinha 7 meses de vida. Mora com a mãe, Livia, solteira, e a irmã por parte de mãe, Isabela, de 10 anos. Tem mais dois irmãos por parte de pai, uma menina de 10 anos e um menino de 5 anos, de casamentos diferentes, do qual o pai já está separado, sendo que atualmente está num outro casamento. Não convive com o pai nem com a família do mesmo⁷. É cuidado pela babá Tânia todas as tardes nos dias de semana. Frequenta a escola pela manhã, está no primeiro ano.

Apresentação do caso:

1º Atendimento: Livia, a mãe.

Mãe traz a queixa em relação ao comportamento da criança na escola. Iniciou este ano numa escola nova, na primeira série, e vem recebendo reclamações semanalmente da professora. Na pré-escola e no maternal, não teve problemas. A babá que passa as tardes com ele também se queixa de “brincadeiras sem graça”.

Mãe conta que a separação do casal parental se deu quando ele tinha sete meses de idade, e que o pai só vê o filho cerca de duas vezes por ano, quando a mãe liga e pede que o pai venha visitá-lo. Ano passado, Ítalo esteve com o pai em duas ocasiões, e pela primeira vez o pai foi à escola na comemoração do dia dos pais. Na ocasião da última visita marcada com o pai, Ítalo passou a semana ansioso e excitado. Não via a hora de encontra-lo e ficou pronto bem antes do horário que o pai chegou. Contudo, no momento de sair com o mesmo, recusou-se, chorou e não quis ir. O pai insistiu um pouco, e o menino “bateu o pé”. O pai então foi embora sem ele, e não voltou mais a vê-lo, e nem mesmo atende suas ligações. Já faz mais de seis meses que Ítalo não tem nenhum tipo de contato com o pai. A criança pede muito à mãe para vê-lo novamente.⁸

Durante sua vida toda, o irmão da mãe foi bem próximo dele, mas ano passado o mesmo se casou e mudou-se para um município vizinho, e seu contato passou a ser

⁷ Esta configuração familiar me faz levantar uma hipótese de que há uma dificuldade na formação de vínculos duradouros e saudáveis. Entre Ítalo e seus irmãos, há quatro crianças, filhas de pais separados.

⁸ Demanda uma figura paterna.

esporádico. Há um primo da mãe que ainda mora perto, e que tem dado bastante atenção a Ítalo ultimamente. Lívia percebe que Ítalo é muito carente de figuras masculinas, e tem dado ouvidos aos conselhos e broncas que este primo acaba dando. O primo é bastante atencioso e carinhoso com ele também.

Mãe descreve-se como alguém bastante atenciosa com o filho, mas que tem uma característica de não demonstrar muito afeto, assim como sua filha mais velha, que também é “seca”, e por vezes rejeita a aproximação do irmão. Tanto a mãe quanto a irmã, com quem ele passa boa parte do tempo, enquanto a mãe trabalha, são “exigentes” com ele, chamando sua atenção sempre, para que se comporte bem. Mãe diz “eu sei que se eu não der os limites a ele, vai ser pior”. Parece não haver muita cumplicidade entre os irmãos. Lívia sempre pede à filha para ter mais paciência com ele, para abraçá-lo, e dar carinho⁹.

Procurou refletir junto à mãe como é importante manter em equilíbrio as demonstrações de afeto e o senso de limites, e sugiro que a mãe passe a investir em jogos de regras e brincadeiras livres alternadamente, mostrando ao filho que as duas situações são possíveis no vínculo com ela, e que assim também será com os amigos e a professora¹⁰.

Quanto à questão da queixa da criança e sua angústia pela falta do pai, digo que há um agravante na ausência do mesmo pela forma como se deu o último encontro, o menino corre o risco de ter uma percepção de si como alguém destrutivo, pois não houve oportunidade de reparação. A partir do momento que sua agressividade destrói a relação com o pai e ele está impossibilitado de se comunicar com o mesmo e reaver o afeto deste, ele acabou tendo uma experiência muito ruim sobre uma capacidade de destruição que na verdade ele não tem¹¹.

A mãe fala da dificuldade que se constitui para ela buscar a presença do pai de Ítalo, e que por vezes ela de fato evita buscá-lo. Ela considera que “ele é quem tinha que procurar”, e que ele não o faz porque não quer, pois sabe seu telefone e endereço. Concordo com a mãe, enfatizando que ela tem toda a *razão* em suas colocações, mas que no momento em que entra em jogo a satisfação das necessidades *emocionais* do filho, a *razão* às vezes precisa ser colocada de lado. Enquanto ele depende dela para ter acesso ao pai, ela deve buscar aproximá-los na medida do possível. A mãe diz que é sofrido para ele quando sua irmã passa os finais de semana na casa do pai dela, e ele não vê seu pai. Ela diz também, que o filho é seu maior

⁹ Demanda por demonstrações de afeto, aproximação dos membros da família.

¹⁰ Intervenção que visa confirmar a postura da mãe como um cuidado válido, e ampliar a noção de cuidar abrindo para a necessidade de demonstrar afeto, dentro de uma relação mais calorosa.

¹¹ Intervenção que visa apresentar para a mãe aspectos da fantasia infantil.

companheiro¹². Peço a ela que faça mais uma tentativa de contato, e que procure também trazer o pai para uma entrevista.

2º Atendimento: Ítalo, 11 dias depois:

Ítalo aguarda na sala de espera com sua mãe e irmã. Quando me aproximo, apresento-me e convido-o a ir comigo até minha sala. Ele se levanta bastante animado, me dá sua mão e vem comigo, como se fôssemos antigos amigos. Não vê a hora de conhecer a “sala de brinquedo”, no seu modo de dizer. Entra e fica bem à vontade. Na mesa de crianças há uma casinha, e ele brinca com os fantoches da chapeuzinho vermelho, lobo mau e vovozinha disponíveis. O lobo mau tenta pegar a chapeuzinho, mas ela corre... O lobo tranca a vovó em casa...¹³ A brincadeira dura pouco, ele logo guarda os fantoches na casinha e pega o lápis e papel disponíveis. Faz um desenho:

Figura 1- Desenho de Ítalo: ônibus caído no lago, abandonado pelo cobrador.

¹² Eis um dado importante a ser desenvolvido, pois parece que o menino supre uma carência da mãe, que pode abandonar a ideia de trazer o pai para próximo do filho por questões próprias.

¹³ Ficamos com a imagem de uma vovozinha trancada em casa enquanto um lobo persegue a chapeuzinho.

Pergunto a ele:

- É um carro?
- Não, é um ônibus...
- E pra onde ele vai?
- Ele caiu, ele tava andando e caiu da montanha! (ri) Caiu num lago!

Enquanto faz a montanha e o lago, eu pergunto:

- Nossa! E agora?
- O cobrador saiu do ônibus e fugiu... Foi embora!¹⁴

Então pega outra folha e faz outro rosto, com uma máscara:

Figura 2- Desenho de Ítalo: Batman bravo com Robin, que foi levado de helicóptero pelo Curinga.

¹⁴ Penso que neste momento ele me comunica que há um problema em seu desenvolvimento, algo que o faz cair em uma regressão primitiva. Lá ele se sente sozinho, pois o “cobrador”, que é uma das figuras de destaque no ônibus o abandona. O “cobrador” é aquele que tem a função de fazer pagar o preço da passagem. Mas ele vai embora e o ônibus fica afundando no lago. Penso no abandono do pai.

Pergunto:

- Quem é esse?

- É o Batman!

- Que engraçada a boquinha dele!¹⁵

- É que ele tá bravo...

- O que deixou ele bravo?

- É que ele brigou com o Robin... Ele quer que o Robin fique na caverna dele, mas o Robin fugiu. O Coringa levou ele.

Faz um helicóptero.

- Olha o helicóptero do Coringa.

- E com quem o Robin queria ficar?

- Com o Coringa, ele gosta mais do Coringa. O Batman é chato. Ele gosta de ficar sozinho na caverna.

- Ele quer que o Robin visite ele?

- Não, ele é chato¹⁶.

Pega outra folha e começa a desenhar:

¹⁵ Chama a atenção por não ser a boca sorrindo que as crianças costumam fazer.

¹⁶ Esta história me faz pensar sobre o que se passou entre ele e o pai. Me faz pensar que na história, o natural seria que Batman e Robin ficassem juntos. Batman é o grande herói que é muito admirado pelas crianças, como os pais em geral o são. Neste caso, o Batman é chato, e o Robin, seu fiel escudeiro rejeita-o e foi expulso da caverna, pois ele só quer ficar sozinho, não quer seu companheiro lá. Há também um vilão, Coringa, que nesta história é quem fica com o Robin, levando-o para longe em seu helicóptero. Fico pensando que ele deve achar que precisa escolher entre estar com o pai ou estar com a mãe, como se uma decisão excluísse a outra.

Figura 3- Desenho de Ítalo: sua casa e ele (cópia em branco e preto).

Me diz:

- Minha mãe falou que você é legal e não dá injeção forte¹⁷.
- (risos) Ah, é... Aqui não tem injeção, não...

Faz ele próprio e uma casa. Pede canetinhas para colorir, e se certifica de que está usando todas as cores para pintar sua casa. Sempre me pergunta “qual que eu não usei?” ao longo da conversa que tínhamos em paralelo.

- De quem é essa casa?
- Minha.
- Quem mora nela com você?
- Ninguém¹⁸.

¹⁷ Acho graça no jeito como ele diz que sente que pode confiar em mim. Tem a ver com a mãe mostrar que não há risco.

- Ué, você mora sozinho nessa casa?

- Moro!

- Mas então no seu desenho você já é grande?

Ele parece um pouco confuso com a minha pergunta. Desenha então uma pipa na mão dele.

-Você está brincando de soltar pipa?... Então você é criança... Como você vai morar sozinho se você ainda é pequeno?

- Não sei...

- Então tem alguém morando com você?

- Não.

- Você quer que venha alguém te visitar?

- Ah, minha mãe, minha irmã...

- E seu pai?

- Eu não tenho pai!

- Onde está seu pai?

- Ele morreu!

- Como?

- Ele é chato! ¹⁹

- Você não quer mais ele de pai?

- Não!

- Quem você quer?

- Meu tio.

¹⁸ Este abandono que ele sente faz parecer que a mãe e a irmã “secas” também fazem parte de sua angústia.

¹⁹ “Ele é chato!” esta é a rejeição que mata o pai, e que excluiu o Batman.

- Por quê?

- Porque ele é forte. Eu bato nele.

- Você consegue bater nele e ele é mais forte que você.²⁰

- É.

- E quando você bate no seu pai você mata ele?

- É!

- Mas não é tão fácil assim matar ele. Se você bater nele ele não morre, porque ele é maior do que você.²¹ Você bate na sua mãe?²²

- Não.

- Ela também é maior que você.²³

Ele segue pintando caprichosamente os contornos da casa. Digo a ele que seu desenho ficou muito bonito, e encerramos a sessão. Ou ao menos assim eu pretendia. Ele me diz que vai levar com ele seus desenhos. Eu digo que não, os desenhos ficam na pastinha dele. Pedi a ele para chamar a mãe, para que eu entregasse as marcações de retorno a ela. Ele volta correndo, e diz:

- Ela gostou!

- O que ela falou?

- Que tá bonito!

- Que legal!

Entrego à mãe as folhinhas para agendar os retornos. E peço a ele para me entregar os desenhos.

²⁰ Ele precisa desta figura que resista a ele, e que seja mais forte para sobreviver à sua ira.

²¹ Estava preocupada em tirá-lo desta situação de ter matado o pai e ter que viver sozinho.

²² Quis ver se ele tem a confiança de que a mãe seja indestrutível, mas sua resposta me alertou para o fato de que não, ela parece bastante destrutível por ele...

²³ Tento recoloca-lo no lugar de criança, e tirá-lo da fantasia desesperadora de que sua agressividade seria assim tão destrutiva.

Ele deixa a folha onde fez o ônibus e o Batman e anuncia que vai levar a folha onde fez ele e sua casa.

- Eu te dou de volta seu desenho, mas me empreste para eu tirar uma cópia.²⁴

- Não!

- Eu prometo que você vai voltar aqui, e quando você vier, eu te dou de volta seu desenho.

- Não!

- Então entrego para sua mãe na semana que vem...

- Não! (agarrava seu desenho com força)

- Então empresta para ela trazer para eu tirar uma cópia na semana que vem?

Ele parece hesitar, mas a mãe interveio:

- Eu trago na semana que vem.

E ele ficou bravo:

- Não! E eu não vou embora!

Eu:

- Você vai pra casa agora com sua mãe, e eu também estou de saída, estamos atrasados. Você vai voltar outro dia, e a gente vai se ver aqui.

Então ele “empacou”. A mãe tentava puxá-lo e ele fazia força, se jogando para traz.²⁵

Enquanto isso, eu precisava recolher minhas coisas e fechar a sala. Ele me viu arrumando tudo para sair, e eu dizendo:

- Vamos, vamos todos...

E ele:

²⁴ Especialmente neste caso, me dediquei à negociação para ficar com seus desenhos, pois ele é um sujeito da pesquisa.

²⁵ Na sessão seguinte, trabalhei este conteúdo com a mãe em termos de necessidade que ele tem de contato físico e de assegurar que a força da mãe é maior que a dele.

- Não! Eu não quero ir embora!

E a mãe:

- Vamos, Ítalo, ela está atrasada! (puxando-o pelo braço...)

Após estes momentos de sufoco, eu desci para o estacionamento, e através das grades do portão, vi Ítalo, sua mãe e sua irmã passando por mim. Eu disse:

- Tchau, até mais!

E ele me respondeu, todo contente, saltitando pela rua, acenando com a mão que segurava o seu desenho.

Pensei: “mas que coisa... Ele saiu da sala me odiando, mas eu ainda gosto dele, e ele de mim.”

Manobrei o carro e fui para a rua, e lá, umas duas quadras à frente os vi, e buzinei. Pelo retrovisor vi Ítalo acenar vigorosamente com a mão que segurava o desenho.²⁶

3º Atendimento: mãe, 5 dias depois do 2º Atendimento

Procuro saber como andam as coisas com Ítalo. Ela me conta que nesses últimos dias, ela não recebeu nenhuma reclamação da escola, como seria de costume, já que os bilhetes eram diários. Pelo contrário, “esta semana ele trouxe um bilhete de elogio, pois foi o único da sala que se comportou direitinho”²⁷. A moça que cuida dele, que também costumava se queixar também não falou mais nada. Lívia explica que ele não é uma criança mal educada, mas o problema eram as brincadeiras sem graça, de ficar provocando os outros, e agarrar²⁸. Pergunto se ela acha que ele estava testando os limites das pessoas, ela concorda.

Digo que as crianças pequenas têm necessidade de contato físico, precisam sentir que existe outra pessoa ali que é capaz de segurá-lo. Ela diz que embora se sinta próxima do filho,

²⁶ O último encontro que teve com o pai foi muito semelhante. “Não! Não quero ir!” Ele repetiu, reviveu este acontecimento comigo. Foi embora com a mãe e me deixou. Mas desta vez houve uma diferença: ainda no caminho percebeu que a nossa relação não morreu. E ele percebeu que ele não me “matou”.

²⁷ A mãe, na entrevista final, refere que nunca houve um elogio por parte da professora.

²⁸ Esta última palavra, ela fala parecendo temer que eu interpretasse como um agarrar sexualizado. Ela se explica, “agarrar, mas no sentido assim de brincadeira mesmo”.

ela não é muito de ter contato físico. Digo a ela que o que ocorreu no dia do atendimento dele, foi uma atitude que a obrigou a ter contato físico com ele, como se ele precisasse sentir que ela estava ali agarrando ele:

- Naquela hora, se você soltasse ele, ele cairia.

- Isso, se eu soltasse ele ia pro chão, ele estava se pendurando.

- Ele sentiu sua mão agarrando ele com força pra ele não cair, e você foi capaz de puxar ele, porque você é mais forte do que ele.

A mãe se emociona, fica com lágrimas nos olhos. Continuo:

- Ele precisava comprovar que você é mais forte, que você consegue segurar ele, e ter esse contato físico também.

Digo que foi bom para ele, perceber que embora ele tenha me contrariado, e dito “não” para mim tantas vezes, recusando me dar algo que ele sabia que era importante para mim, isto não me destruiu, e não destruiu nossa relação, pois ele acenou contente ao me ver na rua, assim como eu.

Ela contou que naquele mesmo dia, assim que chegou à casa da pessoa que fica olhando as crianças meio período, já ia pedir para ela guardar o desenho, mas antes disso, ele mesmo o deu à mãe, e pediu pra ela guardar na bolsa para me entregar²⁹. Digo a ela que só foi possível ele acreditar em mim porque ela depositou sua confiança em mim, e autorizou o filho a confiar também. De certa forma ela foi capaz de dividi-lo comigo, quando disse que eu era legal para ele. Então ele pode me dar abertura.³⁰ Ela conta que assim o fez também em relação à professora. Ela explicou a ele que a professora é legal e ele precisa obedecer como obedece à mãe.

Enfatizo que é ótimo para ele sentir que ele não tem que tomar a decisão de “ser da mamãe, ou ser de outra pessoa”. Ele parece ter medo de se doar para alguém, e com isso ter que excluir a mãe. Digo que quando pedi o desenho dele, ele pode me dar o que tinha outros personagens, mas não ele mesmo. Não gostou de a mãe tratar comigo de me entregar “ele”.

²⁹ Demonstra um sinal de confiança.

³⁰ Estou procurando mostrar o percurso do nascimento de uma relação de confiança entre Ítalo e alguém mais. Quando a mãe demonstra que confia, permite que ele confie também, quero que ela perceba que fez isso na relação comigo. É a entrada da função paterna na relação.

Mas percebeu que ela não viu perigo nisso, que eu continuei sendo segura, e ela continuou levando ele, e então pode me doar seu desenho- ele.

Procuro explorar o fato de ela ter dito que ele era seu “companheiro”. Ela explica que é assim, porque convive pouco com a filha, que durante a semana passa pouquíssimo tempo com ela, pois Livia chega à tardezinha do trabalho, ocupa-se dos afazeres domésticos e a filha dorme bem cedo. Aos finais de semana, Isabela vai para a casa da família do pai. Como Ítalo dorme um pouco mais tarde e passa com ela todo o tempo do final de semana, ele é sua grande companhia. Digo a Livia que ele sente como se ela dependesse dele para viver, e ele tivesse que protegê-la³¹. “e é verdade, eu não posso ficar longe dele. Então chegamos no ponto que a mãe relata como se sentiu fragilizada e sozinha quando se separou do pai de Ítalo. Ela se separou porque ele não demonstrava ter responsabilidade com trabalho, contas, queria viver em festas, e ela “não podia contar com ele”. Viveu um período com a mãe e com irmãs, mas não sente que são muito próximas: “Entre todas as minhas irmãs eu sou a única que é calada, eu não converso muito sobre mim”. Digo a ela: “Então se as pessoas não te conhecem de verdade, você acaba se sentindo muito sozinha...”. Ela concorda e eu continuo: “Então a presença de Ítalo evita que você entre em contato com esta solidão.”³²

Quanto ao pai, ela diz o quanto é difícil para ela ligar e ele não atender, e que isso a deixa muito frustrada. Digo que seria bom para Ítalo falar ao menos por telefone uma vez ou outra com o pai, para deixar de sentir que foi capaz de destruí-lo. Ela concorda, diz que vai tentar. Reconheço diante dela que este é um esforço muito grande, e que ela tome o tempo que for preciso para tentar fazer isso por Ítalo, e que por enquanto, o que ela está fazendo por ele já está ajudando muito, ao permitir compartilhá-lo com outras pessoas³³. Digo que talvez, algo bom para ambos seria ela ter atividades próprias, onde ela buscasse ter seu espaço, e permitir que Ítalo tenha o dele, não por imposições como o trabalho ou escola, mas por interesse próprio dela.³⁴

³¹ Com isso, gostaria que ela percebesse que esta é uma ilusão, e que em verdade, ela não é dependente dele, e sim ele seria relativamente dependente dela.

³² A dependência da mãe pelo filho é uma fuga para enfrentar suas próprias inseguranças. Uma mãe dependente do filho distorce a relação com ele e ele fica sem ter alguém com quem possa contar.

³³ Percebi que para que ela tivesse força para “salvar” o filho deste lugar de destruidor, ela precisava de amparo. É difícil para ela, reviver na relação com o pai de Ítalo a repetição da insegurança dos vínculos.

³⁴ Tento fortalecer um lado possivelmente mais maduro, sadio e independente de Livia.

Encerramos a sessão, e eu devolvo à mãe o desenho que Ítalo me emprestou, junto com uma cópia que fiz para ele, onde escrevi “Oi Ítalo! Obrigada por me emprestar o seu desenho, ficou muito bonito! Até logo!”³⁵

4º Atendimento: mãe, 7 dias depois do 3º Atendimento

Mãe traz para o atendimento sua angústia por Ítalo não conseguir se adequar à escola. Pergunta sempre ao filho como vão as coisas, e ele afirma que está tudo bem³⁶. Contudo, hoje, mais cedo, encontrou a coordenadora da escola na rua, e a mesma disse “não sei mais o que fazer com ele, está impossível”. A mãe se sentiu muito frustrada. Disse que em casa ele sempre foi mais tranquilo, e continua sendo. A cuidadora que fica com ele disse que ele está muito melhor, não deu mais problema.

A mãe conta que em casa ela e ele estão próximos, embora ela não note muita diferença em sua forma de agir³⁷. Ela diz que o problema é mesmo na escola: “parece que não caiu a ficha dele”. Pergunto que ficha foi essa que não caiu. Ela explica que ele não entendeu que está crescendo³⁸. Pergunto a ela o que acontece com quem cresce? Ela disse: “não sei o que ele pensa, porque com a minha filha nunca foi assim”. Pergunto como foi com a filha, e ela diz: “com ela foi diferente, acho que é porque ela já cresceu com as duas partes”. Pergunto com quais partes ela cresceu, e ela me responde: “a do pai e a minha”.³⁹ Então aponto que o risco que ela acredita que Ítalo corre, o que pode acontecer com ele, e que na sua visão ele tem evitado, é o de ser dividido entre as duas partes. Assim, mostro à mãe sobre o medo que o garoto demonstrou em ter que escolher entre ficar com a mãe ou com o pai, como se estar com um eliminasse a possibilidade de estar com outro. Provavelmente ele vem projetando na professora esta figura que vai afastá-lo da mãe, e contra a qual ele deve lutar. Mostro que talvez o caminho para ajuda-lo seja esclarecer que ela está ao lado da professora, e não contra esta. Ela poderia deixar claro a ele que tem um vínculo de confiança com a professora, e que

³⁵ Estou oferecendo a ele a experiência de continuidade do nosso relacionamento, ou seja, a experiência de não destrutividade. Além disso, ele compartilhou algo importante comigo e é preciso valorizar esta doação.

³⁶ Está implícito o questionamento que ela faz sobre o quanto ele é confiável.

³⁷ Ainda está difícil discriminar. Ela sente que estão mais próximos, mas não encontra nenhuma ação que tenha mostrado que estão.

³⁸ Começamos a encarar que há um risco implicado em crescer. Houve uma aproximação entre o conteúdo desta fala da mãe e a produção de Ítalo na primeira sessão.

³⁹ Isabela já cresceu sendo dividida. Já Ítalo era só dela.

elas conversam entre si, e o que ele faz na escola tem consequências em casa, e que a forma como ele está em casa também é conversada com a professora. Sugiro que Livia vá com mais frequência conversar com a mesma, e que mantenham um caderninho de recados, onde estarão escritos inclusive os elogios, quando couber.

Ela gosta da ideia e refere que assim o fará. Mais que isto, ela parece ter compreendido um pouco melhor o que é realmente dividir o filho. Mostro como ela conseguiu dividi-lo comigo, e que isto foi bom para ele se sentir confiante. Ela diz que tem conseguido deixa-lo brincar com os amigos ao invés de mantê-lo junto dela todo o tempo livre. Diz ficar preocupada, mas percebeu estar fazendo bem para ele.

5º Atendimento: Ítalo, 13 dias após o 4º Atendimento

Ítalo vem muito contente para a sala, corre na frente e encontro-o já sentado na cadeira que ocupou na primeira sessão. Na mesa havia dois lápis, borracha e papéis. Ele me diz:

- Não quero desenhar hoje.

- Não? ... Ah, obrigada por ter me mandado o desenho que você fez da outra vez pela sua mãe, viu?⁴⁰

- Tá.

Pego a casinha com a qual ele brincou da primeira vez, que dentro traz um fantoche da chapeuzinho vermelho, da vovozinha e do lobo mau e um pote com comidinhas. Ele me faz ser a chapeuzinho, e ele é o lobo que me encontra no caminho, e fala “Vamos ver quem chega primeiro?”. Ele faz que correu para a casa e comeu a vovó.

- Agora você chega.

- Toc-toc-toc.

- Quem é?

⁴⁰ A mensagem que pretendo dar a ele é: você está tentando me afrontar com seus “nãos”, mas eu não vou destruir você. Vou te lembrar que você foi confiável para mim me emprestando seu desenho e eu fui confiável para você, devolvendo, como eu prometi.

Ele me diz o que falar, dentro do conhecido diálogo entre a Chapeuzinho vermelho e a suposta vovó, que em verdade é o lobo. Até que ela descobre que é o lobo, ele a come, então...

- Precisamos de um caçador!⁴¹

Como não tinha mais fantoches, aponte para um pequeno boneco: um urso preto em pé, em atitude de ataque. Ele aceita que o urso seja o caçador, bate no lobo, salva a chapeuzinho e a vovó, e coloca pedras na barriga do lobo para ele “aprender uma lição”:

-Ele nunca mais vai comer a chapeuzinho e a vovó! Agora ele já pode comer comida!

Então pega um pratinho de brinquedo com comidinhas e a vovó, a chapeuzinho e o lobo comem juntos.⁴²

A brincadeira se encerrou. Pego uma folha de papel e pergunto se agora ele quer desenhar. Ele fala que não. Pergunto se ele quer canetinha então.

- Quero!

Pego as canetinhas, ele puxa uma e faz uma letra numa folha⁴³:

⁴¹ Alguém precisa estabelecer o interdito, o lobo não pode viver comendo a Chapeuzinho e a vovó. Ele também não pode se alimentar só da mãe, alguém tem que fazer ele parar.

⁴² Agora o lobo pode viver em comunidade.

⁴³ Após a brincadeira em que o lobo comilão come todo mundo, Ítalo pede um caçador. E depois que o caçador “ensina ao lobo uma lição”, o lobo, a Chapeuzinho e a vovó compartilham da mesma tigela de comida, e imediatamente depois, Ítalo se interessa por escrever. Está me comunicando que pode compreender que a interdição não significa destruição, mas sim coloca-lo em comunidade.

Figura 4- Letras dele e a palavra que formamos.

Pergunta-me:

- Que letra é essa?
- X
- X de xícara! E essa?
- N.
- N de navio! E essa?
- O

Assim por diante. Então faz três letras de uma vez: “DAT”. Me pergunta:

- O que eu escrevi?

- Dat

- Dat? Dat... Então escreve “pequenodate”

Escrevi... Ele gostou. Então perguntei o que era pequenodate.

- É um dinossaurinho (desenhou numa folha):

Figura 5- Desenho de Ítalo: o duelo do pequenodate com o homem.

Ele conta:

- Ele é pequeno⁴⁴. Só que ele solta fogo⁴⁵

O fogo da boca do dinossaurinho vinha em minha direção. Disse a ele:

- O fogo está vindo pra cá!

⁴⁴ Se ele é pequeno, em algum lugar deve haver um que seja grande.

⁴⁵ Surge a angústia em relação à sua destrutividade.

Ítalo faz um homenzinho na frente e diz:

- Queimou ele! Agora ele vai usar a espada dele pra jogar o fogo de volta no pequenodate.⁴⁶

Faz a espada e o fogo queima o pequenodate. Ele diz:

- Agora ele queimou o pequenodate.

- E o que vai acontecer agora?

- O pequenodate vai bater o pé, tudo vai tremer, ele vai cair, aí o pequenodate foge⁴⁷.

- O homem é grande, ele não devia atacar o pequenodate assim. O pequenodate é pequeno e só sabe soltar fogo! O homem tem que ensinar o pequenodate a não queimar mais ele.⁴⁸

Ele afasta a folha. Pego outra e ele fala que não quer desenhar.⁴⁹ Falo que então eu vou fazer um desenho pra ele transformar em alguma coisa.⁵⁰ Faço um desenho:

⁴⁶ A reação à agressividade que ele demonstra foi severa demais. Ele não foi tratado como um “pequeno”, o homem devolveu a ele a agressividade que demonstrou na mesma medida, usando sua espada.

⁴⁷ Reprodução da cena em que ele “bate o pé” rejeitando o pai e o pai foge. Ele me mostra que esta foi uma maneira de se defender de alguém que não é capaz de tolerar sua agressividade, e esta fuga é a regressão e o isolamento afetivo.

⁴⁸ Ofereço um novo modelo de relação, em que a agressividade é tolerada e o isolamento não é necessário. Ele pode aprender a viver em comunidade se aprender a ter um pouco de controle.

⁴⁹ Ele testa esta relação, vivenciando o que acontece quando ele rejeita minha proposta.

⁵⁰ Dou a ele a saída: respeito o seu não, mas ele vai trabalhar no desenho comigo. Vamos criar algo juntos, e ele vai ter a experiência desta comunhão.

Figura 6- Meu rabisco, que ele transformou num cortador de grama e o texto que ele ditou para eu escrever.

Ele diz:

- O que é isso? É um cortador de gramas!

Ele une as pontas do desenho e vai fazendo o cortador e me contando:

- É um cortador de gramas que come tudo!

Peço para escrever algo sobre o desenho, e ele dita para mim:

- O cortador de grama tira as flores, come tudo o que vê pela frente, come tudo que vê por traz. Está muito feliz porque comeu as flores. O que está de cor de rosa são as flores.

- Quem comanda ele?
- O lápis que comanda ele. Vai comer o lápis também (faz o lápis ao lado)!
- O lápis também está feliz?
- Não tá feliz, porque ele fez o cortador de gramas pra usar de lembrancinha.⁵¹

Faz os riscos preto e amarelo e diz:

- Ele baba muito as flores.

Fiz outro desenho, que ele falou que era um sorriso. Então começou a fazer a boca e fez dentes muito tortos. Estava ficando engraçado e rimos.⁵²

Figura 7- Meu rabisco, que ele transformou no homem que atacou o pequenodate sorrindo.

Disse a ele:

⁵¹O cortador que foi feito para ser usado como lembrancinha, ou seja, numa relação objetual, em que ele não pode demonstrar seus impulsos amorosos e agressivos, diante da reação do lápis, de ficar triste.

⁵²O clima era leve, pois o cortador sentia muito prazer em poder “comer tudo o que tem pela frente e tudo o que tem por trás”. Nada o impediu de comer o lápis e ele pode babar muito as flores, sujando de baba parte das palavras que eu escrevia enquanto ele pintava e eu não me importei com isso. Isto o deixou feliz e a mim também. Estava sendo uma experiência prazerosa.

- Que dentes engraçados você fez!

- É, ele quebrou dois dentes!

- Nossa! Quebrou dois dentes!

- É! Ele caiu! O pequenodate derrubou ele e ele se machucou!

Então faz o dono do sorriso. Pergunto:

- É aquele homem que estava com o pequenodate!

- É!

- E agora ele está sorrindo muito! Ele não está mais bravo com o pequenodate?

- Eles fizeram as pazes. O pequenodate não vai mais derrubar ele. E ele não vai mais jogar fogo no pequenodate. Quero fazer uma carta para minha mãe.⁵³

- Quer que eu escreva para você?

- Escreve “mamãe, eu te amo, I love you”. Eu quero um envelope!

- Vamos fazer.

Peguei a cola e começamos a dobrar a folha e colar para fazer o envelope. Ele disse:

- Como é bom passar cola!⁵⁴

Enquanto a cola não secava, ele me pediu para jogar um jogo. Eu não quis desviar o foco do que estávamos produzindo, realizando um jogo de regras. Disse a ele que não iríamos jogar, pois ainda tínhamos que terminar a carta. Ele ficou contrariado, insistiu, mas eu disse que não.⁵⁵ Ele cruzou os braços como quem não vai participar de mais nada.

Então peguei uma folha e comecei a desenhar um dinossauro.

⁵³ Se antes ele temia uma punição muito violenta, agora pode encontrar o perdão. Houve para ele a experiência de reparação. O homem, embora machucado por consequência da agressão sofrida, sorria para ele. Ele encontrou o amor pela pessoa agredida e a retribuição deste amor, quando promete não derrubar mais. Isto o faz querer expressar o amor pela mãe. Na hora pensei: se ele se reconcilia com o pai, precisa se certificar de não perder o amor da mãe, pois este é um ponto de ansiedade para ele. Porém, num segundo momento pensei: ele necessitava viver a experiência de reparação com a mãe também. Então a carta é parte desta experiência, ou a retribuição por ela (eu, na vivência terapêutica) ter se deixado ser comida e suja.

⁵⁴ Está dizendo como é bom estar junto, o contato afetivo.

⁵⁵ De forma alguma ele é uma criança passiva. Ele vai testar minha capacidade de exercer a autoridade muitas vezes, sempre tendendo ao isolamento, do qual todas as vezes o convido a sair, e ele aceita.

Ele novamente se interessou e disse:

- O que é isso?

- É o pequenodate!

- Você desenha ele muito bem! Como você sabe?

- Você que me ensinou.

De propósito, fiz o pequenodate no canto esquerdo da folha, de perfil, voltado para o lado direito da folha.

Ele quis fazer o cabelo do pequenodate e também o umbigo⁵⁶. Fiz uma barriga.

Fiz então um outro dinossauro, um pouco maior que o anterior, também de perfil, voltado para o primeiro, e as “mãos” muito próximas. Ele exclamou:

- É uma mamãedate!

Acrescentou um sol ao desenho, mas não no alto da folha, e sim muito próximo à cabeça da mamãedate, um chão por baixo dos pés de ambos e o umbigo da mamãedate.

- Já sei, pode ser uma bexiga de sol! (faz o fio do sol à “mão” do dinossauro) Deve ser um papaidate!

- É uma mamãe que é um papai?

- É um papai! A mamãe falou pra você fazer um papai pra ela!

Recortei os dinossauros e eles se abraçaram e brincaram. Ele quis saber:

- Cadê o rabo?

Precisei grudar um rabo no papaidate.

- Agora faz uma mamãe. Faz um rabo bem comprido!

Fiz a mamãedate com o rabo comprido, como ele exigiu. É claro, ele completou com o umbigo e eu coloquei a barriga:

⁵⁶ Um símbolo da ligação de dependência.

Figura 8: Desenho meu, que Ítalo completou: a mamãe date.

Recortei-a, e ele brincou um pouco com os recortes, sem falar. Depois disse:

- Vou terminar a carta.

Passou cola na folha que tinha o recado para a mãe e colou no envelope. Colou em seguida o pequenodate, e depois disse que estava colando o papai:

Figura 9: Envelope em que ele grudou o pequenodate e o papaidate, junto à declaração de amor à mãe.

Pegou a figurinha da mamãe e falou:

- A mamãe não cabe!⁵⁷

Sugeri:

- Cola ela aqui (numa folha em que ele já havia escrito)

Então ele colou, dobrou a folha bem dobrada e guardou no envelope. Depois dobrou e guardou os desenhos do cortador de grama e do homem sorrindo. O da luta não quis dobrar, falou:

- Esse fica pra você.⁵⁸

⁵⁷ Ele está tentando juntar as partes todas, seu amor pela mãe, sua identidade e presença do pai cabiam, mas ficou com medo de ter que tirar a mamãedate. A saída foi levar a mamãedate por dentro. Simbolicamente, ele encontra ajuda para conciliar o amor pela mamãe e a necessidade de um papai. Agora o papai é mais importante em sua vida, a mamãe, ou seja o prazer primitivo ele precisa guardar, precisamos dar um destino a esta experiência primitiva, em que ele possa estar junto de si, ocupando um lugar que não ponha em risco sua identidade ou a necessidade do encontro com o pai.

Quis mostrar a carta à mãe, e eu disse:

- Claro, pode mostrar, depois eu vou guardar com os outros na sua pastinha.

- Tá!

Chamei sua mãe, e ele mostrou os desenhos e os fantoches, a mãe brincou um pouco conversando com a chapeuzinho. Falei então para ela sobre a pesquisa, li o termo de consentimento, ela consentiu, agendamos a entrevista e, na hora de ir embora, novamente ele “empacou”. Desta vez, mais brincalhão, sorrindo, e se jogando pra traz, fazendo a mãe arrastá-lo. Se escondeu atrás da porta, empacou de novo, e entre empacadas e correrias foi embora, sua mãe conversando com ele, falando para ir depressa, ele tinha aula, ela tinha que trabalhar...

⁵⁸ Ele escolhe as experiências que quer manter e tira as que não precisa mais. O cortador de grama que é a experiência da voracidade primitiva e o sorriso, que é a experiência de reconciliação ele guarda. A luta com o homem, que é o temor da destruição, superada durante a consulta, ele descarta.

APÊNDICE E- Transcrição da entrevista realizada com Livia, mãe de Ítalo (Caso 1).

P- Então, você quer que eu leia de novo o Termo de Consentimento?

M- Não, já li, tudo bem.

P- Tranquilo?

M- Ahã.

P- Então, eu queria que você comentasse um pouco, em primeiro lugar como que era a situação do Ítalo e da sua família quando você... Na época que você resolveu procurar o atendimento, psicológico pra ele, pra você.

M- Na verdade é assim, né, num é 100%, mas deu pra perceber que ele deu uma melhoria bastante, e assim, antes de eu vim procurar mesmo, *tava* bem difícil a situação, eu cheguei a ir na escola... Uma moça, uma coordenadora da escola me parou no meio da rua pra falar que é... Assim, ele não é mal educado, ele assim, é... Tem essas brincadeiras, sabe... Num ouvia ninguém, assim, da primeira vez, assim, ele até chegou em casa, falou que não queria voltar mais, mas aí das próximas vezes ele foi gostando. Ele veio mais duas vezes, né, mais uma ou mais duas vezes, e deu pra perceber, que realmente ele *tá* melhorando sim. Um pouquinho mais calmo, a gente não precisa estar falando dez mil vezes a mesma coisa pra ele, e assim, *tá* bem melhor mesmo.

P- Hoje você está me dizendo o quanto que você notou uma diferença nele... Então na época em que você procurou atendimento foi mais essa questão de parecer que ele não ouvia, as coisas quando você não dizia, o que era?

M- Não, na verdade é assim...

P- O que mais chamou sua atenção pra você falar: “não, preciso procurar um atendimento”?

M- É a falta do pai dele, ele é carente, assim, dá pra perceber que ele é carente, e assim, é... Como que eu posso dizer, acho que pra ele a família mesmo que eu tenho é eu e ele, porque querendo ou não tem vó, tanto do lado por parte de pai quanto por parte de mãe, por parte de mãe, até então, é uma vez ou outra vai buscar, *tá* falando, agora por parte de pai não tem ninguém mesmo. Tem, mas ninguém vai procurar, ninguém procura saber. Então dava pra

perceber que ele fazia às vezes pra chamar atenção, entendeu? Mas ele já... Ele falava às vezes, perguntava, pelo pai e tal, mas assim, agora ele não fala tanto como antes, mas eu acho assim, que ele fazia tudo isso pra chama atenção...⁵⁹

P- Você acha que tinha uma carência então?

M- Isso... Continua, mas não é tanto.

P- Entendi. Continua não tendo a presença do pai, mas parece que hoje em dia ele já não tem mais tanta necessidade de chamar atenção?

M- Isso.

P- Você consegue enxergar isso na sua casa?

M- Consigo.

P- Você acha que na escola também está assim ou não?

M- Então, eu fiz como a senhora sugeriu, o , o... Como que eu posso dizer...

P- O caderninho?

M- É, o caderno, já mandei, ela falou assim que é pra eu pegar mais no pé dele, pra eu fazer o que eu posso aqui que lá ela pode estar fazendo o que ela pode... Mas que assim, não é mais aquela mesma reclamação do começo, que não está mais aguentando, que talvez ele seria transferido e tal.

P- Então já não tem mais esses riscos, de transferência, e nem ninguém mais está lá assim tão desesperado com o comportamento dele.

M- Não, não...

P- Sua relação com a professora, como é que está hoje em dia?

M- Então, a gente está assim, que nem eu falo assim, dia de segunda- feira eu entro às 9 horas, e ela falou assim pra mim que quando eu precisasse falar com ela, ela estaria lá a partir das sete horas, então, eu não preciso pedir metade do dia pra sair pra falar com ela, eu posso ir

⁵⁹ A mãe atribui o distúrbio de comportamento do filho à carência pela falta do pai. A demanda pela atenção de um pai é tanto da mãe quanto do filho. Por isso a melhora após o início dos atendimentos.

conversar com ela! Então assim, a gente tá conseguindo se entender... Tanto ela lá na escola com ele quanto eu em casa com ele também.

P- Está tendo essa troca de informação agora?

M- Isso, isso.

P- Você achou que melhorou com essa troca de informação?

M- Eu acho que é melhor, porque pelo menos assim eu fico sabendo direto da professora não assim... Da tia que fica com ele... Da moça que me parou no meio da rua, entendeu? Eu fico sabendo dela mesmo o que ela está achando, se ele está... Do comportamento dele, e acho que ficou até melhor.

P- Teve dias que ele recebeu algum elogio, ou não?

M- Então, ele não fala, eu procuro assim, ele me fala: “mãe, hoje eu não fiquei de castigo, hoje eu obedeci”, e eu: “parabéns Ítalo”. Da minha parte é assim, agora da parte dela eu não sei dizer.

P- Do que ela comunica com você, elogios até agora não teve?

M- Não...

P- Acho que seria até interessante (interrompe-me)

M- Seria.

P- (continuo) né, lembra-la... “se um dia ele tiver alguma, né, o dia que ele tiver mais comportadinho, que ele tiver feito direitinho as tarefas dentro da sala de aula, manda um elogio também, pra eu ficar sabendo, pra eu também poder elogiar em casa”... Assim a comunicação fica próxima não só quando as duas precisam porque estão num apuro, mas também quando tem uma coisa boa pra falar sobre ele, acho que ele vai responder melhor ainda se tiver um...

M- É, porque ele sabe que tem esse alguém que sabe que assim, toda vez que ele obedecer ele sabe que ele vai ser elogiado, alguém vai estar lá pra ver que ele também sabe obedecer.⁶⁰

⁶⁰ Acompanhando meu raciocínio, a mãe percebe que mostrar-se atenta ao filho é algo necessário independentemente da adequação ou inadequação de seu comportamento. Além disso, ela apresenta uma posição

P- Ahãn... É mostrar, né, que ele é capaz desse tipo de coisa. Então, acho que naquela época era mais essa questão da carência, esse jeito dele na escola que não estava condizente com o que era esperado pra ele, né... E como é que surgiu, Livia, a ideia de você procurar o atendimento psicológico pra ele? De onde é que você tirou?

M- Na verdade é assim, eu já tinha falado de outros casos, de criança... Mas na verdade não foi assim a escola que chegou e falou: “olha, procura um psicólogo”... Na casa onde ele fica tem uma criança, que assim, o problema dele é assim bem mais difícil, aí a moça pegou e falou assim: “olha, Livia, por que você não procura um psicólogo pra ele, quem sabe resolve?”, eu fui naquele... que tem ali em cima, aonde que era o... dentista comunitário, ali no...

P- No Centro Comunitário?

M- Isso, isso... Mas aí me falaram que num tinha, que eu tinha que esperar... Acho que eu fui no comecinho de fevereiro, e eles falaram pra eu esperar até o dia 24 de março, aí o que eu fiz, o marido da minha mãe trabalha na prefeitura, aí ela veio e resolveu aqui, aí falou, olha, você entrega o papelzinho tal dia e vê se você consegue agendar. Eu vim atrás e foi onde eu consegui.

P- Mas a ideia de procurar um psicólogo foi da cuidadora então, da babá que fica com ele durante a tarde?

M- Isso, isso...

P- E você, o que você achou dessa ideia quando ela te falou: “olha, procura um psicólogo”, e tal, você achou que era realmente uma ideia boa (interrompe-me)

M- Eu achei.

P- (continuo) ou você achou estanho...

M- Eu achei porque pode ser assim, às vezes ele não quer falar as coisas pra mim, sabe, e aí de repente conversando assim ele vai, sabe, soltando as coisas, assim... Porque sabe, eu

pergunto pra ele, ele não fala nada as coisas que ele conversou aqui, não me fala nada, nada, nada... só fala que fez um desenho e pronto, mais nada.⁶¹

P- E você acha estranho isso, ou você acha normal que isso aconteça.

M- Então, eu acho assim, meio estranho, porque são coisas que ele poderia me falar também, sabe, de repente ele quer conversar com alguém, quer falar, sabe, não sei dizer.

P- Então, acho que é porque quando ele está comigo a gente pouco conversa, do jeito como a gente está acostumada, né? Nós duas, quando você vem, a gente conversa e tal, você me conta as coisas que aconteceram, o que deixou de acontecer, como você se sentiu, o que você pensou.... E com ele, não é assim que funciona, né... Quando ele vem pra cá, ele vem me trazer as coisas que acontecem, que se passam na vida dele, mas não através de uma conversa. A gente brinca, a gente desenha, né, faz tudo de uma outra forma, que é o mundo da criança, então é como se aqui fosse um convite pra eu participar do mundo dele, do mundo de criança, do mundo de brincadeira, do mundo de fantasia, pra eu através disso saber quais são as fantasias que ele está vivendo, quais são as brincadeiras que ele precisa, né?... por onde ele precisa ir pra conseguir superar as dificuldades dele... Então, por isso que fica difícil mesmo de contar, né... “Olha o que eu falei foi isso, isso e isso...” Porque realmente, não tem o que eu disse, e o que ele disse... Acho que é num outro nível que acontece a nossa “conversa”. E às vezes até pra nós adultos também é difícil, né, sair da sala de atendimento e falar, o que eu disse foi isso, o que aconteceu foi isso...

M- É, a gente quase não lembra mesmo, né...

P- É, a gente não lembra, mas fica a experiência, né... E é mais ou menos por aí que funciona com ele também. Então está certo... Você achou que o atendimento psicológico ia ser a melhor estratégia pra ajudar ele então por conta disso... pra ele poder ter um outro espaço onde ele conseguisse falar a respeito dele mesmo, onde ele conseguisse (interrompe-me)

M- O que ele sente... se sente falta, que nem às vezes eu pergunto pra ele “tá sal...” (interrompe-se, creio que neste momento percebeu algo novo sobre si mesma) que nem assim, depois eu vou contar uma história que eu parei pra pensar que eu tenho que prestar mais

⁶¹ Existe uma expectativa de que a criança possa falar a respeito dos próprios problemas e apenas não queira falar para a mãe. A mãe então apresenta uma certa ansiedade, sentindo-se excluída, já que o filho mantém um “segredo” consigo. Há uma dificuldade da mãe em ser excluída das relações significativas que o filho estabelece. Se a proposta de trabalho não incluísse a mãe, provavelmente ela se sentiria pouco motivada a dar continuidade ao tratamento.

atenção nas coisas que ele fala... ⁶² “Falta alguma coisa pra você? Você sente falta de alguém?” Então, eu chego e pergunto pra ele, sabe? Só que ele não fala, entendeu? Teve um dia antes, não no dia que essa moça me parou no meio da rua, a coordenadora da escola, ele falou pra mim que ele estava obedecendo, tal, chamei atenção dele. Só que semanas antes eu perguntei como ele estava na escola, e ele falou que estava bem. Ele falou, “mãe vamos fazer assim, ó... quando eu falar que estou bem é porque eu não estou bem, e quando eu falar que não estou bem é porque eu estou bem”, só que, falou, passou, esqueci... aí encontrei a moça no meio da rua, ela me falou, aí chamei a atenção dele, aí ele sentado assim jantando, falou assim “mãe, você lembra aquele dia? Que eu falei pra você que quando eu falasse que eu estava me comportando na escola é porque eu não estou? E quando eu não estou é porque eu estou?” Aí eu fiquei pensando assim, que ele não mentiu em nenhum momento... que todos os dias eu vinha perguntando pra ele: “Ítalo, você se comportou na escola?“, “me comportei”.

P- (risos) Ele disse pra você dessa forma, nessa brincadeira que ele inventou...

M- É... Só que ele me falou no dia, e eu não levei em consideração...

P- Entendi...

M- Entendeu... Só que nesse dia eu peguei, briguei, chamei atenção dele, e ele chegou em mim... Não falou na hora que eu briguei com ele, mas falou depois...

P- O que você achou disso depois?

M- Eu acho que eu tenho que prestar mais atenção nas coisas que ele fala. Porque até então não tinha porque eu brigar com ele, porque até então ele não estava mentindo.

P- Você brigou por causa da mentira dele?

M- Foi...

P- É, às vezes você (interrompe-me, dou risada)

M- (Ri) Eu achei muito engraçado, e comecei a rir sozinha depois... ⁶³

⁶² Ela percebe algo importante, que pode melhorar em termos de escuta. Isto será de grande ajuda para a família.

⁶³ Estamos vendo se desmanchar certos aspectos persecutórios em relação à criança, a mãe vislumbrando uma tomada de posição mais madura através da escuta atenta ao filho, além de um princípio para a aproximação afetiva, quando ela é capaz de reconhecer o filho como alguém esperto e ri da situação, ao invés de ficar assustada e intimidada. Acredito que ela se sentiu mais à vontade para falar sobre isso após entender que Ítalo

P- (Risos) Ele fez uma baita duma cilada pra você, né...

M- Foi.

P- Ele disse: “ó vou te mostrar que você...” (interrompe-me).

M- E ele é mais esperto do que eu imagino... bem mais esperto!

P- É um convite pra você poder entrar no mundo dele, né, no mundo da brincadeira onde faz de conta que quando eu faço isso eu faço aquilo, faz de conta que se é assim é assado... É... Acho que é uma boa maneira de ele falar pra você que o jeito dele contar as coisas é um jeito próprio dele, então se você quiser entender, você vai ter que se adequar, né...

M- É, exatamente.

P- Você que vai ter que adivinhar ali o que ele tá querendo dizer, você vai ter que entrar no mundo dele pra ir descobrindo qual a mensagem que ele está querendo te passar daquela vez... Desafio, né, Livia?⁶⁴

M- Eu achei muito engraçado, eu não falei pra ele, nem ri na frente dele, né? Mas eu achei muito engraçado depois, e eu fiquei pensando “que menino!”

P- E que código, né? Que código é esse que ele está criando pra falar com você... Vale a pena você investir um pouquinho nisso, né, nesse convite que ele faz pra você “vamos fazer um código? Quando eu falar pra você que é isso, é aquilo, e quando eu falar que é aquilo é isso?” Porque acho que é uma maneira de ele te dizer que é mais fácil falar pra você que está tudo bem, do que falar pra você que não está.⁶⁵

M- É, porque ele sabe que eu vou brigar com ele. Não vou assim brigar, brigar, vou chamar a atenção, então, vou falar não pode... Você falou que ia fazer e não está fazendo...

P- Entendi... Bom, o que mais te incomodava? Você falou vários aspectos, falou da falta do pai, que deixava ele visivelmente carente, falou que ele fazia coisas para chamar a atenção da família, você falou desse incômodo que ele causa na escola, ou causava, na época que ele chegou pra cá... O que mais te incomodava diante disso tudo, ou era alguma outra coisa?

era o mesmo brincalhão que é com ela quando está comigo, e não há uma “tecnologia” eu o faça falar de si sem ser através da brincadeira infantil.

⁶⁴ Livia é uma mãe que se considera pouco espontânea. Ela precisa se desarmar para conseguir acessar o filho, quero deixar muito claro para ela que sua postura fará toda a diferença.

⁶⁵ Estou tentando transformar o que ficou de impressão para ela isoladamente em algo mais próximo de uma comunicação entre ambos.

M- Acho que era isso mesmo, acho que eu vim aqui mesmo era mais por causa da escola, que estava me incomodando bastante.

P- A cobrança?

M- É.

P- Você acha que os atendimentos oferecidos contribuíram de alguma forma pra você, pra ajudar em relação a esses problemas?

M- Eu acho que sim, acho que ajudou tanto ele quanto eu também, né, porque como eu falei, das primeiras vezes, que eu era mais fechada, num tinha tanta assim conversa, contato assim, e é... Foram assim coisas que a gente vai ouvindo, a gente vai vendo, a gente aprende a enxergar, pra falar a verdade... e que não é desse jeito que a gente tá fazendo, e sim de uma outra forma que sabe... Possa perceber um pouco mais de carinho... Brincadeiras, entendeu... Então acho que ajudou bastante.

P- Você se sentiu assim mais livre pra poder brincar com ele?

M- Ahã!

P- E ele é bem brincalhão, né?

M- Ele é, demais! Que às vezes eu preciso falar “Ítalo, chega! Parou!” Porque senão ele continua e continua...

P- Mas agora você também está dando um pouquinho de corda pra ele nisso de brincar também?

M- É, ahã...

P- Legal, isso é uma coisa muito boa, porque essa aproximação de vocês dois é o que ele estava precisando... Eu acho que... Como você falou... O pai continua não sendo presente,

M- É eu descobri esses dias aí que ele está preso... Por falta de pensão também...

P- Então, quer dizer, se ele estava ausente, agora ele vai permanecer longe, distante do Ítalo... Mas você está notando uma outra coisa que vai na contramão disso tudo, né? Que é, que embora o pai fique longe e vai continuar longe né... há tempos e cada vez mais tempo que ele está longe do Ítalo, em vez do Ítalo ficar cada vez mais tentando chamar a atenção, pelo

contrário, ele está tendo menos necessidades de chamar a atenção. Eu acho que isso é porque você está conseguindo dar pra ele essa atenção que ele precisa e oferecer de outras formas também, né? Acho que quando você conversa na escola, com a professora, você também está oferecendo um pouco essa oportunidade dele ter essa atenção... Só dela ter que escrever alguma coisa, só dela ter que conversar com você, dela ter te dado um horário, ó, segunda-feira tal horário você vem conversar comigo, quer dizer, ele já está sendo um pouco mais diferenciado e recebendo essa atenção que ele precisa.

M- A primeira vez que eu mandei o caderno ele não entregou pra professora... Eu perguntei pra ele e ele falou que ela não tinha ido. Aí no outro dia eu fui e mandei novamente, aí ela não tinha ido mesmo.⁶⁶ Aí no dia seguinte eu falei “entrega esse caderno pra professora que eu quero ver a resposta dela”. Aí ele entregou. Mas ele sabe que é pra falar sobre ele, entendeu? Aí ele veio perguntando, que eu vim lendo, né? “Mãe, ela está falando o que de mim, que eu fiz bagunça, que eu não obedeci?” Eu falei “eu estou lendo ainda, Ítalo, mas ela tá falando aqui de você sim...” Então ele sabe que é uma coisa que está tendo o controle dele.⁶⁷

P- E você fala pra ele de volta o que a professora falou?

M- Eu leio tudo pra ele ouvir.

P- E ele fica feliz ou fica triste dependendo do que está escrito?

M- Ele não demonstra muito não, né... Ele não leva muito assim, né, parece que ele sabe, entende, mas não leva em consideração.

P- E você? Como você fica dependendo do que você leu lá?

M- Ah, eu fico chateada, porque assim, eu vejo que assim, às vezes eu estou tentando fazer de uma forma que eu sei que eu não estou conseguindo... Eu já tentei assim, que nem, antes de vim, antes de ele começar a passar na psicóloga, eu tentei de várias outras formas e assim, não tinha resultado... Entendeu... Então às vezes eu... Sei lá...fico pensando que eu num... Sei lá... num sei dar educação... Que eu num sou uma boa mãe... Entendeu...⁶⁸

⁶⁶ É difícil para ela a princípio confiar na palavra dele. Não sei se ela é capaz de perceber o quanto é “desconfiada”. Mas sem dúvida ela demanda uma relação de confiança para sentir-se mais segura.

⁶⁷ Se ela puder aproveitar esta aliança com a professora será um avanço para ela.

⁶⁸ Ela se coloca na posição da criança monitorada, e não da mãe que exerce autoridade perante o filho. Está comunicando que tem um funcionamento infantil, não dá conta de assumir um lugar de autoridade como o da professora. Parece estar fundida ao filho a tal ponto que as cobranças em relação a ele recaem sobre ela diretamente, e ela é incapaz de se diferenciar e assumir a postura de autoridade. Penso que esta angústia que ela

P- Só que não é bem por aí, né, Livia... Acho que você está fazendo várias tentativas e o Ítalo não é como a Isabela, né... São crianças diferentes, cada um é diferente do outro, então, agora, o Ítalo tá na primeira série, e você tá construindo aí com a professora uma relação mais segura⁶⁹, né... Acho que a hora que vocês encontrarem um ponto assim de também dar espaço para o elogio, e também mostrar a crítica positiva dele, além da negativa, ele vai tentar, imagino, cada vez mais conquistar as coisas boas, e então se você, no seu bilhete escreve: “professora, hoje o Ítalo fez lição de casa até o final”, né... “dei parabéns pra ele por isso! Já falei pra ele que não gostei que ele, sei lá, bagunçou na aula e tal e aí ele fez a liçãozinha toda”, então, você tá dando um elogio, né, e quando você tiver a oportunidade de conversar direto com a professora também, pra que ela encontre, ao longo do dia que passou com ele, alguma característica positiva, pra você poder reforçar aquilo lá também em casa, pra você poder dizer o quanto que aquilo lá te deixa contente, de saber que ele é capaz de fazer coisas boas, de saber que ele é capaz de ser um menino que produz! Que está lá na escola trabalhando, está fazendo amizade, está ajudando a professora, está contribuindo pra escola ficar legal, né... Então, quando a professora encontra uma dessas características no Ítalo, te fala sobre isso e você tem a oportunidade de em casa mostrar que isso te deixa contente, aquilo te deixa triste, mas aquilo outro te deixa contente, né... Então ele: “Opa, pera aí, né... Então deixa eu ficar firme nisso que deixa minha mãe contente”... Então é um incentivo pra ele... A punição é importante quando precisa acontecer... Mas a gente tem que lembrar que a criança, ela vai encontrar nas coisas boas que ela faz, o caminho pras coisas que ela vai continuar fazendo... Agora se só mostrar o que ele faz de ruim, e não der a opção dele manter o que ele faz de bom, tem hora que ele vai até esquecer... “Ah, vou largar de mão de fazer o que eu faço bem porque afinal de contas pra que eu vou ficar me esforçando se só vem aquilo que eu faço de ruim”. As duas partes são importantes ter.⁷⁰ Você já falou um pouquinho como está a situação dele, depois dos atendimentos que você recebeu, e em relação à sua família, se você tivesse que ter um olhar pra além do Ítalo, o Ítalo como parte da família, você, a Isabela, o Ítalo, como é que estão hoje em dia as relações entre vocês? O que você acha?

M- Assim, família mesmo eu Ítalo e a Isabela?

sente está mais voltada para o trato com Ítalo do que com Isabela, talvez por conta do que ela identifica como sendo a diferença entre ambos. Ela tem família paterna, ele não. Ela acha que tem que dar conta dele sozinha, até o ponto em que se frustrou muito, impregnando a relação dos dois com aspectos depressivos.

⁶⁹ Procuro mostrar que ela sente um isolamento da família, mas há uma rede de cuidados substitutivos que ela pode utilizar.

⁷⁰ Procuro dar um modelo diferente de interpretação das queixas escolares, na qual ela e a professora estão do mesmo lado, tratando de contribuir para o crescimento de Ítalo.

P- É... Entre os irmãos, entre você e a Isabela, entre você e o Ítalo...

M- Então, é ... A Isabela eu acho ainda que ela poderia ser um pouquinho mais... ter um pouquinho mais de paciência com ele... isso ela não tem... Até tinha pensado em falar pra ver se podia trazer ela um dia pra conversar... Porque eu tento explicar pra ela “Isa, tem que ter mais paciência com ele, ele é seu irmão, você é irmã mais velha dele, e então ele vai se espelhar em você, tal”, mas ela não tem paciência... ⁷¹Quanto assim a irmãos, acho que agora de imediato mesmo eu estou mais próxima mesmo é da minha irmã que mudou pra cá, que tudo o que eu faço eu deixo eles com ela... Eles gostam... Mas assim, tudo normal mesmo...

P- Você chegou a falar pra mim de um primo e do seu irmão, né, que eram mais próximos do Ítalo...

M- É meu irmão se separou. Ele está agora mais próximo do meu bairro, só que assim, como que eu posso dizer... Por mim ele não ficaria mais tão grudado quanto antes... Porque ele se separou, e ele não quer voltar pra casa da minha mãe, e ele quer vir morar comigo, mas eu não quero. Porque agora então ele não quer saber de trabalhar, num quer saber disso, então às vezes ele chega nove horas na minha casa, fica chamando atenção, brigando, sabe, então assim já num acho que é uma coisa mais pra... É legal que o Ítalo ouve ele, mas acho que de imediato, agora, não sei se seria uma boa opção.

P- Ele está precisando se organizar primeiro, né, senão ele pode acabar desorganizando as coisas que estão acontecendo na sua família...

M- Isso... Agora meu primo mesmo, a gente não se vê mais tanto.

P- E ele está longe também, né?

M- Meu primo? Não, ele mora na região aqui...

P- E você com a Isabela, como é que estão vocês duas?

M- Ah, bem, assim, a Isabela ela é sossegadona no canto dela, acho que a gente não tem... O único problema da Isabela mesmo é agora que ela começou com uma mania de mentira, mas até então eu e a Tânia estamos tentando tirar isso dela, mas, normal, mas é assim, às vezes eu falo “ai, a Isabela não me dá trabalho”, mas num é, é que é assim, num sei se é porque o Ítalo

⁷¹ Está implícita na relação que ela busca construir entre os irmãos, a dificuldade que ela tem de se posicionar enquanto mãe e de agir de maneira afetuosa.

é menor, num se é porque ele me dá mais trabalho, mas ela já teve a fase dela de dar trabalho... Nunca deu trabalho como o Ítalo, mas já deu o trabalho dela...⁷² Ela já é mais assim... já tem o jeito dela mais, sabe, adolescente⁷³? Então ela é bem assim no canto dela mesmo...

P- É você já tinha conversado sobre a possibilidade dela vir, né... Acho interessante...

M- É, acho que assim, pra saber assim, né... Pra aprender um pouquinho, como eu aprendi a lidar, pra ela aprender um pouco a lidar com o Ítalo, porque isso também vai ajudar, porque eu sinto que ele também sente um pouco de falta de carinho da parte dela também... Porque quando ela vai pra casa da avó dela ele sai gritando assim “Isa! E meu beijo? Meu beijo!” E ela... Aí eu faço ela voltar e dar um beijo, dar um abraço nele pra depois ir... Aí ele entra e fica quieto lá dentro...

P- Então, ele tem esse lado saudável de pedir o que ele quer, né?

M- É, então, ele pede o que ele quer...

P- Então, e será que a Isabela está sabendo demonstrar o que ela precisa? Acho que é mais nesse sentido que (interrompe-me)...

M- É, que na verdade eu estou me preocupando mais com ele também e estou me esquecendo um pouquinho dela...⁷⁴

P- (continuo) um pouquinho da Isabela? É... então vamos tentar quando você trazer a Isabela pra eu conhecer também, entender quais são as necessidades dela... Por que ela está tão na dela? Tão quietinha? E quando você conversa com ela, o que você sempre está trazendo é “ah, sempre peço pra Isabela ser mais carinhosa, ser mais paciente, fazer mais atividades com o irmão dela, dar atenção pro irmão dela e tal”... Mas aí eu fico me perguntando “mas e a Isabela? Do que ela está precisando?” Porque a gente sabe dizer: “o Ítalo precisa de carinho. O Ítalo precisa de atenção. O Ítalo precisa de paciência.” E a Isabela? Precisa de que?

M- É verdade...

⁷² A partir do momento em que ela enxerga que existe apoio para cuidar de Isabela, ela não sente que tem dificuldades com a mesma.

⁷³ Existe uma distorção na relação com a filha, como se esta precisasse aprender a ser cuidadora do irmão. Isabela tem apenas 10 anos, não é razoável percebê-la como uma adolescente. A mãe, portanto busca que a filha assuma a posição de maturidade que é falha em si.

⁷⁴ Mudança na percepção da relação com a filha Isabela.

P- Então vamos tentar enxergar um pouquinho que eles também são crianças diferentes...

M- É que é assim, da Isabela, eu penso assim, eu tenho a vó dela que me ajuda, que de uma forma ou outra é assim, quando está acontecendo alguma coisa eu sei com quem eu posso chegar e falar assim “olha, me ajuda que é tal, tal, tal.” E do Ítalo não, sabe? Aí acabo me preocupando mais com ele...⁷⁵

P- Pesa mais a responsabilidade né, que é só pra você... Entendo, mas acho que ela também tem que ter o espacinho dela...

M- Ahã...

P- Bom, você já chegou a comentar por cima, né, mas tem algum problema que você vê na situação do Ítalo? Algum problema mais específico, assim? Ou na situação familiar, é, ou em relação à escola... em relação às queixas que você tinha trazido antes, né, dessa carência dele... você identifica que hoje em dia assim tem algum problema específico para ser trabalhado ainda?

M- Olha, tirando da escola, acho que não...

P- Tirando o fato das reclamações que de alguma forma ainda aparecem...

M- Porque do pai dele até então não é mais aquela cobrança como antes.

P- Ele parou de te cobrar tanto...

M- É... Fala uma vez ou outra mas é bem raro mesmo...

P- Como você está lidando com isso?

M- Eu tento assim, sabe, fugir um pouco do assunto, sabe, porque eu num sei chegar e falar assim, sabe, olha, seu pai não quer saber de você, seu pai é isso, seu pai é aquilo... Então eu tento contornar a situação, entendeu?

P- E como você faz para contornar?

M- Então, às vezes eu falo que não consigo falar com ele... Acho que foi mês passado que eu fiquei sabendo que ele está preso, né? Eu tentei falar com ele, e falei com a mulher dele que o

⁷⁵ Acredito que há aí um reconhecimento de si e do seu funcionamento, implicado na queixa, não mais como a espectadora.

Ítalo estava passando na psicóloga e que seria bom se ele viesse também pra conversar, e ela pegou e me falou. Aí ele... Acho que da última vez que ele me perguntou eu falei que num tinha conseguido falar com ele, mas que eu ia tentar novamente...⁷⁶

P- O que você acha que pode ser feito ainda, né, acho que entre nosso trabalho e outras coisas, né, o que você acha que pode ser feito pra ajudar a melhorar nessas situações?

M- Não sei, acho que trabalhar mais no fato, em termos, sabe de, como que eu posso dizer, limites, essas coisas assim, essas brincadeiras, sabe, chegar um pouco e conversar, ver o que ele sente, assim, que nem eu vejo que ele deve querer falar alguma coisa e não fala, entendeu?

P- Você acha que seria mais nesse sentido de conversar com ele?

M- Isso.

P- E de dar limites?

M- Isso...

P- Conversar, dar limites são os jeitos que a Lívia sempre encontra né?

M- (risos)

P- Pra tentar ajudar o Ítalo, né... Mas se você for parar pra ver, Lívia, olha, você encontrou nos atendimentos outras maneiras... Que pouco tem a ver com a conversa, porque afinal de contas estamos falando de uma criança pequena que, às vezes ele vai saber dizer, às vezes ele não vai saber dizer... Porque pra saber dizer ele precisa ter uma experiência ainda, né? E o limite nunca foi uma coisa que faltou pra você... Você nunca fez “ah, pode fazer o que você quiser, Ítalo”... né... “estou vendo fazer uma coisa ruim e não estou dando bronca”... Pelo contrário, você sempre chamou atenção, né, sempre procurou mostrar pra ele que ele estava errando, onde ele estava errando... Então, tanto conversar quanto dar limites são coisas necessárias que você faz, né? São coisas importantes pra criança, ela não pode viver sem isso, sem conversar e sem ter limites, mas aquilo que você encontrou nos atendimentos que você usou na sua casa pra fazer uma diferença no jeito como o Ítalo está hoje, é de outra ordem. É da ordem muito mais de aproximação, de ficar realmente mais junto, dessa atenção, não da

⁷⁶ A mãe se mostra aí disponível para permitir a entrada do pai na relação, e se coloca empaticamente ao lado do filho para ajuda-lo, embora as condições reais para que isto de fato aconteça sejam muito precárias. Há ainda o fato de que a mãe se coloca numa relação empática diante do problema, mas tem uma dificuldade enorme em diferenciar-se do filho, sofrendo assim ela própria o desamparo.

sua conversa, não no foco da sua conversa, ou seja, do que você tem pra dizer pra ele, mas do que ele tem pra dizer pra você do jeito dele, você vê? Na linguagem dele... Na demonstração de afeto, na demonstração de carinho que você consegue retribuir, quando você consegue retribuir o carinho que ele já vem demonstrar, aí sim você consegue suprir a necessidade dele, então... Se, vamos dizer assim agora os problemas estão mais atenuados, embora ainda existam e tudo, mas se já não estão mais tão gritantes, não é graças a nenhuma conversa que a gente tenha tido especificamente, e também não é graças a algum castigo que a gente tenha encontrado “Ah, agora sim, esse castigo funcionou”, né? É... Foi pelo contrário, foi por trabalhar no outro lado, foi por trabalhar num lado de ter mais graça, de ter mais risada, de ter mais carinho, de ter mais colo, mais abraço, beijo, essas coisas que ele é assim, ele gosta desse contato, e ele é uma criança que precisa desse contato físico mesmo, e ele busca isso, ele exige isso, ele impõe isso, se você não quiser, ele vai dar um jeito de se grudar ou se jogar como ele faz, pra conseguir. Então quer dizer, o caminho não é deixar de fazer o que você já fazia... É continuar fazendo o que você já fazia, e acrescentar umas pitadinhas ali de... daquelas risadas que você deu depois com ele, e poder aproveitar isso junto com ele também, né... Poder aproveitar isso junto, e quem sabe também com a Isabela, quem sabe também vocês três juntos, aí a Isabela quem sabe vai pensar assim, né “Opa! Tem um jeito diferente de agir com meu irmão que não é só de colocar ele pra lá e eu pra cá... dá pra fazer outras coisas, e é legal!” Aí, você virou as costas, é capaz dela começar a fazer sozinha, por ela mesma... Sem você ter que ficar em cima, pedindo uma coisa que ela nem sabe fazer...⁷⁷ Certo? Mas tá bom, né, Lívia, obrigada de você ter vindo, obrigada de você ter participado dessa pesquisa, e a gente vai combinar então a partir de agora como a gente vai conduzir, que meios que a gente vai conduzir nossos atendimentos... Tá bom?

M- Tá bom...

Desligo o aparelho.

⁷⁷ Procuro mostrar que suas dificuldades e as dos filhos têm relação. Procuro oferecer uma postura de acolhimento e incentivo que ela precisa.

APÊNDICE F- Apresentação do Caso 2: Paulo e sua mãe, Renata.

Dados pessoais coletados logo no princípio da consulta:

Paulo tem 12 anos, filho de Renata e Mário, casados. Mora com os pais e dois irmãos, Augusto de 20 anos e Heloísa de 6 anos, e recentemente também com a avó paterna, Tereza.

Apresentação do caso:

Renata vem para a primeira entrevista e convida dona Tereza a entrar com ela. Paulo foi encaminhado para atendimento com psicólogo, psicopedagogo e fonoaudiólogo pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), onde realizou avaliação entre outubro e dezembro de 2013. Através de uma avaliação multi e interdisciplinar foi diagnosticado com dislexia, tendo apresentado dificuldades escolares e como consequência, também com seus professores, que não aceitavam que ele não soubesse escrever. O encaminhamento apresenta dados de anamnese, exames audiométricos, visuais, do processamento auditivo, neurológico, neuropsicológico, fonoaudiológico e psicopedagógico. Foi detectado, além de sintomatologia compatível com quadro de distúrbio específico da leitura (dislexia), aspectos emocionais que estavam interferindo em seu rendimento. A análise afetivo-emocional aponta:

[...] o jovem é ansioso, impulsivo, com baixa tolerância às frustrações, tensão excessiva, tende a comportamento lábil e atuidor. Simbolicamente encontra dificuldade nas realizações e tende a não acreditar em seu potencial.

Mãe diz que gostaria de aprender a lidar com ele, pois sente que “pecou muito”, por forçá-lo a fazer tarefas escolares por horas e horas a fio, por sentir que a cobrança foi excessiva, e ele não tinha condições de ter o resultado esperado, por deixá-lo tantas vezes de castigo, sem que ele tivesse feito algo de errado, mas a pedido dos professores, que diziam que ele não escrevia por que não queria.⁷⁸

⁷⁸ Observa-se uma demanda que diz respeito ao sentimento de culpa da mãe sobre ter sido intolerante diante da deficiência do filho, aumentando sua exposição ao sofrimento.

Diz que quando ela perguntava a ele se ele tinha lição, ele já começava a chorar. Avó acrescenta que por vezes ele fica tão ansioso em relação ao assunto da escola que gagueja, tem falta de ar, fica vermelho.⁷⁹

Elas relatam que há outros parentes na família que também têm esse diagnóstico. Mãe sente-se mal por não ter conseguido este laudo antes, dizendo que isto o pouparia de um sofrimento desnecessário. Em seguida diz que quando ele tinha 6 anos, logo na primeira série, a professora disse a ela que ele tinha dislexia e que não aprenderia nunca. Diz que a professora então parou de investir nele, e já não passava tarefas para ele. Ela o levou ao psicólogo nesta época, mas a profissional disse à mãe que era muito cedo para dar este diagnóstico, pois ele só tinha 6 anos. Ela tirou o filho daquela escola, e colocou-o nesta, que segundo ela tinha uma melhor qualidade de ensino, onde está até hoje. Ela conclui “eu não sou professora, não sou psicóloga, eu perguntava na escola dele se era caso de psicólogo, e eles me diziam que era preguiça, que era só dar um castigo que resolveria”.⁸⁰

Assim, no ano passado, a mãe, por conta própria buscou a ABD e pagou pela avaliação. Após a conclusão, levou para conhecimento da escola o laudo, o relatório sobre cada atendimento de Paulo e uma espécie de apostila que versa sobre os direitos garantidos por lei da pessoa portadora de dislexia e como conduzir o processo ensino-aprendizagem com esta população. Desde então, ela refere que o tratamento dado ao filho mudou muito. Professores passaram a elogiá-lo em sala de aula por sua participação oral frequente, e quando disseram isso à mãe, ela respondeu “ele sempre foi assim, vocês é que não ligavam”.⁸¹ Outros professores disseram que para o grau de dificuldade dele, o adolescente é muito esforçado e conseguiu superar muitas dificuldades, pois até mesmo livros grandes ele lê, mesmo que lentamente, e não gosta que lhe prestem ajuda nisto.

Procurei mostrar à mãe que ela fez tudo o que estava ao seu alcance, buscando ajuda profissional, investindo nas intervenções necessárias junto à escola, atenta à situação do filho, tudo isto são maneiras adequadas de ajuda-lo. Reconheci que está acontecendo uma mobilização da família frente à dificuldade de Paulo, e que se este não é o momento ideal para iniciar intervenções num caso como este, que poderia ter sido acompanhado desde cedo, não foi por falta de interesse em ajudar o garoto, visto que a ajuda foi buscada em outros

⁷⁹ Há presença de sintomas de ansiedade vinculados à vida escolar.

⁸⁰ Mãe demonstra capacidade de auto-crítica, bem como recursos internos para lidar com a culpa.

⁸¹ A leitura que a mãe faz sobre seu papel na situação é bastante madura, no sentido de se colocar ao lado do filho para ajuda-lo nas questões práticas, exercendo junto à escola um papel fundamental para comunicar as dificuldades e direitos do adolescente que estavam sendo negligenciadas até o momento.

momentos, sem sucesso. Ela relata que ambos os pais procuraram sempre assegurar que ele fizesse um esforço pessoal para ultrapassar seus limites, e isto se relaciona com os avanços na leitura e na escrita.

Ela diz que Paulo não está conseguindo aceitar bem o fato de carregar um diagnóstico, e se por um lado “ficou aliviado de não ser burro” (sic mãe), por outro está se sentindo diminuído, não quer aceitar a ajuda que é garantida por lei, para que seja dado mais tempo de prova, que alguém leia suas questões, que ele possa responder oralmente, de forma complementar à escrita, que tenha acesso ao corretor ortográfico, calculadora, etc... Ele não quer ser tratado como diferente e não quer que ninguém saiba do diagnóstico. Na última reunião entre ele, a mãe e uma professora, ele se mostrou acuado, não respondeu, apenas escondeu o rosto quando uma professora sugeriu que ele se sentasse com um colega para ajudá-lo a copiar a tarefa da lousa. A mãe disse à professora que seria melhor não, pois percebeu, na postura do filho que ele se sentiria muito constrangido. Ela diz que percebe que Paulo já tem seus próprios meios de “se virar”.

Digo a ela que nosso trabalho será neste sentido, de conhecer Paulo, e fazê-lo reconhecer-se também, a fim de melhorar sua auto-aceitação, e dar a ele instrumentos para que se sinta mais encorajado a responder aos desafios de forma mais madura, ao invés de sentir-se acuado, que ele possa comunicar melhor suas necessidades, sentimentos e ideias. Assim, tanto a mãe poderá contribuir para melhorar ainda mais sua maneira de ajudá-lo quanto compreender melhor o filho, para não cair novamente numa relação desajustada.

A avó pouco participou deste atendimento. Disse que até pouco tempo atrás seu convívio com o neto era esporádico, pois ela morava em outra cidade. Mãe e avó afirmam que ele é um ótimo menino. Seu ídolo é o irmão mais velho, um jovem que trabalha, faz faculdade, brinca e sai com ele, compra presentes, mas também “zoa” com ele pela sua dificuldade de escrever.

Com a irmã, briga muito, e em geral mantém uma certa distância. Com o pai a relação também é boa. O pai não parece estar ansioso a respeito do diagnóstico, e continua lidando com o filho da mesma maneira no que tange à vida escolar do mesmo. Ele foi descrito como tendo “jeito” para estudar com o filho.

Peço a ela para trazer Paulo e agendo também um retorno para ela.

Segundo atendimento: Paulo- 16 dias após o primeiro.

Paulo faz um bom contato comigo, mostra-se um adolescente comunicativo e simpático. Conta muitas coisas sobre sua vida, do que gosta, e como é sua família, sobre como o pai parece “viciado em jogos de computador” e sobre o acidente que levou sua mãe a precisar de uma cirurgia que limitou muito seus movimentos⁸², e me parece ter compaixão dela. Conta sobre seu irmão mais velho, onde trabalha, o que fazem juntos. Sua irmã mais nova é descrita como chata, pois vive pegando suas coisas e provocando-o. Tento mostrar a Paulo que para ela ele é o irmão grande, e talvez ela faça de tudo para chamar sua atenção. Então ele encadeia uma série de relatos longos e intermináveis sobre episódios que viveu com os tios, primos, e também relata em detalhes filmes, jogos...⁸³ Então ele compara a proximidade que tem com a família do pai, que é grande e unida, com o distanciamento que existe na família da mãe, que embora more relativamente perto, não se vêem, mal se falam. Ele conta que a família da mãe não fala mais com ela devido à mudança da mesma de opção religiosa⁸⁴.

Nem chego a perguntar sobre a escola, e ele não toca no assunto, pois percebo que não há espaço para isso, e que ele está correndo com os relatos para um outro sentido.⁸⁵ Peço a ele para fazer um desenho antes de terminarmos, um desenho de qualquer coisa, o que quisesse.⁸⁶

⁸² A mãe não chegou a comentar nada a respeito deste acidente e nem sobre suas implicações em sua saúde.

⁸³ Esta série sem fim de relatos me parece uma defesa, uma fuga. Percebo que ele se sente confortável em me mostrar um lado seu voltado para o convívio social, familiar, inteligência, resolução de problemas de forma surpreendente e admirável. Sinto-me assim, tendendo a admirá-lo por ser um jovem que valoriza a família e a relação com os mais velhos, que convive amigavelmente com os primos e relata uma série de situações em que solucionou de forma exemplar problemas práticos em suas aventuras. Contudo, fiquei com a sensação de estar diante de um relato compulsivo, que estava em verdade encobrindo uma ansiedade. Creio que esta ansiedade está relacionada aos reais motivos que o levaram a estar comigo. E havia uma fuga, para não tratar destes assuntos, ao mesmo tempo em que compreendi que ele desejava comunicar que antes de tudo, não gostaria de iniciar uma relação em que suas fraquezas viessem em primeiro plano e suas qualidades fossem deixadas de lado. Formulo em minha mente que este garoto faz um grande esforço e sacrifício para não deixar transparecer seus defeitos, e levanto uma hipótese de que deve haver alguma fantasia subjacente à ideia de revelar um defeito.

⁸⁴ Acredito que a fantasia que subjaz o medo de mostrar um “defeito”, tenha a ver com a possibilidade de exclusão da família, tal como vivido com a mãe.

⁸⁵ Nesta nossa primeira sessão desejo priorizar que ele consiga fazer um vínculo, e que a partir daí possamos começar a trabalhar com suas dificuldades, ou mesmo com sua ansiedade em deparar-se com as dificuldades. Ainda que não tratemos diretamente desta ansiedade, é importante para que nossa relação faça sentido, que ele possa entrar em contato com o fato de que há uma situação problema e nós poderemos lidar com isto.

Ele faz uma pequena cabeça em semi perfil⁸⁷, com cabelos que em parte cobrem seus grandes olhos que estão olhando de lado, e seu meio-sorriso soa como um disfarce:

Figura 10- Desenho livre de Paulo: um rosto.

Este desenho me mostra que se trata de um jovem inteligente, mas o tamanho da cabeça e a exclusão de outras partes do corpo, revelam uma supervalorização das funções mentais, e uma insegurança quanto ao julgamento de sua capacidade intelectual. Talvez seja esse medo do que possa ser “visto” que faz os cabelos caírem em tão grandes olhos. O sorriso, por outro lado é bastante curioso, está voltado para onde os olhos olham, mas não é completo, não expressa alegria.

Vejo tudo isso em seu desenho, e peço a ele para me contar o que desenhou. Ele me diz que é um rosto, que sempre desenha rostos que inventa. Este é de um jovem olhando para algum lugar.

⁸⁶ Meus objetivos ao realizar esta intervenção foram de primeiramente, romper com os relatos compulsivos, dar a possibilidade de comunicação de uma forma menos ansiogênica, bem como observar as projeções que ele faria naquele momento da consulta, e que poderiam dar um retrato mais completo de sua auto-imagem.

⁸⁷ A aquisição da capacidade de desenhar em semi-perfil é alcançada nesta idade por sujeitos que preservam uma boa capacidade cognitiva, seja na média ou acima da média (KOPPITZ, 1973).

Digo a ele que achei muito interessante que este jovem tenha esta expressão de meio sorriso enquanto olha para este lugar. Digo que passa pela minha cabeça que este sorriso se parece com aquele sorriso amarelo que damos quando temos que agradar alguém, mesmo que a situação não seja agradável. Digo que este é um sorriso que tenta disfarçar os reais sentimentos sobre aquilo que o jovem vê, mas ele não quer demonstrar que não gosta, então tenta sorrir disfarçando. De início ele ergue as sobrancelhas enquanto me escuta, quieto, depois parece ter achado divertido, fica numa postura relaxada.

Encerro a sessão pedindo para que ele retorne.

Terceira sessão- mãe- 7 dias após a segunda sessão

Mãe vem para a segunda sessão, desta vez, sozinha. Pergunto a ela como vão as coisas, e ela me diz que vai tudo bem, normal, sem grandes mudanças. Digo a ela que achei o primeiro atendimento com Paulo muito boa. Imaginava que ele poderia ser um jovem tímido, retraído, mas o que eu vi foi um adolescente bastante comunicativo, criativo, amoroso⁸⁸. A mãe concorda comigo, diz que ele é mesmo tudo isso. Digo à mãe que ele parece se esforçar muito para criar uma relação onde ele possa afirmar suas qualidades, ele mostra querer que eu reconheça suas qualidades e emprega muito esforço nisso. Ela diz que também nota que ele seja assim, e acrescenta que vez por outra tem que dar uma bronca nele por se meter em conversas de adultos, querendo dar opinião e por fazer muita coisa pra chamar a atenção.

Digo à mãe que esta atitude me diz que, em primeiro lugar, ele quer ser visto pelas coisas que ele faz bem, por suas qualidades. Em segundo lugar, ele tem muito medo das pessoas verem seus defeitos. Sigo:

- Então eu fico pensando... Por que será que é tão ruim assim ser diferente, admitir ter um defeito? E eu penso em algumas possibilidades. Uma delas é a idolatria que ele tem pelo irmão, que é descrito tanto no relato dele como no seu como uma fonte de virtudes⁸⁹. Ele é quase perfeito, e pobre do Paulo que tenta, tenta, mas nunca consegue chegar aos pés do irmão.

⁸⁸ Quero dizer mostrar que há muito o que se enxergar em Paulo para além de suas dificuldades, que foram o tema da primeira consulta com a mãe. Vamos tentar integrar os aspectos positivos e negativos na mesma pessoa.

⁸⁹ Procuo levar esta fala num tom de brincadeira, pois sinto que há uma distorção que precisa ser revista por ela.

- (risos) O Paulo acha mesmo que o Augusto é tudo isso... Ele idolatra esse irmão, quer fazer tudo o que o irmão faz, vive se comparando com o irmão, e reclama que ele pode fazer mais coisas, como sair tarde, por exemplo, mas o Augusto já tem 20 anos, eu não vou impedir... Eu digo pro Paulo que quando ele tiver essa idade vai ser igual com ele.⁹⁰

- Já que o irmão pode muito e é praticamente perfeito, então ter um defeito deve ser algo que ameaça... Então fiquei pensando que ameaça pode ser que ele perceba? E ele me conta que ser diferente, para algumas famílias pode levar à exclusão⁹¹. Ele tem muito marcado que você sofreu uma espécie de exclusão da sua família por ter uma opção religiosa diferente. Talvez ele tenha entendido que se ele mostrar ser diferente, ele também corre o risco de ser excluído...

A mãe faz cara de susto e indignação quando eu falo sobre sua família e diz:

-O Paulo não tinha nem nascido ainda quando eu mudei minha opção religiosa... Eu não fazia ideia que ele pensava nisso! Na verdade, minha família se desuniu quando meus pais se separaram, e parte dos irmãos ficou sem falar com o pai, e quase não nos víamos mais... Na verdade as relações entre nós sempre foram complicadas, e quando eu optei por mudar de religião, não foi que pararam de falar comigo, foi que as festas deles já não tinham mais contexto para mim... E só foi afastando, e ninguém mais fez muita questão, sabe...

- Entendo, e isso me diz o quanto esta é a fantasia que o Paulo criou em torno de ser diferente.

- Eu fiquei muito preocupada com ele, sem saber o que dizer, pois essa semana ele me disse que era “deficiente”. Eu levei um susto, pois essa palavra “deficiente” é muito forte, e disse pra ele que não, que ele não era deficiente, que isso era muito pesado, ele só tinha uma dificuldade. E ele me respondeu que não, que ele era sim deficiente, como eu! E eu disse “filho, a mãe não é deficiente, a mãe anda, a mãe trabalha, apenas tem algumas coisas que não posso fazer”⁹².

⁹⁰ Paulo parece não ter encontrado ganhos em ser apenas ele mesmo, parece estar preso na ideia de ter que ser como o irmão.

⁹¹ Estou tentando aproximar a mãe da fantasia que pode estar por traz da ansiedade de Paulo.

⁹² Este diálogo ocorreu após nossa primeira consulta, onde ele me relatou o acidente da mãe, a cirurgia, e as limitações, e me marcou particularmente a situação que ele me relata sobre a mãe não poder mais acampar com a família. Agora, todos ficam nas barracas e a mãe vai para uma pousada. É particularmente nesta parte da história que ele me pareceu lamentar. Contudo, ele mesmo relata que embora ela não possa abaixar e dormir no chão, ela não deixou de participar totalmente desta atividade.

Peço para ela me contar sobre sua cirurgia. Ela diz que sofreu um acidente de trabalho, carregando muito peso (é enfermeira), e precisou fazer uma cirurgia na coluna, em que houveram intercorrências, e ela acabou passando cerca de um mês no hospital, alguns meses de cadeira-de-rodas e graças à reabilitação voltou a andar. Não pode subir e descer escadas demais, nem se abaixar, ou fazer qualquer movimento de impacto. No trabalho, precisou ser transferida para outra função, e deixou de fazer o que mais gostava, está agora se adaptando à volta ao trabalho, e embora não esteja 100% satisfeita, não me parece infeliz ou revoltada mas sim apresenta um ar de vitória. Conta que esta situação mexeu muito com todos da família, e que todos tiveram que fazer concessões e se adaptar. A casa está em reforma para diminuir as escadas, e ela recebe ajuda constantemente dos filhos para fazer tarefas que antes fazia sem problemas. Até a filha mais nova a ajuda a atravessar a rua. Devido aos custos hospitalares e da reforma, além de outras despesas, o pai de Paulo precisou arrumar outro emprego, pois estão com dívidas, coisa que nunca tinham vivido antes. Além do tempo a mais que o pai passa trabalhando, ela sente que ele tem estado distante da família. Ela achou até que ele não ia mais querer permanecer no casamento, mas aos poucos “as coisas foram se acomodando”. Mostro a ela que mais uma vez ser diferente representou um risco maior para a separação da família. Ela admite que embora não haja brigas, o relacionamento mudou e ela não se sente mais tão segura sobre o casamento.⁹³

Pergunto a ela como foi no início, quando ela se viu numa situação de dependência. Ela disse que foi no hospital, e que na hora não conseguia acreditar, que viveu na negação. Diz que o marido a acompanhou, e que ele minimizava o ocorrido, dizendo que rapidinho ela ia se recuperar “mas esse rapidinho levou meses e até hoje tem sequelas”⁹⁴. Depois ela ficou com muita raiva. Então começou com a fisioterapia, e passou para a cadeira-de-rodas. Quis comparecer à sua formatura, e foi questionada “você vai assim?” Então precisou se afirmar “claro que vou, eu estudei 4 anos e agora vou pegar meu diploma!”⁹⁵

⁹³ Acho importante a mãe ter se deixado chegar ao estágio de admitir as próprias imperfeições e notar os problemas que surgiram de fato. Quero aproximá-la do filho e do sentimento genuíno de insegurança que ele vive, mas para isto é preciso romper com a rigidez na relações familiares, que conferem à negação das “deficiências” a principal via para encarar os problemas pelos quais seus membros são atingidos. Pretendo romper a rigidez desta defesa para facilitar a aproximação empática entre mãe e filho.

⁹⁴ Parece que estamos seguindo nesta direção, e o pai aparece como um membro que sustenta a negação na família.

⁹⁵ Ela precisou se auto-afirmar para a própria família para não ser colocada de lado. Eis uma amostra de como a família tem limitações para dar apoio a quem evidencia ter dificuldades pessoais. Não sei o quanto a ansiedade, e tentativa exaustiva de Paulo de mostrar suas qualidades não estão relacionadas com esta necessidade de auto-afirmação que é a via para garantir a não exclusão do reconhecimento familiar que parece bastante competitivo.

Digo a ela que algo semelhante pode ter ocorrido com Paulo. Antes da escola ele já dava sinais de ser um menino esperto, inteligente... mas à medida que começou a ser cobrado da leitura e da escrita, percebeu que não correspondia mais à expectativa que havia sido depositada nele, era como se ele tivesse quebrado a imagem da criança inteligente anteriormente formada. Há boas razões para acreditar que houveram expectativas em relação ao sucesso escolar que foram quebradas. Uma delas é por ele ser um menino realmente inteligente, e outra é porque ele é o irmão de um menino que já havia se destacado na escola.⁹⁶

Digo a ela que essa impossibilidade de ser como o irmão é algo que ele reivindica até hoje. Seu medo de ser como a mãe (deficiente, excluída pela família) só vai se atenuar quando todos na família puderem encarar a existência de problemas, de diferenças, de imperfeições, sem ter medo de revelar que elas existem e estão sendo encaradas. Tento mostrar à mãe que outros membros da família não “apontados” também vão ter limitações, elas apenas não estão em evidência. Se for tranquilo para eles falar sobre isso e se relacionar com os parentes “deficientes”, então estarão ajudando uns aos outros a não temerem a exclusão.

A mãe fica pensativa, concorda com este ponto de vista e acrescenta que no final de semana Paulo se encontrou com um primo que também foi diagnosticado com dislexia, e que ambos ficaram conversando, e ela acabou ouvindo e morreu de rir. Um dizia quanto tinha dado o seu QI, o outro também, e perguntava o resultado de outros testes, num diálogo sério, “do mundo deles”. A mãe diz que achou que eles estavam medindo para ver quem era mais inteligente, e eles pareciam bem à vontade. Soube também que Paulo ouviu seu colega tirando sarro do jeito como escrevia, e respondeu “fica quieto, ô, sou mais inteligente que você!”. Então a mãe ficou contente que ele está aprendendo a se defender e não fica mais intimidado. Disse a ela que faz bem para a auto-estima de Paulo o fato de ser reconhecido pelos aspectos positivos, e que há na sociedade a supervalorização dos aspectos mentais e do reconhecimento acadêmico e que isto já faz parte também dos valores dele. Neste sentido, a família poderia contribuir ao enfatizar ainda mais outros aspectos, não ligados ao intelecto e ao reconhecimento acadêmico, mas sim às questões afetivas e de relacionamento, e “avaliar e medir” um pouco mais estes aspectos, para que ele não tenha que empregar tanta energia para esconder seus pontos negativos, sabendo que a estima dos demais está baseada também em aspectos dele em que ele já se sinta mais seguro e menos ameaçado. Então a mãe me conta

⁹⁶ Estou procurando trabalhar com a elaboração imaginativa, com a quebra do objeto fantasiado e o reconhecimento do objeto real.

que pela primeira vez o viu chamar a irmã para brincar, pois ela vive chamando-o, e ele sempre se recusa. Renata disse a ele em seguida que gostou da novidade, de vê-lo brincar com Heloísa, e ele respondeu “foi ideia da psicóloga”.

Disse a ela que eu não tinha dito diretamente a ele que brincasse com a irmã, mas talvez tenha sido o fato de ter dito a ele o quanto eu o achava atencioso, carinhoso, amoroso e criativo, além do fato de que a irmã parecia querer mais atenção de sua parte. Então, foi ele próprio que resolveu mostrar este lado na relação com a irmã.

Encerramos o atendimento.

Quarta sessão- 14 dias a pós a terceira

Paulo vem para o atendimento calmamente. Pergunto como ele está e ele me diz: “normal”. Pergunto como vão as coisas, e ele responde “bem”. Pergunto se desde quando ele veio aqui, houve alguma coisa que ele quisesse conversar comigo, e parecendo tranquilo, ele diz: “não”⁹⁷. Proponho que ele faça um desenho, e ele topa.⁹⁸ Ofereço a ele lápis preto, borracha e uma caixa de lápis de cor com 12 cores. Peço a ele para que procure perceber o momento que ele está vivendo agora, seus sentimentos, seus pensamentos, sensações, expectativas, e que a partir daquilo que ele tenha percebido, olhe para o material que ofereci, procurando usar o lápis que mais lhe chamar a atenção, para representar algo conhecido, que ele já tenha visto antes, ou até mesmo algo desconhecido, que ele próprio crie. Digo que esta atividade é livre e ele pode fazer o que quiser.

Ele pega então o lápis preto e faz um traço de chão com suavidade. Depois, faz uma grande nuvem e um pequeno sol escondido na beira da folha. Faz uma enorme árvore.⁹⁹ Depois faz um formigueiro e se empenha muito em fazer as seis formigas enfileiradas, todas carregando folhas, e a última em especial leva uma folha gigantesca para o seu tamanho. Então pega o lápis laranja e faz raios de sol. Pega o lápis amarelo e faz mais outros e pinta o

⁹⁷ Bastante resistente ao contato, monossilábico, calmo, mas sem expressão. Achei que seria uma boa hora de ele buscar o contato consigo mesmo, ao invés de forçar uma comunicação direta. Ele precisa aprender a reconhecer a si próprio para depois buscar uma forma de se expressar.

⁹⁸ Ele estava bastante resistente, e na hora me ocorreu que ele faria desenhos estereotipados.

⁹⁹ Até aqui estamos no lugar-comum, na segurança do desenho estereotipado. Alguns minutos em que se dá lugar à introspecção para possibilitar a expressão criativa.

sol. Então digo: “agora você resolveu colorir” e ele: “é , pra dar vida pro desenho”.¹⁰⁰ Coloriu também a árvore. Voltou ao lápis preto e fez pássaros. Em seguida, junto ao chão começou a fazer um animal quadrúpede. Fez matinhos no chão e por último fez um menino apoiado na árvore. Terminou pintando o animal e a roupa do menino. Disse a ele que o que se encontrava no desenho eram coisas que estavam dentro dele e que ele expressou dessa forma:

Figura 11- Desenho livre de Paulo: uma floresta.

Perguntei a ele:

- O que você desenhou?
- Uma floresta.
- Que tipo de floresta?
- Não sei, uma qualquer.
- E o que você colocou no seu desenho?

¹⁰⁰ Desde um desenho estereotipado, nasceu uma ideia original, a das formigas. Então logo após ter representado as formigas resolveu dar vida ao desenho.

- Um céu nublado, uma árvore, um menino, uns pássaros, um formigueiro e uma lhama (fala da lhama sorrindo).

- Uma lhama?!

- No começo eu achei que ia fazer um cachorro, mas daí, vi que estava saindo uma lhama.¹⁰¹

- Que interessante! Eu nunca esperaria ver uma lhama aqui, ela é rara, não vemos muitas lhamas... Não são como os cachorros que são comuns em qualquer lugar.

- Eu fui num acampamento que tinha uma avestruz e uma lhama. A avestruz ficou cutucando meu amigo com a cabeça pra brincar. E a lhama era bonitinha¹⁰²...

- E o que essa aí está fazendo no desenho?

- Andando por aí.

- E as formigas?

- Elas estão recolhendo as folhas para se prepararem para o inverno.

- Aquela ali está com uma folha grande demais, não?

- Ela vai cortar a folha. As formigas são muito fortes, elas carregam até 100 vezes o próprio peso.

- Sem dúvida! Quando olhamos para a formiga, vemos um inseto muito pequeno, que qualquer pisada esmagaria. Mas o certo é que mesmo pequeno, ele é um bicho muito forte, e também organizado e trabalhador. É por isso que a formiga consegue realizar grandes construções, mesmo sendo pequena¹⁰³. O que mais aparece no seu desenho?

- Os pássaros.

- O que eles estão fazendo?

- Eles estão de mudança, migrando para fugir do inverno.

¹⁰¹ Me parece que ele está comunicando que ele não é comum, como um cachorro. Ele é diferente e exótico, como uma lhama seria no Brasil. Elas são muito comuns, mas não aqui.

¹⁰² Há aspectos positivos vinculados à ideia da lhama.

¹⁰³ Estou procurando integrar aspectos positivos e negativos deste elemento. Ele me fala dos positivos: é forte, prevenida, trabalhadora. Eu falo dos negativos: é um inseto frágil e pequeno, e ainda assim admirável pela capacidade de construir.

- Então eles saem de um lugar em que faz muito frio e vão voando pra encontrar um lugar mais quente.

-É.

- E o que mais chama a sua atenção no desenho?

- A árvore.

- Por quê?

- Ela é muito bonita, muito grande. E dá uma boa sombra.

- Sim... Realmente. E esta pessoa que você desenhou, quem é?

- É um menino.

- E o que ele está fazendo aí?

- Ele está descansando.

- Ele buscou a sombra da árvore pra descansar, né?

- É.

- Paulo, o jeito como você fez seu desenho expressa muitas coisas, o que você acha que viu aqui e que tem a ver com você, ou com este momento da sua vida? ¹⁰⁴

- Não sei (dá de ombros).

- Olha, o começo do seu desenho era só em lápis preto, ainda estava sem vida, sem expressão. Assim também você estava quando chegou aqui hoje, sem muita energia, né? ¹⁰⁵

Ele dá um risinho.

-Então... você fez uma paisagem, que é o lugar em que você se encontra agora... Tem sol, que serve para aquecer, mas só aparece um pouquinho... Ainda assim, se você dá vida a

¹⁰⁴ Estou buscando que a partir dos elementos que ele expressa, ele possa formular uma fala autêntica sobre si mesmo, mas ele se mostra resistente.

¹⁰⁵ Vou procurar integrar os aspectos que ele pode expressar tal como eles apareceram para mim, agindo como um espelho, que favorece o autoconhecimento, embora não possa ter alcançado ainda neste momento uma auto-afirmação.

ele, os raios chegam mais perto, olha... (aponto para os fortes raios de sol que ele fez). Isto mostra um pouco de como o afeto das pessoas que estão próximas de você chegam até você.

Ele fica em silêncio, atento, mas não diz nada.

- E estes pássaros que estão migrando? Você podia ter feito pássaros que estavam procurando a árvore pra sentar, ou que se assustaram quando a lhama apareceu, mas não, você fez pássaros que estão de mudança. Então acredito que você se sente assim, no meio de uma trajetória, de uma mudança na sua vida, de um lugar onde o inverno, o frio poderia te prejudicar, pra um lugar onde você quer encontrar mais calor, e melhores condições de viver. Afinal, é pra isso que os pássaros migram, né?

Concorda, silenciosamente.

- Então temos as formigas, que são pequenos insetos à primeira vista, mas você mostrou no seu desenho que são capazes de grandes construções, porque aí tem um formigueiro. E elas estão fazendo grandes esforços, carregando folhas pesadas, e graças a isto vão conseguir passar o inverno em segurança.

- Depois você fez uma lhama, para sua surpresa e minha também! Você esperava que viria um cachorro, e se surpreendeu, porque veio uma lhama, muito exótica. Eu também me assustei, porque também não esperava!

Rimos, descontraídos. Continuei:

- Gostei muito de ter encontrado uma lhama, já estava cansada de cachorros. Mas acho que nem todo mundo vai gostar de ter uma lhama por perto, e talvez pense: “ah, bem que podia ser um simples cachorro...”. Ele disse:

- A lhama que tinha lá no acampamento era bem bonitinha... Mas ela cuspiu no menino que estava bem do meu lado! Foi nojento! (faz cara de nojo) Eu gostei dela, mas acho que ele não gostou muito.

Ri da história que ele contou, imitando a situação. ¹⁰⁶

¹⁰⁶ Percebi que estávamos nos entendendo a respeito de como é para ele ser diferente de uma maneira positiva e negativa. Ele é a lhama no meio de cachorros. Todos os colegas são leitores, menos ele, e isto atrapalha um pouco, há uma certa rejeição. Porém, suas qualidades exuberantes de inteligência e perseverança facilitam a aceitação e o deixam mais confortável para passear tranquilo como a lhama.

As formigas estavam trabalhando. Então a lhama estava só passeando e por fim o garoto está descansando na sombra da árvore. Ele está na sombra da árvore e está apoiado nela. Isso diz algo sobre você?

- Não sei.

- Me parece que tem certo lado seu que está em fase de mudança, certo lado que percebe o trabalho, o esforço e a construção devido à organização e à força. Também um certo lado que é diferente, exótico que não é um cachorro comum, e sim uma lhama, assim como um lado que descansa na sombra de uma árvore. Sabe, as árvores geralmente representam a nossa base mais segura, a família. Neste momento o garoto está se apoiando e se protegendo do sol, que não consegue chegar até ele, porque a árvore é grande e ele está escondido atrás dela. Mas o menino tem pernas e quando ele quiser, ele pode ficar de pé, tomar um sol, ou fazer outras coisas...

Ele balança a cabeça em silêncio. Pergunto se há algo mais para ser dito sobre ele ou sobre seu desenho, e ele diz que não. Encerramos a sessão.

Quinta sessão- mãe, no dia seguinte da sessão anterior

Recebo a mãe de Paulo, que se mostra tranquila. Pergunto a ela como vão as coisas, e ela me conta:

- Da primeira vez que eu trouxe ele, ele não quis vir, ele falou que não era louco, e não ia passar no psicólogo. Daí, ele veio e ficou animado de voltar. Ontem, ele sabia que tinha consulta, ele mesmo falou: “hoje vamos lá, né, mãe?” e veio numa boa.¹⁰⁷ Quando ele saiu daqui ontem, eu perguntei pra ele como foi, e ele falou: “bem”. E eu quis saber o que vocês fizeram, e ele disse “eu falei tudo pra ela”¹⁰⁸. E eu disse pra ele: “falou tudo? Ah, tá, que bom...”. E aí eu fiquei pensando, “falou tudo? Que estranho, ele fala como se tivesse coisas que ele não pudesse falar com a gente, como se tivesse algum segredo que não podia contar”...

¹⁰⁷ Creio ter conseguido estabelecer um vínculo de segurança, respeitando os limites e o tempo do paciente, e ainda oferecido de alguma ajuda para o mesmo, visto que quis voltar.

¹⁰⁸ Se revisarmos o atendimento, ele praticamente não falou, mas sentiu que “disse tudo”. Parece que houve uma boa comunicação, expressa pelo desenho.

- Acho que o Paulo está te dizendo que conseguiu comunicar algo que era difícil para ele falar de uma forma comum. Existem vários lados dele que convivem juntos, entre coisas boas e coisas ruins, e que ele está descobrindo agora. Ele está na fase de se descobrir, e nem sempre é fácil falar a respeito de si mesmo, e muito menos ser claro no que quer dizer, para que outra pessoa entenda. Então ele está começando a caminhar nesse sentido, de se reconhecer e achar um jeito de se mostrar de forma que o outro entenda quem ele é e o que ele precisa.

- É, pode ser... Na volta daqui, o meu filho mais velho levou a gente, e a namorada dele estava junto. Aí passamos na frente do exército, e o meu mais velho fez exército. Aí ela foi tirar um sarro dele, e falou assim: “já pensou, Paulo, você no exército? Vários dias no meio da mata, todo sujo, com fome, se virando?”. E ele respondeu assim: “Tá louca? Meu irmão que gosta dessas coisas, eu não gosto de passar dificuldade não, deixa isso pra ele”¹⁰⁹. Então eu percebi que pelo menos nisso ele não quis ser igual o irmão. Porque ele se compara muito, vive dizendo que só o irmão pode fazer as coisas, e cobra que a gente o deixe fazer o mesmo. Acredita que outro dia ele veio questionar por que a gente não deixa ele dirigir? Eu dei até risada. Ele falou: “só porque eu sou baixinho?” E eu falei, não, Paulo, é porque você não tem idade! Você tem que comer muito arroz e feijão ainda! Eu não sei se é porque ele é o filho do meio, mas ele vive se comparando com a mais nova, que ganha as coisas, e ele não ganhou... aí eu pergunto se ele quer que eu dê igual pra ele, e ele fala: “eu, não, credo”.

- Parece que ele olha para os irmãos e só vê o que eles tem de vantagem. A vantagem de ser mais velho, a vantagem de ser mais novo. Seria interessante começar a mostrar para ele que há certas coisas que somente ele vai ter, e o irmão não vai ter porque está velho demais, e que a irmã não vai ter porque é nova demais.

- É! Por exemplo, ele foi no acampamento da igreja. Ele adora, fica vários dias lá, com os meninos da idade dele. A irmã ficou morrendo de vontade de ir, mas não pode porque não tem idade ainda. Ele queria que o irmão fosse, mas o irmão tinha que trabalhar, e tem a namorada, e lá é mais pros mais novos mesmo... Então ele foi um dia lá, passou um dia inteiro lá com eles, levou a namorada e tudo... o Paulo adorou que o irmão foi vê-lo lá.

¹⁰⁹ O reconhecimento de si leva à diferenciação que pudemos perceber nesta fala.

- Isto que você está falando é muito legal, porque mostra que ele tem vantagens que às vezes não é capaz de ver sozinho. É muito importante ajuda-lo a notar que ser ele mesmo tem certas vantagens e não só desvantagens.

- A escola está dando agora muitos trabalhos com maquete. Ele gosta que eu participe com ele do trabalho. Então ele dá ideia, fala o que precisa, eu compro, e ele vai fazendo, aí quando ele tem alguma dúvida de como faz alguma coisa eu vou lá com ele, e a gente fica um tempão juntos montando, descobrindo o melhor jeito de fazer... Esse tempo que eu passo com ele, eu não tenho com o mais velho. Ele já sai, trabalha, volta, e eu quase não participo das coisas que ele tem que fazer. Ele me mostra quando já está pronto. E eu sei que o Paulo gosta que eu fique com ele ajudando. Mas também tem coisa que ele prefere fazer sozinho, então ele só me chama quando precisa que eu ajude mesmo. Já a pequena não, com ela tem que ficar junto o tempo todo. Ele não quer que fique o tempo todo. É verdade, ele tem vantagens que os irmãos não tem, eu posso mostrar isso pra ele...

- Com certeza isso vai facilitar pra ele se sentir cuidado da forma como ele precisa... E como está a relação de vocês dois?

- Está boa... Assim, é difícil dele falar do que está acontecendo com ele, às vezes eu queria que ele me contasse, e ele mesmo não sabe. Outro dia, eu mal entrei em casa e ele já veio no portão nervoso, vermelho... Falou que o remédio não estava fazendo efeito porque ele está nervoso¹¹⁰. E eu falei que não é assim, está fazendo efeito sim... Mas ele brigou com a avó e com o pedreiro e não sabia dizer por que.

- Às vezes a gente fica procurando um motivo em algo que aconteceu, mas muitas vezes o que nos deixa mal é algo que não aconteceu¹¹¹.

- É... Não sei se é por que a avó está em casa... Ela está construindo uma casa para ela no nosso quintal, mas enquanto não fica pronta, ela está passando uma temporada com a gente. Por enquanto ela está no quarto dos meninos e isso está afetando, porque eles ficaram sem o espaço que era deles... E a avó pega no pé por coisas que eu não pego, e eles ficam estressados e também porque ela fica mexendo nas coisas dele... Então ele acabou brigando

¹¹⁰ Foi a primeira vez que eu soube que ele estivesse fazendo uso de algum remédio. Na entrevista inicial, procurei saber quais outros atendimentos ele fazia, e a mãe citou que estava em busca de atendimento fonoaudiológico, que iria começar em breve uma avaliação, e que não havia perspectivas de início de atendimento psicopedagógico por falta de profissionais na rede pública. Não falou nada sobre acompanhamento médico.

¹¹¹ Estou trabalhando com a hipótese do afastamento do pai, e as consequências para o garoto.

com a avó e com o pedreiro... Mas eu falo pra ele, “calma, é só um tempo, daqui a pouco fica pronta a casa dela, e cada um vai ter o seu próprio quarto também”...

- Sim, estas mudanças exigem adaptação, e um certo esforço de cada um...

- É...

- Você disse que ele está fazendo uso de remédio. Qual remédio seria?

- É um antidepressivo que a neurologista passou, não me lembro o nome.¹¹²

- Quanto tempo faz que ele está tomando este remédio?

- Faz mais ou menos um mês e meio.

- E você percebeu alguma mudança com o remédio?

- No começo ele falava que o remédio deixava ele estranho. Ele falava que precisava parar pra pensar antes de fazer, e que isso era estranho, que antes ele já ia e fazia. Aí eu disse: “que bom, filho, é bom parar pra pensar”. E ele falava: “não, é estranho”. Depois ele falou que não estava mais sentindo isso. E eu disse que era porque ele estava se adaptando ao remédio já. E ele não está assim tão estressado com tudo. Também não tem mais aquilo de andar a casa inteira sem conseguir assistir um filme, agora ele para, ele assiste, não está mais inquieto.

- Que bom, o remédio dá um suporte para ele ter mais controle dele mesmo, facilita a mudança dele.

- É, eu percebi que deu uma acalmada. Aí quando ele se estressou com a avó, achou que o remédio não estava mais fazendo efeito, queria aumentar a dose. Eu falei que não, não pode aumentar assim, o remédio tá fazendo o efeito sim, e quem vai ver a dose que ele pode tomar é a médica.

- Quando é o retorno dele?

- Daqui um mês.

¹¹² O fato de eu tomar conhecimento de que ele faz acompanhamento com neurologista e está sob uso de antidepressivo apenas na quinta sessão me comunica que existe uma ansiedade da mãe diante de tal fato, e que esta comunicação foi mais um lapso que evidenciou a negação que se mantinha, principalmente pelo fato de que o início da medicação praticamente coincide com o início dos nossos atendimentos. Julgo que a mãe, como enfermeira, é suficientemente esclarecida a respeito do peso deste pormenor sobre o tratamento do filho, a ponto de ter racionalmente a compreensão de que seria um dado importante para relatar nos atendimentos psicológicos.

- Certo, então é ótimo ele continuar acompanhando com ela, mesmo enquanto vem aqui. As duas coisas são importantes que caminhem juntas.

- É, concordo.

- E com o pai dele, como estão as coisas?

- Ele fica muito pouco em casa... Agora resolveu fazer um curso de 6 meses do exército pra subir de posto. Eu acho que agora não é o momento ideal pra isso, mas é a carreira dele, ele que tem que saber. Mas eu já falei: “não deixa eu me acostumar com a sua ausência...” Então, ele vai ter que escolher o que ele faz no fim de semana, que é o único tempo que temos juntos. Se ele passa a semana inteira fora, e o fim de semana ficar só na televisão e no computador... Tudo tem consequência... O Paulo está reclamando que o pai não para em casa, que está com saudade. Até a menina que sempre foi agarrada comigo anda falando que está com saudades do pai. Só que a saudade dela é assim, cinco minutos já resolveu (risos). E o Paulo já gosta de ficar com o pai, ele que sempre ajudou nos estudos, que sempre fez tarefa com ele, que ele tem a maior paciência pra ensinar, e é bem disciplinado, então o Paulo aprende muito com o pai. Mas vamos ver, vai depender dele também... Ele está sabendo o que eu penso...

- A presença do pai na vida dele é muito importante, que bom que vocês conversam sobre isso.

- É, e a gente sempre procurou ficar junto, de finais de semana a gente participa de um jogo que é tipo uma caça ao tesouro, então outras pessoas que participam escondem um objeto, e dão dicas, e a gente procura pela cidade, às vezes pega estrada e vai atrás, coloca no GPS a latitude e longitude e vai em busca das dicas até achar. A família toda participa, até a namorada do meu filho vai junto, ela já está incluída na família, e eu acho ótimo, porque vai todo mundo junto e todo mundo se diverte.

- Isso é muito bom! Mesmo que o tempo seja curto, se tiver qualidade na interação naquele momento, é o mais importante.

- É estou contando as com isso!

Encerramos a sessão, agendamos novas consultas para Paulo, que parece ainda ter um percurso de autodescoberta que não depende tanto da família. Faço o convite para participar da pesquisa. A mãe aceitou e marcamos um horário para entrevista, 6 dias depois.

APÊNDICE G- Transcrição da entrevista realizada com Renata, mãe de Paulo (Caso 2).

Transcrição entrevista Caso 7- Paulo com mãe- Renata

P- Então Renata, eu queria saber um pouquinho a respeito de como está a situação do Paulo desde quando vocês começaram a passar nos atendimentos aqui, né. O objetivo da pesquisa é saber, compreender se houveram e como foram as mudanças que aconteceram com o Paulo e com a família desde o momento em que vocês procuraram atendimento. Então a primeira coisa é que eu queria que você contasse um pouquinho como estava a situação do Paulo e da família no momento em que vocês chegaram, no momento em que vocês resolveram procurar o atendimento.

M- A situação estava crítica, porque é assim, pro Paulo foi bem complicado aceitar que ele é diferente, ele tem dislexia. E assim, chegou num ponto de ansiedade tão grande que a gente já não sabia mais lidar com ele. Foram muitos anos de sofrimento, de tensão, de cobrança dentro da escola, e por conta de insistência minha, né, achando que tinha alguma coisa errada, a gente resolveu procurar por um laudo, um diagnóstico da dislexia. E assim, ele não aceita até hoje, né... Muito bem essa história... e ... tava difícil. Eu confesso que assim, muito ansioso, é... não sentava pra assistir um filme, ficava agoniado, andava pela casa toda, saía contando a história do filme todo, e estava atrapalhando as atividades corriqueiras dele, então estava...

P- Então o Paulo estava nessa situação, né, dessa ansiedade que você observava no dia-a-dia, e que estava prejudicando ainda mais, né, as atividades dele, normais, e parece que estava fugindo de alguma coisa ali...

M- Sim, né... Ele realmente como válvula de escape ele acabava explodindo, ficando nervoso, acabava brigando com todo mundo, e realmente não tinha mais como, né? Fingir que não estava acontecendo nada.

P- Como era a situação familiar na época?

M- Então, assim, a família em si é uma família unida, né... a gente sempre procura resolver os problemas entre si, da melhor forma possível. Mas eu como mãe já realmente já

não sabia mais até onde eu podia cobrar o Paulo, até onde eu não podia cobrar... O fato de toda a vez que eu perguntava ou tocava no nome da escola e ele já vir chorando, passando mal, muito nervoso... Foi complicando, porque chega uma hora que você não sabe mais como lidar com a situação, e isso acabava refletindo pra todos os lados, né... Então estava bem, difícil, digamos assim. Eu mesma e o pai já não sabíamos mais como estudar com ele pra escola, pras provas, né... Como cobrar ou perguntar qualquer coisa.

P- Você se sentia meio perdida sobre como lidar com ele, né?

M- Sim...

P- E como surgiu a ideia de procurar um atendimento psicológico?

M- Foi orientação da própria ABD. Quando nós fizemos a investigação foi colocado no laudo que a ansiedade dele atrapalhava as atividades corriqueiras, né... E o fato de ele não saber lidar com essa situação, pra ele é tudo muito novo, porque ele sempre teve a dificuldade, porém ele sabia, né, como ele mesmo diz, que “eu sabia que eu tinha algum problema, mas eu não queria que fosse a dislexia”. Então a aceitação dele ficou assim bem difícil, tanto que até hoje ele não aceita direito isso. Então a própria ABD encaminhou, pra que a gente procurasse um apoio psicológico, pra também saber lidar melhor com essa situação. Pra que ele possa conseguir lidar melhor com isso, né, e aceitar que ele tem essa diferença.

P- Então foi por orientação deles...

M- Foi...

P- E como vocês receberam essa orientação? Vocês acharam que ia ser um caminho bom, ou acharam que ia ser uma coisa estranha passar no psicólogo, por conta desse problema que refletia na escola, em casa... como foi a visão da família, assim em relação a este encaminhamento?

M- Tranquilo eu acredito, mesmo porque é assim, mesmo antes de sair o laudo, a gente já via que haveria uma necessidade de um apoio, principalmente, meu maior medo era assim, se não desse nada, como que a cabeça do Paulo ia ficar, porque é assim... ele sabia que ele tinha uma dificuldade, né... só que ele não queria aceitar que ele era diferente, que ele ia ter que trabalhar isso. Ao mesmo tempo, ele ficava assim: “mãe, mas e se não der nada, é porque eu sou realmente burro?” Então assim, como lidar com isso? Então, indiferente do resultado a gente já estava pensando em procurar uma ajuda, porque eu mesma já não saberia

lidar com a situação. Eu tenho pra mim que com um laudo positivo ficou mais fácil porque tem uma diretriz o tratamento, mas e aí, como lidar com tudo isso? Eu não saberia, e em casa a gente não saberia como lidar com a situação. Então assim, quando a ABD indicou que nós procurássemos um psicólogo, era o que faltava pra gente começar o tratamento do Paulo, né? Tanto fono, como psicólogo pra trabalhar em conjunto, porque não adianta tirar um laudo e ficar por isso mesmo, você tem que partir para algum princípio, né...

P- O que mais te incomodava, você como mãe, o que mais te incomodava na situação?

M- Mesmo antes de a gente procurar ajuda, foi o fato de a gente não conseguir conversar com o Paulo. Ele se fechava, se fecha totalmente então, pra se proteger, ele acabava se fechando. Então, muitas vezes a gente ia brincar com ele, conversar, ver alguma coisa de escola, e ele simplesmente fechava a cara e não queria conversar com ninguém e dificultava mais ainda o relacionamento, então esse relacionamento era meu maior medo, sabe? De ele acabar se isolando totalmente de tudo e de todos.

P- Você acha que os atendimentos oferecidos aqui contribuíram de alguma forma para ajudar nessa situação?

M- Ainda está meio precoce, né? O Paulo passou duas vezes só com você, mas assim, tem algumas coisas que ele já faz mais tranquilo, inclusive em casa a gente estava até observando “nossa o Paulo está mais tranquilo, né, mais fácil de lidar” e até a minha sogra falou assim, “é, ele não está mais brigando tanto com a Heloísa, né?” e eu falei: “que bom, né, teve algum resultado!” Então eu acredito que sim, só pelo fato de ele poder falar pra uma pessoa que não esteja diretamente envolvida com ele eu acho que está deixando ele mais tranquilo, mais confiante. E só pode ser daqui, porque a única diferença que teve foi nessas consultas com você, né, então eu acredito que isso tem ajudado sim, pelo menos eu acredito que ele tem assim, tentado enfrentar melhor o problema dele, não tá se fechando tanto, né... então acho que já começou a ter algum efeito, né, algum resultado...

P- Se você tenta conversar alguma coisa com ele que antes era muito difícil como está a reação dele?

M- Continua difícil.

P- Ele assim, não se mostra muito com vontade de conversar.

M- Não, ainda não. A gente ainda sente aquela barreira... “não, não quero”, se ele está em semana de prova: “Paulo, quer ajuda?”, “não, não precisa”, “Paulo, posso ver qual que é a matéria?”, “não, mãe, não precisa!”. “Tá bom, né”... Então você vê que ele ainda tem aquela barreira, né... mas no geral ele está mais tranquilo.

P- Tá certo... e como é que está a situação da família? Você acha que teve alguma mudança... Ou não? Você acha que tinha alguma coisa na situação familiar mesmo que se modificou de alguma forma?

M- Eu acho que não...

P- Na sua atitude?

M- Então eu acho que assim, aquilo que eu falei, é cedo, a gente começou agora, né, e assim... Muitos dos conselhos que você dá, parte dele a gente já faz, né, assim, eu tô tentando mudar a abordagem, né, mostrando, que nem você mesma falou a comparação de uma coisa com a outra, que os irmãos também têm dificuldade, e tudo... Mas assim, eu acho que ele está começando a aceitar, então está ficando mais tranquilo, que nem eu te falei, até minha sogra percebeu a mudança, né, falou assim: “Nossa, o Paulo não tá mais brigando tanto, né, não tá ficando mais tão ansioso, tão nervoso”, então acho que tá mais tranquilo, eu acho que seria essa mesmo a palavra, está mais tranquilo de lidar com ele.

P- Ele em geral está tranquilo, né?

M- Sim...

P- Ele está conseguindo enxergar melhor você do jeito que você sempre foi com ele.

M- É.

P- Talvez.

M- Talvez.

P- Está deixando ter mais um pouco de acesso.

M- Porque assim, antes ele criava uma barreira muito grande, né? E agora não, ele está mais acessível, ele está mais carinhoso com a gente, porque antes a gente chegava perto e ele já ficava assim “o que que você quer?” (risos). Agora não, agora ele já está mais carinhoso,

mais atencioso com a gente, então acho que já está quebrando aquela barreira, e isso é o mais importante.¹¹³

P- Essa coisa da relação, assim, de um tempo pra cá também ele começou a tomar medicação.

M- Sim, é.

P- Então, essa tranquilidade, vamos dizer assim, não ficar tão à flor da pele como ele estava antes também pode ser efeito da medicação.

M- Também pode. Mas às vezes ele mesmo fala “ai mãe, esse remédio já não está mais fazendo efeito!”, “por que, Paulo?”; “porque eu estou muito nervoso!”, e eu falei “calma, né, Paulo, não é assim...” (risos). Então eu acho que é um conjunto, né, eu acho que só o fato de ter tirado aquele peso, né “ai, eu não sou burro”, que antes ele carregava já ajudou bastante também. E assim, ele está começando a perceber que mesmo com a dificuldade que ele tem, ele não é um deficiente, não é um bichinho de outro mundo¹¹⁴, então...

P- Eu acho que tem várias coisas aí, porque, Renata, vocês estão juntos enfrentando essa situação. Ele está tendo que dialogar sobre alguma coisa que está acontecendo com ele, e percebendo que o mundo não está desabando com isso, que você está cada vez mais acessível pra ele porque ele está menos colocando barreira, né, ele está mais tranquilo. Talvez ele ficasse só mais tranquilo, mas ainda assim talvez procurasse um isolamento, se não tivesse uma família, uma rede de relações ali que conseguisse dar o suporte que ele precisa.

M- É, eu acredito que sim. Teve uma época que ele se fechou muito. A gente não conseguia chegar e abraçar ele, ele: “que que foi, mãe, o que você quer?” E eu “como assim, Paulo, não quero nada”. Aí o irmão dele chegava assim e dizia “Ah, vamos fazer tal coisa?”; “ah não, não quero”; “Ah, tem que ler? Não, não quero”. Então assim, ele mesmo ia se isolando. E agora não, ele diz: “tem que ler? Deixa que eu leio!”. Aí o irmão fala assim: “ah, mas você não sabe ler, lê direito aí!”, e ele fala assim: “não, pode deixar que eu leio!” então, assim, aos poucos ele está começando a aceitar, essa dificuldade que ele tem, né...Então fica mais fácil de a gente poder comentar, de a gente poder fazer as coisas¹¹⁵, se bem que esses

¹¹³ Me faz lembrar o pedacinho de sol em lápis preto no canto da folha que começa a ficar colorido com grandes raios que começam a invadir o desenho e dos pássaros migrando para fugir do inverno.

¹¹⁴ Talvez ele não seja um bicho de outro mundo, mas é uma lhama.

¹¹⁵ Ele considera bonitinha a lhama, está considerando menos assustadora a ideia de ser diferente? Há uma aproximação entre o relato da mãe e possíveis resultados da consulta anterior a Paulo.

dias a pequena falou assim, não, ele chegou em casa reclamando que ela tinha falado alguma coisa na perua que ele tinha dislexia, e que as crianças olhavam e perguntaram assim “mas o que que é dislexia?”; “não é nada. Não interessa.”(expressão facial de raiva); e ele “mãe, ela fica falando pra todo mundo!” e eu “não pode, só pode falar se ele deixar...” Aí agora ela lembra de alguma coisa e fala pra ele assim, o Paulo, pode falar?” e ele “não, não pode!” (expressão facial de achar graça difarçadamente).

P- (risos) Ela já cria todo o clima...

M- Ela fala: “mãe, pode falar?” E eu: “eu não sei... Paulo?” e ele: “não, não pode”. Então assim, né, mesmo na brincadeira, é uma forma de ele tratar melhor o assunto, e isso não acontecia. Se fosse antes, em outra época ele já tinha chegado em casa chorando, de bico, né, fazendo drama, e não foi o que aconteceu.

P- Ele não está negando totalmente.

M- Exatamente.

P- “Não gosto... tenho meu direito de ter meu espaço”

M- É, então, mas assim, a atitude dele foi diferente, se fosse alguns meses atrás ele teria feito aquele drama, né... “Mãe, não pode, você tem que brigar com ela!” Então eu senti assim uma mudança no comportamento dele e isso facilita o relacionamento com todo mundo.

P- Bom, você falou um pouquinho sobre a situação, e como está hoje em dia, né... e que problemas você vê hoje, que mais surgem na relação com ele, na relação familiar, onde você acha que surge assim, problemas para serem trabalhados?

M- Ele tem que aprender a se controlar melhor, porque ele explode muito fácil. Ele acorda de mal humor, pronto sobra pra todo mundo. E não é assim de ser mal educado, sabe, dar esporro nas pessoas. Ele fica mal com isso, você vê a expressão dele, fica diferente, é, a agitação dele fica diferente, e isso faz mal pra ele. Então eu acho que ele precisa aprender a se controlar, trabalhar isso, não só a aceitação, mas em geral.

P- E na escola, tem situações na escola que são problemáticas hoje em dia?

M- Ele não tem reclamado mais. Ele reclamava muito, dos colegas, bullying, na verdade... que os colegas falavam que ele escrevia “paulês”, e vivia no “mundo do Paulo”, enfim, né, e agora ele não tem reclamado tanto. Eu acredito que a escola está tomando um

pouco mais de cuidado em relação a isso, porque, quando eu conversei com eles, eu ressalttei muito essa história de ficarem zoando ele, que não é legal, é uma dificuldade que ele tem, e não é porque ele quer, então não acho legal isso, e acho que a escola está tomando um pouco mais de cuidado. E mesmo os professores não estão mais fazendo tanta pressão em cima dele como faziam antes. Ele falou pra mim que está tirando nota nas provas, os trabalhos de maquete estão dando nota, estão dando resultado, né...

P- E uma enxurrada de maquetes pra fazer (risos).

M- E ele gosta! Até brinquei com ele: “Ai, Paulo, vou reclamar com seus professores, que história é essa de todo dia uma maquete diferente?”; “Você ta louca, mãe?” (risos), então pra ele está sendo diferente, mas está sendo bom. Então acho que facilitou bastante saber, ter um papel, um laudo, um acompanhamento, mesmo com a fono, acho que está surtindo um efeito, né? E é bom..

P- Com certeza, né, eu acho que pela escola também conseguir ressaltar o que ele faz de melhor.

M- Pois é, vamos ver os resultados na próxima reunião...

P- Tá certo. E o que você acha que precisa ser feito ainda para ajudar nessas situações de problema? Você falou que na escola já está bem encaminhado, que de repente apareça alguma situação aí que na reunião você tome conhecimento. Mas do ponto de vista do Paulo ele está sendo melhor avaliado, a convivência está melhor, e não tem mais reclamado tanto, está mais disponível, e mais disposto também, né, pra ir pra escola, pra fazer as atividades também... Sempre esteve, né?

M- Sempre esteve...

P- Mas é meio ruim, né, você ir pra um lugar onde você ...

M- Então, mesmo com tanta pressão, ele sempre gostou muito de estudar, né... e assim, ele é uma criança que não fica só, ali no que você passou pra ele, ele quer saber o porquê, ele quer investigar, ele vai defender a tese dele se ele achar que ele está certo, né, então é assim, isso ele criou como *barreira* pra¹¹⁶ auxiliar ele mesmo nas atividades que ele tinha.¹¹⁷

¹¹⁶ Creio que Renata quis dizer *recurso para ultrapassar a barreira*.

¹¹⁷ Me faz lembrar das formiguinhas trabalhando arduamente para construir um grande formigueiro. Ele também trabalha muito para construir o conhecimento.

Então assim, não sei daqui pra frente como que vai ser, mas sei que por enquanto ele está bem encaminhado em relação à escola. Eu senti assim um despreparo muito grande dos professores no começo, mas aí depois explicando, e eu levei o laudo, grifado em algumas partes: “olha, professora, eu deixei uma cópia com vocês”; “Ah, mas eu não tive acesso”; “não seja por isso, está aqui”; “ah, mas eu sei que ele tem dislexia”, como uma professora veio falar para mim, e veio me cobrar organização do caderno. Aí eu perguntei, professora você leu o laudo do Paulo?”; “Não, não li”; “Então, mas dizia exatamente isso, ele não tem essa coordenação motora, essa destreza com caneta, papel, lápis, e ele escreve, ele começa ali, termina aqui, ele pula folha, ele escreve bagunçado, e a letra dele, quando você entende está de bom tamanho. “Ah, mas mesmo a organização do caderno?”; “Então, principalmente a organização do caderno”. Ele não consegue fazer uma linha aqui, terminar no mesmo parágrafo, pular uma linha bonitinho, é tudo bagunçado...”; “Ah, eu não sabia...”; “então...”. E ela chegou a descontar ponto, e ele ficou com nota baixa por causa disso. E eu falei pra ela: “não é certo você cobrar uma coisa que ele não vai conseguir.”; “Ah, eu não sabia que era desse jeito, porque... dislexia... não sabe ler e escrever, o resto é perfeito”, mas não é isso. Então houve um despreparo muito grande dos professores, do colégio, por mais que eles estão tentando dar uma melhorada, e eu por outro lado, a chata, a mãe chata do momento. Eu cobro, eu exijo, porque senão não vai mudar. Que nem teve professor que disse assim: “Não, mãe, mas ele sempre conseguiu nota.”; “Sempre conseguiu nota, eu não quero que passe a mão na cabeça dele, mas eu quero que dê as condições que ele tem direito, porque ele tem uma dificuldade, ele tem uma patologia.” E o professor disse assim: “ ah, mas não é certo, ele é muito esforçado”, e eu disse: “É, mas só que conseqüentemente, o que aconteceu? Ansiedade ao extremo, ele sonha com a prova que ele tem que fazer, ele chora, ele entra em pânico, desespero, e isso eu não quero mais que aconteça”.¹¹⁸ Aí o professor deu uma recuada: “Não, então vamos trabalhar melhor isso”. Então assim, eu acabei insistindo muito com o colégio, em relação aos professores, com a coordenação da escola, para que melhorasse a situação do Paulo. Eu não sei se está certo ou não, mas...

P- Não, eu acho que foi fundamental para ele, porque afinal de contas saúde não é só ele conseguir se adaptar a qualquer preço. Saúde é ele conseguir sim, conviver, se adaptar, mas de acordo (interrupção)

¹¹⁸ Em seu desenho, o que mais chamou a atenção de Paulo em seu desenho foi a grande árvore que é bonita e dá uma boa sombra. Este relato da mãe parece ser exatamente a relação que o garoto faz com ela, de poder apoiar-se numa grande árvore capaz de dar uma boa sombra, e ele poder ter algum descanso.

M- Mas sem sofrer com isso!

P- Isso, e de acordo com quem ele é, e não ter que se transformar pra caber no formato da escola de repente, né... E foi pelo fato de você conseguir vestir, bancar, né: “não, eu realmente acho que meu filho deve se esforçar na escola sim, mas a saúde dele e a saúde mental dele está acima do fato de ele conseguir realmente escrever uma prova completa.” E aí você conseguiu entrar nesse papel de “agora tem que ser a mãe chata? Tá bom, então eu vou ser a mãe chata!” e isso não mexer com a sua imagem, porque naquela hora você viu que era preciso, pegar na mão e dizer: “olha, vamos ler aqui o laudo que eu entreguei aqui na escola”...

M- Eu achei isso necessário, né? É muito fácil chegar na coordenação e dizer: “ele tem dislexia e assim, tá aqui”. Não. “Ele tem direito a isso, isso e isso”. Porque eu acho que não tem coisa pior pra uma mãe do que ver o filho chorando e você não saber o que fazer para ajudar. Porque foi mal numa prova, porque ele não consegue entender o que ele lê, porque ele não consegue escrever o que ele pensa, é muito triste. Então, eu tive que bater o pé pra mudar essa situação. Tipo assim: “não mexe com meu filho!” (risos) porque é simplesmente assim que funciona. Que nem eu já tive exemplo quando ele era menor de professor largar ele de canto e dizer: “ele tem dislexia, não vai aprender nunca”, e largar ele de canto, e não é isso que eu quero pro meu filho.

P- Você já percebeu que o que você está fazendo nessa escola vai mudar não só na relação com Paulo, mas isso vai ser algo que vai ser notado mais facilmente, com outras crianças que também tiverem problemas parecidos.

M- Inclusive uma professora, acho que de história me disse que tem aprendido muito com o Paulo. Pela disposição, pela luta que ele faz para aprender, para dar conta de tudo, e que ela está aprendendo muito com ele. E que ela nunca tinha lidado com uma situação desta. E assim, isso pra mim é importante, porque eu estou vendo que não estou brigando à toa. Algum efeito está surgindo, então pra mim, como mãe isso é fundamental.

P- E exercitar cada vez mais a capacidade dele, né? Porque a capacidade dele de fazer grandes esforços para atingir um objetivo que é um objetivo dele. Ele quer ser um bom aluno, então ele faz e está disposto a fazer.

M- Ele se orgulha disso.

P- Sim, e quando a gente consegue captar isso e valorizar isso e cada vez mais ajudar ele a poder ser assim... o esforço dele ser valorizado e não simplesmente ficar assim: “ah, não fez mais que a obrigação”, quer dizer, né, “perai, eu estou fazendo três vezes mais o trabalho do que qualquer outro menino da minha sala e de repente não alcanço uma nota, não alcanço um reconhecimento, pegam no meu pé”... Então eu acho que está beneficiando sim não só o Paulo, mas outros meninos também, e ajudando a começarem a notar o que ele tem de bom, e não só o que eles tem de dificuldade.

M- Com certeza, mas é o que tem acontecido. Eu acho assim que abriu as portas para que menos alunos sofram, porque é uma coisa que eu já ressaltai várias vezes, principalmente para a coordenação da escola é que assim, é um absurdo um colégio do porte do qual ele estuda não ter percebido que ele tinha uma dificuldade maior, diferente que das outras crianças. Cadê o preparo dos professores? Não é uma escola pública que o professor prestou um concurso e está lá esperando pra se aposentar. Ele está lá porque ele quer dar aula naquela escola, né... E assim, simplesmente você ir passando a mão na cabeça porque é assim: “ah, passei com nota, então não tem problema”. Então houve uma falha muito grande da escola. Eles deveriam ter me chamado e ter falado “não, mãe, tem alguma coisa de errado, vamos investigar, vamos ver o que está acontecendo” E não aconteceu isso, então assim eu acredito que daqui pra frente eles vão tomar mais cuidado. Eles vão estar observando melhor as dificuldades dos alunos, e não simplesmente taxando de: “preguiçoso, não estudou e não tirou nota”. Porque era assim que funcionava.

P- Tá certo. Então, o que você acha que precisa ser feito hoje em dia pra ajudar na relação com esses problemas que você nota. Os problemas no Paulo, de repente ... Na escola você mesma percebeu que tinha problemas, você já foi lá, já enfrentou a situação, resolveu em grande parte a situação, quer dizer, melhor que isso, impossível! (risos) Quer dizer, a escola inteira já está aprendendo a lidar com o Paulo, ele mesmo já está sendo mais valorizado e você foi ouvida, e você se fez ser ouvida, não foi só... “Ah, tentei, não deu vou voltar pra casa, as coisas são assim”... Você foi até conseguir. Hoje em dia você vai percebendo outras coisas que vão surgindo aí, né... acho que aquilo que foi o mais urgente, imediato já está mais tranquilo, conseqüentemente vai melhorando as outras áreas da vida dele também, mas ele ainda apresenta certas dificuldades... Do tipo, ainda tem, né, vamos dizer assim não um bloqueio total mas certas barreiras pra conversar, pra chegar, pra se aproximar, né? Acho que mais isso. Acho que um pouco de ele também aprender a se controlar por que de manhã

principalmente você vê que assim, ele fica transtornado e isso prejudica muito. O que você acha que precisa ser feito ainda pra lidar com isso?

M- Então eu acho que a cabecinha dele ainda tem que ser um pouco mais trabalhada, né, pra que ele aceite melhor essa situação, pra que ele entenda que ele é diferente, mas não o suficiente para que as pessoas não gostem dele. Porque a impressão que dá é assim, que ele se fecha por medo de rejeição. Pra que ele aceite melhor as pessoas e deixe as pessoas chegarem perto dele, né? Não tenha que se proteger tanto. Então bate mais na aceitação, no auto-controle. E ele entender que todo mundo tem as diferenças, não só ele tem, e que ele pode ser amado sim dessa forma, porque a impressão que dá é assim que ele se protege com medo de que as pessoas rejeitem ele. Existe uma competição, sabe, família, desbravador, que é a atividade extracurricular que ele faz, né, que é assim você vê que ele tem medo. Ele tenta sempre fazer o melhor que é para que as pessoas aceitem ele. Eu acho que não é assim. Eu acho que ele tem que entender que as pessoas vão aceitar ele, da forma como ele é.

P- E quais meios pra trabalhar a cabecinha dele dessa forma?

M- (risos) Aí fica com você.

P- (risos) Então uma das formas seria o atendimento psicológico?

M- Acredito que sim, né...

P- Você vê outros caminhos além do atendimento psicológico? Porque fica claro que esse é um dos caminhos, mas e outros, existem outros?

M- Ah, não sei, porque assim, como mãe, e o pai, assim, a gente tenta fazer nosso melhor, mas assim, a gente falha muitas vezes, né? E assim a ajuda de um profissional vai direcionar pra onde a gente deve ir, então eu acredito que é esse o caminho. O outro é... Atenção a gente dá, amor, carinho, o ambiente familiar, isso ele tem, graças a Deus isso tem, eu não posso reclamar.

P- É, com certeza, dentro de casa, tudo o que ele precisa está lá, acessível, só basta ele querer se aproximar. A hora que ele romper com essas barreiras todas e se permitir experimentar um pouco melhor como vai ser essa relação com ele já aceitando que ele não é da forma como ele pensou que fosse, mas da forma como ele é um pouco mais diferente... e a gente pensa: “nossa, a dislexia fez um grande estrago”, mas é a aceitação de que ele seja um pouco diferente daquele perfeito, idealizado como ele pensou.

M- Eu acho que a dislexia fez um grande estrago pelo tempo que demorou pra ser diagnosticado. Porque se eu tivesse trabalhado isso desde o começo, eu acho que pra ele seria uma coisa normal. Ele não teria sofrido tanta cobrança, tanta pressão, ele não teria sido taxado tanto. Mas assim, como mãe, justamente, a gente erra. Na época eu tentei, mas era muito precoce, depois a escola foi levando e eu achei que estava tudo bem, até que eu bati de frente com um professor. Daí eu falei: “Não, se até hoje está com essa dificuldade é porque aí alguma coisa tem”. Eu acredito que talvez ele não estaria do jeito que está hoje se ele tivesse sido tratado antes, né? Mas eu não tenho como voltar no tempo, então...

P- E aí a gente vai lidar com o que já está posto, né, ressaltando cada vez mais o lado positivo, então ele já teve uma família que acolhe. Já tem esse espaço aqui comigo também, nesse acompanhamento que se iniciou agora, e está tendo também outros espaços de tratamento, como a neurologista, né, que ele está indo?

M- É, ele vai na neuro, vai na fono...

P- Isso, na fono também, que é importantíssimo para o trabalho desenvolver com ele mesmo na parte prática, né? Vamos dizer no “x” da questão. (risos)

M- (risos) Isso...

P- E também com a neuro, né, que resolveu passar um antidepressivo pra ele poder acho que facilitar um pouquinho que ele dê acesso às pessoas sem colocar tanto nele uma mudança, uma mudança que tenha que surgir só de dentro dele, porque tem certos aspectos ali que já foram tão difíceis, certas defesas que já foram tão arraigadas, de ele ficar isolado, porque aquilo foi melhor do que se expor, tantas vezes que a gente sabe que teve um prejuízo pra ele. Então isso que você me conta, né, “olha, de manhã tem dias que ele fica muito mal, tem dias que ele fica com sintomas mesmo físicos, de não conseguir respirar direito, de ficar muito irritado com qualquer coisa”, e isso vai ter prejuízos não só na escola, mas em casa também, porque é com vocês que ele convive e fica mais difícil de ele superar as barreiras dele, os bloqueios dele pra conseguir encontrar justamente o que a família tem de melhor pra oferecer. Então, tem certos aspectos dele que ele, qualitativamente, vamos dizer assim, vai melhorando na relação com vocês e vai melhorando na relação dele com ele mesmo e que é feita aqui num processo de psicoterapia. E tem certas coisas que a gente pode, vamos dizer assim, encurtar o caminho e fazer “não, Paulo, você merece sair desse isolamento e curtir um

pouco tudo isso que você tem”. Talvez ele precise desse suporte mesmo de continuar fazendo esse tratamento que introduz uma medicação eu acho que é muito importante pro Paulo sim.

M- Então, eu acho que tem ajudado bastante, tanto que a gente de vez em quando brinca “mãe, esse remédio já não está mais fazendo efeito?”

P- Ele mesmo nota alguma coisa, né?

M- Ele percebe.

P- E também vocês começaram a pouco tempo, e tem que ir se ajustando de acordo com a necessidade dele... O importante é que as duas coisas caminhem juntas. Nem só ele ficar ali sendo tratado só na base do medicamento, porque isso não vai melhorar a relação com ele mesmo.

M- Não, ele precisa de um apoio, de um suporte. Então acho que só o medicamento não vai resolver, do mesmo jeito que eu acho que no grau que chegou a ansiedade dele, só o acompanhamento psicológico também não vai ter todo o efeito necessário. Eu acho que agora tem que ser as duas coisas.

P- É, nesse momento tem que ser as duas coisas mesmo. E aí depois, ele sabendo se virar com ele mesmo, ele vai precisar menos desse suporte do remédio também.

M- Eu acho que é assim, a idade dele também é uma idade crítica, né? Tá entrando na adolescência, então, deve dar um nó danado na cabecinha dele. Muitas mudanças, e tudo ao mesmo tempo, tudo muito novo, então...

P – Tá certo, Renata, então é isso mesmo... Obrigada de você ter participado!

APÊNDICE H- Apresentação do Caso 3: Marcela e sua mãe, Dora.

Dados pessoais coletados no princípio da consulta:

Marcela tem 9 anos, filha de Dora e José, casados. Tem um irmão, Marcelo, de 4 anos.

Apresentação do caso:

1º Atendimento: Dora, a mãe.

A mãe vem para o primeiro atendimento trazendo um encaminhamento feito pela Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) que a criança frequenta.

No encaminhamento, além dos dados pessoais e dos responsáveis, consta o seguinte “motivo do encaminhamento”:

Dificuldade de concentração, agressividade. Quando cria alguma situação de conflito com colegas e percebe que vai se “complicar”, cria, ou melhor, conta versões diferentes, para pessoas diferentes, tentando se safar. Consegue com naturalidade faltar com a verdade e convencer as pessoas a sua volta, dissocia fatos, consegue “encarar”, ou seja, olha nos olhos e afirma com muita convicção, levando as pessoas a acreditar em suas versões.

Mãe conta que a filha é uma criança muito esperta e ativa. Frequenta de segunda a sexta o Centro Comunitário do bairro, onde pratica judô, caratê, capoeira, balé e informática. Há dois anos começaram a ter problemas com ela, devido à agressividade, e a mãe procurou ajuda médica, e o pediatra passou uma fórmula homeopática para acalmá-la. É uma ótima criança, e busca chamar a atenção dos adultos, quer ser prestativa, mas tende a ser autoritária. Até o ano passado, a mãe a deixava com babá durante a tarde, até chegar do trabalho. Porém, ela nunca obedecia às babás, batia de frente, não queria respeitar regras e discutia com as mesmas. Mãe diz “perdi mais de vinte babás”. Então, de tanto a menina exigir, a mãe autorizou-a a ficar sozinha em casa dia sim, dia não. Ela mesma esquentava o almoço no micro-ondas e passava a tarde vendo televisão. Ligava para a mãe a tarde toda. A mesma trabalha como auxiliar de cozinha na mesma escola em que ela estuda. Um dia, Marcela disse que estava com muita dor, que estava passando mal. A mãe então a levou consigo para a escola. Lá, ela não deu sinal de que estava realmente doente. Ficou com os adultos, na sala de professores, ajudando quem estivesse por lá. A mãe achou que leva-la para a escola durante as

tardões era uma boa opção, e como a diretora autorizou, ela passou a frequentar a escola à tarde. Uma professora, amiga de sua mãe chamou-a para ser sua auxiliar de sala, de alunos na faixa dos 12 anos. No começo ela estava muito bem. Porém, quando a professora precisava se ausentar da sala, colocava-a para anotar quem estivesse conversando ou bagunçando. Ela se sentiu com autoridade sobre os alunos e começou a dar broncas¹¹⁹. Até que um dia, tirou o boné de um menino de 13 anos, de forma agressiva, dizendo que não era permitido usar boné na escola. O adolescente reagiu também com agressividade e bateu nela. Assim acabou sendo tirada da sala de aula e voltou à sala dos professores. Logo começou a incomodar por lá também, e a mãe decidiu então mantê-la num quatinho de dispensa, de onde ela não tinha autorização para sair. De lá, passava as tardões chamando a mãe, que começou a não conseguir trabalhar adequadamente, até que precisou voltar com a menina para casa, onde ela voltou a ficar sozinha. Este ano, quando começaram as atividades do Centro Comunitário, ela finalmente encontrou um lugar adequado para deixar a filha.¹²⁰

A mãe conta que o que gerou o encaminhamento da escola, foi que, tendo havido uma briga entre as crianças na qual Marcela estava envolvida, a mesma implorou para a Orientadora para não contar a seus pais, alegando que o pai iria bater nela, e a mãe ia mantê-la presa. Fez isso com tamanho desespero que, se a Orientadora não conhecesse sua mãe, teria acionado o Conselho Tutelar, segundo o que disse à mãe. A mãe ficou muito assustada com esta fala da filha, pois diz que mesmo em situações em que Marcela a tira do sério, a mãe não bate na mesma, e diz que o pai é totalmente contra essa postura. Diz que a colocam de castigo e conversam muito.¹²¹

Em casa, a mãe conta que a filha é muito ligada ao pai, e acusa a mãe de querer que o pai brigue com ela. Por exemplo, se ela dá uma ordem à filha, na frente do pai, ela diz que a mãe faz isso para que o pai brigue com ela. Mãe diz que ela não a respeita. Até obedece, mas desafia, enfrenta a mãe. Com o pai é mais respeitadora. Tem também muito ciúme do irmão, compara o tratamento que a mãe dá a ele, e diz que ela só gosta do irmão. É uma criança meiga, comunicativa e “superprotetora” com o irmão. Não o deixa fazer nada sozinho, quer

¹¹⁹ Ela se sente uma autoridade. Ninguém conseguiu exercer autoridade de forma adequada. Os adultos à sua volta acabaram atribuindo a ela um lugar de poder do qual está difícil tirá-la. Inicialmente ela pareceu ter submetido a mãe à sua vontade, recusando as babás, ou assim pareceu à mãe. Depois, teve o privilégio de ser frequente na sala dos professores, passou para sala de aula de adolescentes e finalmente acomodações privadas da escola.

¹²⁰ Finalmente, com a criança posta em um ambiente adequado poderemos observar as consequências desta distorção de imagem que se impregnou na mesma.

¹²¹ Há uma fantasia que a criança cria. Apanhar do pai. A mãe prende.

fazer por ele. Ela tem vezes que se irrita, de tanto que ela manda, vigia e faz por ele o que ele poderia fazer sozinho. A mãe chama a atenção de Marcela, mas ela se impõe.¹²²

Marcela foi uma filha muito desejada, mas sua gestação foi difícil. A princípio, a mãe não conseguia ter filhos. Quando engravidou, foi ao médico, que fez um ultrassom, e constatou má formação fetal, em que o feto não teria evoluído logo nas primeiras semanas e já estava morto. Encaminhou-a para curetagem. A mãe não acreditou, e com o resultado do exame nas mãos, buscou outro médico, que deu o mesmo diagnóstico. Não satisfeita, a mãe, com muito sacrifício pagou uma ultrassonografia particular, na qual foi constatada a gravidez.

Com um ano e meio, ela se masturbava, o que durou até os oito anos. Na creche as educadoras percebiam, falavam com a mãe. Elas então tentavam manter Marcela ocupada o tempo todo, como forma de desviar sua atenção. A mãe diz que em casa, bastava ela ficar sozinha um pouco, começava a se masturbar. Parou quando a mãe disse que Deus ficava triste com ela quando fazia isso.

Quando pequena, queria muito um irmão. A mãe pediu para ela orar a Deus, pedindo um irmão. Quando a mãe engravidou, ela passou a cuidar da mãe. Buscava tudo o que ela precisava, ficava alisando a barriga, fazendo todas as vontades da mãe. Exigiu que o nome do irmão fosse Marcelo, para ser como o dela. A mãe e o pai tinham escolhido outro nome, mas ela disse que se não fosse Marcelo, ela ia furar os olhos do irmão no berço. Ficou sendo Marcelo então. Quando o irmão nasceu, e até hoje, ela cuida do irmão, mas se compara muito, e acredita que a mãe não a ame. Foi com esse discurso que conseguiu convencer a mãe a voltar a tomar mamadeira, sendo que já havia parado há anos. Para tirar sua mamadeira, a mãe precisou tirar também de Marcelo, há um ano.

Mostro à mãe que estamos diante de uma criança que parece mandar em si mesma, e solicita da mãe que a mesma volte a ser sua figura de proteção, e não alguém que se deixe dominar por suas vontades. A menina determina situações muito importantes em sua vida, sendo confundida com um adulto em certos momentos. É fácil ver como manipula a mãe, e o que a escola está percebendo é que ela tem desenvolvido sobremaneira este poder de manipular as pessoas, o que é muito ruim para ela. Revela que é uma criança que de certa forma aprendeu que pode tudo. Está lutando com a mãe de igual para igual para ver até onde

¹²² A descrição sugere que ela vive o conflito de querer tomar o lugar da mãe junto ao pai, tornando-se a mãe do irmão. A diferenciação entre a mãe e a filha está comprometida. A mãe entra na competição com a criança e se sente enfraquecida diante de sua persistência. A criança reclama maior demonstração de amor por parte da mãe.

vão seus poderes/limites. Por outro lado, ela também dá sinais de que precisa ter acesso à mãe enquanto a filha e criança que é. As duas não têm o hábito de passar algum tempo juntas, ou de fazerem alguma atividade de mãe e filha. Investigo como é o contato físico entre as duas, e a mãe diz que é raro. Digo à mãe que a criança que se toca necessita ser tocada. Ou seja, que esta masturbação quase compulsiva é um sintoma de uma ansiedade e que revela a necessidade de sentir o corpo. Entre as pessoas da família poderia existir mais o toque, o abraço, entre brincadeiras como cócegas. Enfatizo à mãe a importância de sua mudança de postura em relação à filha, para que a mesma possa sentir-se mais acolhida em suas necessidades de contato e de limites, além de tirá-la da responsabilidade de comandar sua própria vida.

Segunda sessão - Marcela. 20 dias após o primeiro atendimento.

Recebo Marcela na sala de espera, que se mostra insegura por ter que entrar sozinha: “vou sozinha?” fala para a mãe. Digo a ela que não se preocupe, pois lá na minha sala ela não vai tomar remédios, nem vai ter que fazer exame, nem injeção...¹²³

Assim que chega lá, acomoda-se na cadeira e digo a ela que embora minha sala pareça uma sala de aula, lá não é escola, e eu não sou professora, não dou aula, lição, nota, nada disso, eu sou psicóloga, e pergunto se ela sabe pra que serve psicólogo... ela diz “mais ou menos...”, então digo a ela que psicólogo serve para tentar ajudar as pessoas que estão passando por algum momento difícil... Que tem hora que na vida está tudo bem, com a família, com os amigos, na escola... mas tem hora que pode não estar tão bem, às vezes porque a gente não está se dando bem com alguém, que pode ser da família, da escola, um amigo... Ou então quando a gente não está bem com a gente mesmo, porque está com um sentimento ruim, um pensamento, ou uma lembrança, ou mesmo uma preocupação que incomoda...

¹²³ A expressão amedrontada de Marcela, e a aceitação passiva com que concordou em ir comigo depois de ter manifestado sua insegurança me pareceu dissonante da ideia da menina extremamente confiante, manipuladora e independente que eu havia formado através do relato da mãe. Enquanto isso a mãe sorria para mim. Talvez por agradar-lhe a ideia de que alguém possa cuidar de Marcela, e talvez por não reconhecer na pergunta da criança a necessidade de uma resposta da mãe que pudesse passar confiança a ela, frente ao desconhecido.

Ela vai balançando a cabeça, concordando. Sigo: “o psicólogo é alguém que não te conhece, e passa a conhecer para tentar ajudar, a entender a situação, e a melhorar... E pra isso é que a gente conversa, e também faz outras atividades como, por exemplo, desenhar. Pergunto se tem alguma coisa que ela gostaria que melhorasse na sua vida, e ela diz que não. Peço para ela me contar um pouco o que ela faz, o que ela gosta, e ela me conta que vai pra escola, e depois faz aula de caratê, capoeira, balé e informática. Conversamos a respeito desses cursos, e ela se mostra muito animada.

Pergunto se ela gostaria de desenhar algo e ela responde que sim. Peço para ela fazer então um desenho qualquer, o que estivesse passando pela sua cabeça.

Faz um desenho bastante caprichado de sua família. Digo a ela, o quanto desenha bem, e que estou achando muito bonito seu desenho:

Figura 12- Desenho livre de Marcela: sua família.

Ela e conta sobre o desenho:

- É a minha família, eu amo a minha família... eu tenho que dar muito valor pra minha família, pois tem muitas crianças que não tem a sorte de ter a família que eu tenho!

- Ah, é? Então você é uma menina de sorte?

- É, sabe, tem crianças que não tem a sorte de ter uma mãe como eu ou um pai... Então tenho que dar muito valor!¹²⁴

- E como é que uma criança demonstra que está dando valor pra família?

- Respeitando, não desobedecendo, não respondendo...

- E você, como você é com seus pais?

- Tem hora que eu ajudo, obedeço, e tem hora que eu apronto (risos)...

Acho graça na forma como ela “confessa” isso, e pergunto se ela é muito levada.

- Mais ou menos, mas eu sou um pouco danadinha... Tem vez que eu apronto na escola... Um dia, eu puxei o cabelo da menina que era maior que eu só porque ela entrou na minha frente na fila...

Ela segue contando as coisas que já fez, como entrar na cozinha da escola, mesmo sabendo que era proibido, pra poder brincar na dispensa com o *tablet* da mãe... Conta que fazia isso sempre, e a mãe dizia “menina! Não pode! É proibido!”, e segue:

- Aí eu parei, porque já pensou se mandam ela embora por causa disso? Que dizer, ela não, né, não vão mandar ela embora da escola, iam mandar eu embora (faz cara de susto)!¹²⁵ Mas eu fazia isso pra não ficar sozinha em casa... teve um tempo que eu aprontava pra não ficar sozinha...¹²⁶

Conta que passou um em casa, sem a babá porque pediu muito pra mãe, pois não queria mais ficar com ela. Contou que ela a deixava de lado, exigindo que cuidasse de seus filhos pequenos, e caso eles aprontassem, Marcela era quem ficava de castigo. Além disso, se

¹²⁴ Acho bastante peculiar sua fala, pois a maior parte das crianças acha natural ter uma boa família, não têm este senso de reconhecimento e de agradecimento que ela tem.

¹²⁵ Ela olha para o lado assustada, com a possibilidade de retaliação.

¹²⁶ Então aparece a revelação da consciência dos seus atos e consequências

Marcelo pegasse algum brinquedo e o filho da babá quisesse o mesmo brinquedo, ela batia na mão de seu irmão.¹²⁷ E ela diz:

- Eu não deixo encostar no meu irmão!

- Você cuida bastante do seu irmão, né?

- É, porque ele é pequeno, da muita dó de ver ele chorar, tadinho, eu odeio que faça ele chorar. Tem vez que ele apronta em casa e minha mãe vai brigar com ele e eu vou no meio e falo “não precisa brigar com ele, mãe, ele já entendeu, olha, ele não vai mais fazer isso”... E teve um dia que eu estava dormindo, e não vi quando brigaram com ele... ele tinha riscado a parede de novo, aí ele apanhou e ficou chorando (faz cara de aflição)... Ai! Ainda bem que eu estava dormindo e não vi ele chorando... Prefiro que bata 10 vezes mais em mim do que bata nele!

Conta que quando tinha 5 anos, pediu muito pra ter um irmãozinho:

- Aí eu quis dar o nome dele igual o meu, e falei (conta em tom de segredo, envergonhada) que ia furar os olhos dele se ele não tivesse esse nome (arregala os olhos e exclama, aflita)! Ai, nossa, como é que eu pude falar isso, me da aflição só de pensar, tadinho do meu irmão, credo!¹²⁸

- Então hoje em dia você cuida muito dele, né?

- É...

- E você não gosta que bata nele, né?

- Não...

- Mas não tem medo de apanhar...

- Não...

- Mas seus pais são mais de bater, ou mais de por de castigo?

¹²⁷ Esta parcela da realidade de Marcela ficou oculta no discurso da mãe que atribuiu exclusivamente à filha o mérito de ter recusado a babá, sem revelar que a postura da babá era bastante duvidosa.

¹²⁸ Parece que ela sente uma culpa muito grande pelo que falou, e vive protegendo o irmão em função de sua possível destrutividade.

- Ah, meu pai briga, mas não bate, põe de castigo... Minha mãe também, tem vez que ela dá uns gritos “Ah, menina, para com isso! Vai lá estudar!”

- Estudar!? Estudar é o castigo? (risos)

- (risos) Ela manda eu ir estudar música... eu estou aprendendo órgão... sabe o que é, eu preciso estudar todos os dias, mas eu tenho preguiça... quando eu tinha dois anos eu ficava infernizando a minha mãe “me põe no curso, me põe no curso!” e ela dizia... “calma, deixa você crescer mais um pouquinho...” Aí, quando eu fiz 6 anos, eu ficava infernizando ela, e ela me perguntou, “você tem certeza? É difícil, não pense que você vai sair tocando logo de cara”, e eu falei “tenho, tenho!”... aí ela falou “tá bom, mas você vai ter que estudar”... E me deixou escolher a professora e tudo! Aí as primeiras lições eu passava todas, mas depois eu comecei a demorar pra passar, repetia uma, depois repeti duas... Ficava enrolando pra estudar... Começou a dar preguiça...

- E se a sua mãe falasse pra você assim “Marcela, não precisa mais estudar o órgão, eu vou tirar você do curso.”

- Ah não! Eu não ia querer!

- Ué, mas você gosta de fazer o curso?

- Gosto!

Conta que a professora diz que ela também vai ser professora quando ela crescer, o que a deixa orgulhosa, e um pouco amedrontada “Não sei se eu tenho paciência pra ser professora”...

Então puxa mais uma folha que estava lá disponível e desenha um grande coração e escreve “Amo minha família”:

Figura 13- Desenho de Marcela: declaração de amor à sua família.

Digo a ela que ela gostaria que a família soubesse o quanto ela os ama.

- É! Queria mostrar pra eles.

- Então você acha que eles não sabem o tamanho do amor que você tem?

- Um dia, eu aprontei, e minha mãe brigou... aí eu fiz uma carta pra ela, e pedi desculpa, e coloquei na maçaneta do quarto dela. Aí eu fiquei olhando quando ela leu, e esperei ela ficar de costas, e fui e dei um abraço nela e disse “mãe, te amo, me desculpe”.

- Então você demonstra pra ela o quanto você ama...

- É, mas eu não fiz isso mais... Eu sempre choro e peço desculpa toda vez que eu apronto...

- Marcela, toda criança apronta, acho que a sua mãe sabe o quanto você a ama. Mas você sente falta de demonstrar melhor esse amor, né?

- Eu queria que ela ficasse mais comigo, que ela brincasse mais, então às vezes eu apronto pra chamar a atenção. Eu tenho saudade das brincadeiras... Eu adoro quando tem trabalho de escola pra fazer, porque eu falo pra minha mãe “me ajuda, eu não sei fazer”, mas só que na verdade eu sei, mas eu finjo que eu não sei, só pra ela poder ficar ali comigo, é tão gostoso... Agora, é muito corrido...¹²⁹

- Então você sabe que no fundo o que você quer é passar mais tempo com ela?

- É, queria que ela pudesse brincar, assistir...

- E que tal uma ideia? Em vez de você aprontar, ou fingir que não sabe fazer os trabalhos, você chamar ela pra fazer as brincadeiras que você e seu irmão mais gostam?

Ela abre um sorriso e diz:

- Ia ser tão legal se ela voltasse a brincar!

- Eu sei que o dia-a-dia dela é corrido, mas podemos tentar dar um jeito, o que você acha? Você volta a chamar sua mãe pra brincar de novo... Eu vou conversar com ela também... Mas você acha que se ela puder brincar só um pouquinho, tipo uns 10 minutinhos por dia durante a semana, já ia ser bom?

- Claro! Ela pode brincar de teatrinho! Ou de quebra-cabeça! Ou assistir!

- Então tá, assim você não vai mais precisar fazer coisa errada pra ela ficar junto, né?

- É!

Pergunto ainda sobre o pai, e ela conta que quase não o vê, pois ele trabalha, estuda e aos finais de semana está construindo uma casa:

- É lá em Franco da Rocha! Looonge... Não sei pra que... a gente já tem casa!

Diz que por conta da construção os pais quase não passam mais os finais de semana com eles. Ela diz que gostaria de ficar até mais tarde acordada no fim de semana para ver o pai chegar. Digo a ela que ela pode conversar com sua mãe sobre isso.

Encerramos a sessão.

¹²⁹ Ela tem clareza de sua necessidade de aproximação afetiva na relação com a mãe e do fato de ela manipular as situações como pode para conseguir tal atenção.

Terceira sessão: mãe (no dia seguinte da segunda).

Início o atendimento dizendo que a sessão anterior, com Marcela, foi muito boa, que ela é uma menina muito inteligente, com grande capacidade de compreender o que está acontecendo, e consciente dos motivos que a levam a fazer as coisas... Pergunto à mãe como estão as coisas em casa, e ela me responde:

Então, ela não queria vir de jeito nenhum, falou “mãe eu não quero passar na psicóloga, eu não tô louca!” Acho que é porque ela não gostou, que da outra vez que eu levei ela no psicólogo, ela entrou comigo, e ele ficou perguntando as coisas, e ela ficou chorando...¹³⁰Então ela não queria vir de jeito nenhum... Mas aí quando ela saiu daqui, ela estava radiante, ela falou “mãe, eu adorei passar na psicóloga, mãe como ela é legal! Ela falou que eu sou muito inteligente, mãe!”. E olha, ela passou o dia assim, de parabéns... foi fazer a lição que não precisou ninguém mandar, depois passou a lição de música todinha com a professora, até a professora perguntou “o que te deu, Marcela? Já fazia tanto tempo que você estava nessa lição, agora você conseguiu passar tudo?” A mãe disse que percebe que ela fica toda contente quando elogia ela, que ela precisa que fique “adoçando” ela.

Disse a ela que estes elogios não acontecem sem motivos, pois ela é uma criança realmente muito inteligente, e além disso determinada.¹³¹ A mãe me conta que ainda hoje Marcela questionou por que a mãe viria para essa consulta. E a mãe respondeu:

- Pra ter ajuda, pra saber como lidar melhor com você.
- Mas mãe, você já lida melhor comigo, você é uma ótima mãe!¹³²
- Não, Marcela, mas eu preciso saber como me entender com você, eu como mãe e você como filha.¹³³

Continuo:

¹³⁰ Até o momento ela não tinha dito que já tinha passado por consulta com outro psicólogo.

¹³¹ Estou tentando desconstruir a imagem negativa inicial que foi formada, e apresentando reais aspectos positivos da criança.

¹³² Marcela já ficou mais à vontade para expressar diretamente o amor pela mãe.

¹³³ Ela revela consentir que há uma demanda própria que precisa ser desenvolvida, o que ajuda muito no trabalho com ambas.

- Fiquei me lembrando da história da Marcela, desde antes dela nascer já era teimosa. E você foi teimosa e determinada. Você disse pro médico “não quero saber sua opinião, vou mostrar que tem um neném aqui, e pronto e acabou!” Então você teve opinião forte, e ela nasceu! Ela nasceu uma menina determinada, de certa forma graças à sua determinação.¹³⁴

A mãe parece muito contente ao ouvir isso. Continuo:

- E não foi só aí, ela disse “quero um irmão” e pá! Aí vem um irmão. “vai chamar Marcelo!” e pá! Chamou Marcelo. “Quero estudar música”, lá está ela estudando música, quer dizer, a Marcela não é o tipo de criança que fica vendo a vida passar, esperando ver o que vai acontecer... ela vai atrás e conquista o que quer!

- É assim mesmo!

- Então, o fato de ela ser muito determinada, se bem conduzido, pode levar ela a ter muitas conquistas na vida... mas por outro lado, por ela ser assim, muito madura até pra idade dela, passa uma ilusão de que ela já está pronta pra se cuidar sozinha... E é aí que começam os problemas... Acho que quando você estava grávida do Marcelo, você acabou ganhando uma grande ajudante, né?

- É verdade...

- Ela te ajudava, se preocupava em te dar o que você precisasse... quer dizer, demonstrou ser alguém que sabia cuidar, tanto se cuidar quanto cuidar de outros. Isso tem um lado bom, imagino que se ela tiver que ir para um lugar longe de você, você não vai se preocupar tanto, pois percebe que ela se vira bem, não é aquela criança que vai passar necessidade calada.

- É...

- E tem mais, depois que o irmão nasceu, ela passou a cuidar muito do irmão também...

- Ah, é...

- E aí chegou o momento de a gente se perguntar: Quem cuida dela? Claro que vocês cuidam, e cuidaram tão bem que ela quis transferir esse amor que ela recebeu para o Marcelo.

¹³⁴ Procuo aproximar o que é até então um aspecto negativo atribuído à criança, com uma qualidade sua que também está presente na mãe.

Mas tem um porém... Você diz, e ela diz que a vida de vocês é corrida, quase não sobra tempo...

- É...

- E sendo assim, é um grande alívio pra você o fato de ter uma menina tão esperta, que se cuida e ainda ajuda a cuidar do irmão...¹³⁵

A mãe concorda, pensativa.

- E quando você está cansada, fica sossegada, porque sabe que ela está lá com ele... Agora o risco que se corre, é de se acostumar com isso, e se esquecer que eles são crianças, e principalmente, ela é criança, e ela precisa de atenção e de cuidado...¹³⁶

- Olha, daquele dia que eu vim aqui, teve uma noite que eu os chamei pra brincar, e eu fiquei fazendo a janta e brincando de estátua, de vivo ou morto, e foi muito divertido! Nós rimos muito e ela adorou.

- Que bom! E você?

- Eu me diverti também! E no dia seguinte, ela virou pra mim e disse “mamãe, eu adorei ontem!” e eu perguntei “o que você adorou de ontem?”, só pra ver... e ela falou “que nós brincamos, mamãe!” Aí eu falei “não tem nada não, hoje a noite a gente faz uma sessão de desenho!” Que eles vivem pedindo pra eu assistir com eles, só que nunca dá tempo... Daí, à noite eu fui fazer a janta, ela viu e foi estudar a lição de música sozinha, não precisou ninguém mandar! Daí jantamos e ela já falou: “pode deixar que eu lavo a louça pra você, mamãe”, aí quando terminou ela veio atrás de mim e já falou “agora vamos! Você prometeu! Vamos assistir!”. Aí nós fomos, e eles adoraram. Eu percebi que fez muito bem pra ela...¹³⁷

- Pois é... eu costumo dizer aos pais o seguinte: a coisa é muito simples... a criança vai ter a sua atenção. Ou você dá por bem, ou por mal. (rimos) É assim, ou você chama a criança pra fazer algo junto com você, pra você dar um pouco de atenção a ela de uma forma saudável, ou ela vai acabar empregando outros recursos que ela tem pra conseguir... E aí é que surge a birra, a desobediência, as aprontadas, que levam você a parar tudo pra dar bronca... Quando não, vem a dificuldade escolar, ou pior ainda, os sintomas físicos, as dores de cabeça,

¹³⁵ Estou fazendo uma observação sobre a colaboração da mãe para que a filha agisse desta forma com o irmão.

¹³⁶ Reposiciono a mãe no papel de cuidadora de uma criança.

¹³⁷ Ela mostra que a intervenção inicial surtiu um efeito na mãe no sentido da aproximação e a mãe agora pode tomar melhor consciência disto, assim como da consequência de sua atitude diante dos filhos.

de estômago, ou fazer xixi na cama... Tudo isso acontece com a criança, pois é o que ela precisa fazer para ter o que ela necessita.¹³⁸

- Eu já percebi que ela fala que não sabe fazer a lição, e eu vejo que sabe!

- Pois é, esse é um dos caminhos... Então, o negócio é se adiantar naquilo que você sabe que ela precisa, para prevenir... É como se vocês tivessem que sair de casa e ir até o centro num dia de calor... é muito longe, então, talvez você quisesse levar uma garrafa d'água... você não precisaria esperar a Marcela passar mal de sede para oferecer um pouco de água a ela, certo?

- Claro...

- Então, com a atenção é o mesmo...

- É verdade...

- Sabe, eu acho que o dia que você brincou com eles, e que ficou marcado pra ela, foi muito importante, porque você ofereceu pra ela o que ela precisava¹³⁹, mas o jeito como ela falou pra você no dia seguinte, exigindo que você cumprisse o combinado, me dá a impressão de que ela tem a sensação de que para ter atenção ela precisa se virar, como se isso fosse problema dela¹⁴⁰. Então eu fico pensando que a resposta que você deu a ela hoje de manhã não podia ter sido melhor. Você quer ser a mãe pra ela poder ser a filha... E isso quer dizer, ela vai poder contar com você, porque você vai estar lá pra cuidar dela, mesmo que ela não exija isso, e mesmo que ela não apronte, de forma que você não tenha outra opção.¹⁴¹

- É mesmo...

- E tem mais... ela faz um grande esforço para cuidar do Marcelo... Mas por que será que ela tem que cuidar tanto do Marcelo? Será que se você mostrar que é você a principal pessoa que vai cuidar dele, ela vai ter que fazer assim tanto esforço? Ou vai poder passar a ser

¹³⁸ Procuro mostrar que a reação da menina foi esperada, de acordo com a falha da mãe.

¹³⁹ Reconheço sua capacidade de ser esta mãe que provém atenção.

¹⁴⁰ O histórico da relação mãe-filha pesou para que a filha não acreditasse que ia receber essa atenção novamente sem se esforçar para isto.

¹⁴¹ Coloco em evidência a questão da menina e posiciono sua mãe como alguém que está implicado nesta questão. Transmito minha confiança na sua capacidade de cuidar, mesmo apontando as falhas anteriores.

uma irmã comum... O Marcelo bem que ia agradecer, porque às vezes ele precisa da sua atenção, e ele tem que ser muito ligeiro, porque a irmã está sempre grudada nele...¹⁴²

- É, tem hora que ele me quer, e ela tá em cima, aí... ele até acaba brigando...

- Então, se você garantir que ela e ele vão ter tempo com você, vão ter isso garantido no dia-a-dia de vocês, ela não vai mais precisar ficar tão na cola do irmão... Então, se você passar uns 10 minutinhos que seja junto com eles, que são até muito generosos com você, porque eles te chamam pra brincar, ou pra fazer alguma coisa, então eles já estão te mostrando o caminho... Além disso, não são irmãos que vão ficar competindo pra ter a atenção só pra si...¹⁴³

- Não, eles querem brincar juntos...

- Então, eles são muito generosos, porque um pouco que você pare a correria do dia-a-dia, para oferecer essa atenção, você já vai estar fazendo com que eles se sintam mais seguros de que eles têm esse tempo reservado com você, não precisam aprontar, nem nada pra conseguir.

- É mesmo...

- Mas também não é só você que tem esse papel em casa.... tem o pai também, só que o convívio deles é ainda menor, né?¹⁴⁴

- É... ele normalmente trabalha e estuda... Agora inventou de construir... É assim, era um terreno grande que a minha mãe tinha, e que ela vendeu metade pra ele em troca de construir pra ela. Então ele disse que vai construir pra gente e igual pra ela... Mas eu num sei pra que, eu não quero mudar pra lá, num tem escola boa pra eles, e eu vivi 15 anos da minha infância lá, e sofri muito, porque meu pai judiava da gente, então eu não tive infância lá, e ainda por cima meu pai se matou ali naquele terreno, então só me traz recordações ruins... Eu falei pra minha mãe vender lá, mas ela não quis... Ela quer sair da casa da minha avó, quer uma casa pra ela, então eu entendo, mas eu num sei o que passa na cabeça do meu marido, porque num tem por que construir lá...

-Vocês não tem conversado sobre isso?

¹⁴² Aponto que na relação inapropriada entre os irmãos está evidente também uma falha da mãe.

¹⁴³ Estou apresentando um novo modelo de relacionamento entre a mãe e os filhos, onde cada um ocupa seu devido lugar.

¹⁴⁴ Estou mostrando que o pai também pode ser uma fonte de suporte para ela, bem como para os filhos.

- Eu acho que ele pensa assim em alugar lá, ou sei lá, que quando as crianças crescerem vão morar lá...

- Mas o destino deles, daqui tanto tempo... eles é que vão dizer pra onde eles querem ir...

- É, a nossa casa, por exemplo, nós que batalhamos e construímos... Eu carreguei bloco, fiz cimento, peguei no pesado mesmo, e eu adoro a minha casa, adoro o lugar que eu moro, adoro ter o meu espaço...

- E foi sua mãe e seu pai que disseram pra você vir pra cá?

- Nada, a gente que quis!

- Então... Parece que vocês estão mesmo precisando conversar sobre o sentido de realizar essa construção, porque parece que o que se passa na cabeça dele você não sabe, ele não sabe o que se passa na sua... Nós temos conversado aqui sobre as dificuldades da Marcela e da família, e tudo isso pode ser levado em conta pra vocês tomarem uma decisão sobre o que fazer e como fazer, pois mesmo que vocês resolvam construir, parece que o fato de o pai se ausentar totalmente do convívio da família está trazendo suas consequências...¹⁴⁵

- É... Não só ele, eu também fico mais ausente... Acabamos de passar um feriado de 5 dias, e ele e eu ficamos o tempo todo no terreno, e os meninos com a minha mãe, ou com uma vizinha que também tem crianças... Eu mesma fiquei em casa só no domingo, e ainda assim, só lavando roupa, arrumando tudo... Nem fiquei com eles... Eles reclamaram, porque normalmente, nos fins de semana, nos feriados a gente costuma sair, ir pra parque, pro zoológico... Eu costumo dizer que os bichos de lá até conhecem a gente, de tanto que a gente vai lá, fazer piquenique... E dessa vez não teve nada... Até no domingo ele foi também, eu que fiquei, porque estava exausta... E ele fica exausto também...

- E a tendência é vocês dois ficarem cada vez mais cansados, e cada vez mais chegando em casa só para descansar, dormir, e não estar com as crianças, fazendo alguma coisa...

- Isso mesmo...

¹⁴⁵ Estou procurando aproximar o casal para o diálogo e mostrar que ambos são os responsáveis pelo destino da família.

- Lembrei da Marcela dizendo “não sei pra que isso, a gente já tem casa!”

Rimos disso... E peço novamente para que ela e o marido conversem, e vejam os motivos que têm para fazerem as duas casas, e caso resolvam fazer mesmo a construção, que procurem deixar um tempo reservado na semana, disponível para as crianças, pois essa idade deles não volta...

Ela concorda e encerro a sessão.

Quarta sessão: mãe, 9 dias após a terceira.

Pergunto como vão as coisas entre ela e Marcela. Dora parece sentida, e diz:

- Ah, ela tá melhor, mas de vez em quando ainda fica, sabe? Assim brigando não, mas batendo de frente comigo. E pra estudar... Chora, fica enrolando...

- Como é na hora de estudar?

- Ela passa a lição toda em 5 minutos e já fala que acabou. Aí eu falo que não é possível, e ela começa: chora, diz que está cansada. Aí eu falo que tudo bem, se ela está cansada, então fecha o órgão e vai descansar. Daí ela me pede pra ver um desenho com ela. Aí eu falo que não, se ela está cansada, ela vai só descansar. Aí ela fica enrolando comigo na cozinha, e eu percebo que ela quer ficar junto comigo, pode ser fazendo qualquer coisa, não importa, ela só não quer ficar sozinha.

- Então você nota como ela precisa da sua companhia?

- Ela pede muito. Se eu sento com ela enquanto ela está estudando, ela tira a lição todinha, repete quantas vezes precisar, numa boa. Mas se eu levantar e falar, “vai tocando que eu já venho”, ela para, ela vai atrás, dá sede, ela lembra que tem que contar uma história, tudo acontece pra ela não ficar sozinha.¹⁴⁶

¹⁴⁶ A mãe traz estes fatos como queixa, mas percebo que seu discurso já está explicitando que a necessidade da filha é de atenção, o que não aparecia até o atendimento anterior. Engraçado que entre a primeira e a segunda sessão ela experimentou uma aproximação que não conseguiu manter na semana seguinte. Isto me diz algo sobre a limitação pessoal da mãe. Ela revela também uma nova dificuldade da filha, um medo exacerbado, que a família não pode acolher e dar um destino.

- Você acha que ela tem medo de ficar sozinha?

- Ela morre de medo. Se a gente está no andar de baixo da casa e pede pra ela pegar alguma coisa lá em cima, se for de dia ela vai e desce correndo. À noite ela não vai sozinha. Mesma coisa se tiver todo mundo em cima e ela tiver que descer. O irmão acaba indo porque sozinha ela não vai de jeito nenhum. E quando o irmão vai, parece que essa coragem dele incomoda, e ela assusta o irmão.¹⁴⁷ Aí ele sobe assustado, e eu chamo a atenção dela, e ela fala que eu só pego no pé dela... E pra dormir também é um problema. Ela tem que dormir com a porta fechada e a luz acesa. Se de noite eu passar no quarto e apago a luz, quando é de manhã eu passo e vejo que ela acordou, e acendeu a luz.

- Desde quando ela precisa disso pra dormir?

- Ela dormiu comigo até os 3 anos, mas no mesmo quarto, não na mesma cama. Eu vi o casamento da minha irmã acabar porque ela colocou os filhos pra dormir com ela, e você sabe, isso atrapalha a vida do casal... Então falei: “não, isso não vou deixar”, e construí o quarto dela e mais um que ficou pro menino. Então ela dormia lá sozinha numa boa, com a luz apagada... Começou com essa coisa de acender a luz eu já estava grávida do Marcelo... Eu falava pra ela: “o Marcelo dorme no escuro”, mas ela não quis nem saber.

- O Marcelo dormia dentro de você, onde é escuro. Tem uma coisa dentro dela que dá medo. Ela percebeu essa coisa dentro dela que assusta na época que você estava grávida. E eu me lembro de ela ter ficado assustada com a maldade que ela ameaçou fazer com o irmão, de deixa-lo cego. Ela se assusta de ter dito isso nessa época, e isso assustou vocês também, que de certa forma confirmaram que ela era tão perigosa e capaz de fazer essa maldade, que desistiram de dar o nome que queriam para o filho e puseram Marcelo. É como se vocês olhassem para ela e vissem que ela é assim tão perigosa quanto ela pensava ser. Ela acreditou ser tão poderosa, que podia assustar os pais, que viram algo muito destrutivo nela. Então ela fica com medo disso que ela leva dentro dela, que nem os pais podem deter.¹⁴⁸

- Me faz lembrar o que aconteceu ontem. Meu marido pediu para ela ajudar, levando umas tábuas com ela para dentro de casa. Ela falou que não ia. Então ele levou tudo sozinho. Só que chegou na escada, umas tábuas caíram. Ela assustou e foi ajudar o pai. Aí o pai brigou com ela e falou: “você não veio quando eu te pedi, agora não vai mais ajudar! Pode ir lá no

¹⁴⁷ Novamente aparece a “maldade” dela.

¹⁴⁸ Estou ilustrando a fantasia da família sobre o poder, a destrutividade e a maldade contida na criança.

portão e me esperar segurando o portão aberto!” Ela foi, aí o pai passou e ela fez cara feia, não respondeu, e assim que o pai passou, ela bateu o portão e saiu correndo. Então o pai falou que ela ia aprender a obedecer, e que hoje à noite, ela ia dormir com a luz apagada e a porta aberta. Aí eu pensei “meu Deus...”¹⁴⁹ Quando chegou a noite, ela foi dormir e deixou a porta fechada e a luz acesa. Quando eu passei, e vi, falei pra ela “Marcela, seu pai falou que era pra dormir com a luz apagada e a porta aberta”¹⁵⁰ e ela pediu pra eu falar com ele pra deixar ela dormir com a luz acesa e a porta fechada, e ele respondeu “É pra apagar a luz e abrir a porta, eu já falei que vai acabar essa mania de luz acesa”. Aí eu pensei “bom, o pai falou, né?”, e disse: “Você ouviu, né, Marcela, essa noite você vai dormir com a porta aberta e a luz apagada.” Apaguei a luz e deixei a porta aberta... Aí quando foi meia noite eu acordei pra ir ao banheiro e ela tinha acendido a luz e fechado a porta. E eu fui lá e apaguei a luz e abri a porta. Aí no outro dia ela acordou e perguntou: “mãe! Eu consegui dormir de porta aberta e luz apagada?!” e eu respondi: “conseguiu, Marcela, você dormiu a noite todinha!” E ela: “ufa, mãe... Nem acredito que eu consegui!”

Disse a ela que nessa noite ela percebeu que o pai e a mãe confiaram que ela ia conseguir passar a noite fora de perigo, e que os pais impuseram a vontade deles, e não deram espaço para que ela confirmasse a fantasia de ser tão poderosa a ponto de enfrentar os pais e submete-los à sua vontade. Ela foi submetida à vontade deles e experimentou uma sensação de alívio no dia seguinte. É como se ela dissesse: “ufa, meus pais cuidam de mim, e eu sou só uma criança. Eu penso que sou poderosa, mas não sou tanto, meus pais são mais.”

Pergunto como está o convívio do pai com a filha, e ela me conta que está bom. Ela conversou com o marido e ele explicou que vai construir a casa da mãe dela que está precisando, e que a deles não tem pressa. Também que ele não pensa em morar lá. Ela disse a ele que realmente não gostaria de morar lá pelas más lembranças da infância. Pergunto a ela como foi a época que morou lá, e ela me diz:

- Foi muito sofrimento. Meu pai era muito maldoso, muito malicioso. Ele tentou “pegar” eu e as minhas irmãs. Minha mãe saía pra ir trabalhar de lavadeira na vizinha, e ele vinha com uma faca na mão e o negócio pra fora, e falava: “é agora que eu vou pegar vocês”. Ele me chamava de negrinha escandalosa, porque eu saía correndo e gritava, pulava o muro e

¹⁴⁹ A mãe tem o mesmo medo que a filha.

¹⁵⁰ Ela mostra que tentou enfrentar esse medo, confiando no pai.

ia lá chamar minha mãe e falava “mãe corre que o pai tá lá como negócio pra fora”. E ela ia, e eu me escondia.¹⁵¹

Conta que o pai era muito violento, agredia a mãe na frente dos vizinhos, que são os mesmos que ainda moram lá próximos ao terreno. Dormiam todos juntos num mesmo quarto. Os pais numa cama, o irmão e a irmã mais nova no beliche de baixo, e ela e a irmã no beliche de cima. Elas colocavam um varal com cobertas penduradas ao redor do colchão e prendiam por baixo do colchão.¹⁵² Frequentemente acordavam com o pai tirando as cobertas e passando a mão nelas, procurando colocar em suas partes íntimas. Elas acordavam gritando e a mãe então acendia a luz.¹⁵³ O pai dizia que elas estavam escondendo homem no quarto, e ela acha que ele dizia isso pra confundir a mãe. “A janela do quarto era um vitrô de banheiro, como ia passar um homem por lá?”. Se a mãe falasse algo, era duramente espancada.¹⁵⁴

Um dia ela foi levar o almoço para o pai, que trabalhava de ambulante na rua. Era a primeira vez que tinha posto sutiã, e estava bastante envergonhada. Quando chegou perto do pai, o mesmo apalpou seus seios na frende de vários amigos e declarou: “está quase no ponto. Só que a primeira é minha.” Ela saiu correndo para casa, chorando, e a mãe perguntou o que ocorreu. Para não prejudicar a mãe, ela não contou. Quando o pai voltou para casa, disse: “essas nossas filhas estão crescendo, estão todas de peitinho duro”. Sua mãe questionou se ele já tinha ido pegar e ele disse que sim. Ela tentou discutir com ele e acabou sendo espancada.

Apesar das diversas tentativas, o pai nunca conseguiu ter relações sexuais com ela, nem com suas irmãs. Um dia houve uma grande briga e ela e o irmão tiveram um braço e uma perna quebrados pelo pai. Ela então resolveu, escondida, contar a uma senhora que era sua vizinha sobre a violência sofrida. A vizinha então contratou um advogado que colocou uma espécie de ronda policial ao redor de sua casa. Não demorou muito, o pai viu a vizinha conversando com sua mãe no quintal e correu em sua direção demonstrando que ia lhe dar um soco. Não chegou a atingir sua mãe, pois os policiais estavam observando e intervieram na situação, levando-o para a Delegacia. Os policiais pediram para que a família fosse prestar

¹⁵¹ Percebo que as dificuldades da mãe em estabelecer uma sensação de segurança e proteção para a filha vêm de um ambiente violento e ameaçador no qual ela foi criada. Sua infância foi permeada de medos reais e suas defesas forma importantes armas usadas para sobreviver. O que se nota agora é o uso destas defesas indiscriminadamente.

¹⁵² Faço uma imagem mental da segurança das meninas “fechadas” na hora de dormir por cobertas penduradas e embrulhadas no colchão, e que tinham o sentido de protege-las do pai ameaçador.

¹⁵³ A luz que a mãe acendia era o sinal de que o perigo passou.

¹⁵⁴ Talvez ela quisesse que a mãe fosse alguém que pudesse se impor para mostrar que estava certa e que iria cuidar das filhas. É isso o que ela tenta fazer com a filha.

queixa, mas com medo, nenhum deles quis ir. A vizinha chamou um caminhão e disse à mãe de Dora que colocasse suas coisas nele e fosse para a casa de sua avó, pois achava que quando ele voltasse ia mata-los. Dora e seus irmãos foram com sua mãe morar na casa da avó. Porém não era possível que morassem todos, e Dora ficou na casa de uma tia, que a expulsou por achar que ela estava tendo um caso com seu marido. Ela foi então trabalhar e morar numa casa de família, onde passava a semana toda.¹⁵⁵

Depois, quis trabalhar num lugar onde tivesse sua carteira assinada, já sonhando em provar para o pai que ela não se tornaria uma “vagabunda” como ele profetizava.¹⁵⁶ Trabalhou numa fábrica, e lá conheceu uma amiga que um dia chegou com uma foto de um jovem e uma carta. Este jovem veio a ser seu marido, que na época estava preso, e sua irmã pedia às colegas de trabalho que se correspondessem com ele, pois ele precisava de um motivo para não cair na depressão no presídio. Logo que ela viu a foto do rapaz se interessou. A irmã dele disse que ele não era para ela, que ela era moça direita criada na Igreja.

Ainda assim, ela insistiu em se corresponder com ele. Como ela disse: “toda palavra que eu ouvia na igreja e que era boa, eu passava para ele”. Após dois anos de relacionamento por cartas, foi visita-lo, e gostou ainda mais dele. Disse isso à mãe, mas não teve apoio. Permaneceu se relacionando com o rapaz, mas mesmo quando ele saiu, não puderam ficar juntos, já que ele era batizado em uma igreja e ela em outra. Sua comunidade cobrava que ela se casasse com alguém de sua igreja. Ela então chamou o namorado para fugir para longe, onde ninguém soubesse a história deles. Ele não quis e disse a ela: “não quero fugir, já fiz coisa errada na vida e agora vou viver uma vida correta. Vou me casar com você e vamos ter uma família.” Assim, foram levando o namoro, até que um dia ele pediu para ela leva-lo para conhecer sua igreja. Ela não quis, com medo de os outros dizerem que ela só fez isso para poder casar. Então sua mãe decidiu levar o rapaz sem a filha. Ele gostou, batizou-se e se casaram, compraram um terreno, construíram uma casa e formaram uma família.

Depois que nasceu Marcela, quando a mesma tinha um ano, ela quis voltar à casa do pai, para onde não tinha mais ido desde quando fugiram. Encontrou o pai e disse a ele que não havia se tornado uma prostituta, que tinha sua carteira assinada, e apresentou seu marido e sua filha. Seu pai então chorou e pediu perdão a ela. Eles começaram a frequentar a casa do avô e

¹⁵⁵ Com esta história de vida não me admira que a mãe tenha problemas em admitir um contato físico mais próximo como um sinal de afeto.

¹⁵⁶ Sempre foi rebelde ao pai, fazia escândalos quando ele ameaçava violenta-la, indiretamente foi a responsável pela sua prisão e sempre quis escrever uma história diferente da fatalidade a que estava submetida.

Marcela se apegou muito a ele. Há cerca de dois anos ele se enforcou naquele mesmo terreno. E é por isso que ela não quer morar lá.

Depois de ter ouvido toda esta emocionante história, disse à mãe que ela era uma pessoa incrivelmente forte e que apesar de ter vivido em condições terríveis, ela pode dar a volta por cima. Ela deu o melhor de si para aproveitar suas qualidades, conseguiu se defender e vencer na vida. Ela sempre foi escandalosa e teimosa, nunca aceitou o que o pai fazia e por fim foi através dela que a família pode se libertar dessa violência que sofreram por tantos anos:

- Seu pai foi um homem muito violento e abusador. Ele não pode ser para você um pai que protegia e amparava, pois todo o contato dele era maldoso, malicioso. Você então se fez assim, escandalosa e valente, para se proteger dele, que era mesmo uma ameaça. Tudo isso tem um preço, e se por um lado foi ótimo você ter sido assim naquela época, foi o que te salvou, hoje em dia, é difícil para você ser uma figura de autoridade diante da sua filha. Você teve um modelo de autoridade que ameaçava de fato a vida, a saúde, a dignidade dos filhos. Possivelmente você se sinta assim quando precisa exercer a autoridade perante sua filha. Mas como é difícil para você se identificar com isso, você acaba agindo conforme a sua mãe agia. Na época, ela não via meios de se defender e se submetia às atitudes do seu pai. Eles não puderam demonstrar para você o que era ter pais que protegem, acolhem, são afetuosos e dão limites de forma saudável. Então este é o modelo que você teve. A partir daí é que você se reinventou.¹⁵⁷

- Fiz de tudo para dar uma família diferente para minha filha.

- E com certeza você deu. O pai da sua filha não é nada do que o seu pai foi.

- É, ele é um ótimo pai, eu vejo isso. Mas olha, desde quando a Marcela nasceu é assim.... Eu deixo ele pegar ela, ele pega, mas trocar fralda, dar banho, de jeito nenhum! Eu não consigo. Eu fazia ele sair do quarto para trocar ela. Ela pede pra dar banho no irmão hoje em dia, eu não deixo de jeito nenhum.

- Então eu vejo que faz todo o sentido que ela acabe achando que há um perigo, que ela desconhece, e do qual ela tem que se proteger toda a noite, e que ela precise deixar a luz acesa e a porta fechada. Esta era a maneira de você passar uma noite segura, pois para se

¹⁵⁷ Esta fala seria um resgate da história da mãe, e de sua própria formação, associando com a pessoa que ela se tornou hoje, entre aspectos positivos e negativos. Isto ajuda a mãe a se reconhecer, e se diferenciar da filha.

defender de um pai que abusava, você fechava a cama com cobertores e sua mãe acendia a luz. Quando o pai da Marcela determinou que a luz ficasse apagada e a porta aberta, e nenhum mal ocorreu, ela se sentiu aliviada por perceber que não há de que se defender, mas isto vale para você também. Você passa para sua filha muitas das suas qualidades, e também ensina para ela suas defesas. Só que estas defesas foram necessárias naquela época, quando a ameaça era seu pai. O pai dela não é uma ameaça, o pai dela é uma fonte de segurança.¹⁵⁸

Aponto que a história deles mostra isso. Ele estava preso quando ela gostou dele. Talvez até ela tenha gostado dele justamente porque ele estava preso, e, portanto, não poderia ser uma ameaça para ela. Estava no lugar onde ela deixou seu pai, e pronto para ser resgatado. Mesmo quando ela propôs a ele que fugissem, ou seja, que fizessem “coisa errada”, ele manteve a postura de seguir com ela pelo caminho que ele considerou mais correto, e não quis colocar a esposa em situação difícil. Ele provou que é confiável. Ela diz:

- Ele me fala que eu exagero, que deve ser pelo que meu pai me fez e fala que não é porque meu pai foi assim que todo homem é assim.

- A Marcela tem um pai, não uma ameaça. Se você se colocar no caminho, e não deixá-la curtir esse pai, ela vai acabar ficando confusa, confundindo afeto com abuso, com violência¹⁵⁹. Então vamos começar a separar as coisas, e permitir que ela tenha acesso ao afeto, pois você pode oferecer isso a ela, e ajuda-la a compreender o que é o abuso e como se defender de situações de abuso¹⁶⁰. Senão, se ela tiver que demonstrar o afeto de maneira escondida, percebendo que isso te desagrada, a chance dela consentir com uma situação de abuso, que combina com ter um contato mais íntimo de forma escondida é grande, pois ela estaria mais vulnerável.

A mãe parece assustada em cogitar que ela esteja deixando a filha mais vulnerável do que segura. Digo a ela que essa separação do que é da ordem do afeto e do que é da ordem da violência é importante para ela também, pois isso vai melhorar ainda mais as relações familiares e também do casal.

¹⁵⁸ O quadro ilustrado condiz com a acusação de Marcela de que a mãe faz de tudo para separar a filha do pai. Também condiz com a fantasia criada na escola de que a mãe prende e o pai bate.

¹⁵⁹ Lembro-me aqui do primeiro atendimento, no qual a mãe relatou que a filha a acusava de separá-la do pai.

¹⁶⁰ Falo sobre as diferenças pois vejo que não é claro para ela perceber esta diferença.

Quinta sessão: Criança- 4 dias depois da quarta sessão.

No horário do atendimento de Marcela, eu ainda estava na minha sala, num atendimento de “encaixe”, devido a uma situação de emergência que surgiu com um paciente que tinha se distanciado do tratamento. Deste modo, a sessão de Marcela atrasou cerca de meia hora. Quando finalmente fui até a sala de espera para busca-la, ela veio me dar um forte abraço e disse: “que bom que você ainda está aqui!”. Então pedi desculpas pelo atraso a ela e à sua mãe e certifiquei-me de que elas tinham tempo para que a consulta transcorresse normalmente. Dora me disse que sim, estavam com tempo.

Entramos na sala e Marcela mostrava-se alegre. Perguntei a ela como estava, ela me disse “bem”, “novidades?”, “não muitas”. Então contou-me que hoje ela teve que desenhar a capa dos trabalhos de escola para mostrar pros pais, e já estava cansada de desenhar. Ela fez uma capa que disse ter ficado bonita, era uma praia, um mar e o sol. Disse que está indo bem na escola, mas na aula de música, mais ou menos, estava com medo de não passar na lição. Perguntei como tem sido para ela estudar, e ela disse que gosta, mas tem preguiça, não é sempre que tem vontade, então estuda muito rápido. Perguntei se ela gosta da hora de estudar, se tem algo que a distrai ou que a faz se sentir mal. Ela conta que enquanto está estudando, o irmão vê filmes, não na mesma sala, mas como não tem porta, ela ouve os sons do desenho e fica com vontade de assistir. Ela acha que mesmo assim era possível se concentrar, mas parece que tudo vira uma boa desculpa para sair do órgão. Pergunto se ela sente medo de alguma coisa. Ela diz que tem medo de não passar na lição e a mãe a colocar de castigo.

- Ela já disse que não vai me bater, mas se eu não me esforçar na lição, ela vai me tirar a televisão.

Então ela conta que a mãe não ameaça mais bater, já disse que não vai bater, mas a deixa de castigo sem tablet, sem computador, etc... Pergunto a ela se ela tem outros medos.

- Tenho medo de dormir no escuro. E também com a porta aberta.

- Como é esse medo?

- Muito grande.

- Pode me desenhar ele?

Ela então começa a me explicar o desenho que faz:

Figura 14- Desenho de Marcela: seu medo, a que ela atribuiu o título “A imaginação”, e escreveu “Meu medo de dormir é muito grande, mas a minha *imaginação* é maior” (correções ortográficas da autora).

- Ele tem um chapéu, e vem atrás de mim com uma faca, e eu tô na minha cama¹⁶¹.
- Quem é essa pessoa?
- Não sei, ainda não conheci.
- É um homem, uma mulher, um menino ou uma menina?
- Um menino.
- Você já o viu ou ouviu falar dele ou de alguém assim?
- Não. Bom, uma vez eu vi um filme que tinha umas crianças que estavam presas e tinham que matar uma criança pra libertar as outras, e me deu muito medo¹⁶².

¹⁶¹ É impressionante a similaridade desta figura com a imagem que eu havia formado do pai de Dora, que tentava abusar das filhas ameaçando com uma faca e também invadia sua cama à noite.

- Então essa pessoa parece com um menino do filme?

- Parece. Eu vejo ele no quarto, com um cabeção.

- Do que é feito esse medo?

- Da minha imaginação.¹⁶³

- Isso mesmo! A sua imaginação é muito poderosa, sabia? Ela tem o poder de criar meninos assustadores como este e também tem o poder de transformar o que já foi criado em outra coisa. Quer ver? Fecha os olhos e imagina que você está na paisagem que você desenhou hoje na sua escola. Você está na praia, passeando pela areia fofinha, olhando para o mar. Ainda é de manhãzinha e a areia não está muito quente. Você a sente entre os dedos do pé enquanto caminha. Você vai passeando e afundando os pés em pequenos montinhos de areia. Quando chega perto do mar, a areia fica fofa e molhada, mais geladinha... Então você afunda os pés nela e observa as pegadas que se formam. Então você vai uns passinhos a mais na direção do mar, onde a onda vem bem fraquinha e dá uma lambidinha no seu pé... (ela ri) você sente a água mais geladinha... Aí você vai mais um pouquinho pra dentro do mar, onde a água é baixinha e fica num vai e vem que molha seus pés e um pedacinho das pernas. Você fica lá parada, e esfrega os pés na areia, afundando na areia, depois tirando pra deixar um buraco! (risos) Daí você resolveu correr na água baixinha, e cada vez que você dá um passo, chuta a água e te molha! (risos) Então depois dessa corridinha vê que já está na hora de voltar... E vir parar na nossa sala outra vez, e já pode ficar de olhos abertos. E aí, como foi?

- Foi muito legal! Eu senti a areia entrando nos meus pés!

- Você sentiu a água geladinha?

- Senti!

- E o que você usou pra visitar esse lugar?

- A minha imaginação!

- Muito bem! Então, você nunca tinha ido pra lá, mas agora a pouco você estava passeando na beira do mar... E você que fez esse lugar aparecer. Você pode fazer isso sempre

¹⁶² Vem-me à mente a ideia da criança que a mãe foi e que precisa ser liberta para que a criança que a filha é possa viver.

¹⁶³ Acho incrível que ela defina que o medo venha de sua imaginação com uma firmeza que me dá mais confiança em trabalhar o material que vem a seguir.

que quiser. Sabe, você me disse que esse medo se parece com um menino... Ora... Todo menino gosta de brincar! Então, você pode chamar ele, que é feito da sua imaginação, pra brincar num lugar em que você se sinta bem e segura, onde ele não perturbe, mas possa brincar direitinho com você. Hoje você foi brincar sozinha na beira do mar, quem sabe outro dia você leva ele de companhia?

- Sim! Daí eu não ia ficar com medo dele!

- Sabe, Marcela, pensando bem nele, com essa faca na mão, sabe o que parece? Aquelas pessoas do interior que fazem escultura de boneco de madeira pra brincar, vivem cutucando um pedaço de madeira com uma faquinha. Vai ver esse menino é assim, um menino do interior que só quer brincar.

Ela sorri, animada.

- Posso pedir pra você fazer mais um desenho pra mim?

Então ela realiza um desenho livre, para o qual eu peço um nome, ela escreve: “Eu posso mais que meu medo”.

Marcela me explica que desenhou ela e o menino fazendo um castelo de areia. Ela está com uma pá, e ele com a faca. Os dois estão felizes:

Figura 15: Desenho livre de Marcela: ela com uma pá na mão e o menino com uma faca, brincando na areia da praia, sob o título de “Eu posso mais do que o medo”.

Pedi para ela colocar também um nome no primeiro desenho. Ela escreve: “meu medo de dormir é muito grande, mas a minha *imaginação* é maior” (correção ortográfica da autora).

Encerramos a sessão.

APÊNDICE I- Transcrição da entrevista realizada com Dora, mãe de Marcela (Caso 3).

P- Pronto, a partir de agora está gravando então. Uma das primeiras coisas que eu gostaria de saber é... Que a senhora me falasse um pouquinho a respeito de como estava a situação da sua filha e também da senhora na época em que a senhora buscou atendimento para ela. Pensando um pouquinho naquilo que motivou a busca do atendimento psicológico, como é que foi naquela época.

M- Então, foi a agressividade dela, né, tanto na escola quanto em casa, mais comigo, né. Uma criança muito agressiva, respondona, não tinha meio termo, né? Não gostou, ela descia o braço. Na escola... e isso me preocupava. E se eu corrigia, ela me agredia com palavras¹⁶⁴. E agora ela tem melhorado. Eu converso com ela, eu sento e converso com ela o que é certo, o que é errado, é... Que não é pra ela agir assim, qual a forma correta e ela tem ouvido mais¹⁶⁵, que ela não ouvia, né? Então o que ela achava era o que ela achava e estava certo. Então eu acredito que tenha melhorado bastante. Ainda falta um pouquinho, mas pelo visto que estava eu creio que já melhorou bastante, e tem me ajudado muito a eu me portar também, a minha postura com ela e pra eu exigir dela. Então acho que tem ajudado muito¹⁶⁶.

P- Então as principais coisas mesmo é em relação a esta agressividade, e ao fato de ela não ser permeável, você chegava pra falar com ela e ela parecia que não queria saber o que você tinha pra dizer.

M- Isso, é... Na verdade ela que queria ditar regras pra mim, né? Eu que tinha que ouvi-la, e não... Então o que ela fizesse era o que ela fez e era o que era certo. Então quando eu ia corrigir ela batia de frente, até ela conseguir que ela estava certa.

P- E como é que surgiu a ideia de procurar um atendimento psicológico?

M- Então, ela tinha o que, acho que uns sete? Uns sete anos. Eu conversando com uma professora dela, e ela falou pra mim que a Marcela tinha dificuldade de concentrar na sala de aula, que se ela escutasse uma história no fundo da sala, ela ia se focar naquela história e deixava o dela, aí, é... Se alguém precisasse de uma ajuda, ela que queria ir lá ajudar, só que aí

¹⁶⁴ Devido à indiferenciação, e à dificuldade de manejo da mãe diante desta agressividade da filha, houve a distorção na relação entre mãe e filha.

¹⁶⁵ Ela identifica como um ganho após as intervenções a retomada de seu papel de mãe no diálogo com a filha exercendo sua autoridade de forma mais segura.

¹⁶⁶ Ela fala de um processo de aprendizagem e crescimento pessoal pelo qual passou.

ela não fazia lição, ela não se preocupava em copiar a lição da lousa, então ela estava ficando muito atrasada. E quanto à agressividade também. Então a professora disse que ela era agressiva, não aceitava que outras pessoas corrigissem ela também na escola, e quando a professora passava pra ela que ela tinha que fazer o dela, ela só fazia se a professora estivesse do lado dela¹⁶⁷. Se a professora sentasse do lado dela e ajudasse ela, ela ficava de boa, mas se a professora fosse ajudar outros alunos, aí ela não fazia nada, ela ficava brava, nervosa, agressiva, então ela falou assim: “Dora, ela precisa de um... Da ajuda de um psicólogo”. Mas como estava em falta na rede, aí eu comecei a procurar no sindicato, nos postinhos mesmo, eu fiz bastante, deixei bastante... Passei com a pediatra, ela me deu encaminhamento, deixei pra conseguir vaga, mas aí foi indo, foi indo e quando chegou uma hora que ela entrou né, num... Lá à tarde, onde ela fica, no...

P- Ah, no Centro Comunitário?

M- Isso, no Centro Comunitário. Ela começou a ter aula de judô lá, que ela começou a usar como agressividade na escola, o caratê, aí vieram uns três dias seguidos falar pra mim. Eu quis puni-la, né... Aí foi aonde gerou mais confusão, que aí, eu conversando com a orientadora da escola, ela puxou o quadro anterior, e falou assim, é, realmente, eu vou fazer o encaminhamento porque ela precisa de um psicólogo, de algum acompanhamento pra ver se ela melhora, porque ela é uma criança amorosa, uma criança carinhosa, mas a partir do momento que você faz o que ela quer. Ela não recebe não como resposta, ela não aceita o não. Então se você falar pra ela: “agora não”, ela fica agressiva, mas se você falar pra ela: “pode fazer isso, isso é bom pra você”, e é o que ela quer no momento, aí ela é carinhosa, ela beija, ela abraça, ela fica toda feliz, mas se falar: “não”, aí ela muda a situação.

P- Aí já inverte, né?

M- Inverte.

P- Então quer dizer que a ideia de procurar um psicólogo foi da professora quando ela tinha sete anos, e depois da orientadora que resolveu que ia realmente fazer esse encaminhamento, e tal...

M- Isso, isso.

¹⁶⁷ Demanda da criança por atenção de um adulto substituto da figura materna.

P- Como a senhora recebeu essa ideia? Foi tranquilo, foi: “não, realmente eu acho que precisa”, ou foi estranho?

M- Pra mim foi um alívio, porque eu já tinha perdido o fio da meada, já estava desesperada, já tinha perdido a cabeça, porque assim, eu já não conseguia mais conversar com ela como filha, nós, eu, toda vez que eu ia conversar com ela eu me estressava, eu falava, ela não ouvia, batia de frente comigo¹⁶⁸. Eu queria que ela me entendesse, que eu era mãe dela, mas aí eu perdia o controle da situação, porque daí eu gritava, eu xingava, eu acabava querendo puni-la, mas pra ela conseguir entender que eu que era a mãe, que eu que estava falando com ela, então ela tinha que me ouvir. Então eu já estava desesperada mesmo, assim, eu já não sabia a quem recorrer, então, quando falou pra mim que eu tinha que procurar um psicólogo, né... Pra ajudar ela e também pra me ajudar, aí pra mim eu abracei, né? Pra mim foi o que eu... A última resposta que eu precisava, e eu abracei com as duas mãos no intuito de ajudar ela e ajudar eu também.¹⁶⁹

P- Então você achou bom, uma boa ideia, porque era exatamente o que você estava precisando...

M- Exatamente, isso...

P- Bom, você já falou um pouco sobre o que mais te incomodava nessa época, nessa questão da dificuldade de lidar com ela e de fazer ela aceitar que ela como filha tinha que te ouvir, e não ao contrário, né... Você acha que os atendimentos oferecidos contribuíram de alguma forma pra ajudar em relação aos problemas?

M- Cada sessão que ela tem, é... Calha sempre de ser no dia da aula de música dela, né, que nem foi de terça, ontem foi um dia, então ela vem com aquela... eu vejo ela renovada, é assim, alegre, mais animada pra fazer o que ela gosta e pra aceitar o que eu tenho pra ela, quando eu converso com ela, e falo: “não, não é assim, tem que ser assim”, então ela fala:

¹⁶⁸ Mãe formula uma demanda própria por auxílio no trato com a filha e para lidar com aspectos de sua própria agressividade.

¹⁶⁹ Acho interessante que ela tenha encontrado na expressão “abraçar com as duas mãos” a relação de ajuda que ela necessitava. Soa como um colo materno, uma demonstração física de afeto dirigida a ela e à filha, que me parece ser justamente sua busca. Me faz lembrar da forma como Marcela me recebeu da última vez, agarrando-se à minha cintura e me deixando abraça-la.

“Ah, então tá bom. Então outro dia pode ser assim? Então aí a senhora fica comigo?” Então eu acho que ajudou muito nessa parte de aceitar o papel dela de filha e o meu como mãe.¹⁷⁰

P- Está certo, legal... E como está a situação da família agora, após os atendimentos?

M- Tem melhorado bastante, eu tenho conversado muito com meu esposo a respeito. A cada sessão que tem eu passo pra ele o que está acontecendo, e ele tem me ajudado. Porque às vezes ele me via muito nervosa com ela, porque, na verdade até ele ficava perdido de ver minha agressão, né? A forma de eu falar com ela, porque eu queria achar uma forma que ela me aceitasse, que ela me respeitasse, e eu acabava sendo grossa, então era onde ele ficava bravo comigo, e: “não, não é assim que você tem que falar, é desse jeito”. E eu acabava me irritando com ele também. Então a cada sessão que tem eu passo pra ele como que nós temos que agir, aí ele acaba me apoiando, acaba colocando ela no lugar dela e acaba me ajudando e ao mesmo tempo ajudando ela também, então tem me ajudado bastante.¹⁷¹

P- Na relação familiar você também notou diferença... E na situação do Marcelo, como ficou?

M- Ainda ela continua um pouco sendo “superprotetora” com ele.

P- Continua fazendo tudo por ele?

M- Isso, ela ainda quer fazer tudo por ele, ela ainda acha que ele tem que assim, obedecer ela, então, ainda ela tem essa superproteção com ele, ela quer cuidar, ela quer corrigir quando ele está fazendo alguma coisa errada, e ainda na forma de mãe. É tipo assim, ele fez uma coisa errada e ela fala alto, e eu: “não, não é assim filha, você tem que conversar, ele é seu irmão, não pode... Fala pra mãe que a mãe corrige ele se ele tiver errado”. Aí ela fala: “ah, mas eu não tenho paciência, eu já falei com ele duas vezes e ele tá agindo dessa forma”. Mas aí acaba... tá indo ainda um pouco meio devagar, mas tá chegando lá... A forma ainda de ela querer proteger ele, ela acha que proteger ele é uma forma de não deixar ele fazer as coisas que ela acha que é errado, é uma forma de ajudar ele e acaba irritando ele, né?¹⁷²

P- Ela protege muito de vocês, é isso? Ela protege de vocês darem a bronca.

¹⁷⁰ Assim que se sentiu acolhida em suas angústias pode retornar de forma mais amadurecida ao seu papel de mãe.

¹⁷¹ A demanda da presença do pai havia surgido e o pai pode ser resgatado, e pode dar o suporte que a mãe precisa, a partir do momento em que ela conseguiu comunicar com mais clareza suas necessidades.

¹⁷² Há uma demanda que diz respeito a tirar a filha do lugar de mãe substituta do irmão e devolver cada um em seu lugar.

M- Exatamente.

P- Ela prefere ela dar a bronca e ela receber a bronca de vocês por isso a deixar ele receber a bronca.

M- Isso, por exemplo, se nós corrigirmos ele, que nós vimos ele fazer algo de errado e nós chamarmos a atenção dele, e ele chorar, aí ela quer abraçar, ela quer beijar ele: “vem, meu irmão vem”; “não é pra abraçar ele, é pra deixar ele pensar no que ele fez errado”. Ele tem que refletir no que ele fez de errado, mas aí ela se sensibiliza a tal ponto que ela quer, ela prefere que brigue com ela, que puna ela que ele. Nesse ponto ainda continua...

P- Acho que é uma coisa do imaginário dela, né, que essa punição vai ser tão... ruim, que ele que é tão pequenininho não vai conseguir sobreviver a isso, não vai conseguir passar por cima disso, né? Ela acha que ela é muito mais forte do que ele, então tudo bem, ela consegue, mas ele ela quer defender. No fundo ela se defende de receber uma punição, ela se defende da punição e tal... Mas acho que no fundo, quando ela perceber que a forma de vocês punirem não é uma forma destrutiva... e ela começar a perceber isso, então... Acho que é um processo dela também, e quando ela começar a tomar conhecimento disso, e se apropriar que os pais estão aí, os pais corrigem, os pais servem pra dizer o que está errado, pra ensinar o certo e quando precisa, colocar de castigo, esse tipo de coisa, e sem ter tanto medo...¹⁷³ Então ela vai ter menos necessidade de proteger o irmão dos pais. Então isso tudo é um processo... E quais problemas, né, Dora que você vê hoje em dia na relação com a Marcela, ou na situação familiar, ou mesmo na situação escolar? Hoje em dia, o que você acha que ainda existe na situação, que você considera que seria um problema?

M- Pra lidar com ela? Eu acho que ainda ela tem que melhorar um pouco mais de aceitar um não e um sim, que ela acaba se perdendo aí, nesse... de aceitar um não e um sim. Ela melhorou, bastante, mas eu acho que ainda ela precisa melhorar mais, né? De aceitar mais, quando dizem não, quando dizem sim, e ainda ela acaba tendo assim, duas personalidades, ela acaba tentando mostrar um lado dela que ela não tem, né, assim, ela tá tendo duas personalidades, que às vezes eu acabo de brigar com ela porque ela fez alguma coisa errada e eu não aceito aquilo, e ela briga, e daqui a pouco ela quer uma coisa, outra coisa que seja, que ela queira, e ela vem: “mãe, nossa, você é linda, maravilhosa”. E no mesmo instante ela acaba criando dois jeitos que ela não é, entendeu? Não assim, acaba sendo

¹⁷³ Esta parte da intervenção busca afirmar qual é o lugar de cada membro da família.

agressiva e ao mesmo tempo amorosa. O agressivo dela por ela querer e não poder, e o lado amoroso quando ela quer e ela pode. Então eu até converso com ela e falo: “agora a pouco você estava brava comigo porque você quis isso, e eu te falei que não podia, que não dava, que não tinha como, e você ficou brava. Agora você sabe que você pode ter aquilo, então você já mudou, já está alegre, amorosa”. Então é coisa de minutos, aí ela já enxuga a lágrima, limpa o rosto, aí ela já fica alegre, fica de bom humor, aí ela já vem: “ai, mãe, agora eu posso assistir? Mãe, agora eu posso ver aquele desenho que vai passar?” Pra conseguir aquilo que ela queria, pra eu esquecer aquilo que eu tinha acabado de conversar, então ela acaba agindo dessas duas formas, e acho que isso acaba sendo uma coisa que mais difícil pra eu lidar, e que se ela mudasse... Que é esse lado que eu tenho medo do futuro¹⁷⁴, né? De quando ela tiver mais adolescente e falar um não e ela receber esse não, como que ela vai agir, se ela vai conseguir me dobrar, né? Sei lá, dependendo da situação... Então acho que é mais nessa parte.

P- E ela, tem apresentado alguma dificuldade pessoal, você acha?

M- A dificuldade dela é de ficar sozinha. Que se ela ficar sozinha, é que nem eu já tinha falado pra você antes. Se ela ficar sozinha ela tem medo, ela fica apavorada. Se eu falar pra ela: “eu vou descer, vou ali na padaria”. Se ela tiver sozinha ela vai: “não, mãe, pelo amor de Deus, a senhora me leva, eu não quero ficar sozinha”. Agora se eu falar: “o Marcelo fica junto com você”. Aí ela fica. Ou se, por exemplo, pra ela subir... Se eu falar: “Marcela, sobe, pega as roupas sujas pra mãe, pra trazer aqui pra lavanderia”, que é aqui em baixo, e ela: “ ah, mãe, mas a senhora pode ir comigo?”; “Mas é pra você pegar, a mãe está adiantando outra coisa.”; “O meu irmão pode ir comigo?”; “Pode”, aí ela pega de boa, agora se o Marcelo falar assim: “Ah, eu não quero ir, eu tô brincando de carrinho”, aí ela não vai subir, porque ela não quer subir sozinha. Então ela tem muito medo de ficar sozinha, é... A maior dificuldade dela eu acho que é essa, de ficar sozinha num ambiente ou de ficar no escuro, por exemplo, né? Ontem ela superou. Ontem eu falei pra ela: “você vai dormir com a luz apagada”. E ela falou assim: “é, eu vou dormir com a luz apagada. Então eu vou dormir com a luz apagada... Com a porta aberta, né, mãe?”, e eu falei: “é”. Aí ela pegou e dormiu. Aí não acordou de madrugada não acendeu a luz, porque às vezes ela acordava, mesmo que ela deitasse no escuro, ela acordava de madrugada e acendia a luz. Mesmo com medo, ela foi ontem dormir com um

¹⁷⁴ A mãe apresenta aqui uma demanda que diz respeito à integração do bom e do mau numa só pessoa. Ela atribui à filha uma “dupla personalidade”, um fingimento de ser quem ela não é, pois a filha é capaz de amá-la e agredi-la.

pouco de medo, mas ela deitou e dormiu. Aí hoje ela falou assim: “mãe, eu dormi no escuro, né?” eu falei assim: “dormiu”; “ai, que bom que eu tô conseguindo!”, então assim...

P- Ela está se empenhando, né?

M- Ela está se esforçando pra conseguir.

P- E esse já foi o primeiro passinho pra enfrentar os medos, e aí tem outros medos ainda pra serem superados, mas acho que esse é o mais importante. E mostrar que ela é capaz de enfrentar, ela é capaz de superar. E você está dando todo o apoio pra isso acontecer.¹⁷⁵

M- Isso.

P- O que quer dizer que você também acredita que ela é capaz de superar esses medos. Você acredita que esses medos, eles não são medos reais, não são medos de coisas que realmente são perigosas... O escuro não é perigoso, a porta aberta não é perigosa, né? Ficar sozinha num cômodo não é perigoso, então tudo isso, se para ela não representa perigo nenhum, de verdade, e você realmente acredita nisso, você começa a passar mais força para que ela realmente se sinta vitoriosa e se sinta apoiada e conseguindo enfrentar. Então acho que vocês duas aí juntas, uma dando apoio pra outra aí, acho que rapidinho vai começar a ver uma melhora muito significativa nessa coisa também de ficar sozinha.¹⁷⁶ O medo do escuro é uma coisa muito difícil para ela, agora os outros medos vão sendo puxados.

M- É, ela superou um, consequentemente ela conseguirá os outros também.

P- Isso, então vamos lidar com eles um por um, então em casa também incentivar, da mesma forma que ela conseguiu ontem dormir no escuro e com a porta aberta, usar os mesmos princípios que ela usou pra vencer aquele primeiro medo, nos outros medos também. Você no dia-a-dia está junto com ela, e vai lembrando: “olha, filha, lembra que você também tinha medo de dormir no quarto no escuro? E agora você já não tem mais, alguma coisa você já fez aí, o que será que você fez? Faz de novo, olha... pensa que você vai ter que subir, uma hora ou outra você vai ter que subir lá pra buscar roupa pra mãe, como que você vai fazer? Vai pensando como que você vai fazer, que uma hora ou outra eu vou te pedir, aí quando eu te

¹⁷⁵ Aproximo a mãe do lugar de quem está ajudando a filha a superar os problemas e dou ar de processo ao problema que viveu anos de estagnação.

¹⁷⁶ Digo isso com base nos fatos relatados pela mãe sobre sua história, na qual o escuro e ficar sozinha eram realmente coisas perigosas devidos às constantes ameaças de seu pai. Quero com minha fala sedimentar a imagem dela como mãe, ajudando a filha a superar medos fantasiados. Uma mãe que apoia e dá força, diferentemente da relação que ela teve com sua própria mãe. Neste sentido, da possibilidade de reescrever a história familiar é que vejo uma ajuda mútua entre mãe e filha.

pedir, ao invés de você ficar presa no seu medo, você vai tentar superar”.¹⁷⁷ E aí já vai ajudando ela a se preparar pra enfrentar a situação que hora ou outra vai acabar acontecendo, e aí ela já mais preparada, na hora de enfrentar ela vai se sentir com mais arma, com mais poder, com mais força pra isso, pra enfrentar isso. Vamos deixar ela enfrentar os medos, não a mãe, né? (risos)

M- Isso! (risos)

P- A mãe não é perigosa, os medos que ela está fantasiando também não são, então ela enfrenta lá, e diminui a figura sua, como alguém que ela vai ter que enfrentar¹⁷⁸. Bom, na situação escolar você não falou muito, mas como é que está? Porque no começo tinha, né? Esses problemas na escola... e tudo...

M- Olha eu digo que na escola ela melhorou bastante, conseguiu tirar uma nota dez, né, nós fizemos um trabalho juntas sexta-feira passada, e ela veio muito contente porque tirou dez e a professora perguntou: “você fez sozinha?” , aí ela: “não, minha mãe me ajudou”, aí ela ficou muito contente, né, porque da sala ela era a única aluna que a mãe tinha participado do trabalhinho que nós fizemos, né? Escolhemos um cômodo da casa pra fazer em caixinhas de fósforo. Aí nós duas fizemos juntas, né, ela queria fazer a sala, aí nós conseguimos, fizemos juntas, ela gostou, e tirou um dez, aí ela veio toda radiante.¹⁷⁹ Aí também teve um outro hoje de manhã, que até eu fiz junto com ela, que era pra ela ler um livro da história do gato e da raposa, uma história de amigos, né, de amizade, e resumir aquele texto. Aí ela leu, resumiu e depois falou: “ah, mãe depois eu queria que a senhora me ajudasse a fazer a capa, que eu não consigo fazer a capa” e eu: “não, é só você desenhar o gato aqui, põe a folha em cima do gato que já tem, fica mais fácil pra você desenhar, depois você faz uns ajustes seus. Aí ela desenhou o gato e a raposa, ficou bonito, aí depois eu só ajudei ela a por as letras, né, escrever “trabalho de história” grande. Ela escrevia, mas escrevia pequeno, não no tamanho próprio pra uma capa, né? Aí conseguiu fazer pra entregar também, que é pra entregar segunda-feira, e ela fica toda contente quando ela consegue fazer, e que eu ajudo, né... Então ela fica toda contente.”¹⁸⁰

¹⁷⁷ Estou dando um modelo de amparo e cuidado à mãe que ela própria não recebeu.

¹⁷⁸ Estou apoiando a mãe e diferenciando realidade de fantasia.

¹⁷⁹ Demanda o reconhecimento, da minha parte, de que ela é capaz de ser essa mãe afetuosa, atenciosa, prestativa.

¹⁸⁰ Do mesmo jeito é a minha relação com ela, eu dei um modelo, ajudei, e ela agiu conforme o jeito dela. Ela diz que a filha ficou toda contente de ter conseguido fazer sozinha, e assim ela está me comunicando que gosta muito de ter ajuda, e que é bom perceber que ela pode fazer algo sozinha.

P- São os momentos que ela se aproxima, né? Que vocês duas se aproximam.

M- Isso. Quando tem trabalho assim pra fazer ela fica...

P- Então, ela... Você percebe um pouco nela aquela postura que ela tinha de: “mãe eu não sei fazer, então por isso você vai me ajudar”?

M- É, na verdade ela não fazia, ela queria que eu fizesse, né? E dessa vez eu falei: “não, você lê primeiro o texto e com as suas palavras você faz.” E ela conseguiu ler o texto e explicou o texto da forma dela no papel, e aí eu só indiquei o caminho como que ela ia fazer pra desenhar, e ela desenhou, e depois eu ajudei porque na verdade das outras vezes ela nem tentava, ela não queria nem tentar, né? Aí queria que eu desenhasse, que eu fizesse a capa, que eu fizesse as bordas, e ela conseguiu fazer assim, só eu indicando o caminho, e ela foi tentando e fez.

P- Então você está conseguindo ajudar de uma forma mais acertada para aquilo que ela precisa, né? Ela não precisa que você faça por ela, ela precisa que você dê atenção, dê companhia, ajude.¹⁸¹

M- É que às vezes eu acho que eu perdia um pouco a cabeça, né, e ficava nervosa e pra acabar rápido eu acabava fazendo e estressava ela também, porque na verdade ela via que era um trabalho que mesmo que ela tirasse dez, ela via que foi uma coisa que ela não fez, que acabava sendo a mãe¹⁸². Então agora mudou. Eu só dou uma dica e fico ali, olho, falo: “olha que bonito, tá conseguindo” e ela termina e tira dez e aí ela fica mais feliz, e diz “olha, mãe, eu consegui! A senhora me ajudou e eu consegui!” Mas foi ela quem fez.¹⁸³

P- Que legal! Dá um outro sentindo, né? Tem um outro valor. O valor daquilo que ela realmente fez e se empenhou e você está lá apoiando, né, que legal! E o que você acha, Dora, que precisa ser feito para ajudar a melhorar ainda mais nas situações que você viu como sendo um problema? Nessas coisas dela ainda não aceitar bem um não, do medo dela de ficar sozinha... Em relação a essas duas situações, vamos pensar assim, medo de ficar sozinha, e

¹⁸¹ Estou demonstrando o reconhecimento pelo bom trabalho realizado junto à filha, atendendo à própria demanda da mãe por atenção e aprovação.

¹⁸² Ela reconhece que não conseguia ter uma atitude madura que auxiliasse a filha.

¹⁸³ Estou compreendendo que a transferência estabelecida é positiva, e que foi acertado investir na capacidade da mãe em prestar o auxílio necessário à filha, para que ela se sinta autora da mudança que proporcionou à criança.

não aceitar o não. O que você acha que é um caminho bom pra ajudar a melhorar nessas situações?¹⁸⁴

M- Bom, na verdade eu nem sei, assim, eu acho assim, quando ela fala não e ela quer que todo mundo faça o não, é porque ela quer ser o centro das atenções, não sei se ela quer ser o centro das atenções, que ela necessita de ouvir que todo mundo vai pro lado dela pra ela se sentir realizada, é, eu vejo mais assim, que quando ela fala, que quando ela quer que todo mundo faça o que ela quer, pra ela se achar, que ela pode fazer uma coisa, eu ainda estou meio assim, ainda estou meio perdida para saber qual o caminho certo pra tirar esse... Pra aceitar as coisas e pra achar um meio pra não ter tanto medo.¹⁸⁵

P- Esse medo que você diz é o medo do não, ou é o medo de ficar sozinha?

M- O medo de ficar sozinha e o não também, que ela não aceita muito não. Então eu ainda não sei o caminho por que ela não aceita muito o não. Porque que ela quer sempre receber o sim, porque que ela quer sempre ser bajulada... Eu acho que é uma forma de ela achar que quando ela quer alguma coisa e você não dá, que se desse ela ia se sentir mais realizada: “olha, eu consegui”.

P- Então ela coloca no “sim” a realização dela. Então: “sim é igual a eu me realizar, me sentir amada”.

M- Sim.

P- Você sente isso?

M- É.

P- Então “quando as pessoas me falam sim é porque eu sou querida. Quando as pessoas me falam não, é porque eu não sou querida”.

M- Isso, mais ou menos é isso.

P- E se a gente mostrasse pra Marcela que ela é sim amada e querida, e não na situação em que ela está comandando, e a gente está dizendo sim pra ela. Mas sim em outras situações, que é o que você já está fazendo, a hora que você senta e faz um trabalho junto com

¹⁸⁴ Esta pergunta visa estabelecer o grau de autonomia e maturidade da mãe em relação à forma de se relacionar com as questões da filha.

¹⁸⁵ Ela está comunicando que ainda não está pronta para seguir sozinha, ela ainda precisa de ajuda para compreender a filha. Está tentando, mas ainda é cedo para caminhar sem o apoio da psicóloga.

ela você não está deixando ela comandar e você dizendo sim, amém, né? É ao contrário, ela está lá fazendo o que você acha bom pra ela, e você está olhando, valorizando, você está se sentindo contente de ver o resultado do que ela está fazendo, você está dando a oportunidade de ela ser bem vista, se sentir querida, ter o seu olhar, ter a sua companhia, ter a sua atenção sem que ela tenha que te comandar e você dizer sim, e nisso ela se sente realizada. Então, quanto mais você investir nessa situação de ela se sentir amada e querida sem que ela tenha que comandar e você aceitar, mais ela vai não ter medo, deixar de ter medo de receber um não, porque tendo um sim, ou tendo um não, aquele momento está preservado. Aquele momento em que ela se sente amada e realizada está preservado. Você vai até ela. Você vai ajudar, você vai valorizar, você vai enxergar as coisas que ela faz, vai mostrar que se sente bem de ver as coisas legais que ela faz, você vai mostrar que ela é querida de outras formas sem que ela tenha que testar você, pra ver se você vai dizer “sim” ou “não”. Então é aí que se inverte a situação, é aí que ela vai começar a não precisar tanto do “sim”, porque aquela emoção que ela sente quando você fala sim pra ela, ela vai sentir também, mas em outros momentos. Aí a hora que você disser um “sim” vai ser mais um dos momentos que ela sente que ela está feliz, e que você ama, e que você adora, e que você cuida, né? Vai ser mais um dos momentos. Então o “não”, quando ela tiver um “não”, não vai tudo ruir, não vai tudo por água abaixo, não vai acabar todo aquele momento, toda aquela sensação, vai ser um momento a menos. E com um momento a menos a gente sabe lidar melhor do que nada.¹⁸⁶

M- É verdade.

P- Então essa aproximação de vocês duas, seja no momento de trabalhar juntas, seja no momento de se divertir, de brincar, de sair, de passear, são esses momentos que você vai até ela, faz ela se sentir amada e querida sem que ela tenha que ir até você pra dizer “mãe, é isso? Mãe você me ama mesmo?” Porque esses momentos vão acontecer. De vez em quando ela vai vir até você e vai falar: “me dá isso? Me da aquilo? Me faz tal coisa?” e você vai dizer sim ou não dependendo da situação. Mas não vai depender dela chegar em você e te pedir coisas. Porque vai ter hora que ela não está te pedindo nada e você vai até ela. Aí sim ela vai perceber que não é necessário ela submeter você, ela agir como se “não, você tem que me obedecer, você tem que fazer o que eu quero pra aí sim a gente ficar numa boa. Senão eu fico desamparada aqui, fico achando que ninguém me ama.” Mais ou menos por aí que a gente vai traçar esse caminho aí pra frente, certo?

¹⁸⁶ Estou mostrando um funcionamento saudável da relação mãe e filha.

E em relação ao medo, ao medo de ficar sozinha, eu acho que ela já está conseguindo conquistar aquilo que depende dela, então, resgatando essa força, resgatando esse lado dela que comanda os medos, então ela está pegando os medos dela e colocando de lado, ela está comandando o medo dela, e não fazendo ele mandar e sim ela mandar nele, percebe? Aquilo que ela queria fazer com você, pegar e mandar em você, não está dando mais, agora o que ela vai fazer? Ela vai sentir que ela comanda partes dela, o medo dela. Então se ela comanda esse medo, ela pode fazer outras coisas que podem ser não ficar sendo submetida ao medo. Não é o medo que manda, ela tem o poder de mandar em partes nesse medo. É parte dela, é o interior dela, e ela vai mexendo com isso pra aumentar o poder dela.¹⁸⁷ Isso ela já está fazendo, Dora, né... Isso ela já está conseguindo fazer, então, como é que você vai poder ajudar... acho que ajudar, nesse momento da vida da Marcela seria mostrar para ela que ela faz isso, mostrar pra ela que ela é capaz de fazer isso, que ela é capaz de superar e vencer esses medos, que ela tem a força necessária pra isso e que com algum preparo ela vai conseguir passo-a-passo superar os medos. E ela vem e te fala, né: “mãe, eu consegui?” O que ela está querendo dizer, ela está dizendo assim, “você está reconhecendo que eu posso fazer isso? É verdade mesmo? Eu posso mesmo?” Se você dissesse assim: “Ah, Marcela, isso é bobagem, tanto faz a luz apagada ou acesa, isso aí não me interessa.” De repente ela ia se sentir mais acuada... Ela ia falar: “ai, puxa, eu não tenho... eu faço as coisas mas ninguém reconhece!

M- Faz um esforço...

P- E tanto faz... Então, a gente precisa do que, de reconhecimento. Ela está buscando o seu olhar pra que você reconheça nela essa pessoa corajosa que ela foi e isso vai se sedimentando nela: “Ah, eu sou corajosa, minha mãe já sabe que eu sou corajosa, minha mãe fala que eu sou corajosa!”. Então no outro dia, a coragem dela está como? Muito maior. Então vai generalizando, se no outro dia ela teve coragem de superar o medo do escuro, no outro dia ela vai ter menos ainda medo do escuro. Passado dois três dias, o medo vai diminuindo cada vez mais, então você vai valorizando, olhando, ressaltando o lado dela de ter coragem pra superar esses medos.

M- É, e vai acabar sendo uma coisa normal...

P- Vai acabar sendo uma coisa normal. E além de ser normal, dormir no escuro, à medida em que você estabelece, e ela interioriza, ela já tem em mente “eu consigo dormir no

¹⁸⁷ Estou esclarecendo quais resultados das intervenções terapêuticas ela tem percebido em casa, e o mecanismo pelo qual ela vai potencializar o resultado destas intervenções.

escuro, eu já superei isso”, fica muito mais fácil de ela ir puxando essa coragem para outros momentos da vida dela. Puxando essa coragem para, por exemplo, subir na casa pra pegar o cesto de roupa, pra poder descer e ir no banheiro sozinha, sem o irmão. Tudo isso vai sendo puxado, porque se ela é corajosa, não é só pra dormir, é quando ela está acordada também. Se ela é corajosa, talvez o irmão também seja corajoso, ela não precisa diminuir a coragem do irmão de receber a bronca. Então aí as coisas vão indo, vão indo, até que essas fantasias dela de que tem algo muito destrutivo, que a gente tem que ficar lutando contra, se defendendo, procurando meios de se livrar disso, e tal, vai começando a diminuir, ela vai ficando menos ansiosa e aí o ganho é muito maior. O que você pode fazer nesse momento, então, voltando, é observar e refletir isso pra ela: “realmente, filha, você está conseguindo, olha, eu não sei o que você fez, mas funcionou! E essa noite nós vamos de novo tentar fazer isso daí. E ah... vai se preparando, porque um dia quando você já estiver se sentindo mais segura, eu vou te pedir de novo pra você ir buscar uma coisa pra mim lá em cima. Vamos ver se você vai conseguir ir sem o Marcelo.” Então você já vai preparando ela... “ah, tá, então aquela mesma situação de dormir no escuro vai acontecer de novo, só que em outro local”... E tudo com tempo, vai passando um dia, dois três, e você já vai colocando outra coisinha... passa dois, três dias você vai colocando outra. Você vai reparar que logo logo isso vai fazer parte do dia-a-dia dela. Bom, Dora, acho que é isso, muito obrigada de você ter consentido em participar da pesquisa, desligo o gravador.

OBS: Segue que após a entrevista ressaltei o quanto foi importante que ela tivesse encarado os próprios fantasmas do passado para poder ajudar a filha e passar confiança para ela. Escolhi tratar deste tema após desligar o gravador, pois notei certa apreensão de Dora, quando foi convidada a realizar a entrevista gravada, de que fossem abordados assuntos pessoais dela ao longo da gravação. Desta maneira, certifiquei-a de que o assunto giraria em torno de Marcela e da situação familiar atual, a fim de preservá-la de desconfortos que pudessem refletir negativamente no tratamento que seguiu por mais algumas sessões. Contudo, percebi como necessário para o momento de avaliação de nossos avanços pontuar que uma das principais contribuições que ela deu para a melhoria dos problemas foi no sentido de enfrentar seu passado e favorecer desta maneira até mesmo as contribuições que o pai tinha a oferecer.